

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Arqueologia

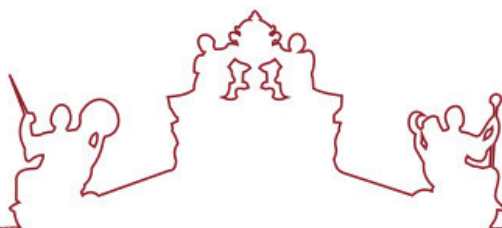
Dissertação

**Megalitismo nas bacias do Ardila e Múrtega- Barrancos
Estudo de caso**

Lídia da Conceição Caçador Segão

Orientador(es) | Jorge Manuel Oliveira

Évora 2025



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Arqueologia

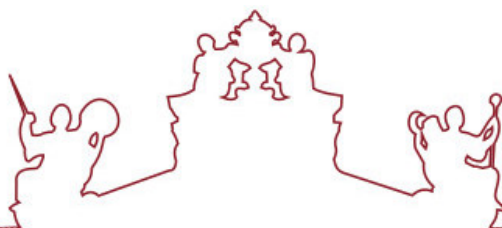
Dissertação

**Megalitismo nas bacias do Ardila e Múrtega- Barrancos
Estudo de caso**

Lídia da Conceição Caçador Segão

Orientador(es) | Jorge Manuel Oliveira

Évora 2025



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | N. J. Almeida (Universidade de Évora)

Vogais | Jorge Manuel Oliveira (Universidade de Évora) (Orientador)
Leonor Rocha (Universidade de Évora) (Arguente)

DEDICATÓRIA

Eu estudo ...

Tu ajudas ...

Ele apoia...

Nós trabalhamos ...

Vós orientais ...

Eles estão.

A todos,

...vivos e não vivos,

que desde sempre me acompanham!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais *pedra angular* da minha experiência de vida, pelo constante carinho e ensinamentos;

ao meu marido André por tanto e também pela companhia e colaboração nos trabalhos de campo, sem ti não teria sido possível;

à minha filha, pela compreensão perante as minhas constantes ausências e afazeres;

aos meus irmãos porque sempre estiveram e permanentemente ajudaram quando precisei.

Ao Professor Doutor Jorge de Oliveira pela sua disponibilidade na orientação desta dissertação, pela sua preocupação, conselhos e trocas de ideias e surpreendente paciência.

À Professora Doutora Leonor Rocha, Professor Doutor André Carneiro e Professor Doutor Nelson J. Almeida pelo apoio, opinião e incentivo neste projeto;

aos Professores da Universidade de Évora que me apoiaram no meu percurso académico, especialmente aos Professores do Departamento de História por todos os ensinamentos.

À Câmara Municipal de Barrancos por viabilizar o desenvolvimento deste projeto.

Ao Parque de Natureza de Noudar, por ter consentido os trabalhos de campo, em especial ao Zé Perdigão pela partilha de conhecimento.

Ao Francisco Janeiro por permitir e facilitar os trabalhos de campo na sua propriedade;

a todos os proprietários que autorizaram os trabalhos e aos colaboradores Luís Xaqueta e Carlos Lavrador que possibilitaram, sem entraves, o trabalho de campo.

Um agradecimento particular à Minga por me ter acompanhado desde o início;

à Ritinha pelo permanente incentivo;

aos meus colegas e amigos pelo incentivo, troca de conhecimentos e companhia ao longo do percurso académico.

Aos meus amigos pela paciência que nos bons e maus momentos sempre estiveram a meu lado.

A todos os que permitiram que este projeto fosse concluído, porque não seria possível sem a vossa ajuda.

OBRIGADA.

“Entender o Megalitismo significa, para além da atenção ao regional e ao local, cruzar territórios, analisar num tempo longo e num espaço amplo as arquitecturas, os rituais, as paisagens onde se cruzam vivos e mortos e onde se materializam as cosmogonias das antigas sociedades agro-pastoris.”

(Senna-Martinez, Diniz, & Carvalho, 2018)

TÍTULO

Megalitismo nas bacias do Ardila e Múrtega – Barrancos – Estudo de caso

RESUMO

O presente estudo constitui uma análise do “*fenómeno megalítico*” no contexto do Baixo Alentejo, particularmente da margem esquerda do Guadiana, nos atuais limites administrativos. Tem como objeto de estudo o megalitismo funerário nas bacias do Ardila e Múrtega, no concelho de Barrancos. Neste estudo, reconhece-se um conjunto de dez monumentos megalíticos no concelho, maioritariamente, concentrados na área da mesopotâmia destes rios. Na generalidade, o trabalho visa o estudo dos monumentos megalíticos/sepulturas megalíticas, principalmente em duas variantes: morfologia/arquitetura e implantação/posicionamento. Pretende-se identificar estratégias de implantação e reconhecer possíveis padrões que evidenciem a intencionalidade da escolha de posicionamento, através da análise do existente e por estudos de caso relacionáveis por proximidade geográfica ou arquitetónica, de forma a entender a sua distribuição na paisagem e no território. O propósito é o de contribuir para o conhecimento das antigas comunidades camponesas do 4º e 3º milénio nesta região integrante no sudoeste peninsular.

Palavras-chave: Megalitismo funerário; Mesopotâmia do Ardila e Múrtega; Arquiteturas, Posicionamento; Povoamento.

TITLE

Megalithism in the Ardila and Múrtega basins – Barrancos – Case study

ABSTRACT

This study is an analysis of the megalithic phenomenon in the context of Baixo Alentejo, particularly the Left Bank of the Guadiana, within the current administrative boundaries. Its object of study is the funerary megalithism in the Ardila and Múrtega basins, in the municipality of Barrancos. In this study, a set of ten megalithic monuments in the municipality are recognized, mostly concentrated in the area of mesopotamian between rivers. In general, the work aims to study megalithic monuments/megalithic tombs, mainly in two variants: morphology/architecture and implantation/positioning. The aim is to identify implantation strategies and recognize possible regularities that demonstrate the intentional choice of positioning, through the analysis of the existing and through case studies related by geographical or architectural proximity, in order to understand their distribution in the landscape and territory. The purpose is to contribute to the knowledge of the ancient peasant communities of the 4th and 3rd millennia in this region that is part of the Southwest of the Iberian Peninsula.

Keywords: Funerary megalithism; Mesopotamian of Ardila and Múrtega; Architectures, Positioning; Settlement.

Índice Geral

DEDICATÓRIA	I
AGRADECIMENTOS	II
TÍTULO	IV
RESUMO	IV
TITLE	V
ABSTRACT	V
Índice de Tabelas	VIII
Índice de Figuras	VIII
Índice de Anexos	X
Capítulo 1	1
INTRODUÇÃO AO TRABALHO	1
1 INTRODUÇÃO.....	2
1.1 MOTIVAÇÃO.....	3
1.2 OBJETIVOS.....	5
1.3 ESTRUTURA.....	6
1.4 METODOLOGIAS.....	7
Capítulo 2	15
TEMPO E ESPAÇO	15
2.1 POSICIONAMENTO CRONO-CULTURAL.....	16
2.1.1 MEGALITISMO.....	17
2.1.2 MEGALITISMO FUNERARIO.....	19
2.2 ANTECEDENTES HISTORIOGRÁFICOS DO MEGALITISMO ALENTEJANO.....	22
2.2.1 ANTECEDENTES.....	22
2.2.2 SÍNTESE DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO MEGALITISMO BAIXO ALENTEJANO.....	23
2.2.3 ALENTEJO – MARGEM ESQUERDA DO GUADIANA.....	26
2.2.4 CONCELHO DE BARRANCOS.....	32
2.3 SOBRE O MEGALITISMO DO BAIXO ALENTEJO.....	38
Capítulo 3	46
O TERRITÓRIO EM ESTUDO: MESOPOTÂMIA DO ARDILA E MÚRTEGA	46
3.1 DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	47
3.2 BARRANCOS: O MEIO FÍSICO.....	50
3.2.1 GEOLOGIA.....	51
3.2.2 OROGRAFIA / GEOMORFOLOGIA.....	52

3.2.3 HIDROGRAFIA	52
3.2.4 SOLOS.....	53
Capítulo 4.....	56
BARRANCOS: MEGALITISMO FUNERÁRIO	56
4.1. MEGALITISMO: A AMOSTRA DISPONÍVEL	57
4.1.1 O CONJUNTO	57
4.1.2 OS MONUMENTOS FUNERÁRIOS	60
4.1.3 RESUMINDO MORFOLOGIAS	73
4.2 MEGALITISMO FUNERÁRIO NA MESOPOTÂMIA DO ARDILA E MÚRTEGA: ARQUITECTURAS, ORIENTAÇÃO E SUPORTES	75
4.2.1 ARQUITETURA.....	75
4.2.2 ORIENTAÇÃO.....	80
4.2.3 SUPORTES.....	83
4.3 ANÁLISE ESPACIAL DOS MONUMENTOS MEGALÍTICOS	85
4.3.1 DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL	86
4.3.2 GEOLOGIA LITOLOGIA.....	87
4.3.3 REDE HIDROGRÁFICA	89
4.3.4 SOLOS.....	91
4.3.5 IMPLANTAÇÃO TOPOGRÁFICA	94
4.4 A PROPÓSITO DA DISTRIBUIÇÃO, IMPLANTAÇÃO E POSICIONAMENTO DOS MONUMENTOS PARA UMA APROXIMAÇÃO AO POVOAMENTO	97
Capítulo 5.....	101
E OS VIVOS?	101
5.1 VESTÍGIOS DE POVOAMENTO	102
5.1.1 POVOADOS	104
5.1.2 ACHADOS DE SUPERFÍCIE	109
5.1.2.1 ARTEFACTOS DE PEDRA POLIDA	111
5.1.2.2 UTENSÍLIOS DE PEDRA AFEIÇOADA.....	114
5.4 INDÚSTRIA DE PEDRA POLIDA E AFEIÇOADA: ALGUMAS APRECIACÕES	116
Capítulo 6.....	119
REFLEXÕES.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
BIBLIOGRAFIA.....	126
CARTOGRAFIA	136
LEGISLAÇÃO.....	138
ANEXOS.....	139

Índice de Tabelas

Tabela 1: Quadro resumo da fonte de dados utilizados na análise espacial (SIG) .	13
Tabela 2: Quadro resumo da informação geográfica dos sítios arqueológicos abrangidos neste estudo.....	14
Tabela 3: Quadro resumo dos monumentos identificados no concelho de Barrancos com indicação da orientação da abertura.....	57
Tabela 4: Quadro explicativo dos tipos de solos encontrados na área de estudo...	93
Tabela 5: Lista da utensilagem lítica recuperada na área geográfica do concelho de Barrancos.....	109
Tabela 6: Utensílios de pedra polida listados quanto à matéria-prima.....	111
Tabela 7: Utensílios de pedra polida classificados quanto à secção transversal...	112
Tabela 8: Descrição do estado da extremidade distal quanto a sinais de uso.....	113

Índice de Figuras

Figura 1: Tipologias arquitetónicas das sepulturas megalíticas da bacia do rio Sever (Norte Alentejano), segundo J. de Oliveira (adaptado)	10
Figura 2: Carta Arqueológica da Margem Esquerda do Guadiana portuguesa apresentada por I. Moita em 1964.....	28
Figura 3: Gráfico indicativo dos monumentos megalíticos identificados no Baixo Alentejo.....	38
Figura 4: Gráfico indicativo da distribuição dos monumentos megalíticos por concelho e tipologia.....	39
Figura 5: Gráfico indicativo de monumentos megalíticos em relação ao tipo....	40
Figura 6: Gráficos indicativos dos monumentos megalíticos funerários relocados e não relocados.....	41
Figura 7: Gráfico indicativo do número de monumentos megalíticos localizados com relação ao número de monumentos alguma vez identificados..	42
Figura 8: Gráfico informativo dos trabalhos arqueológicos realizados nos concelhos do Baixo Alentejo.....	43

Figura 9: Gráfico indicativo do número de monumentos megalíticos presentemente relocados no território do Baixo Alentejo.....	44
Figura 10: Gráfico indicativo do número de monumentos de monumentos megalíticos funerários, por tipologia, relocados.....	45
Figura 11: Enquadramento geográfico. Excerto do mapa administrativo de Portugal com indicação do concelho de Barrancos	48
Figura 12: Delimitação da área de estudo. Mapa administrativo do concelho de Barrancos.....	50
Figura 13: Enquadramento geológico. Excerto da Carta Litológica de Portugal à escala de 1:1000000.....	51
Figura 14: Enquadramento pedológico. Excerto da Carta de Uso e Capacidade de Solos à escala de 1:1000000.....	54
Figura 15: Monumentos megalíticos na bacia hidrográfica do Ardila e Múrtega na área geográfica do concelho de Barrancos, sobre CMP n.º 503 e 504.....	58
Figura 16: Fotografia Eira da Cortiça 1. Vista oeste.....	60
Figura 17: Fotografia Eira da Cortiça 2. Vista sul.....	62
Figura 18: Fotografia Eira da Cortiça 3. Vista noroeste.....	63
Figura 19: Fotografia Portela do Lobo 2. Vista norte.....	64
Figura 20: Fotografia Portela do Lobo 1. Vista sul.....	65
Figura 21: Foto Choções 1. Vista Oeste.....	67
Figura 22: Fotografia Choções 2. Vista noroeste.....	68
Figura 23: Fotografia Anta do Cadaval. Vista nordeste.....	69
Figura 24: Fotografia Almeneiro 1. Vista sudeste.....	70
Figura 25: Fotografia Barrancos 1. Vista leste.....	71
Figura 26: Monumentos funerários por tipo de corredor.....	76
Figura 27: Diagrama exemplificativo da orientação dos monumentos em estudo em relação ao norte magnético.....	81
Figura 28: Distribuição espacial dos monumentos funerários.....	86
Figura 29: Mapa temático da geologia da área de estudo e implantação dos monumentos funerários.....	87

Figura 30: Mapa temático da rede hidrográfica da área de estudo e implantação dos monumentos funerários.....	89
Figura 31: Localização dos monumentos megalíticos dos concelhos de Moura e Barrancos.....	90
Figura 32: Localização dos monumentos megalíticos na margem esquerda do Guadiana, distrito de Beja.....	91
Figura 33 Mapa temático dos solos da área de estudo e implantação dos monumentos funerários.....	93
Figura 34 Mapa temático com a localização dos monumentos funerários sobre DEM.....	94
Figura 35: Diagrama indicativo das altitudes dos monumentos megalíticos em estudo.....	95
Figura 36: Mapa temático de declives e implantação dos monumentos funerários.....	96
Figura 37: Fotografia Boticas 1 (vista para sudeste). Área de dispersão de materiais.....	104
Figura 38: Fotografia de Noudar, visto de Norte.....	105
Figura 39: Recipiente BAR0392, encontrado em Noudar.....	106
Figura 40: Fotografia de Torrita 1, visto de sudeste.....	107
Figura 41: Localização dos povoados identificados.....	108

Índice de Anexos

Anexo 1 Documentos.....	140
Anexo 2 Monumentos Megalíticos do Baixo Alentejo	143
Anexo 3 Mapeamento dos monumentos de falsas cúpulas no Sul de Portugal.....	153
Anexo 4 Barrancos: o meio físico.....	156
Anexo 5 Fichas Individuais de Sítio	162
Anexo 6 Fotografias	202
Anexo 7 Análise espacial	213
Anexo 8 Utensilagem pedra polida e/ou bujardada.....	216
Anexo 9 Utensilagem pedra afeiçãoada e/ou com traços de utilização	238

LISTA DE ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS

BD	-	Base de Dados
BHG	-	Bacia Hidrográfica do rio Guadiana
CAB	-	Carta Arqueológica de Barrancos
CMP	-	Carta Militar Portuguesa
CNS	-	Código Nacional de Sítio
DEM	-	Digital Elevation Model
DGT	-	Direção Geral do Território
FIS	-	Ficha Individual de Sítio
IGME	-	Instituto Geológico y Minero de España
MEG	-	Margem Esquerda do Guadiana
MMAEB	-	Museu Municipal de Arqueologia e Etnografia de Barrancos
PC.IP	-	Património Cultural, Instituto Público
PDM	-	Plano Diretor Municipal
PNN	-	Parque de Natureza de Noudar
RHG	-	Região Hidrográfica do Guadiana
SIG	-	Sistema de Informação Geográfica
SNIAmb	-	Sistema Nacional de Informação de Ambiente
SROA	-	Serviço de Reconhecimento Agrário

Capítulo 1

INTRODUÇÃO AO TRABALHO

“Sólo el análisis detallado de cada monumento con su características arquitectónicas y el ajuar que se le asocia y, sobre todo, el conocimiento de los lugares de hábitat, nos proporcionará algún día datos más coherentes que los que hoy manejamos.”

(Bueno Ramírez, 1986)

O estudo que nos propomos desenvolver é subordinado ao tema “Megalitismo nas bacias do Ardila e Múrtega” e pretende compreender as manifestações megalíticas nas bacias hidrográficas destes cursos, nos limites administrativos do concelho de Barrancos (Baixo Alentejo) e particularmente nesta mesopotâmia.

O rio Ardila e a ribeira do Múrtega nascem em Espanha e ambos entram em Portugal pelo concelho de Barrancos. O Ardila define parte da fronteira de Portugal/Espanha, limita de leste para oeste o concelho de Barrancos e é afluente do rio Guadiana, juntando-se-lhe pela margem esquerda já no concelho de Moura. O Múrtega é afluente do Ardila e tem a sua foz, ainda no concelho de Barrancos, nas “Juntas”, lugar relativamente próximo do “*sítio privilegiado em que está implantado [o Castelo de Noudar], sobre as duas principais linhas de água da região: o Ardila e o Múrtega*” [REGO:2001].

A rede hidrográfica é elemento estruturante para a organização do povoamento no território, considerada, tantas vezes, a razão de implantação do povoamento em épocas pré e proto-históricas, entendida como vias de interpenetração do território, beneficiando das facilidades de acesso que proporciona para chegar aos recursos naturais. É com esta premissa que nos dispomos desenvolver a presente proposta interpretativa, onde as linhas de água são consideradas fator determinante para a definição de um território (de estudo e de ocupação de espaço).

A presente proposta cronologicamente desenvolve-se na pré-história recente e “*culturalmente*” está direcionada para o “*fenómeno megalítico*” presente em Barrancos. O ponto de partida são os sítios arqueológicos referenciados no Endovélico - Sistema de Informação e Gestão Arqueológica – Património Cultural, onde estão registados para a área em estudo e crono-culturalmente integráveis na proposta de trabalho três “*antas/dólmenes*”, um “*tholos*”, dois “*monumentos megalíticos ortostáticos*” e dois “*povoados*”.

1.1 | MOTIVAÇÃO

Este trabalho surge naturalmente, mas justifica-se expor episódios precedentes que conduziram à escolha do Megalitismo como tema e explicar as razões que levaram à decisão de estudar, em particular, os monumentos funerários do concelho de Barrancos. Antes, de mais convém referir que desde criança senti uma proximidade ignorante e fantasiosa com a história que as pedras guardam em silêncio, em particular do sítio de Noudar. De fato, a curiosidade e o anseio, por responder e compreender tantos “porquês” que surgiam na cabeça daquela criança era inquietante o que derivou na determinação de estudar Arqueologia.

Foi nas aulas de Pré-História, à data lecionada entusiasticamente pelo Prof. Jorge de Oliveira, entre caçadores e recolectores, nómadas e sedentários, que despertou o interesse pela origem, evolução e dinâmicas das comunidades pré-históricas. Mas se constatar que a evolução que ocorreu a nível técnico e económico foi verdadeiramente admirável, mais surpreendente foi perceber que aquelas comunidades e ainda que a ritmos desiguais continuaram a desenvolver-se e a transformar-se vindo a constituir o que Gordon Childe, no seu tempo, denominou de “Revolução do Neolítico”.

As profundas e progressivas transformações tecnológicas, económico-sociais e culturais que integraram o processo de neolitização foram causa e também consequência das alterações na esfera da organização social que ocorreram nos finais da última glaciação, como podemos depreender através dos vestígios materiais e do registo dos contextos em que se encontram. Segundo Joaquina Soares a *“tradução material das novas lógicas de reprodução social e de relacionamento dos grupos humanos com a natureza encontra a sua melhor expressão arqueológica na arquitectura megalítica”* (1996, p. 40). Ter o conhecimento que no meu concelho existem monumentos megalíticos que confirmam a ocupação deste território desde, pelo menos, o Neolítico suscitou o interesse para o seu estudo e das comunidades que monumentalizaram estas paisagens.

Mas o verdadeiro impulso veio com a participação no primeiro trabalho de campo em Cedillo (Espanha), sob a orientação do Prof. Jorge de Oliveira. Os trabalhos dirigidos por este professor, no âmbito do estudo do fenómeno Megalítico na bacia do rio Sever, em ambas as margens, portuguesa e espanhola, iniciados na década de 80 do século passado, possibilitaram a identificação e inventariação de mais de duas centenas de

monumentos megalíticos, até em zonas que se acreditava que “*ali não existiam dólmens*”, como era o caso de Cedillo.

De facto, a participação na escavação da anta Charca Grande de la Regañada, no termino municipal de Cedillo (Espanha), um monumento análogo àqueles que podemos encontrar no município de Barrancos, num território que apresenta tantas semelhanças, tanto geomorfológicas como culturais, gerou a aspiração de poder a vir a realizar, algum dia, um trabalho similar ao que estava a ser desenvolvido e contribuir para o estudo e preservação destas estruturas, testemunhas dum passado pré-histórico.

Por outro lado, saber que o Alentejo detém um tão vasto e rico património megalítico, em que tantos curiosos, estudiosos e arqueólogos dirigiram os seus trabalhos sobre ele e perceber que este território ficou (quase) ignorado foi sem dúvida a principal razão para a escolha deste tema e estudar as manifestações megalíticas no concelho de Barrancos. É com o desejo de contribuir para o estudo do megalitismo neste território, de dar a conhecer estes monumentos pré-históricos do concelho à comunidade científica, locais e interessados para que possam ser estudados, valorizados e preservados que nos propusemos desenvolver este estudo.

Já durante o desenvolvimento deste trabalho, o Prof. Nelson J. Almeida, na comunicação “*Passado, presente e futuro do Megalitismo no Baixo Alentejo: os Municípios de Vidigueira, Cuba, Alvito, Moura e Serpa (Distrito de Beja)*” apresentada no II Congresso “De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular”, referiu que “*Seria relevante a adição do concelho de Barrancos, porém, havendo trabalhos de síntese em curso focados no megalitismo deste concelho (...)*” (Almeida, Serra, Reis, Costa, & Barreira, 2024) não seriam apresentados quaisquer dados sobre o mesmo. Esta menção lembrou que existe uma ausência de estudo neste território, mas, também, foi um bom incentivo para continuar este trabalho.

Portanto, e para além das razões do foro pessoal, existiram várias outras, muito mais relacionadas com as questões práticas da licenciatura e do mestrado, que levaram à eleição do Megalitismo funerário nas bacias do Ardila e Múrtega como objeto de estudo desta dissertação.

Afinal, ainda permanece em mim aquela criança curiosa com muitos “porquês” para responder.

1.2 | OBJETIVOS

O estudo que nos propomos desenvolver visa abordar os contextos funerários identificados no concelho de Barrancos, sobretudo na mesopotâmia do Ardila e Múrtega. No território administrativo de Barrancos existem evidências de ocupação humana desde, pelo menos, o Neolítico sendo as mais perceptíveis o conjunto de megálitos existente neste território. O estudo deste pequeno grupo de monumentos funerários a uma escala macrorregional como o Alentejo ou suprarregional como a área do sudoeste da Península Ibérica terá toda a legitimidade, contudo acreditamos que previamente é fundamental realizar o estudo a uma escala microrregional para primeiro conhecer cada monumento e compreender as dinâmicas do conjunto no território envolvente e depois prosseguir para abordagens mais integradas numa escala regional.

O presente trabalho, por falta de trabalhos arqueológicos sistemáticos, refere-se à apresentação de algumas considerações generalistas, baseadas nos dados até ao momento reunidos, sobre o conceito de práticas funerárias – estabelecendo qual o modo como os enterramentos se inscrevem no espaço, definindo paisagens e territórios.

Pretende-se, através dos vestígios identificados, a caracterização das práticas funerárias de características megalíticas no concelho de Barrancos, particularmente na mesopotâmia do Ardila e Múrtega, por ser nesta área que se localizam nove das dez evidências sepulcrais até agora identificadas. O ideal seria a perceção de um quadro cronológico-cultural que possibilite o enquadramento destes ambientes funerários no seio do processo evolutivo das práticas funerárias e até do próprio povoamento, numa correlação do espaço dos “mortos e dos vivos”. Qualificar crono-culturalmente o megalitismo nesta microrregião confronta-nos com mais incertezas do que segurança dado o estado atual das investigações que nos impede propor uma hipótese forte e bem argumentada. No entanto, se contamos com informação contrastada sobre o “*fenómeno megalítico*” nas zonas confinantes, ou com territórios que se apresentem geograficamente semelhantes (que possam ter desencadeado evoluções paralelas face a semelhança de recursos disponíveis), podemos alvitrar algumas conjeturas de como ocorreu o “*fenómeno*” nesta zona. Contudo, sabemos que só o desenvolvimento de trabalhos arqueológicos de escavação nos possibilitaria informação concreta sobre estas estruturas funerárias que viabilizem reflexões ajustadas.

Assim, e com todas as condicionantes, podemos sintetizar os objetivos do presente estudo nas seguintes determinações: inventariação e descrição dos monumentos, caracterização das técnicas construtivas e das arquiteturas dos sepulcros; estabelecer um ensaio de análise espacial, tendo em conta a implantação dos monumentos megalíticos, relacionando-a com os recursos disponibilizados para a sua construção e as perceções acerca do espaço de implantação; e, por paralelo com seus análogos, em zonas territoriais próximas ou não. Tentar-se-á, assim, integrar em conceções funerárias já estudadas, de forma a aportar novos dados para o estudo da ocupação deste território.

Como referido anteriormente, o estudo do povoamento da bacia do rio Ardila, especialmente no concelho de Barrancos, torna-se difícil efetuar tendo em conta os poucos trabalhos de investigação desenvolvidos neste território, ou os dados existentes, que são na maioria provenientes de achados fortuitos, referidos ocasionalmente ou parcialmente publicados. Deparando-nos com esta realidade desejamos, a partir deste estudo, contribuir para um melhor conhecimento do megalitismo e da evolução e dinâmica do povoamento da área geográfica do concelho de Barrancos.

1.3 | ESTRUTURA

O estudo encontra-se dividido em seis capítulos, cada um com objetivos próprios, mas concorrem para o mesmo fim: compreender de que forma os monumentos megalíticos do concelho de Barrancos se inscrevem no território e no complexo “*fenómeno megalítico*”.

Este trabalho inicia-se, como qualquer outro, por um capítulo preambular onde se apresenta o tema bem como a justificação e motivação que conduziram à eleição do mesmo, onde ainda são referidas as metodologias.

Na continuação deste capítulo introdutório e como meio de contextualizar o nosso trabalho segue-se o capítulo “Tempo e Espaço”, onde se definem os limites cronológicos e geográficos. Também aqui será apresentada uma breve exposição do estado da arte relativo ao estudo do megalitismo, partindo de escalas macrogeográficas até chegar à área em estudo, o concelho de Barrancos.

O *caso de estudo* é apresentado no capítulo 4, “Barrancos: Megalitismo Funerário”. Neste ponto, primeiramente são apresentados os «monumentos megalíticos» e, de

seguida, é analisada a implantação dos monumentos com recurso às ferramentas de SIG, procurando compreender as dinâmicas de posicionamento que geraram a «megalitização» da paisagem. No fim, baseados no posicionamento dos espaços dos mortos reflete-se sobre os possíveis espaços dos vivos, inserindo ambos na mesma paisagem.

O capítulo 5 é dedicado aos “vivos”. Numa perspetiva de conhecer, mais um pouco, as comunidades pré-históricas que deambulavam e se sedentarizaram sazonalmente neste território, é elaborado um breve registo das evidências materiais dos “vivos” encontradas na área geográfica.

O sexto e último capítulo, comum a todos os projetos desta natureza, é dedicada às considerações finais que além de pretender sumarizar o trabalho desenvolvido, também são apresentadas as reflexões sobre a informação reunida apontando possíveis linhas de prossecução do estudo.

1.4 | METODOLOGIAS

Como em qualquer trabalho de investigação as primeiras fases são fundamentalmente de pesquisa, reunião e estudo da informação existente sobre a matéria em análise. Mas por força de todas as razões, no nosso trabalho seguiu-se uma etapa essencialmente arqueográfica, isto é, de registo e descrição dos monumentos compreendidos e do meio natural e cultural que os integram.

Fontes Bibliográficas

Em grosso modo, a informação teórico-metodológica contida neste estudo deriva da consulta de diferentes publicações, artigos, relatórios de intervenções arqueológicas e monografias, sendo os principais devidamente listados nas referências bibliográficas.

A pesquisa nas fontes bibliográficas foi orientada para a identificação e caracterização dos monumentos em estudo, bem como para trabalhos que possibilitem contextualizar histórica, arqueológica e geograficamente a região de Barrancos. Por outro lado, e cientes que a bibliografia para esta região não é extensa, procurou-se encontrar a uma escala suprarregional as grandes linhas das investigações e os seus principais nomes,

com a qual conseguíssemos confrontar as realidades do megalitismo funerário desta microrregião.

Análise do Existente

Os trabalhos iniciaram-se com a re/localização dos sítios já identificados que se encontram catalogados na base de dados nacional – Endovélico/Portal do Arqueólogo.

Prospecção

Efetuámos múltiplas saídas ao campo previamente direccionadas especialmente quando as condições económicas, climáticas, acessibilidades e recursos humanos o permitiram. O ideal seria prospetar a extensão total da superfície, ou a maior extensão possível, mas os recursos e o tempo não permitiram tão ambicioso desiderato. Assim, limitamo-nos à realização duma prospeção intensiva em áreas sobre a qual tínhamos informações prévias de evidências arqueológicas.

Os trabalhos de prospeção intensiva, numa área em particular, foram efetuados com base na documentação existente e relocalização dos sítios inventariados no Endovélico – Sistema de Informação e Gestão Arqueológica do Património Cultural, Instituto Público (PC.IP) ou no Plano Diretor Municipal (PDM) ou sítios estudados, mencionados em documentos antigos, estudos académicos, revistas e na cartografia.

Através dos trabalhos de prospeção, para além da localização dos sítios, pretende-se obter as informações pertinentes para a interpretação, contextualização e análise dos sítios arqueológicos.

Registo

Para a recolha de informação foi criado um modelo ou fichas de sítio, constituída por um conjunto de descritores selecionados com o fim de caracterizar concisamente cada sítio. Assim, a cada sítio arqueológico corresponde uma ficha que reúne as informações conseguidas sobre o mesmo. Este método resulta numa padronização, pois para cada sítio temos as mesmas informações, criando uma homogeneidade descritora. Por outro lado, a possibilidade de não haver um campo específico para uma determinada informação

tornou necessário o campo “Observações”, no qual são registadas aquelas informações não enquadráveis em outros campos da ficha.

No desenvolvimento do presente trabalho, para o registo das informações organizou-se uma ficha individual de sítio com os descritores considerados pertinentes, e que de seguida expomos:

- I. Topónimo: denominação atribuída a cada sítio.
- II. Tipo de sítio: catalogar os sítios de acordo com a lista de termos para preenchimento dos campos da base de dados Endovélico (<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/profissionais/arqueologia/endovelico-sistema-de-informacao-e-gestao-arqueologica/>).
- III. Localização administrativa: situar os sítios administrativamente, distrito, concelho e freguesia, assim como, outras referências de lugar consideradas relevantes para a determinação da sua posição.
- IV. Localização geográfica: indicação das coordenadas geográficas e da altitude, assim como a identificação da folha da Carta Militar Portuguesa (C.M.P.) a escala de 1:25000 onde se situam.
- V. Descrição do sítio: caracterização do sítio, expondo informações necessárias para a sua interpretação, como o material de construção, arquitetura e orientação. Para a descrição dos monumentos megalíticos, de um modo geral, seguiram as propostas de outros autores.

Em relação às características arquitetónicas dos monumentos foram compreendidos os critérios que se seguem, tendo como base os tipos encontrados nas sepulturas megalíticas da bacia do rio Sever (Nordeste Alentejano) estudadas por J. de Oliveira (2000, p. 149), apresentados na Figura 1.

1. Câmara Simples
 - 1.1 Câmara fechada
 - 1.2 Câmara aberta
2. Câmara com corredor diferenciado
 - 2.1 Corredor curto (o comprimento é inferior ou igual ao diâmetro longitudinal da câmara);
 - 2.2 Corredor longo (o comprimento é superior ao diâmetro longitudinal da câmara).

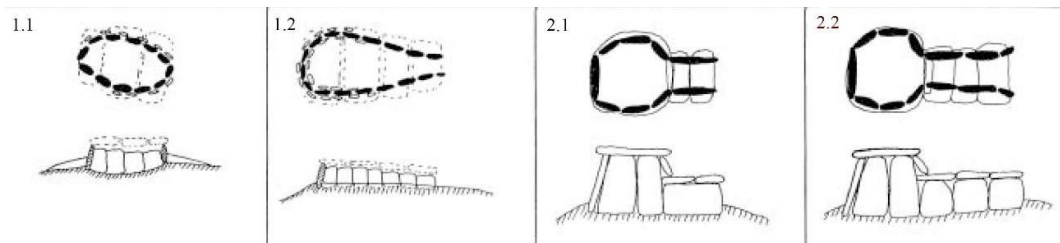


FIGURA 1: Tipologias arquitetónicas das sepulturas megalíticas da bacia do rio Sever (Norte Alentejano), segundo J. d. Oliveira (adaptado).

Para o estudo das arquiteturas dos monumentos optou-se pelos critérios utilizados no estudo dos monumentos de xisto da bacia do rio Sever porque consideramos que, além de compartilharem a matéria-prima também existe paridade entre os territórios onde se inserem, mas principalmente, porque dentro do seu género (de xisto) são os mais amplamente estudados.

Na descrição morfológica dos monumentos megalíticos estudados foram usados critérios descritivos expressos por V. Gonçalves e A.C. Sousa (2003), que apresentam os seguintes modelos:

Quanto à câmara:

1. Retangular longitudinal;
2. Retangular transversal;
3. Subcircular;
4. Elipsoidal;
5. Poligonal.

Quanto a dimensão da câmara foi estabelecida em quatro categorias, de acordo com a média entre o diâmetro transversal e o diâmetro longitudinal, ressalva-se que são medidas de monumentos não escavados. Assim considera-se:

1. Pequena: diâmetro médio inferior a 2 m;
2. Média: diâmetro médio entre 2 m e 3 m;
3. Grande: diâmetro médio entre 3 m e 4 m;
4. Muito grande: diâmetro médio superior a 4 m.

Quanto ao corredor:

1. Paralelo
2. Convergente

Referente à orientação do corredor, utilizando uma bússola, esta foi medida em graus, tendo como referência o eixo do corredor em toda a sua extensão.

- VI. Implantação: caracterização sumária do lugar onde se implanta (cumeada, encosta; linha de fecho ou talvegue).
- VII. Conservação: de acordo com a listagem de Thesaurus definir o tipo (outros, bom, regular, mau, destruído, em perigo) e referir o estado de preservação em que se encontra; tipo de proteção (se existir) e ameaças a que se encontra exposto.
- VIII. Meio envolvente: breve caracterização da geologia, hidrografia, orografia, uso dos solos com base na lista de termos para preenchimento dos campos da base de dados Endovélico. Referir, caso se verifique, a proximidade a outro sítio.
- IX. Espólio associado: indicação de recolha de espólio que, pela sua localização, se considere o sítio em questão como procedência, isto é, achados de superfície a ele relacionado.
- X. Registo gráfico: planta (croqui) e fotografia.
- XI. Bibliografia: referência dos estudos e trabalhos que se debrucem ou simplesmente refiram o sítio.
- XII. Observações: outras informações consideradas relevantes.

Sistema de Informação Geográfica

Os Sistemas de Informação Geográfica (SIG) são ferramentas computacionais que permitem o geoprocessamento de dados georreferenciados, isto é, são sistemas de informação com capacidade para capturar, armazenar, manipular, analisar e visualizar dados geográficos.

Os SIGs fundamentalmente visam representar e analisar informação geográfica, ou seja, entidades de dados espaciais. No entanto, estas podem ser representadas e analisadas numa pluralidade de formas, que vão desde a simples sobreposição em camadas até à utilização de ferramentas de análise espacial mais complexas, permitindo não só manipular e visualizar os dados originais como gerar nova informação.

O conjunto megalítico localizado no concelho de Barrancos carece de estudos, aliás escassos são os trabalhos de investigação que incidem sobre o património arqueológico deste concelho. Face aos factos presentes, o recurso às ferramentas SIG pretende aportar novos dados sobre o património arqueológico, mas particularmente do megalitismo funerário, enquanto elementos da paisagem da região. Os SIG constituem um suporte relevante para a análise das evidências arqueológicas, nomeadamente no que diz respeito à análise espacial. Entenda-se por análise espacial o

“processo de examinar as localizações, atributos e relacionamentos de feições em dados espaciais por meio de sobreposição e outras técnicas analíticas para resolver uma questão ou obter conhecimento útil. A análise espacial extrai ou cria novas informações a partir de dados espaciais”. (ArcGis)

O uso dos sistemas de informação geográfica permitem-nos avançar com exposições mais concretas sobre o estudo dos monumentos funerários e de sítios, possivelmente seus contemporâneos, dos lugares onde se implantam e a sua vinculação paisagística, podendo manifestar padrões de assentamento.

No nosso trabalho, a aplicação das ferramentas SIG pretende ajudar a procurar relações entre o espaço cultural e o espaço natural, ou seja, visa analisar o posicionamento das sepulturas megalíticas na paisagem para tentar compreender se existiram fatores ambientais/ecológicos determinantes para a eleição do lugar de implantação. Isto é, pretende-se averiguar quais os contextos espaciais que se verificam, ou não, e perceber se existe predileção de um lugar em prol de outros para a construção da casa dos mortos.

Para alcançar o nosso objetivo sentimos necessidade de compreender, *a priori* três dimensões envolvidas nesta delimitação: a primeira passa por identificar as características geomorfológicas do território, a segunda por localizar geograficamente os sítios em estudo e a terceira compreender a posição dos sítios na paisagem onde se inserem.

Para a concretização do primeiro passo socorremo-nos principalmente da informação oficial disponível em diferentes organismos, como no Instituto Geográfico Português (IGEO), no Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG), na Direção-Geral do Território (DGT), no Sistema Nacional de Informação de Ambiente (SNIAMB), na Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), no Instituto Geográfico do Exército (IGEOE) o que nos permite caracterizar a morfologia, os solos, a

geologia, a litologia, a rede hidrográfica, as divisões administrativas, que se resumem na Tabela 1.

Nome	Modelo de Dados	Projeção	Fonte
Bacias do Guadiana	Vetorial linhas	WGS 84 Datum: WGS_1984	Sistema Nacional de Informação de Ambiente (SNIAMB)
CAOP 2022	Vetorial Polígono	ETRS_1989_Portugal_TM06 Projection: Transverse_Mercator	Direção-Geral do Território ((DGT))
COS 2018	Vetorial Polígono		Direção-Geral do Território (dgTerritório)
Carta Geológica de Portugal 44-B	JPEG	Lisboa_HayfordD_Gauss IGEOE Datum_Lisboa_Hayford	LnegGeoportal
Carta Geológica		ETRS_1989_Portugal_TM06 Projection: Transverse_Mercator	LnegGeoportal
Mapa Geológico da Península Ibérica, Baleares, Canárias, Madeira e Açores a escala 1M	Raster	102100 (3857)	Instituto Geológico y Minero de España (IGME)
Carta da Região Hidrográfica do Guadiana	Vetorial linhas	GeographicCoordinateSystem:WGS 84 Datum: WGS_1984	Sistema Nacional de Informação de Ambiente (SNIAMB)
Carta de solos	Vetorial Polígono	ProjectedCoordinateSystem:Lisboa_Hayford_Gauss_IGeoE Projection: Transverse_Mercator	Sistema Nacional de Informação de Ambiente (SNIAMB)
Carta de Solos de Portugal	Raster	GCS_WGS_1984 Datum: D_WGS_1984	Sistema Nacional de Informação de Ambiente (SNIAMB)
Modelo Digital de Terreno	Raster	GCS_WGS 84 Datum: WGS_1984	https://www.arcgis.com/home/item.html?id=bb3980c47f55492db1d1273b2dba798b
DEM_Barrancos	Raster	GCS_WGS 84 Datum: WGS_1984	Copernicus https://browser.dataspace.copernicus.eu/
MegaL	Tabela Excel	GeographicCoordinateSystem:WGS 84 Datum:WGS_1984	Própria

TABELA 1: Quadro resumo da fonte de dados utilizados na análise espacial (SIG).

Para atingir o segundo objetivo procedemos à localização georreferenciada dos sítios crono-culturalmente integrados no nosso estudo na qual se procurou circunscrever o espaço abrangido. A georreferenciação consiste na localização da informação através de coordenadas sustentadas num sistema de projeção de referência e fiabiliza que a posição relativa entre quaisquer entidades representadas em camadas dos SIG é coincidente com o mundo real. A informação dos sítios em estudo é recolhida em tabela.xls, que inclui, entre outra informação, o seu topónimo, tipologia e localização. A localização por coordenadas (Geographic Coordinate System WGS 84, Datum:

WGS_1984) foram obtidas com aplicação móvel. Quanto a altitude, esta já foi extraída, a partir do MDT (Tabela 2).

CNS	Topónimo	Distrito	Concelho Freguesia	Lugar	Lat.	Long.	Z
28496	Eira da Cortiça 1	Beja	Barrancos	Coitadinha	38,173950	-7,010511	236,17
28497	Eira da Cortiça 2	Beja	Barrancos	Vale Santa Maria	38,174332	-7,010129	234,94
	Eira da Cortiça 3	Beja	Barrancos	Coitadinha	38,174565	-7,01161	235,5
28498	Anta do Cadaval	Beja	Barrancos	Cadaval	38,159817	-6,969290	191,62
28499	Almeneiro 1	Beja	Barrancos	Almeneiro	38,159746	-6,975023	224,01
28501	Portela do Lobo 2	Beja	Barrancos	Portela do Lobo	38,184184	-7,017756	207,51
39786	Barrancos 1	Beja	Barrancos	Cantarinha	38,146800	-6,977027	304,97
42172	Portela do Lobo 1	Beja	Barrancos	Portela do Lobo	38,184134	-7,017653	208,29
	Choções 1	Beja	Barrancos	Pintado	38,197085	-6,961245	268,84
	Choções 2	Beja	Barrancos	Pintado	38,195797	-6,958717	258,69

TABELA 2: Quadro resumo da informação geográfica dos sítios arqueológicos abrangidos neste estudo.

Para alcançar o terceiro objetivo recorreremos ao software ArcGis¹ e executamos diferentes operações de análise. A execução de operações espaciais simples, como seleção ou sobreposição de camadas ou das mais complexas como a análise de visibilidade ou de proximidade, permitem obter resultados na nossa investigação para tentar reconhecer preferências, ou não, na localização desses monumentos e identificar padrões de posicionamento. O conjunto de mapas temáticos produzidos encontram-se ao longo deste trabalho, em função das temáticas em análise, bem como nos Anexos.

Este estudo, e ainda que seja muito superficial, dado ao número reduzido de sítios em análise, num futuro, pode auxiliar na identificação de sítios ainda não reconhecidos, tendo em conta a prevalência.

¹ A licença de utilização do ArcGis 10 da ESRI foi obtida gratuitamente no âmbito deste Mestrado de Arqueologia e Ambiente instruído pela Universidade de Évora.

Capítulo 2

TEMPO E ESPAÇO

“A sepultura introduz na paisagem a memória do passado; através dela, os grupos apropriam-se de uma realidade tão fluída como o tempo; é esse tempo, já esgotado, vivido, que, recuperado através de monumentalização, regressa à paisagem”

(Soares & Silva, 1996)

“Los monumentos megalíticos contienen una naturaleza patrimonial múltiple, dado que son a la vez yacimientos arqueológicos, monumentos arquitectónicos, documentos prehistóricos y fragmentos fosilizados de “paisajes monumentales” de la Prehistoria Reciente” (Linares Catela, 2018, p. 521)

No estudo da Pré-História, onde não temos registos escritos, no sentido estrito ou literal, são fundamentalmente, os vestígios materiais e contextos deixados pelo Homem ou as alterações antrópicas na paisagem que nos permitem apreender conhecimento sobre os grupos ou comunidades ancestrais que viveram este espaço natural. Sem essas fontes seria, ainda mais custoso, ou até impossível conjecturar o *“modus vivendi”*, no que se refere a práticas, condutas ou as formas como se encarava a morte. Perceber a evolução que ocasionaram, provocando grandes transformações não só na apropriação e antropização da paisagem como também a nível social e económico, requer o estudo escrupuloso dos diversos, distintos e particulares vestígios que sobreviveram à passagem dos milénios e chegaram aos nossos dias. É na qualidade de testemunhos e portadores de informação que consideramos as estruturas megalíticas como um dos elementos mais monumentais e significativos do *“fenómeno megalítico”*, que perduraram no tempo e no espaço não só enquanto materialidades, mas também como monumentos que conservam a memória da comunidade onde se vulgarizam e dos ritos e prescrições mágico-religiosas que envolveram a sua construção e utilização. Ainda que não consigamos compreender todas as suas variações, os monumentos megalíticos constituem-se como uma importante e aparentemente inesgotável fonte de conhecimento para o estudo das comunidades construtoras da Pré-História que habitaram e alteraram as paisagens de tão vastas regiões, onde se encaixa o Alentejo.

Durante o Neolítico registam-se importantes evoluções nas comunidades humanas, tanto nas práticas quotidianas, na cultura material (pedra polida), de domesticação (animal e agrícola) e produção (bens secundários) como nas práticas rituais (culturais). É no contexto de profundas transformações dos sistemas sociais que se inscreve o Megalitismo e as *“arquiteturas funerárias megalíticas, num fenómeno que marca, indubitavelmente, o Neolítico médio pleno”* (Neves & Diniz, 2018). De um modo

geral, identifica-se com a sedentarização, com aparecimento e amadurecimento das primeiras sociedades camponesas e das primeiras sociedades agro-metalúrgicas, no sul da Península Ibérica, correspondendo cronologicamente ao período compreendido entre os meados do 4º e os finais do 3º milénios antes da nossa era (Calado, 2004).

2.1.1 | MEGALITISMO

O que é o Megalitismo? Um termo, aparentemente bastante explícito no que diz respeito ao seu âmbito, mas que na realidade enclausura muita complexidade... A designação “megalítico” começou a ser usada no século XIX para aludir construções erguidas com recurso a grandes blocos de pedras. Esta terminologia aproxima-se mais a uma qualificação do que a uma denominação para exprimir um “*fenómeno*” com tantos matizes, que reúne um conjunto de manifestações sagrado-rituais, que refletem paradigmas socioeconómicos das comunidades do Neolítico e Calcolítico.

Se falarmos em “megalitismo”, facilmente conferimos o valor de “grande” e de natureza pétrea, ou seja, restringimos o “*fenómeno*” à terminologia. É neste sentido, que encontramos desajustada uma aceção de «Megalitismo» apenas como conjunto de “mega estruturas líticas”, como poderíamos entender na definição de Águila Escobar quando escreve “*este concepto engloba todas aquellas construcciones antiguas de diferentes partes del mundo, en las que se utilizan grandes bloques de piedra (megálitos)*” (Escobar, 2005, p. 244), entendendo por este último, “*los monumentos prehistóricos de objeto en general funerário, pero también quizá religioso o conmemorativo*” (*ibidem*). Estes megálitos revelam mais que uma expressão arquitetural, elas são o reflexo da comunidade que as construiu, das suas capacidades técnicas e crenças, pelo que outros autores utilizam o termo “*Cultura Megalítica*” (Calado, 2004, p. 20) considerando não só o monumento *de per se*, mas também todos os contextos que eles comportam. As arquiteturas são uma forma de exteriorização de múltiplos valores, não só deixam transparecer o desenvolvimento “económico” – de sociedades recolectoras a produtoras; de transformações sociais no âmbito da organização do grupo; e culturais como a capacidade e evoluções técnicas ou a atitude perante a morte observadas através da alteração de enterramentos individuais para coletivos. Como escreveu V. Gonçalves “O megalitismo não se esgota nas construções megalíticas” (1979).

O Megalitismo é um “*fenómeno*” mundial e em Portugal constitui-se por um vasto e diversificado conjunto de monumentos onde se compreendem “*standing stones (menhirs), passage graves, passageless chambers, non-megalithic tombs, rare stone settings or ‘cromlechs’, false-corbelled chambers, cists, rock-cut tombs and even, in a later stage, decorated stelae*” (Ooterbeek, 2003, p. 83).

Quando falamos de «Monumento Megalítico» facilmente atribuímos o carácter de monumental ou monumentalidade, e presumimos precipitadamente que apenas se trata de uma “estrutura” construída com grandes blocos de pedra, o que faz todo sentido, até pela própria etimologia do termo «Megalítico»: do grego *mega*, *megalos*, grande, e *lithos*, pedra. Contudo, muitos são os monumentos incluídos no megalitismo que não são monumentais ou que não mostram monumentalidade, pelo menos no sentido textual dos termos. As enormes construções de grandes blocos de pedra, como a Anta Grande do Zambujeiro (Évora), ou o Menir da Meada (Castelo de Vide), para mencionar apenas dois casos portugueses, que pela sua dimensão são claros exemplares de monumentos megalíticos, no sentido literal da expressão, isto é, impressionantes construções edificadas com “grandes pedras”. Mas nem só pedras de grande dimensão foram utilizadas na construção dos monumentos do Neolítico e Calcolítico, muitos deles, dos mais monumentais, como Alcalar 7, em Portimão aos mais simples, como os identificados no Baixo Alentejo, por exemplo, Cerro Gatão (Viana *et al.*, 1961) e Nora Velha 1 em Ourique (Viana, Nossa Senhora da Cola, 1961), Monte do Outeiro em Aljustrel (Schubart, 1965) Centirã 2 em Serpa (Robles Henriques, *et al.*, 2013) ou Cardim 6 em Ferreira do Alentejo (Valera, *et al.*, 2019), apresentam as respetivas câmaras rematadas com falsas cúpulas projetadas com lajes horizontais sobrepostas, com dimensões muito inferior às grandes tampas que cobrem as antas na sua forma clássica.

Em linhas gerais, e de acordo com J. de Oliveira, “*Megalitismo denomina todo um vasto conjunto de manifestações rituais que emergiram, há mais de 6000 anos, no seio das comunidades neolíticas*” (2019, p. 8), que têm a sua maior notoriedade nos monumentos megalíticos, como antas, menires ou cromeleques, mas também são expressas em monumentos de outras tipologias como os de falsa cúpula. Por outro lado, as manifestações sagrado-religiosas ou funerárias igualmente são exteriorizadas através de outras práticas que acompanham o ritual, como o espólio votivo depositado como são exemplos os ídolos ou as placas de xisto depositados nos sepulcros. Segundo V. Gonçalves o termo “megalítico” suporta vários significados, admitindo ser interpretado

como “conjunto organizado de ritos transcrevendo uma opção mítica com prescrições bem diferenciadas: enterramentos em certo tipo de monumentos, importância da Deusa-Mãe e da placa de xisto que apresenta, definição da colecção de oferendas votivas, tumulações e retumulações, papel da fecundidade” (1978, p. 156).

2.1.2 | MEGALITISMO FUNERARIO

“(…) bajo el término “megalitismo” cubrimos una enorme variedad de soluciones constructivas y de actividades funerarias y rituales, dotadas de relativa unidad, además de por la aparente uniformidad exterior proporcionada por las masas tumulares en forma de casquete esférico, por la noción de la monumentalidad aplicada al comportamiento funerario.” (Arias & Cubas, 2018)

As monumentais e tendencialmente indestrutíveis estruturas funerárias neolíticas, sejam elas expressas em forma de dólmens ou outras, destinar-se-iam, teoricamente, a acolher em “eterno descanso” os que a esses espaços tinham direito” (Oliveira J. d., 2015, p. 97), não obstante, assim não se verificou. A seu tempo foram alvo de constantes revisitações e manipulações dos seus restos e em tempos posteriores, por curiosidade ou espoliação, continuaram a ser alvo de frequentes visitas. Atualmente continuamos a importunar os mortos, com o propósito de conhecer as comunidades a que pertenciam através dos seus restos, espólios e contextos, porque nem todos desapareceram e permanecem a marcar a paisagem natural e cultural do território que integram. Angel Armendariz, referindo-se ao estudo dos contextos funerários numa visão interdisciplinar afirma que as sepulturas “son capaces de aproximarnos realmente a la psicología de las sociedades primitivas y a sus más profundos conceptos mentales, allá donde no llegan las deducciones y extrapolaciones que podemos realizar a partir de los análisis de su cultura material. (1992, p. 14).

Um das principais manifestações das primeiras comunidades agro-pastoris são os espaços sagrados/religiosos que até hoje marcam a paisagem. Construções de grandes blocos de pedras que se ergueram intencional e cuidadosamente num determinado momento, num dado lugar em detrimento de outros e para um (in)determinado fim e hoje as “percebemos” como monumentos permanentes que “resistiram” ao tempo e ao Homem. Entre estas estruturas de megálitos estão as arquiteturas funerárias, hoje

definidos como monumentos (funerários), integrados culturalmente no designado «*fenómeno megalítico*».

As percepções a respeito dos monumentos megalíticos podem ser variadas, mas há uma que devemos salientar: eles representam a união do grupo, porquanto não só indicam a relação continuada entre os “vivos e mortos”, mas também a relação entre “vivos”, porque para a sua construção é incontroversa a colaboração do grupo, que ao mesmo tempo deveriam sentir-se identificados com a obra. São construções erigidas pela força de muitos para acolherem apenas a alguns, “*que com prestígio suficiente garantiram a perenidade de um espaço*” (Oliveira J. d., 2015). Estas estruturas são fruto do “aproveitamento” combinado com a “capacidade” e “intensão”, isto é, construir com o que se dispõe uma obra monumental. Não só demonstram veneração e crença em “algo” e respeito e estima aos que morreram, como também deixam transparecer, perante aos demais, a organização interna, os conhecimentos e capacidade técnica como numa demonstração de forças, poder ou domínio.

É indiscutível que a função primária destes monumentos é funéria, ou seja, acolher os restos mortais daqueles que partiram e deixam esta vida terrena. Contudo, a inumação dos seus restos nestas estruturas “*tendencialmente indestrutíveis*” confere-lhe um sentido de continuidade, ou até de perpetuidade neste mundo terreno.

Se considerássemos que o único desígnio destas estruturas fosse apenas o de recetáculo de mortos, poderíamos erroneamente interpretar como desproporcionadas estas extraordinárias construções, pelo que alvitramos que, para além da função funéria / sagrada reúnem em si um conjunto de outras funcionalidades mais terrenas, atribuindo-lhe um carácter multifuncional (Oliveira J. d., 2015). É neste sentido que admitimos indeterminados fins, isto é, a construção e posição destes monumentos são determinados com diferentes propósitos e intenções.

Os monumentos megalíticos, funerários ou não-funerários, são de complexa interpretação, mas integram-se numa dinâmica cultural igualmente expressa pela arquitetura e adotada pelas comunidades agro-pastoris. Estas arquiteturas assumem configurações dissemelhantes, ou especificidades próprias provavelmente motivadas por razões ideológicas e/ou derivadas do meio natural envolvente, podendo-se assim perceber particularidades a nível regional e intrarregional (Bettencourt & Boas, 2021). Nesta linha de raciocínio podemos entender as diversidades apreciadas quanto à tipologia e ao

polimorfismo das estruturas culturalmente integradas no Megalitismo e genericamente compreendidas entre meados do 6º milénio e meados do 3º milénio a.n.e., em que verificamos, a nível estrutural, uma pluralidade nas soluções tomadas nos diferentes territórios.

No sul de Portugal, e particularmente no Baixo Alentejo, estão identificadas uma multiplicidade de estruturas funerárias, representativas dos diferentes contextos, em positivo e em negativo, revelando “*um modelo de grande dinamismo cultural para o 4º e 3º milénios a.C., com a construção e utilização de diferentes arquiteturas funerárias (hipogeus, antas, estruturas de falsa cúpula e fossas) em simultâneo (...)*” (Rocha, 2020, p. 87).

Diferentes arquiteturas, técnicas, dimensões, mas têm em comum o suporte e a função primordial, “pedra” e “funerária”, respetivamente. Estruturas líticas que revelam mais que a evidência e deixam transparecer a “cultura” dos seus construtores que se conjectura ser “*uma sociedade polifacetada, com diferentes conceções mágico-religiosas*” (*ibidem.*).

2.2.1 | ANTECEDENTES

“a palavra anta, applicada aos túmulos prehistoricos, muito conhecida no Alemtejo (...)” (Vasconcellos, 1897, p. 25)

Assume-se que as construções megalíticas tiveram um papel relevante no seu tempo não só como elementos de demonstração de crenças, mas também na organização das comunidades e na estruturação do território. Os monumentos megalíticos pré-históricos foram erguidos para estar presente nas vidas das comunidades, no entanto, eles sobreviveram aos seus construtores e permaneceram nas vidas das sociedades vindouras, passando a ser compreendidos nas *“paisagens físicas e culturais, muito para além das épocas em que foram concebidos e utilizados”* (Rocha, 2005, p. 32).

As construções megalíticas mantiveram-se presentes no quotidiano das sociedades contemporâneas, como o podemos deduzir através das diversas citações em documentação histórica, onde tantas vezes são apontadas como pontos de referência ou as inúmeras alusões que surgem na toponímia, pelo que será errado pensar que as construções megalíticas foram, alguma vez, ignoradas pelas sociedades posteriores.

Leite de Vasconcelos infere, a partir da vulgarização por todo país do termo “anta”, que estas estruturas *“chamavam em larga escala a atenção do povo”* tendo-lhes atribuído nomes próprios muitas vezes com o apelativo “anta” aos lugares onde se achavam. Salienta, atendendo a quantidade de sítios com a antroponímica “anta”, que seriam *“muito numerosos”* e reconhecidos desde *“épocas antigas”* e *“ainda depois dos romanos”*, identificando o étimo de “anta” do latim *“antae”*. (1897, p. 25).

José Leite de Vasconcelos escreve:

“Em tempos antigos (...) os dolmens tiveram uma designação appellativa, que se estendeu por todo o país: chamavam-se antas. Hoje a palavra anta, como appellativa e popular, creio que só é conhecida no Alemtejo (...)”* (Vasconcellos, 1897, p. 252)

Numa tentativa de explicar a afirmação de J.L. Vasconcelos, alvitrar que o termo “anta” seria tão vulgar entre as populações alentejanas pela disseminação destes monumentos por todo o Alentejo. Atualmente, “*o Alentejo possui a maior mancha megalítica (conservada) da Península Ibérica*” (Rocha, 2022) tendo as comunidades posteriores à sua construção compartilhado o espaço e assimilado, de distintas formas, a sua presença.

A percepção de que estes megálitos constituíam espaços simbólicos sempre esteve presente no seio das comunidades e arrastou-se pelos tempos reconhecendo diferentes aceções, desde lugares mágicos e/ou sagrados a monumentos, enquanto espaços com memória e valor histórico patrimonial. “*As estruturas megalíticas [funerárias e não funerárias são] as mais antigas edificações arquitetónicas monumentais da humanidade (...)*” (Oliveira J. d., 2016), sendo elementos antrópicos que complementam a paisagem natural do Alentejo, que têm despertado o interesse de conspекtos curiosos e sido alvo de estudos de especialistas e não-especialistas ao longo do tempo.

2.2.2 | SÍNTESE DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO MEGALITISMO BAIXO ALENTEJANO

“Embora a riqueza, em monumentos megalíticos da região do rio Guadiana seja conhecida há quase um século (...) raras são as publicações que nos dêem informes precisos sobre a matéria.”
(Leisner & Leisner, 1951, p. 9).

A realidade é que durante várias décadas, o Baixo Alentejo interior caracterizou-se, em geral, por ser uma região com fraca ocorrência de vestígios arqueológicos, facto, em grande medida, relacionado com o reduzido investimento em trabalhos arqueológicos que consequentemente conduziu ao escasso volume de informação.

As referências à parca informação sobre o megalitismo do Baixo Alentejo sucedem-se ao longo do tempo, encontrando-se apenas na bibliografia referências como:

- Em 1942, no prólogo da Monografia Arqueológica do Concelho de Moura, Fragoso Lima escreve em relação ao estudo arqueológico que “*Da Margem Esquerda do Guadiana somente se têm publicado minúsculos artigos (...) que raramente estão de acordo com a realidade dos factos*” (Lima, 1988).

- A meados do século XX, Georg e Vera Leisner introduziam a questão do megalitismo em Reguengos de Monsaraz referindo que não encontravam referências aos dólmens nos concelhos confinantes com o rio Guadiana em obras de autores como Pinho Leal, Pereira da Costa, ou Filipe Simões (Leisner & Leisner, 1951).
- Raquel Vilaça referindo-se aos monumentos megalíticos, dólmens ou antas, localizados no concelho de Serpa, escreve: “*são parques e modestos os exemplos de tais monumentos*” (Vilaça, 1997).

Para a região do Baixo Alentejo interior, genericamente, podemos perceber duas fases de pesquisas: uma fase inicial a partir dos meados do século XX e uma fase mais recente, já do século XXI, sobretudo através de uma arqueologia preventiva levadas a cabo no âmbito de Estudos de Impactos Ambientais (EIA) na área do regolho da Barragem do Alqueva. Isto é, a execução de grandes empreendimentos que envolvem o revolvimento de grandes volumes de substratos põem a descoberto um número indefinido de “sítios arqueológicos” dos quais, *à posteriori*, e com todas as mutilações dos contextos ocasionadas pelas ações inerentes a estas obras, foi necessário proceder ao seu registo metodológico para de alguma forma preservar o que deles restava.

A meados do século XX, assiste-se no Alentejo a um incremento de investigações, sendo também a região do Baixo Alentejo objeto de interesse por parte dos investigadores.

Octávio Veiga Ferreira e Abel Viana empreenderam, na década de 1950 um novo projeto de investigação, “*dedicado ao megalitismo do Baixo Alentejo, área onde esse fenómeno era, até então, quase desconhecido*” (Silva, 2008, p. 307). Do trabalho desenvolvido, especialmente em Ourique, mas também em Aljustrel, dão a conhecer no I Congresso Nacional de Arqueologia, em 1958, mais de uma vintena de monumentos megalíticos. O crescente número de monumentos de falsa cúpula identificados e estudados na região levam os arqueólogos a concluir que estavam perante “*um foco almeriense no Baixo Alentejo*” (Viana, Ferreira, & Andrade, 1961), isto é, perante um conjunto com “*fortes influências da cultura de Almeria (Los Millares e Almizaraque)*”. Durante essa década escavam e estudam vários monumentos tipo tholos: A-dos-Tassos 1 / Álamo (CNS 4028), Cerro do Gatão 1 (CNS 4124), Herdade do Malha Ferro (CNS 3093), Monte Velho / Monte Velho 1 (CNS 1065), Nora Velha 1 (CNS 3894),

contribuindo significativamente para o conhecimento do megalitismo do Baixo Alentejo. A identificação desta quantidade de “tholos” na região significou não só o estudo destes monumentos, quanto as suas arquiteturas, principalmente pelo Monte do Outeiro (Aljustrel) como também documentar, pela primeira vez o Calcolítico Pleno no Baixo Alentejo (Silva, 2008).

A elaboração da Carta Geológica conduzida por Octávio da Veiga Ferreira (companheiro de investigação e amigo de Abel Viana) tornou-se ao mesmo tempo um trabalho de âmbito arqueológico, sendo frequente a referência de sítios arqueológicos.

Desde o início do século XXI que se assiste a uma profunda transformação da paisagem alentejana, em grande medida, provocada pelo Projeto Alqueva que possibilitou a alteração das técnicas de exploração da terra. No decorrer dos trabalhos de minimização para a instalação do sistema de rega subsidiário do Alqueva, são “encontradas” estruturas arqueológicas que até à data tinham permanecido ocultas ou tinham passado despercebidas aos olhos dos arqueólogos. Os achados de novos contextos funerários, como hipogeus e fossas, vem aportar novas e importantes informações sobre as comunidades da Pré-História Recente instaladas nesta região do Baixo Alentejo mudando muitos dos paradigmas vigentes durante todo o século XX (Rocha, 2020).

Ainda e no que se refere ao conhecimento do megalitismo do Baixo Alentejo interior, haverá que registar que este é muitas vezes omissa na biografia de especialidade ou generalista sobre arqueologia, como é exemplo o *Dicionário de Arqueologia Portuguesa, onde se deixa evidente a falta de estudos sobre o megalitismo nesta região sendo completamente ignorado na secção “Megalitismo funerário do território português”* (2012).

2.2.3 | ALENTEJO – MARGEM ESQUERDA DO GUADIANA

“Na Margem Esquerda do Guadiana levantaram-se vastas necrópoles dolménicas. Tal atestam a toponímia e a arqueologia (...)” (Lima, 1988, p. 46)

A margem esquerda do Guadiana (MEG) portuguesa compreende cinco municípios: Mourão, Barrancos, Moura, Serpa e Mértola (neste somente as freguesias de Corte do Pinto e Santana de Cambas). É um território demarcado a oeste pelo rio Guadiana e a Leste pela linha de fronteira com Espanha, confinante com as regiões de Extremadura e Andaluzia.

No que se refere a informação arqueológica disponível, podemos considerar José Fragoso de Lima como um dos pioneiros dos trabalhos arqueológicos nesta região, tendo desenvolvido prospeções e mesmo algumas escavações, contribuído particularmente para o estudo arqueológico do concelho de Moura (LIMA, 1981 e 1988).

José Fragoso de Lima direccionou as suas investigações na arqueologia da MEG, particularmente ao concelho de Moura, constituindo um valioso registo arqueológico da região. Os seus trabalhos de investigação e divulgação muito contribuíram para dar a conhecer o património arqueológico e despertar o interesse de outros investigadores para a região, como ele próprio divulga no Jornal de Moura de abril de 1944 *“dia a dia a “Margem Esquerda do Guadiana” (...) vai chamando a atenção dos investigadores”* (Lima, 1981, p. 229).

Pelo trabalho desenvolvido, J.F. Lima, granjeou o respeito dos seus pares, como Abel Viana, que tinham interesse na região e tencionava alargar a sua área de estudo para a região, como podemos depreender a partir da missiva de A. Viana a O. da Veiga Ferreira: *“temos, todavia, visto tratar-se da “Margem Esquerda”, de pedir licença ao Fragoso de Lima”* (Cardoso, 2002, p. 567).

Ainda que não seja pretensão de Fragoso de Lima a *“classificação dolménica só com material obtido na Margem Esquerda do Guadiana”* (Lima, 1988) a realidade é que nesta recolha (1942), simplesmente dispõe de informação de ditos monumentos para o concelho de Moura (MEG) e de cinco monumentos no concelho de Vidigueira. No

entanto, reúne um importante conjunto de informação respeitantes a dezanove monumentos do concelho de Moura, dispersos entre as freguesias de Santo Aleixo da Restauração, Póvoa de São Miguel e Sobral da Adiça. A partir deste conjunto, se infere que se está perante um grupo diversificado enquanto à implantação (no alto das serras, planície e vales) e disposição (isolados ou em grupo); com e sem corredor, com e sem mamoa e entrada para leste, mas também para outros pontos cardeais; com número variado de esteios, com e sem insculpturas, tipo covinhas.

No artigo do Jornal de Moura de 12 de outubro de 1974, relativamente, ao conhecimento da cultura “*Dolménica da Margem Esquerda do Guadiana*”, J.F. Lima salienta os vestígios da Negrita, descrevendo-o como “*vasto campo dolménico*”, onde se acham “*antas de tipo corrente, (...) vestígios mais evoluídos, que recordam galerias cobertas (...) encontram-se pedaços de esteios in loco*” (1981, p. 466) e se descobrem pedras insculpturadas e pedras alongadas lembrando a menires.

O arqueólogo, pela tipologia, proximidade geográfica e semelhança, compara os monumentos da Negrita ao análogo Pasada del Abad localizado em Rosal de la Frontera (Andaluzia, Espanha), mas sobre os megálitos da Margem Esquerda do Guadiana diz: “*parecem penetrações de seus vizinhos imediatos da margem direita, no sentido N-SE, com centro de irradiação por volta de Évora.*” (*ibidem*, 468).

Em 1964 Irisalva Moita apresenta no III Colóquio Portuense de Arqueologia o projeto da “*Carta Arqueológica da Margem Esquerda do Guadiana e o Museu de Serpa*”, evidenciando a sua importância pela riqueza arqueológica e cultural que a região detém o que, também justifica a “*organização dum museu na Margem Esquerda do Guadiana*” (Moita I. , 1965) para recolher os materiais dispersos que o Museu de Beja já não consegue acolher.

No projeto da Carta Arqueológica de Além Guadiana, I. Moita reúne um significativo conjunto de sítios arqueológicos, dos quais encontrou informação nas obras de Leite de Vasconcelos, nos escritos de Fragoso de Lima e de Abel Viana e da “excursão” que fez ao Alentejo em 1962 (*ibidem*.). Quanto a “Megálitos” identifica dez sítios: Pedras Tanchadas² e Antas³ em Santo Aleixo da Restauração; Herdade das Antas⁴

² CNS (40479)

³ CNS (40478)

⁴ CNS (21191)

e Póvoa de S. Miguel⁵, na freguesia do mesmo nome; Garrochais⁶ e Antas – Amareleja⁷ nessa freguesia; Antas da Parreira⁸, Antas da Herdade do Álamo⁹ e Antas do Touril¹⁰, em Sobral da Adiça; Pedra Longa em Serpa. No que se refere ao concelho de Barrancos, apenas assinala duas ocorrências: o *Castelo de Noudel (S. Ginez)* e *Castelo (Sis)*, e nada quanto a monumentos megalíticos neste território, sendo que os Leisner tinham publicado em 1959 *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*, na qual estão referenciados dois monumentos dolménicos identificados por Nery Delgado.

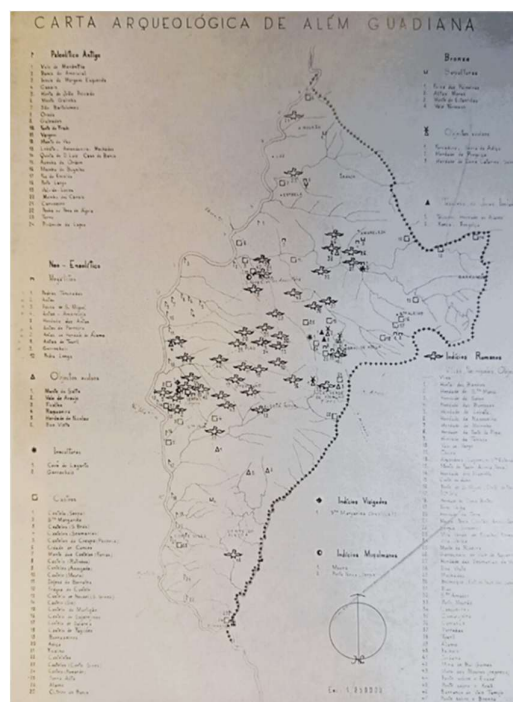


FIGURA 2: Carta Arqueológica da Margem Esquerda do Guadiana portuguesa apresentada por I. Moita em 1964.

Irisalva Moita na *Carta Arqueológica Além Guadiana* pretendia “*dar a conhecer a riqueza arqueológica da Margem Esquerda do Guadiana*” (1965, p.6). Ainda que não a possamos considerar como um documento completo, revela o estado de conhecimento arqueológico sobre o território, e deixa transparecer um conhecimento mais aprofundado

⁵ CNS (6620)

⁶ CNS (6335)

⁷ CNS (40062)

⁸ CNS (6413)

⁹ CNS (6596)

¹⁰ CNS (40068) e CNS (6301)

sobre os concelhos de Moura e Serpa, especialmente sobre este último, no qual, as autoridades locais, ambicionava organizar um museu que acolhesse a “*desconhecida e abandonada riqueza arqueológica*” que se achava na região.

O Alentejo, e precisamente os territórios da bacia hidrográfica do Médio Guadiana, nos finais do século XX e inícios do XXI, apresenta uma dinâmica em termos de investigação arqueológica nunca registada na região. O projeto de construção da barragem do Alqueva estava condicionado aos estudos de impactes, no qual, a Arqueologia não ficou à margem. Não é nossa intenção discutir projetos ou metodologias aplicadas, apenas salientar que a construção do mega lago propulsionou as investigações arqueológicas na área de afetação. A grande escala, falamos de concelhos do interior alentejano, do distrito de Évora e Beja, que até a data, parte deles não tinham sido alvo de trabalhos arqueológicos sistemáticos. O concelho de Barrancos em concreto, pela sua posição periférica, não sentiu os estímulos forçados dos trabalhos arqueológicos executados no âmbito da construção da mega infraestrutura Barragem do Alqueva.

Ainda que os Estudos de Impactes Ambientais (EIA), no que toca ao património arqueológico, não tenham sido perfeitos, certo é que as centenas de registos que daí advieram, das mais variadas cronologias, constituíram-se como um ponto de partida para a investigação arqueológica numa região que tinha sido secundarizada. Pode-se considerar que os estudos de minimização passaram por duas fases: a primeira de identificação, avaliação e salvaguarda e a segunda de divulgação e musealização do conhecimento apreendido, não apenas “*a publicação dos relatórios de intervenção, mas sim a transformação desses dados em conhecimento*” (Barata, 2015, p. 9)

É na implementação dos grandes empreendimentos da rede de rega, que se estende pelo distrito de Beja, que não só admite a “reconversão da agricultura” como no percurso facilita a identificação (e destruição) de sítios arqueológicos de distintas tipologias e cronologias. A execução dos diversos empreendimentos permitiu identificar sítios arqueológicos, que até a data se tinham mantido impercetíveis, caso são as estruturas funerárias “em negativo” como os hipogeus. Ainda que em contexto de arqueologia preventiva, aportaram novos conhecimentos sobre a ocupação humana na região alentejana e especialmente na margem esquerda do Guadiana, onde o conhecimento do povoamento se apresentava escasso e desequilibrado comparativamente ao resto da região (Valera, Godinho, & Filipe, 2010). De facto, o panorama dos conhecimentos sobre o

povoamento e, em particular das estruturas funerárias, alterou-se substancialmente com a identificação e escavação de novos povoados e monumentos funerários (Rocha, 2012).

Se a execução das obras permitiu a aquisição de novos dados para o estudo e conhecimento arqueológico, certo é que também provocou a destruição de património arqueológico das mais variadas tipologias e cronologias. É neste contexto de deleção e sequente mediatização, que em 2022 como resposta política, é publicado em Diário da República a abertura do procedimento de Classificação do Megalitismo Alentejano no qual se propunha a classificação de 2049 monumentos, dispersos por 46 concelhos do sul de Portugal, nos distritos de Beja, Évora, Portalegre, Santarém e Setúbal.

A proposta dos monumentos assentou nos dados introduzidos na base de dados nacional (Portal do Arqueólogo), tal e qual como se apresentava sem verificação no terreno (Rocha, 2022), o que acabou por causar numerosas incoerências, como as desacertadas localizações geográficas ou a propostas de monumentos desaparecidos em prol de outros que ainda não estavam catalogados. Estas situações, juntamente com outras, determinaram a revogação daquele Despacho e abertura de novo procedimento, publicado no Diário da República, 2.^a série n.º 31, de 13-01-2023, do qual passam a integrar um conjunto de 1628 monumentos e sítios.

Atualmente, ao longo do curso do Guadiana, em território português, e de forma dispar confirma-se uma evidente variedade de contextos, funerário e não-funerários, expressivos da cultura megalítica. Referentemente à Margem Esquerda do Guadiana e tomando como referência a apresentação “*Passado, presente e futuro do Megalitismo no Baixo Alentejo: os Municípios de Vidigueira, Cuba, Alvito, Moura e Serpa (Distrito de Beja)*” por Nelson Almeida *et all.* no Congresso “*De Gibraltar aos Pirenéus – Megalitismo. Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular. In memoriam João Carlos de Senna-Martinez. Arqueologia, Património e Turismo*” (2024)¹¹, o tema é introduzido referindo que, no panorama geral do megalitismo, o distrito de Beja e especialmente os concelhos supramencionados são daqueles que menor atenção têm granjeado, revelando uma grande falta de trabalhos, essencialmente de intervenção arqueológica, o que consequentemente dificulta a sua interpretação. Por outro lado, a informação é “*bastante escassa, bastante dispersa e nem sempre acessível*” o que dificulta o estudo. Contudo, foi

¹¹ <https://www.youtube.com/live/94g9YEIk3Ig>

possível expor a diversidade tipológica que se regista nesta região, onde se assinala o predomínio de antas, mas também convém destacar o número de menires identificados.

Ainda importa assinalar que se verifica uma grande diversidade quanto às práticas funerárias nesta região do Guadiana, onde cabe destacar o concelho de Serpa por aí se registarem monumentos dolménicos de vários tipos: *“monumentos de câmara simples fechada (...) ou aberta para nascente (...) de câmara subcircular e corredor curto (...)”* (Lopes, Carvalho, & Gomes, 1997) e também se registam monumento tipo “tholoi” ou “pseudo-tholos” como se refere AM Soares a Monte da Velha 1 (2008). No âmbito da Arqueologia de Salvaguarda, no devido acompanhamento arqueológico, foram identificadas em 2006, *“três estruturas negativas (escavadas na rocha virgem)”* (Henriques, et al., 2014) uma das quais se veio confirmar que se tratava de um *“monumento megalítico, um tholos (...)”*, o tholos Centirã 2, implantado em solos xistosos na convergência de duas linhas de água na freguesia de Brinches (Serpa). Ainda, M. Serra *et al*, tomando em conta a identificação de Torre da Velha 3 (Serpa) de sepulcros tipo hipogeu, afirmam que *“as práticas funerárias da 1ª metade do II milénio a.C. da Margem Esquerda do Guadiana sugerem (...) uma multiplicidade de opções e variações”* (2012).

Nas últimas duas décadas temos assistido a um dilatado dinamismo nas investigações arqueológicas no Baixo Alentejo, mas em grande medida acontece no âmbito da arqueologia preventiva, desprovidos de um verdadeiro projeto de investigação. Nesta conjuntura, os trabalhos académicos revelam-se meios importantes para o estudo dos sítios intervencionados. Repetidamente os “alunos” desenvolvem os seus trabalhos de investigação baseados em trabalhos que ficaram por publicar, em temáticas específicas, ou sobre uma área particular, como é o caso de estudos que recaem sobre as práticas funerárias do IV a III milénios a.n.e., de autores como Rui Boaventura (2009), Marco A. Andrade (2009), Joana Inocêncio (2013), Maria G. Sousa (2013), Cátia Vagueiro (2016), Ariele Câmara (2017), Ivo dos Santos (2018), Ricardo Russo (2020), Frederico Agosto (2022), Mónica Corga (2022), apenas para mencionar alguns investigadores que consultamos para o nosso trabalho. Os trabalhos académicos apresentados nas mais diferentes universidades não só recolhem e reúnem importantes informações como contribuem para a sua divulgação, mas acima de tudo auxiliam significativamente para o “estudo de caso”, inclusive em espaços regionais onde o conhecimento acerca do «fenómeno do megalitismo» não está tão desenvolvido.

2.2.4 | CONCELHO DE BARRANCOS

A primeira referência escrita da existência de monumentos megalíticos na atual área administrativa do concelho de Barrancos recua aos finais do século XV nas “*Inquirições que se tirou a respeito da aldeia de Barrancos que Castela dizia ser sua, mas que era pertença de Portugal*” (1493). Em linhas gerais, este documento relata as declarações das testemunhas (inquiridos), portuguesas e castelhanas, “*para determinar os termos e limites e malhões dos regnos de Castella com Portugal*”. Na transcrição do documento podemos ler: (...) *Bandarra comendador de Noudar e entam perguntara por hua vereda de Castello de Ciz e Antas Almaneiro e pella Pipa e pollo Prado de Mateo e por a Corta da Garrocha e pella Gragera a dar as Paneiras e dar Atallayola e a Cabeça de Gamos e que se vira elle por aly malhões (...)*” (Anexo 1A). No mesmo documento, novamente são referidas as “Antas” “(...) *Castella dizendo como nom sabes vos que o termo d’Anzina Solla vay polla Fonte da Pipa e pollas Antas e Azaychal a dar ao Brueco (...)*” (Anexo 1B).

Como podemos constatar, nas referidas Inquirições, surgem referenciadas, em plural, entre outros sítios “*Antas Almeneiro*”. Atualmente, na zona conhecida por Almeneiro, está identificada a Mamoa do Almeneiro (Almeneiro 1, CNS 28499) e adjacente ao Almeneiro encontra-se a zona do Cadaval, na qual está identificado outro monumento, a Anta do Cadaval (CNS 28498), que dista da linha de fronteira a escassos quinze metros, o que não deixa de ser interessante tendo em atenção ao presuntivo de que estas arquiteturas também seriam marcos de divisão de território.

O interesse ou os estudos arqueológicos do megalitismo funerário neste concelho não é muito. Não obstante, e ainda que muito fracamente, podemos enquadrá-lo naquela fase de pioneiros, como Nery Delgado (Geólogo) ou de J. L. de Vasconcelos (Etnólogo), onde a principal motivação era o estudo da “*origem e história da Terra e do Homem*.” (Fabião, 1999).

Já no século XX, e ainda que superficialmente, também conseguimos encaixar os estudos na corrente de investigação arqueológica de trabalhos com carácter mais sistemáticos que se iniciou sensivelmente a partir da segunda década do século XX (Rocha, 2022), através de fugazes referências de reconhecidos investigadores, como V. & G. Leisner, Abel Viana, Octávio da Veiga e Georges Zbyszewski.

A atividade “arqueológica” de J. L. Vasconcelos, no que respeita ao concelho de Barrancos é praticamente nula, ou dela não temos conhecimento. J.L. Vasconcelos visitou o concelho em 1938 e 39 para o estudo da fala de Barrancos, “o Barranquenho”, do qual resultou a “Filologia Barranquenha – apontamentos para o seu estudo”. A menção à arqueologia é deveras liliputiana, tão só admite que lhe foram oferecidos “*três objectos arqueológicos (um machado de pedra pulida, um pesinho de chumbo e um vasinho bicónico de barro, em dois pedaços) provindos de uma antiga mina de cobre (...)*” (Vasconcelos, 1955), acabando por confirmar que “*estes objectos irão um dia para o Museu Etnológico*” (*Ibidem*). Presumimos que o seu pouco interesse pela arqueologia deste concelho se deva sobretudo à sua idade, como ele próprio escreve, “*¡E deveras me lamento de haver deixado a minha visita para idade tão provecta!*” (*Ibidem*).

Os primeiros trabalhos de arqueologia referenciados no concelho de Barrancos, de que temos notícia, devem-se a Nery Delgado, engenheiro militar, geólogo e arqueólogo. Foi um dos pioneiros da geologia portuguesa e como arqueólogo, a sua contribuição foi igualmente notável (Cardoso, 2008). Na obra *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*, os Leisner referem: “*uma antiga nota manuscrita de Nery Delgado também relata uma sepultura em Barrancos perto da fronteira espanhola*” (Leisner & Leisner, 1959, p. 246, tradução nossa).

Megalithgräber der Iberischen Halbinsel é uma extensa obra que recolhe a cultura megalítica da Península Ibérica, da autoria de Vera e Georg Leisner, constituindo-se como um contributo transcendente para a Arqueologia em Portugal, especialmente para o Megalitismo e particularmente para o Megalitismo Alentejano. Em diferentes volumes catalogam e descrevem inumeráveis monumentos megalíticos da Península Ibérica. Na atualidade, por diferentes motivos, mas principalmente devido a interposições antrópicas, muitos daqueles por eles identificados, estão desaparecidos, destruídos ou não localizados e neste sentido, esta vasta obra também é testemunha da sua existência e/ou presença que, além de detalhadas descrições também apresenta os respetivos desenhos/ilustrações técnicos, de acordo com a época em que foram produzidos. Em muitos casos, só temos notícias sobre eles devido ao cuidado levantamento levado a cabo pelo casal Leisner, constituindo-se como um documento que preserva a memória desses mesmos monumentos.

No concelho de Barrancos, o Casal Leisner incorpora no Grupo 25 do catálogo, as duas antas referenciadas e escavadas por Nery Delgado: Anta 1 de Barrancos (da

Cantarinha) e Anta 2 de Barrancos (Leisner&Leisner, 1959, p. 248). Neste caso, a sua descrição é fundamental para o conhecimento destes túmulos, porque um deles é quase impercetível, de tal forma que ainda hoje temos dúvidas se estamos na presença dos vestígios daquele monumento. Quanto ao segundo, e mesmo tendo indicação da sua localização, ainda não o conseguimos relocalizar.

A caracterização das duas sepulturas é apresentada com base nas descrições de Nery Delgado, que além do mais e segundo as suas notas, acrescentam que a escavação da Anta 1 de Barrancos (da Cantarinha) em 1879 “*até 1 m de profundidade nada revelou*” (Leisner & Leisner, 1959, p. 246, tradução nossa).

Já na segunda metade do século XX, da mão de Abel Viana, voltamos a receber informação acerca da investigação arqueológica em Barrancos, ainda que seja uma mera menção do arqueólogo a esse respeito.

Em bilhete-postal datado de 6 de maio de 1953, dirigido a Octávio da Veiga Ferreira, A. Viana revela que planeia ir a Barrancos assim que regressar de Faro a 11 daquele mês (Cardoso, 2008), o que se deve ter concretizado. Por carta datada de 21 de junho de 1953, em correspondência com Octávio da Veiga Ferreira, Abel Viana escreve: “*No mês de Maio e em Junho, e até mesmo na segunda metade de Abril, tenho feito muita coisa fora de Beja: Faro, Amareleja, Serpa, Barrancos, Mértola, Moura, e aqui pelos arredores de Beja.* (Cardoso, 2002, p. 512). A verdade é que não descreve que tipo de trabalho desenvolveu em Barrancos, mas demonstra que não segregou este território dos demais concelhos do Baixo Alentejo.

Abel Viana e O. Veiga Ferreira contribuíram de forma extraordinária para a arqueologia do Baixo Alentejo. Entre as suas investigações, a eles podemos atribuir a descoberta das primeiras sepulturas “tipo *tholos*” no Baixo Alentejo, que até a data se sabiam na Estremadura e no Litoral do Algarve (*ibidem*). É neste contexto de crescente interesse pela temática, que devem ter recebido, do Dr. Jacinto Perdigão, a informação da existência de “*algumas «tholoi» nesta região*” do concelho de Barrancos (Zbyszewski & Ferreira, 1967, p. 17).

Remetendo-nos ainda à correspondência entre os dois, Abel Viana insiste com O. Veiga Ferreira para o desenvolvimento das pesquisas em Barrancos entre os meses de março e maio de 1963. Acreditamos que tencionava desenvolver os trabalhos de estudo

sobre os sítios de que tinha recebido notícia, mas infelizmente não vieram a concretizar-se, segundo a nota de rodapé 392 (*ibidem*) e às vagas referências dos “tholoi” nos artigos de 1967 e 1969: em 1967, no *Arqueólogo Português* o artigo “*Acerca duma «Tholos» encontrada em Castro Marim*” de Georges Zbyszewski e de Octávio da Veiga Ferreira refere, em plural, da existência de monumentos de falsa cúpula em Barrancos. A referência é somente na legenda do “*Mapa do Sul de Portugal com indicação dos monumentos de falsa cúpula descobertos até o presente (...) 4 - Monumentos de Barrancos (...)*” (Zbyszewski & Ferreira, 1967, p. 16), não aporta mais informação, contudo é expressiva quanto à evidência de vestígios de ditos monumentos na área geográfica de Barrancos (Anexo 3A); no artigo de 1969, volta a mencionar “*possíveis monumentos deste tipo [tholos] noutras regiões do Baixo Alentejo, como Barrancos (...)*” (Santos & Ferreira, 1969, p. 54).

Sobre o estudo dos monumentos de falsa cúpula identificados em Barrancos, ponderamos duas situações: 1ª) em concordância com António M. Soares quando afirma que “*Outros tholoi existem no Alentejo, publicados ou não (como é o caso dos de Barrancos* (2008, p. 45); 2ª) que não foram efetivamente estudados, razão pela qual não são mencionados em trabalhos posteriores, como é o exemplo “*Megalitismo e Metalurgia. Os Tholoi do Centro e Sul de Portugal*” de Ana Catarina Sousa. Neste estudo, a arqueóloga expõe o “*estado dos conhecimentos relativos aos tholoi do Centro e Sul de Portugal*” (Sousa A. C., 2016, p. 209), no qual, também apresenta o mapeamento dos sítios (Anexo 3B), mas a ocorrência em Barrancos não é referida.

Nos inícios dos anos 80 (século XX) nos trabalhos de elaboração da Carta Geológica de Portugal, são referenciados três monumentos megalíticos no concelho de Barrancos: “*Na área abrangida pela folha de Barrancos na escala 1:50 000, assinalamos três monumentos megalíticos, a leste do monte da Ordem e à Fonte de Cortegano, junto do caminho para Vale de Corcho e ainda um Castro a E SSE do v. g. Lobo* (Perdigão, Oliveira, & Ribeiro, 1982, p. 50).

As antas referenciadas, junto ao caminho de Vale Corcho são agora identificadas como Eira da Cortiça 1 e 2. Quanto à que se localiza a leste do monte da Ordem ainda não foi por nós relocizada.

Nos finais dos anos 80 e inícios dos 90 do século passado, a autarquia com a colaboração e orientação do arqueólogo Carlos Tavares da Silva deu início aos trabalhos

de identificação e registo dos sítios arqueológicos do concelho com o objetivo de constituir a Carta Arqueológica de Barrancos (CAB). Por razões que desconhecemos, o projeto não foi terminado, mas ficou um registo de localizações de sítios ou potenciais arqueossítios. Neste trabalho constam mais de 70 sítios inventariados, entre os quais os monumentos megalíticos Mamoa do Almeneiro e Anta do Cadaval.

No princípio do século XXI, Luís Miguel Vieira Rego, na Universidad de Huelva, apresenta o “Trabajo de Investigación de Tercer Ciclo” intitulado “*Noudar (Barrancos): do Calcolítico à Vila Medieval*”, que versa essencialmente sobre o Vila/Castelo de Noudar. A investigação assenta sobretudo nos trabalhos arqueológicos levados a cabo em Noudar, mas também, como se impõe em qualquer estudo, realiza uma análise ao território envolvente do lugar onde se localiza. No capítulo “Leitura diacrónica do sítio de Noudar” (Rego L. M., 2001), recolhe um importante conjunto de informação acerca da ocupação do território limitado pelo rio Ardila e ribeira do Múrtega no concelho de Barrancos. No capítulo, dá conta dos espaços funerários “*hipoteticamente relacionáveis*” a Noudar contextualizados na “*sedentarização da região*” (*ibidem*).

O trabalho de Miguel Rego, ainda que não seja orientado especificamente para o estudo do megalitismo, constitui-se, ou isso pensamos, como o primeiro trabalho estruturado que contempla a ‘temática’ de forma particular, ainda que não de forma exaustiva. Na exposição da sua linha de pensamento indica, por proximidade, a Anta Eira da Cortiça I e o Monumento Eira da Cortiça II como prováveis estruturas funerárias relacionáveis a Noudar referindo também que, “*eventualmente marcam o limite do território da comunidade de Noudar*” (*ibidem*). Neste sentido, L. Rego aponta estas estruturas funerárias, assim como a Anta do Cadaval, concomitante com as linhas de água que lhes são próximas, como elementos de referência em zonas de passagem e penetração do território.

O conjunto de monumentos megalíticos supracitados é constituído por três antas, que se distribuem no interior do território demarcado pelo Ardila e Múrtega, numa posição relativamente próxima aos seus cursos: Eira da Cortiça 1 de “*corredor e câmara poligonal regular*” (*ibidem*); Eira da Cortiça 2 “*assemelha-se a um tholos*” (*ibidem*) com onze ortóstatos da câmara visíveis e anel a marcar os limites; a Anta do Cadaval é um monumento com corredor diferenciado que conserva cinco esteios da câmara e cinco pequenos esteios do corredor (*ibidem*).

Já na segunda década deste século, no âmbito do processo de classificação do Megalitismo de 2022, promovido pela Direção Geral do Património Cultural, constavam na lista seis monumentos do concelho de Barrancos: Eira da Cortiça 1, Eira da Cortiça 2, Almeneiro 1, Anta Monte da Ordem, Anta Barrancos 1 e Anta Barrancos 2. Do conjunto proposto só os três primeiros estavam convenientemente referenciados, porque os três restantes, à data, não estavam identificados, ou corretamente localizados no território, ainda que já tivéssemos notícias da sua existência na bibliografia que conhecemos. No entanto, foi por esta situação que nos propusemos localizar estes três últimos monumentos sendo neste contexto que, até ao momento, conseguimos localizar um deles: a Anta Barrancos 1, ou aquilo que resta dela.

Tomando em conta a informação atrás exposta, entendemos que, à exceção de Miguel Rego, poucos têm sido os arqueólogos a debruçarem-se sobre o megalitismo deste concelho, sendo que até à data não se têm desenvolvido estudos direcionados particularmente sobre o mesmo. Mas considerando todas as referências que por nós foram encontradas e os sítios relocados até à data, podemos definir as manifestações, cronoculturalmente integráveis no «fenómeno megalítico» com um conjunto de cinco antas (Eira da Cortiça 1 e 2, Anta do Cadaval, Anta de Barrancos 1, Portela do Lobo 2), uma mamoa (Almeneiro 1) e mais outros quatro monumentos funerários (Portela do Lobo 1, Choções 1 e 2 e Eira da Cortiça 3). Referir que, ainda são referenciados a Anta da Ordem (Perdigão, Oliveira, & Ribeiro, 1982) e Anta Barrancos 2 (Leisner & Leisner, 1959), que por nós ainda não foram localizadas, e “tholos” (Zbyszewski & Ferreira, 1967) (Santos & Ferreira, 1969).

Em síntese, o pouco interesse demonstrado pelo património arqueológico neste concelho contribuiu para a existência de breves apontamentos sobre a matéria o que faz com que a realidade aqui existente seja menos (des)conhecida. A parca bibliografia e os escassos trabalhos levados a cabo nesta região dificulta em grande medida, o início de qualquer estudo e em particular constitui-se como um importante obstáculo ao estudo do megalitismo. Por outro lado, este desinteresse aliado à exígua alteração do território derivada dos métodos de exploração, permitiu não só a preservação dos contextos existentes como também da paisagem onde se integram, o que torna convidativo estudar esta região.

“O mundo não é um acontecimento nem um comportamento, mas o espaço, o lugar, o cenário onde os eventos ocorrem e os comportamentos têm lugar.” (Alarcão, 2000: 38).

No presente e a partir de uma breve consulta¹² por “*tipo de sítio*” (anta/dolmem, mamoa, tholos, monumento megalítico e menir) e “*concelho*” (cada um dos treze do distrito de Beja) na base de dados Endovélico, disponível no Portal do Arqueólogo, verificamos que no Baixo Alentejo identificam-se 208 monumentos inseridos no termo no Megalitismo (Anexo 2). Este valor estará muito aquém da realidade, pois existe ainda informação dispersa por inúmeros artigos e estudos de casos locais, muitas vezes de difícil acesso, que dificulta a recompilação dos dados para o desenvolvimento de um trabalho mais completo. Por outro lado, a nossa pesquisa foi limitada única e exclusivamente à informação contida no Endovélico que, por diferentes razões, pode não estar atualizada.

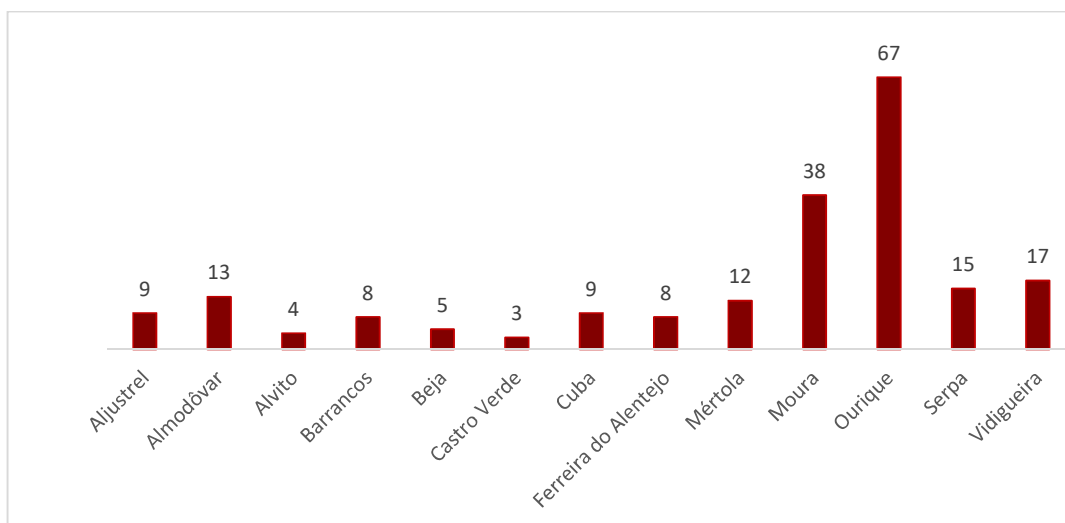


FIGURA 3: Gráfico indicativo dos monumentos megalíticos identificados no Baixo Alentejo.

Na observação do gráfico é patente uma acentuada disparidade no número de sítios identificados por concelhos, destacando-se sobre os outros, Ourique e Moura. Esta realidade pode dever-se a diferentes situações, mas uma que podemos apontar é o

¹² Consulta realizada em janeiro de 2025 em <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios>

investimento nos trabalhos arqueológicos que permitem a identificação destes monumentos que, por razões de arquitetura ou de conservação, podem estar impercetíveis na paisagem. De facto, os dois concelhos com o maior número de megálitos identificados foram zonas de trabalho ou estudo arqueológico a meados do século passado, por Octávio Veiga Ferreira e Abel Viana em Ourique e Fragoso de Lima em Moura.

Ainda queremos salientar que na nossa breve análise das estruturas megalíticas do Baixo Alentejo apenas incluímos as arquiteturas funerárias “*Tipo*”: anta/dolmen; mamoa; falsa cúpula tipo tholos e monumento megalítico em geral, simplesmente por serem estas as tipologias dos monumentos em estudo neste trabalho.

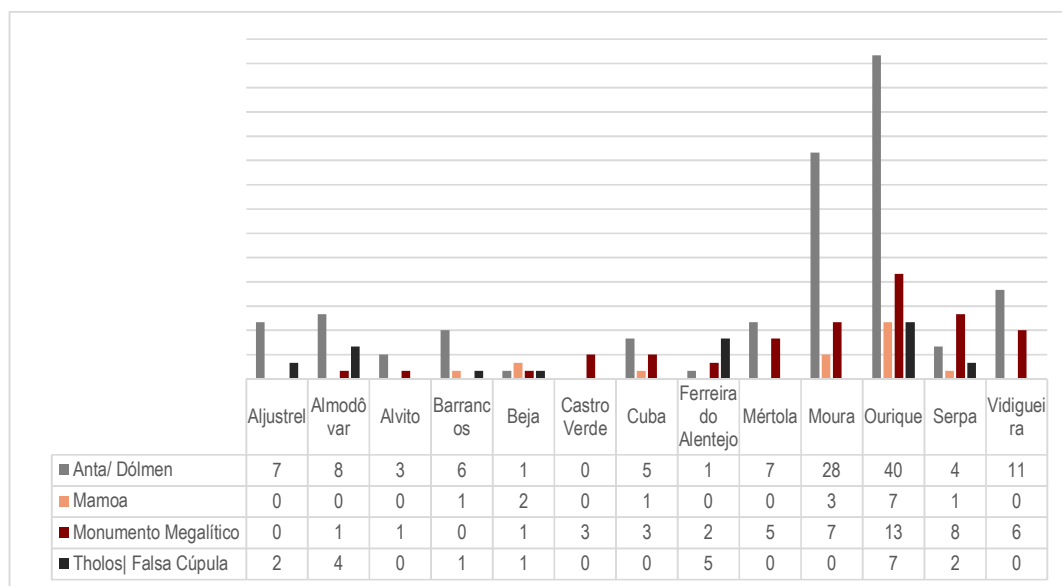


FIGURA 4: Gráfico indicativo da distribuição dos monumentos megalíticos por concelho e tipologias.

Em relação às arquiteturas, é evidente a quantidade de antas/dolmens comparativamente a outras tipologias de monumentos megalíticos na maioria dos concelhos. Contudo, essa predominância não é regra, tendo em consideração o caso de Castro Verde, um concelho com mais de 500 km² de área onde apenas se identificam três monumentos megalíticos, entre os quais não se reconhece qualquer anta/dólmen. Ou o caso de Beja, com mais de 1000 km² de área e apenas são identificados cinco sítios, entre os quais uma anta/dólmen. Ainda, podemos apontar o concelho de Ferreira do Alentejo, cuja quantidade de monumentos de falsa cúpula é superior ao das antas/dólmenes ou o de

Serpa, onde o número de monumentos megalíticos indeterminados é acentuadamente superior a qualquer outro registado nesse concelho.

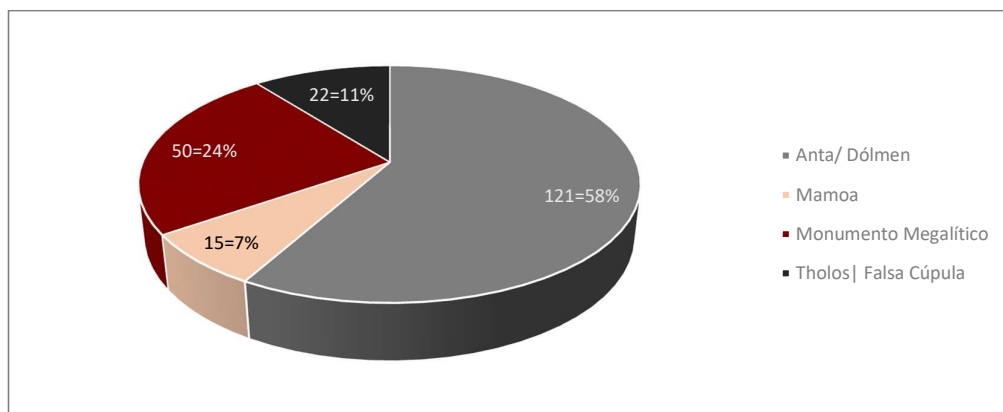


FIGURA 5: Gráfico indicativo de monumentos megalíticos em relação ao tipo.

De facto, relativamente ao tipo de sítio encontrado no território do Baixo Alentejo, trata-se essencialmente de antas/dólmenes, com mais de 50% do conjunto considerado, o que, em geral, se percebe a sul do Tejo em Portugal (Rocha, 2020). Não obstante, no mesmo conjunto, apreciamos que cerca de $\frac{1}{4}$ de sítios são classificados simplesmente como “monumentos megalíticos”, isto é, monumentos sem uma tipologia clara. Esta categorização indefinida, além de poder indicar que os ditos monumentos assumam formas/ arquiteturas indefinida ou destruturada ou de difícil compreensão pelo seu estado de conservação e visibilidade, este valor também pode expressar a escassez de trabalhos arqueológicos que proporcionem conhecimento para uma classificação mais precisa.

Apoiando-nos apenas nos dados disponível na BD Endovélico certamente não podemos chegar a conclusões categóricas acerca das manifestações funerárias praticadas pelas comunidades que habitaram este território durante o Neolítico e o Calcolítico. Contudo, e atendendo à informação arqueológica que consultámos, permite-nos caracterizar o conjunto megalítico funerário Baixo Alentejano como diversificado quanto a soluções arquitetónicas, ainda que não tenhamos tido em conta outras arquiteturas, que sabemos existirem no mesmo território.

A exclusão de outras arquiteturas, como são os hipogeus ou fossas, mutila uma análise de contextos funerários da Pré-História Recente no Baixo Alentejo, tendo em

atenção que nas últimas duas décadas têm sido localizadas “*arquitecturas negativas*” nesta região. De acordo com L. Rocha poderemos designar como arquiteturas negativas os “*monumentos que se encontram parcialmente ou totalmente enterrados, ficando, assim, praticamente invisíveis à superfície*” (2020, p. 82), onde se incluem os monumentos de falsa cúpula tipo tholos, os hipogeus e fossas. Neste contexto, convém mencionar o caso do concelho da Vidigueira, onde foi identificada a Sobreira de Cima (CNS 26331) em 2006, como a primeira necrópole de hipogeus, no distrito de Beja (Valera A. C., 2013).

A identificação, em número crescente, de arquiteturas funerárias negativas, lança novos dados para o conhecimento sobre as práticas e rituais das comunidades da Pré-História Recente na região Baixo Alentejana, questão que não pretendemos desenvolver neste estudo, mas assinalar que revelam um “*modelo de grande dinamismo cultural para o 4º e 3º milénios a.C., com a construção e utilização de diferentes arquiteturas funerárias*” (ibid, p.87).

No presente, se novos sítios têm sido identificados, em muito devido à arqueologia de salvaguarda, outros tantos, outrora referenciados, não são relocizados. Das mais de duas centenas de sítios com contextos funerários megalíticos inventariados ou com Código Nacional de Sítio (CNS) no Baixo Alentejo, unicamente 129 estão localizados ou pelo menos têm informação mais precisa da sua situação (Figura 6).

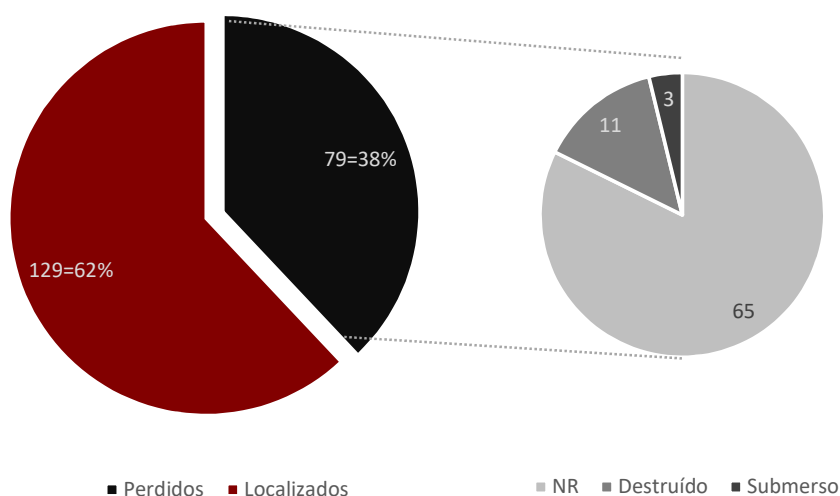


FIGURA 6: Gráficos indicativos dos monumentos megalíticos funerários localizados e não relocizados.

Em relação ao estado atual, um número considerável, ainda que indicativo, pois carece de estudos mais profundos, é o de sítios “perdidos”. No universo de 208 sítios inventariados, que por não serem relocados (NR), por destruição ou pelo péssimo estado de conservação que põe em dúvida a sua existência, e ainda outros submersos, 79 estão desaparecidos, o que atinge 38% da amostra. Porém, a sua interpretação deve ser cuidadosa, porque se observamos o gráfico (Figura 6) a esmagadora maioria dos “sítios perdidos” referem-se a “sítios não relocados” e não a sítios desaparecidos permanente, ou seja, pode significar, simplesmente, que, por diferentes motivos – conservação, visibilidade, primeira identificação errónea, localização inexata, entre outros – não são relocados no lugar alguma vez referenciado. Não obstante, estes números refletem o desconhecimento que temos sobre o megalitismo na região e para perceber o estado real dos monumentos funerários será imprescindível a execução de trabalhos de prospeção que permitam não só a identificação e geolocalização, mas especialmente o levantamento do estado de conservação.

Da consulta da base de dados do Endovélico, e considerando os números de sítios “perdidos” elaborou-se o gráfico seguinte que, apresenta por concelho a diferença entre os monumentos megalíticos, alguma vez identificado/ inventariado com o número de monumentos que, hoje estão *efetivamente* localizados ou que não tem indicação do contrário.

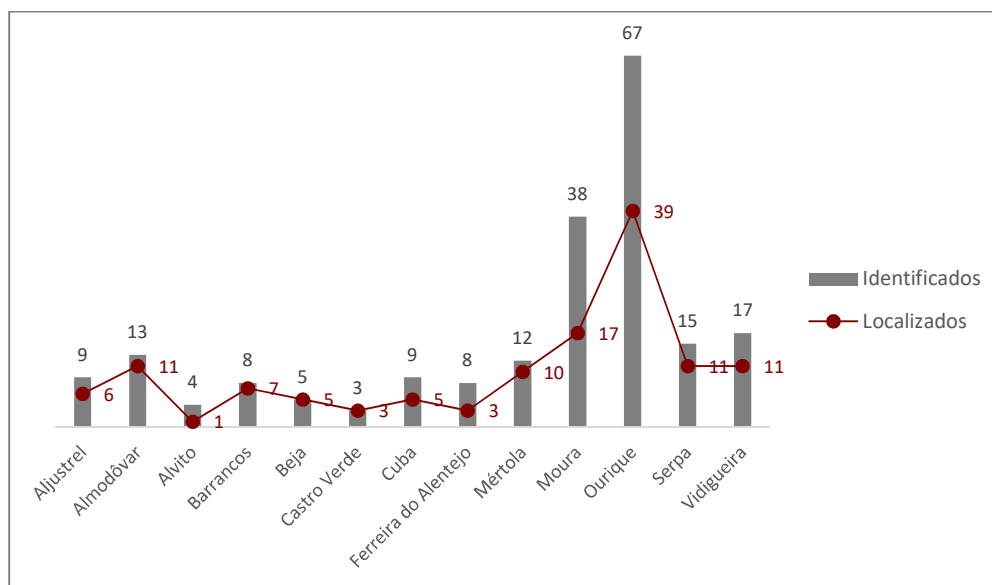


FIGURA 7: Gráfico indicativo do número de monumentos megalíticos localizados com relação ao número de monumentos alguma vez identificados.

Da observação do gráfico (Figura 7) é perceptível a provável perda de estruturas funerárias megalíticas na maioria dos concelhos, mas particularmente em Moura e Ourique onde verificamos uma quebra acentuada, que não é compreensível sem a execução de trabalho de campo que possibilite uma análise direcionada à questão. No entanto, através das informações disponíveis na BD Endovélico encontramos uma certa concordância se relacionarmos o número de sítios não relocados com a quantidade e tipo de trabalhos realizados no terreno (Figura 8).

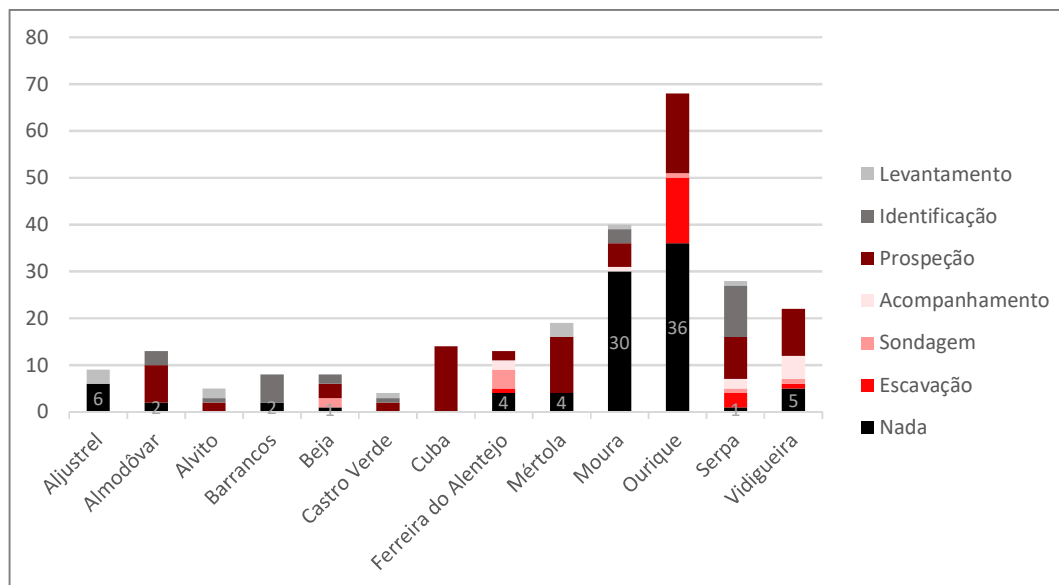


FIGURA 8: Gráfico informativo dos trabalhos arqueológicos realizados nos concelhos do Baixo Alentejo.

No caso de Moura e Ourique são os concelhos onde se identificam o maior número de monumentos, com 38 e 67 respetivamente, mas também são onde anotamos a maior quantidade de monumentos não relocados, porém constatamos que, sobre a maioria dos sítios por relocar, não se efetuou qualquer trabalho arqueológico que determinasse a situação dos mesmos. Por outro lado, também é de mencionar que foi no concelho de Ourique onde se desenvolveram mais campanhas de escavação, principalmente nos anos 50 e 60 por Abel Viana. Relativamente a trabalhos arqueológicos executados em monumentos funerários megalíticos (compreendidos nesta pesquisa), verificamos que apenas nos concelhos de Ferreira do Alentejo, Vidigueira, Serpa e Ourique se efetuaram trabalhos de escavação.

Na análise do gráfico (figura 8), apercebemo-nos que, grande parte dos trabalhos desenvolvidos são de reconhecimento, que proporcionam a identificação e uma breve caracterização e descrição ou apenas o registo das evidências.

Relativamente ao estado atual, face ao número de sítios inventariados, encontra-se, o que se acredita ser um número reduzido de monumentos funerários relocados no gráfico (figura 9), o que dificulta o conhecimento real do megalitismo na região.

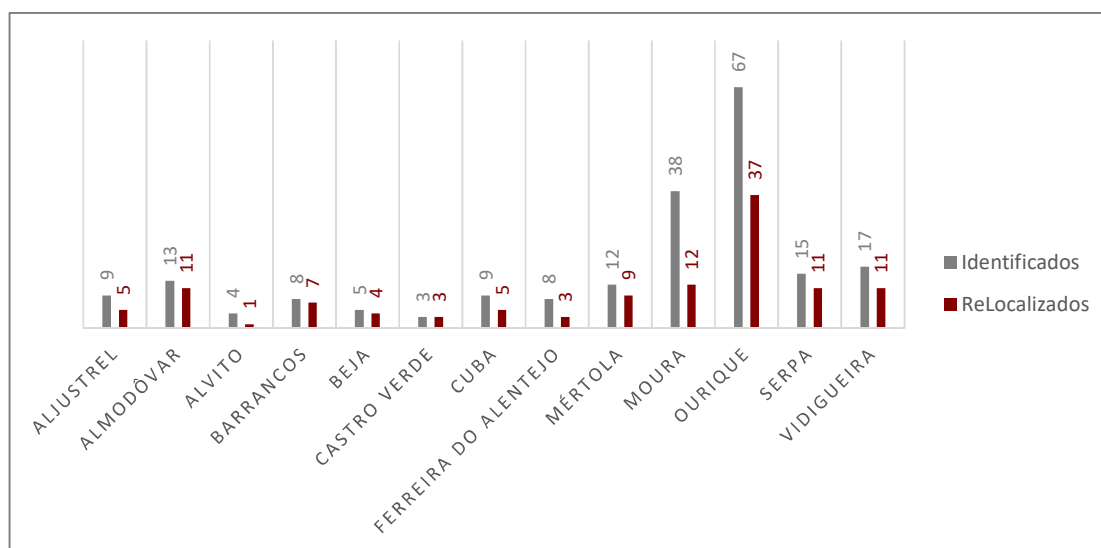


FIGURA 9: Gráfico indicativo do número de monumentos megalíticos presentemente relocados no território do Baixo Alentejo.

Quanto à arquitetura, desses mesmos sítios relocados, constatamos que a perda de informação verifica-se principalmente naqueles catalogados como monumentos megalíticos e antas/dólmen, em ambos os casos aproxima-se a uma perda equivalente a 50%. Contudo, verifica-se uma diversidade na arquitetura da casa dos mortos, ainda que se confirme a predominância de estruturas tipo anta/dólmen (55%) sobre qualquer outra.

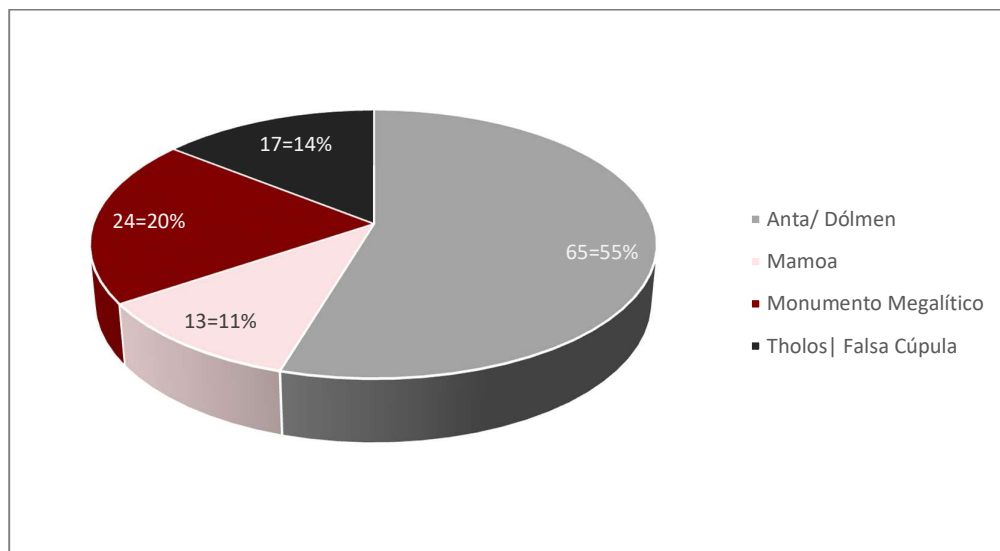


FIGURA 10: Gráfico indicativo do número de monumentos megalíticos funerários, por tipologia relocizados.

Capítulo 3

O TERRITÓRIO EM ESTUDO: MESOPOTÂMIA DO ARDILA E MÚRTEGA

“El entorno rige la vida humana: la latitud y altitud, la conformación del terreno y el clima determinan la vegetación que, a su vez, condiciona la vida animal. Y todo ello en conjunto determina cómo y dónde ha vivido el hombre. O al menos así fue hasta hace muy poco tiempo.”

(Renfrew & Bahn, 1993, p. 203)

3.1 | DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

“donde nos vemos obligados a crear unidades discretas en un mundo continuo.” (Paniego, 2021)

Temos presente que o estudo cultural não pode ser restringido pelos atuais limites administrativos e que nos primórdios a demarcação de espaço seria, em grande media, ditada pela Natureza ou por ela influenciada. No entanto, para a definição da área de estudo, tornou-se inevitável ceder aos limites políticos resultantes dos processos de definição de fronteiras político-administrativas. É evidente que nos períodos históricos a situação geopolítica é relevante para a compreensão da evolução da ocupação humana nesta região alentejana, e especialmente no concelho raiano de Barrancos, mas também é certo que estas “fronteiras” culturais, sociais e políticas, não têm qualquer correspondência no período objeto de estudo neste trabalho. No estudo das primeiras comunidades e dos seus lugares (povoados, sagrado-religioso, captação/aquisição de recursos), o espaço deverá ser observado sem contar com quaisquer divisões político-administrativas recentes, pois nada auxiliam ao entendimento das comunidades pré-históricas. Não obstante, por razões de exequibilidade, é necessário definir e/ou restringir a nossa área de estudo a uma extensão de território, que no caso, nos limitamos à área geográfica do concelho de Barrancos pelo que, a escala deste estudo é, assumidamente, local.

Barrancos é um dos treze concelhos do Baixo Alentejo, administrativamente situa-se no distrito de Beja, mais precisamente na região da margem esquerda do Guadiana. Pelas divisões geopolíticas atuais, Barrancos é uma região de “limites”: é concelho de fronteira entre Portugal e Espanha; de norte a nordeste estrema com Valência del Mombuey e Oliva de la Frontera, província da Extremadura e a leste/sudeste limita com Encinasola, província da Andaluzia; pela sua parte sul/oeste limita com o concelho de Moura (distrito de Beja, Baixo Alentejo) e a noroeste com o concelho de Mourão (distrito de Évora, Alentejo Central).

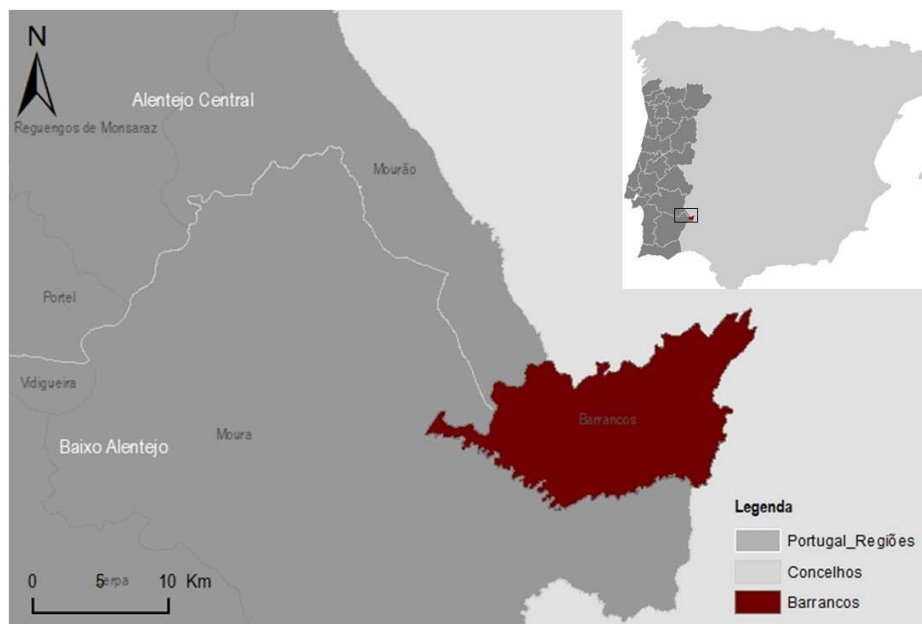


FIGURA 11: Enquadramento geográfico. Excerto do mapa administrativo de Portugal com indicação do concelho de barrancos

No presente, e ainda que limitemos o estudo a uma microrregião, porque não consideramos exequível alargar a área de estudo ao Baixo Alentejo ou à MEG ou à sub-bacia do rio Ardila, é fundamental contextualizá-la a uma escala maior, que para o caso apoiamo-nos no rio Guadiana enquanto elemento estruturante desta região. Em relação à historiografia do território, e referindo-se ao rio Guadiana, Aurélio Pérez Macías assinala que “*se encuentra siempre con la línea que marca el rio, de lo que separa y une*” (2018, p. 285). Se podemos entender os rios ou os seus cursos como elementos naturais demarcadores de território também é certo que funcionam como elementos estruturantes de povoamento e que são vias favoráveis de penetração e comunicação entre regiões.

Os atributos ou recursos naturais de cada região constituem-se como base permanente para a reorganização das comunidades e determinam em grande medida as características socioeconómicas das mesmas. O Alentejo apresenta uma grande diversidade tanto em termos geológicos como paisagísticos, o que muito deve ter determinado as multiplicidades culturais das comunidades que o habitaram, pelo que o seu estudo deve ter em conta limites geomorfológicos e ecológicos para uma interpretação das modificações operadas no seu povoamento e paisagem (Parreira, 1983).

Com esta premissa, para a delimitação da área de estudo considera-se fundamentalmente a componente natural, uma vez que esta, ao longo do tempo, mostra

ser estruturante para a dinâmica do povoamento e organização territorial. Nos mais distintos estudos e das diferentes épocas ou tempos percebemos que a hidrografia assume um papel importante para a definição de território ou demarcação de fronteiras. Neste aspeto podemos compreender a demarcação da área geográfica do concelho de Barrancos, definida em grande parte por cursos de água. Concisamente, Barrancos é delineado a norte pelo rio Ardila, a sul e oeste pelo seu afluente Murtigão e a Este, a fronteira com Espanha é demarcada com marcos referenciados, por vezes seguindo o curso de linhas de águas subsidiárias, como é o Arroio, o Barranco de Pedro Miguel e o Ribeiro do Cadaval. Esta situação não nos parece mero acaso, mas sim que para o traçado das fronteiras modernas também se recorreu a elementos naturais como demarcadores inatos para a divisão do espaço geográfico, verificando-se mais uma vez a primazia do fator Natureza.

No entanto, se excetuamos a reduzida extensão de aproximadamente quatro quilómetros, onde a fronteira é delineada pela ribeira do Múrtega, e a ténue linearidade fronteira por regatos subsidiários em zonas intervalares, nesta faixa, a fronteira internacional, no limite da região Autónoma de Andaluzia surge desprovida de uma “lógica natural”, o que deve ser resultado dos conflitos estadistas verificados entre Portugal e Castela, que só veriam a ver resolução em 1894 com a assinatura do tratado da Contenda. Estas dissonâncias conferem a este território uma configuração muito particular que “*penetra na Hespânia, como uma cunha*” (Vasconcelos, 1955), porém não se individualiza dos vizinhos, admitindo compartilhar um passado pré/histórico, nomeadamente numa lógica “ocupacional” e “organizacional”.

Após esta exposição, podemos dizer que, efetivamente, a delimitação da nossa área de trabalho assentou em duas condições, uma de índole natural e outra de carácter político-administrativa. No entanto, a determinação de estudar apenas uma fração foi condicionada pelo conhecimento prévio da localização das evidências arqueológicas.

O conjunto megalítico em observação acha-se particularmente disperso numa determinada área geográfica situada entre dois cursos de água, a ribeira do Múrtega e o rio Ardila. Este contexto poderá ter mais que uma explicação, mas sem dúvida que os cursos de água foram elementos essenciais para a fixação das primeiras comunidades agro-pastoris, assim como, para a dinâmica de povoamento.

Desta forma, abordamos o “*fenómeno megalítico*” num território natural compreendido na Região Hidrográfica do Guadiana, contido na bacia hidrográfica do rio

Ardila, mas centremo-nos numa unidade em particular: a mesopotâmia do Ardila e Múrtega. Esta área de configuração sensivelmente triangular, com aproximadamente 41 km² corresponde, *grosso modo*, ao sector Nordeste do concelho de Barrancos.

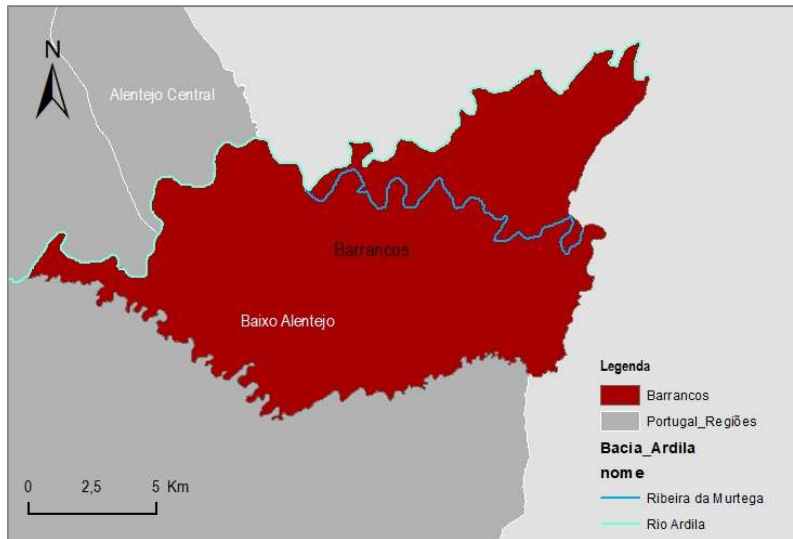


FIGURA 12: Delimitação da área de estudo. Mapa administrativo do concelho de Barrancos.

3.2 | BARRANCOS: O MEIO FÍSICO

“Barrancos, no Alentejo Baixo, está pôsto em sítio montuoso, e de constituição xistenta (...) Não pode definir-se facilmente nem com precisão a sua topografia. Logo na extremidade da estrada principiam a levantar-se outeiro, ou cerros, como lá se diz” (...)
(Vasconcelos, 1955)

A caracterização fisiográfica da área em estudo foi realizada com base na informação disponível quer a nível da cartografia (mapas do Atlas do Ambiente, na escala 1: 1 000 000, Carta Litológica, Carta Geológica, na escala 1: 50 000 e da Capacidade de Solos, na escala 1: 1 000 000, Estudo dos Recursos Hídricos Subterrâneos do Alentejo, na escala 1: 1 500 000, e respectivas Notícias Explicativas), quer nos estudos, gerais ou de especialidade, que alguns investigadores têm desenvolvido, como os de Nery Delgado, O. Ribeiro, S. Deveau, M. Feio ou J.M. Piçarra.

3.2.1 | GEOLOGIA

Do ponto de vista morfoestrutural, a região de Barrancos inclui-se numa das grandes unidades paleogeográficas e geotectónicas da Península Ibérica, mais propriamente na Zona de Ossa-Morena (ZOM), uma das zonas em que se divide o Maciço Hespérico ou Maciço Ibérico (PIÇARRA *et al*, 2001) (Anexo 4A). A ZOM é uma unidade paleogeográfica complexa e heterogénea que abrange grande parte do território alentejano e prolonga-se para Espanha, que apresenta características magmáticas, metamórficas e sedimentares claramente distintas das zonas que lhe são proximais, isto é, «*constitui um terreno tectonoestratigráfico*» (Moita P. , 2007, p. 10), que corresponde a uma entidade geológica com características estratigráficas, estruturais e petrológicas próprias.

Em termos da geologia regional, *a região de Barrancos enquadra-se no sector de Estremoz-Barrancos, que constitui uma das grandes divisões da Zona de Ossa Morena, em Portugal.*” (PIÇARRA *et al*, 2001, p.5).

As primeiras formações na região de Barrancos são assinaladas ao Câmbrio médio-superior, as restantes unidades distribuem-se no intervalo que vai entre o Ordovício Inferior ao Devónico Inferior.

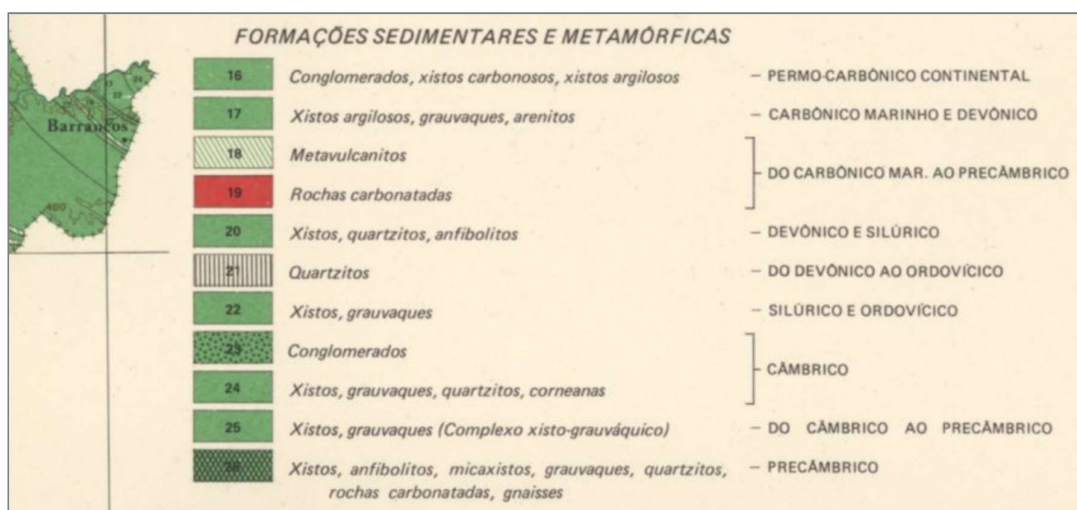


FIGURA 13: Enquadramento geológico. Excerto da Carta Litológica de Portugal à escala de 1:1000000.

3.2.2 | OROGRAFIA / GEOMORFOLOGIA

Em relação à geomorfologia da paisagem, no território em estudo, verificam-se “*deformações claras da peneplanície, como a elevação para a Serra de Barrancos*” (Feio, 1952, p. 351), constituindo uma área heterogénea, caracterizada pelos incessantes cerros e vales, por onde se encaixam ribeiros e barrancos que modelam a paisagem da região (Anexo 4B).

A peneplanície alentejana mostra grandes ondulações e alterações de altitude em diversos locais, derivadas, na maior parte das vezes, de deformações, como as das Serras de Barrancos, onde se encontram troços de superfície inclinados, subidas graduais e deformações indubitáveis (Feio, 1952). Na zona de Barrancos, “*entre os rios Ardila e Chança, existe um relevo importante*” (*ibidem* p.376) e a imensa planície alentejana é substituída por contínuos “*altos e baixos*” (Anexo 4C), com uma variação de altitude entre os 130/140 metros dos vales dos cursos de água e os 370 metros do Geodésico do Cerro do Cuco ou os 393 metro do Geodésico da Colorada, com declives que oscilam entre os 2% e os 25%.

3.2.3 | HIDROGRAFIA

Atendendo à hidrografia, a zona em estudo insere-se na Região Hidrográfica do Guadiana (RHG), que abrange 32 concelhos do Alentejo e Algarve, entre os quais a área total do concelho de Barrancos. A RHG é constituída pela bacia do rio Guadiana localizada em território português e as bacias hidrográficas das ribeiras de costa, incluindo as respetivas águas subterrâneas e águas costeiras adjacentes.

O rio Guadiana nasce em Espanha e desenvolve-se ao longo de mais de 800 km até à foz, no oceano Atlântico, junto a Vila Real de Santo António. Em Portugal, o rio tem um desenvolvimento total de 260 km, dos quais 110 km delimitam a fronteira.

A Bacia Hidrográfica do Guadiana (BHG) estende-se por Espanha e Portugal por uma superfície total de 66 800 km², compreendendo nove sub-bacias hidrográficas que incluem as principais linhas de água afluentes aos rios Guadiana, Alcarrache, Ardila, Caia, Chança, Cobres, Degebe, Múrtega e Xévor. Sob o ponto de vista morfológico, a BHG pode dividir-se em três zonas distintas: Alto, Médio e Baixo Guadiana.

O Médio Guadiana, onde se integra a sub-bacia do Ardila, corresponde ao bordo sudoeste do soco hercínico da Meseta Ibérica, constituído por formações metamórficas muito antigas e apresenta uma morfologia bastante acidentada, interrompida na faixa central pelas extensas veigas do Guadiana (Agência Portuguesa do Ambiente, 2016).

A área em estudo integra a sub-bacia do rio Ardila. O rio Ardila *“es el último gran afluente del Guadiana y posee más de 166 km de longitud, extendiéndose su cuenca aproximadamente 1820 km².”* (Paniego, 2020, p. 13) . O Ardila nasce em Espanha, na serra da Tentudía, província de Badajoz e desagua na margem esquerda do rio Guadiana, a jusante da Barragem do Alqueva no concelho de Moura, em Portugal. Em território português, a bacia hidrográfica do Ardila ocupa uma área com cerca de 820 km² e integra parcialmente os concelhos de Moura e de Mourão e a totalidade do concelho de Barrancos.

Na região que abarca o concelho de Barrancos *“o principal eixo de drenagem é o Rio Ardila”*. (Piçarra, Oliveira, Silveira, & Barbosa, 2007, p. 8). *“A região é drenada superficialmente pela sub-bacia do Ardila, da bacia hidrográfica do Guadiana, através das ribeiras do Ardila a Norte, da Múrtega na Zona Central e de Murtigão e seu afluente Arroio a Sul”*. (Perdigão, Oliveira, & Ribeiro, 1982, p. 48).

Os principais afluentes do Ardila, pela margem esquerda, são as ribeiras de Toutalga, de Safara, do Murtigão e do Múrtega e correm de SE para NW de acordo com o declive geral da peneplanície. (Piçarra, Oliveira, Silveira, & Barbosa, 2007).

O Múrtega nasce no município de Fuenteheridos, em pleno Parque Natural da Serra de Aracena e Picos de Aroche (Espanha), entra em Portugal no concelho de Barrancos, corre de leste para oeste até à sua confluência na margem esquerda do rio Ardila ainda neste concelho, no lugar das “Juntas”. O Múrtega corta transversalmente o concelho de Barrancos e ao longo do seu curso recebe alguns dos ribeiros subsidiários mais importantes da zona, como o Barranco de Pedro Miguel, o Ribeiro do Cadaval e o Barranco das Parras. (Anexo 4D)

3.2.4 | SOLOS

No Baixo Alentejo existe uma predominância de litologias de xisto e grauvaques, metavulcanitos e quartzitos, sendo os seus solos derivados deste tipo de formação

geológica. São solos que se qualificam por ser pobres e ácidos o que condiciona a sua aptidão. (Anexo 4E)

De acordo com a Carta de Solos, no concelho de Barrancos predominam os solos incipientes, subordem Litossolos. Os solos do tipo leptossolos são caracterizados por serem delgados que assentam diretamente sobre rocha-mãe. Normalmente, não têm estrutura, são esqueléticos, pouco profundos e têm baixo teor de matéria orgânica. O reduzido volume que estes solos apresentam faz com que se alaguem com facilidade ou com que sejam arrastados. São vulgares nas zonas montanhosas ou em áreas onde a erosão deixou as rochas expostas.

A Carta da Capacidade de Uso do Solo classifica os solos com base na aptidão, com características interpretadas tendo em vista a utilização agrícola. Na carta os solos são classificados em cinco categorias, representadas pelas letras A, B, C, D e E. As áreas A, B e C são as de maior aptidão agrícola. As áreas de classes D e E são as de maiores limitações de capacidade.

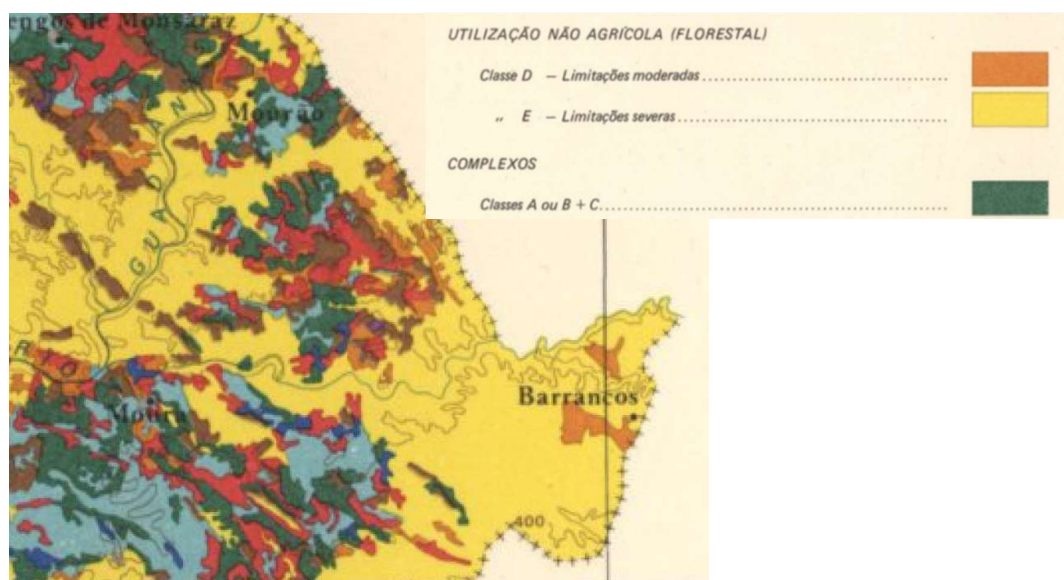


FIGURA 14: Enquadramento pedológico. Excerto da Carta de Uso e Capacidade de Solos à escala de 1:1000000 (SROA,1982)

Segundo a classificação da Carta de Uso de Capacidade de Solos (SROA) (Portugal, 1982) em Barrancos predominam os solos de Classe D e E (figura 14).

Assim, os solos de Barrancos caracterizam-se de acordo com o art.7º, alíneas e) e f) do DL n.º 73/2009, de 31 de março, como:

“e) Classe D - os que têm uma capacidade de uso baixa, limitações severas, riscos de erosão elevados a muito elevados, não susceptíveis de utilização agrícola, salvo em casos muito especiais, poucas ou moderadas limitações para pastagem, exploração de matas e exploração florestal;

f) Classe E - os que têm uma capacidade de uso muito baixa, limitações muito severas, riscos de erosão muito elevados, não susceptíveis de uso agrícola, severas a muito severas, limitações para pastagens, exploração de matas e exploração florestal, não sendo em muitos casos susceptíveis de qualquer utilização económica, podendo destinar-se a vegetação natural ou floresta de protecção ou recuperação.”

Naturalmente que as atuais classificações dos solos não se correspondem com o uso na pré-história ou quanto à aptidão e restrições para as atividades humanas, mas decerto que a pouca potencialidade produtiva foi fator determinante no processo de sedentarização e seguramente decisivo no modelo de exploração deste território. No concelho de Barrancos, a predominância de litossolos xistosos, escassamente produtivos, aliados aos declives abruptos restringem a atividade agrícola tornando-os mais aptos para sistemas florestais ou silvo-pastoril. Aqui, a pastorícia deve ter sido prática contínua na subsistência dos grupos e, com pequenos complementos agrícolas nos terraços de aluviossolos nas margens dos rios, uma atividade estruturante para o povoamento nesta região.

Ao longo dos tempos, por razões naturais (enxurradas, por exemplo) ou antrópicas, os solos são alterados, principalmente desde que o Homem intensificou a sua exploração através de processos de mecanização. Admitindo que o território de Barrancos não tenha sido alvo de profundas alterações, certo é que também as sofreu, modificando imensuravelmente a paisagem.

Capítulo 4

BARRANCOS: MEGALITISMO FUNERÁRIO

“As construções das sociedades do Neolítico Final/ Calcolítico do Sul de Portugal demonstram a existência de grupos populacionais que apesar de se comprovadamente terem contactos entre si, de trocarem materiais e matérias-primas, optam por técnicas construtivas diferentes para viver e para sepultar os seus mortos”

(Rocha, 2012, p. 194)

4.1. | MEGALITISMO: A AMOSTRA DISPONÍVEL

“(...) não por se tratar de muitos monumentos, mas de muitos monumentos numa única região. É certo que distribuídos por uma diacronia que está longe de ser curta (...)” (Gonçalves V. S., 1992)

4.1.1 | O CONJUNTO

O inventário, que de seguida se apresenta e que não resulta de qualquer prospeção exaustiva do concelho de Barrancos, mas sobretudo de trabalhos de prospeção seletiva que permitiram a relocalização e identificação dos monumentos, justifica novos trabalhos de reconhecimento sistemático do território que, certamente, propiciará novas e importantes evidências arqueológicas.

ACR	Topónimo	Tipo	Concelho Freguesia	Lugar	Latitude	Longitude	Orient.
EC1	Eira da Cortiça 1	Anta Dólmen	Barrancos	Coitadinha	38,173950	-7,010511	80°
EC2	Eira da Cortiça 2	Monumento megalítico	Barrancos	Vale Santa Maria	38,174332	-7,010129	70°
EC3	Eira da Cortiça 3	Monumento megalítico	Barrancos	Coitadinha	38,17457	-7,01161	150°
ACV	Anta do Cadaval	Anta	Barrancos	Cadaval	38,159817	-6,969290	80°
AL1	Almeneiro 1	Mamoa	Barrancos	Almeneiro	38,159746	-6,975023	
PL2	Portela do Lobo 2	Monumento megalítico	Barrancos	Portela do Lobo	38,184184	-7,017756	80°
PL1	Portela do Lobo 1	Tholos (?)	Barrancos	Portela do Lobo	38,184134	-7,017653	100
CH2	Choções 2	Monumento megalítico	Barrancos	Pintado	38,197085	-6,961245	70°
CH1	Choções 1	Monumento megalítico	Barrancos	Pintado	38,195797	-6,958717	135°
BA1	Barrancos 1	Anta Dolmen	Barrancos	Cantarinha	38,146800	-6,977027	

TABELA 3: Quadro resumo dos monumentos identificados no concelho de Barrancos com indicação da orientação da abertura.

O conjunto do concelho de Barrancos, até a data, é constituído por um total de dez monumentos funerários megalíticos (figura 15), ainda que tenhamos a informação de pelo menos de mais dois, ainda não relocizados. É o caso da Anta 2 de Barrancos, referida pelo casal Leisner, referenciada por Nery Delgado a 20 m da Anta 1 de Barrancos em direção a N 30°O (Leisner & Leisner, 1959, p. 248), e a Anta do Monte da Ordem, referenciada na Carta Geológica de Portugal - Notícia Explicativa da folha 44-B (Perdigão, Oliveira, & Ribeiro, 1982, p. 50) a qual ainda não conseguimos relocizar.

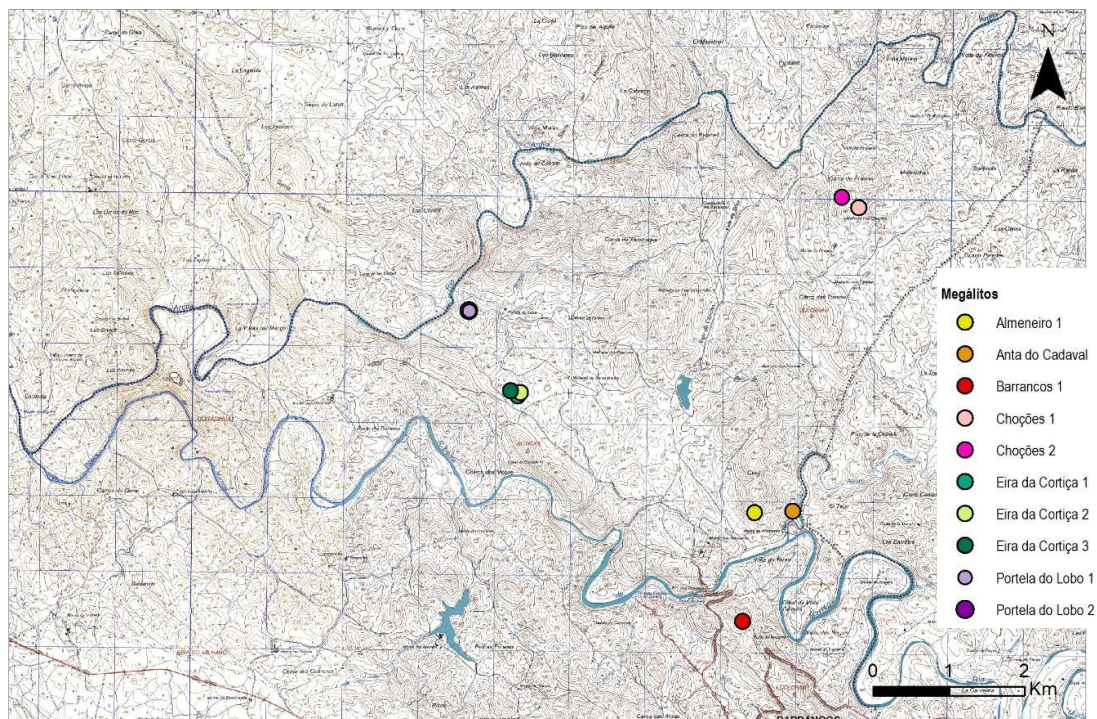


FIGURA 15: Monumentos megalíticos na bacia hidrográfica do Ardila e Múrtega na área geográfica do concelho de Barrancos, sobre CMP n.º 503 e 504 à escala de 1:25000.

Da observação do mapa¹³ de dispersão dos monumentos funerários megalíticos, denota-se, de imediato que, se atendermos a curta distância entre monumentos, estes encontram-se aglomerados em pequenos grupos de dois ou três elementos. O conceito de necrópole para este período temporal haverá que reconhecer que ainda não está suficientemente fixado. Várias são as opiniões de quem sobre problemática se tem debruçado. Entendem alguns investigadores que *“hablar de «necrópolis» implica reconocer una identidad de utilización y planteamiento que subyacería a todos los*

¹³ O mapa desenhado considera-se provisório, porque acreditamos que o desenvolvimento de trabalhos arqueológicos possibilite a identificação de outros monumentos megalíticos e forneça novos elementos para o estudo das primeiras comunidades agro-pastoris do concelho.

monumentos que configuran la «necrópolis», lo que conduce a suponer que todos ellos reunidos formaron un conjunto uniforme, creado por la misma práctica social e, incluso, por la misma comunidad.” (Criado Boado & Vaquero Lastres, 1993, pp. 236-237). Outros consideram que *“estes monumentos às vezes surgem isolados, mas, com frequência, ocupam zonas planálticas, podendo agrupar-se em necrópoles com continuidade espacial mais ou menos evidente.”* (V. & S. Oliveira Jorge, 2000, p.106). Perante uma indefinição parece-nos que a opinião destes últimos investigadores é aquela que melhor se aplica à nossa realidade. Portanto, usaremos o termo “necrópole” em sentido lato, referindo-nos a um conjunto de monumentos funerários que partilham um determinado espaço que, se situam *“perto uns dos outros, formando núcleos, ou mais afastados entre si, mas com suficiente proximidade para os podermos ligar – pelo menos em termos hipotéticos – à mesma necrópole”* (Jorge V. O., 2002, p. 20). Assim, atendendo à proximidade espacial, no caso em estudo definimos cinco conjuntos, de entre os quais, quatro podem ser considerados “necrópole”:

- **Eira da Cortiça** é constituída pelas sepulturas Eira da Cortiça 1, Eira da Cortiça 2 e Eira da Cortiça 3, que distam uma das outras a menos de 150 m conferindo-lhe um alto coeficiente de intervisibilidade;

- **Portela do Lobo** é constituída por dois monumentos que, distam entre si aproximadamente 50 m, conferindo-lhe completa visibilidade entre eles;

- **Cantarinha**, atualmente constituída apenas por um monumento, a Anta 1 de Barrancos (da Cantarinha), mas sabemos por referência de Nery Delgado que, nas proximidades, existiu pelo menos outro monumento (Barrancos 2);

- **Almeneiro/Cadaval** é composta por Almeneiro 1 e Anta do Cadaval, situados na mesma área geográfica, com proximidade relativa e visibilidade direta entre eles.

Ainda observamos o conjunto dos **Choções**, onde integramos os monumentos Choções 1 e Choções 2, situados na mesma área geográfica, mas sem visibilidade entre eles. Neste caso, são mais as dúvidas que as convicções para os considerar como necrópole, pelo que não nos referiremos a eles como tal.

Em geral, os monumentos identificados no concelho de Barrancos não mostram, aparentemente, nenhuma singularidade que mereçam um tratamento excecional, mas haverá que reconhecer que, numa área de mais de 268 km² se situem maioritariamente na mesopotâmia do Ardila e Múrtega. Será o resultado, exclusivo, de prospeções não

exaustivas? Ou será fruto de qualquer sistema da estruturação do território em tempos pré-históricos?

4.1.2 | OS MONUMENTOS FUNERÁRIOS

“Of those on the surface, most are megalithic, built with a small number of large stones, but some are made of large numbers of small stones, most notably the false-cupola tombs known as tholoi. Of the megalithic tombs, some are modest in size (...)” (Hoskin, 2009)

EIRA DA CORTIÇA 1

Monumento megalítico implantado numa pequena elevação na Herdade da Coitadinha, junto à estrada do Castelo de Noudar, a cerca de 100 metros do monumento funerário Eira da Cortiça 2 (Anexo 5, FIS N.º 1).



FIGURA 16: Fotografia Eira da Cortiça 1. Vista oeste.

A Anta Eira da Cortiça 1 encontra-se muito destruída, mas conserva cinco esteios de grandes dimensões de aproximadamente um metro de altura máxima, três deles pertencentes à câmara e os outros dois parecem definir um corredor. O monumento é

construído essencialmente em grauvaque, mas com grande inclusão de filões de quartzo, como é o caso do esteio de cabeceira que mostra os veios brancos. Tratar-se-ia, muito provavelmente, de uma anta de câmara poligonal e corredor curto, com abertura orientada a nordeste/este, sensivelmente a 80° (medida com bússola).

Da câmara diferencia-se o esteio de cabeceira de 0,80 m de altura por 2,00 m visivelmente inclinado para o interior. Um outro esteio está fraturado à altura do solo, ainda outro possível esteio, justaposto ao de cabeceira inclinado para o interior da câmara. Os três esteios delimitam parte da câmara que, a julgar pelas dimensões dos dois esteios laterais e a extensão de espaço vazio, conjecturamos teria sido de sete esteios, porém não observamos à superfície evidências dos mesmos.

Quanto ao corredor, um dos esteios encontra-se ligeiramente inclinado para o interior e tem dimensões de 0,94m de alto por 1,90 m de comprimento, o outro encontra-se na vertical (possivelmente devido à existência de uma azinheira no segmento final) e tem dimensões de 0,60m de alto por 2,20m de comprimento. Os dois esteios delimitam um corredor de lado convergente, isto é, a largura inicial de 1,10m é menor que a largura terminal com 1,70m (Anexo 6, Foto 2).

No interior da câmara, junto ao esteio de cabeceira são visíveis blocos de pedras, algum com dimensões consideráveis que, provavelmente integrariam o monumento. Pelo exterior, a circundar o esteio de cabeceira e prolongando-se pelo quadrante noroeste encontra-se um conjunto de blocos pétreos de grande dimensão, alguns pertenceriam à couraça do monumento, mas outros provavelmente seriam elementos da anta (Anexo 6, Foto 1).

Os vestígios da mamoa permitem conjecturar que teria uma extensão de 6,0m de diâmetro e seria constituída com blocos de grauvaques e de quartzo branco.

EIRA DA CORTIÇA 2

O monumento está implantado numa pequena elevação na Herdade das Russianas, junto ao caminho para o Monte da Ordem, a cerca de 100 m do monumento funerário Eira da Cortiça 1. À curta distância, distingue-se o artificialismo do relevo onde se ergue o monumento (Anexo 5, FIS N.º 2).



FIGURA 17: Fotografia Eira da Cortiça 2. Vista sul.

Monumento construído em xisto de câmara simples aberta. A câmara apresenta morfologia sub-retangular com 3,50 m no eixo longitudinal e 1,20 metro de largura (Anexo 6, Foto 4). A câmara conserva onze esteios com dimensões variáveis entre os 0,30 e 0,80 m de altura e 0,30 e 0,70 m de largura. Destaca-se o esteio de cabeceira com dimensões superiores, ainda que fraturado apresenta 0,80 m de altura e 1,20 m de largura. Oposto ao esteio de cabeceira, um dos esteios de acesso com 0,60 m de largura, ligeiramente inclinado para o exterior. O monumento orienta-se a 110° (leste-sudeste), medida de acordo com o seu eixo em toda a extensão (desde o centro do esteio de cabeceira ao esteio oposto, que identificamos como de corredor).

Na mamoa, ainda que com muitas lacunas, é bem perceptível a existência de um anel com aproximadamente 16 m de diâmetro. A mamoa, constituída por grauvaque com inclusões de blocos quartzos brancos, encontra-se bastante destruída em grande parte da sua área, mas está razoavelmente bem conservada no quadrante noroeste/nordeste (Anexo 6, Foto 5 e Foto 6).

O caso da Eira da Cortiça 2, pelo seu estado de conservação, torna-se bastante complicado caracterizar o monumento somente a partir do que é observável. Contudo, e de acordo com a seriação apresentada por J. de Oliveira (1997, p. 230) podemos integrá-la no tipo A2, ou seja, uma sepultura de câmara simples aberta, constituída por múltiplos esteios de xisto, orientada a leste com inclusão de blocos de quartzo na mamoa. No que se refere à sua implantação, aparentemente não se encontra num ponto evidente na paisagem, mas o montículo artificial do monumento decerto se destacaria na planura que o envolve e sobretudo com o quartzo branco incrustado na mamoa. Por outro lado, e considerando a sistematização apresentada por Leonor Rocha (2020, p. 82),

arquiteticamente podemos comparar o monumento Eira da Cortiça 2 com as pequenas sepulturas, esta de forma sub-retangular, aberta, com dois pequenos esteios que projetam o princípio de um corredor.

EIRA DA CORTIÇA 3

O monumento está localizado numa pequena elevação na Herdade da Coitadinha, na Cerca da Britadeira, a cerca de 100 m do monumento funerário Eira da Cortiça 1 e a 150 m da Eira da Cortiça 2 (Anexo 5, FIS N.º 3).



FIGURA 18: Fotografia Eira da Cortiça 3. Vista noroeste.

No topo da pequena elevação, dispersas num raio de 2,5m identifica-se um conjunto de xisto, grauvaques e quartzos que, pela sua organização, parecem pertencer a uma estrutura pétrea, exteriormente lembram a uma sepultura megalítica. Ainda que a estrutura apresente à superfície pedras de pequeno e médio calibre medianamente organizadas, o seu estado de conservação inviabiliza qualquer classificação rigorosa no que a arquitetura diz respeito. Precisamente sobre a estrutura, cresce uma azinheira com robusto sistema radicular provocando alterações da morfologia da planta da estrutura.

No entanto, na estrutura ainda se identificam entre os elementos pétreos o que parece ser uma abertura orientada a sudeste, ladeada por dois blocos pétreos (Anexo 6,

Foto 7). No quadrante nordeste denota-se uma delineação circular dos elementos pétreos, ainda que vários se encontrem cingidos pelas raízes da azinheira (Anexo 6, Foto 8); e distingue-se a organização dos elementos no quadrante noroeste (Anexo 6, Foto 9), onde encontramos uma laje de xisto em cutelo perpendicular a outro elemento pétreo, formando um ângulo reto.

PORTELA DO LOBO 2

Implanta-se no topo de um cabeço de mediana altitude a 207 m, no lugar da Portela do Lobo (Russianas). A pouco mais de 50 m, a sudeste localiza-o monumento Portela do Lobo 1. No sopé, de leste para noroeste corre o Barranco do Mourão até a sua confluência na margem esquerda do rio Ardila (Anexo 5, FIS N.º 4).



FIGURA 19: Fotografia Portela do Lobo 2. Vista norte.

Encontra-se muito destruída devido à lavoura do terreno e à presença de vegetação de médio/grande porte. Ainda conserva seis esteios fincados com dimensões de cerca de um metro de altura máxima e fragmentos de outros tombados.

Ainda que incerto, trata-se de um monumento de câmara e corredor indiferenciado em planta, formada por múltiplos esteios, dos quais ainda conserva cinco *in situ*, inclinados para o interior, com exceção de um deles, que se encontra descaído para o exterior. O ortóstato maior apresenta uma altura de mais de 1,0 m e 0,80 m de largo, mas

pela sua posição, pensamos que não corresponde ao esteio de cabeceira. A orientação do monumento, medida com referência ao seu eixo em toda a extensão, aponta para leste.

A mamoa apresenta uma extensão entre os 11 e 12m de diâmetro. Na estrutura pétrea, a nordeste onde se encontra mais bem conservada, entre os grauvaques ou xistos encontram-se quartzos; no lado leste são visíveis lajes de xisto, três de grandes dimensões, podendo corresponder a possíveis tampas do corredor (Anexo 6, Foto 11). De referir que, no lado sul o anel de contensão é construído por estrutura de pedra organizada, algumas de grandes dimensões. Sobre esta estrutura, observa-se um grande bloco de xisto com mais de 1,30m de comprimento que, colocamos a hipótese de ser elemento ortostático do monumento (Anexo 6, Foto 13).

Quanto a materiais associados a este monumento, são referidos três artefactos: uma enxó votiva BAR0030 (Anexo 8B), um machado de xisto e uma ponta de seta sob quartzo leitoso (Rego L. M., 2001, p. 78).

PORTELA DO LOBO 1

Implanta-se no topo de um cabeço de mediana altitude a 203 m no lugar da Portela do Lobo (Russianas). A pouco mais de 50 m, a noroeste localiza-se a anta PL2. No sopé, de leste para noroeste corre o Barranco do Mourão até a sua confluência na margem esquerda do Rio Ardila. (Anexo 5, FIS N.º 5).



FIGURA 20: Fotografia Portela do Lobo 1. Vista sul.

Trata-se de um monumento de câmara circular com quatro metros de diâmetro, aproximadamente, da qual ainda se conserva um conjunto de dezassete grauvaques, e aparentemente, de pequenas dimensões (Anexo 6, Foto 14). Da câmara distingue-se o

corredor orientado sensivelmente a 100º medido de acordo com o seu eixo. Do corredor conservam-se sete esteios, três de um lado e quatro do oposto. Possivelmente seria um corredor de lados paralelos com aproximadamente 3,80m de comprimento e 0,80m de largura (Anexo 6, Foto 16). A câmara situa-se no topo da colina aplanada e o corredor acompanha o declive da vertente (Anexo 6, Foto 15). Não queremos deixar de referir que, num dos esteios do corredor observamos linhas incisas, provavelmente derivadas dos trabalhos agrícolas (Anexo 6, Foto 17).

Como já se referiu, caracterizar um sítio que não foi escavado e cuja visibilidade é deficiente é um exercício especulativo, contudo, e somente derivado do observável, parece que encontramos certos paralelismos entre os monumentos PL1 (Barrancos) e o Monte da Velha 1 (MV1) localizado na freguesia de Vila Verde de Ficalho, concelho de Serpa, principalmente a nível da configuração superficial. Sobre MV1, A. Monge Soares diz tratar-se de um monumento que apresenta câmara circular de 3m de diâmetro e corredor de 4,5m de comprimento, “*ambos de tipo ortostático, podendo classificar-se como um pseudo-tholos*” (2008, p. 35) por não se encontrar “*vestígios de um tumulus propriamente dito, nem de qualquer base de uma estrutura pétrea de falsa cúpula*” (*ibidem*, p. 38). Ora, interpretando esta descrição, também a podemos aplicar ao monumento PL1, pelo menos quanto às evidências observáveis. Por outro lado, também podemos encontrar certas semelhanças no contexto de localização, porque o MV1 localiza-se próximo do Monte da Velha 2 (MV2), este um “*sepulcro de tipo dolménico*” (*ibidem*, p.34), o mesmo verificamos em Barrancos, onde o monumento PL1 se situa a escassos metros da anta Portela do Lobo 2.

Ainda atendendo à arquitetura do monumento, não descartamos a possibilidade de existir uma segmentação do corredor, à semelhança de MV1. No corredor, aos 2,20m, encontramos uma laje (22) perpendicular às restantes (Anexo 5, FIS N.º 5), que, possivelmente, divide o corredor em duas partes – um ligado diretamente à câmara, e um outro, que se poderá considerar como átrio, separado do primeiro pela laje (22) (porta?), como se verificou em MV1 (Soares A. M., 2008, pp. 35-37).

CHOÇÕES 1

É uma estrutura pétrea com mais de uma dúzia de grauvaques verticalmente implantados, situada no topo de um cabeço na Cerca do Pintado próximo da Malhada dos Choções. No sopé, de leste para noroeste corre o Barranco de Fatoquedo até a sua confluência na margem esquerda do Rio Ardila (Anexo 5, FIS N.º6.).



FIGURA 21: Foto Choções 1. Vista Oeste.

À superfície, aparenta tratar-se de um monumento funerário de planta sub-circular, sensivelmente com 6,0m de diâmetro, da qual apenas é observável meia estrutura. A semicircunferência é delineada por múltiplos esteios obtidos em xisto e grauvaque, justapostos e implantados na vertical (Anexo 6, Foto 21). A maioria dos ortóstatos está bem fixa, mas provavelmente são de pequenas dimensões, pois não ultrapassam os 0,25m acima do solo. A estrutura lítica que define a câmara funerária apresenta-se interrompida no segmento virado a sudoeste, aproximadamente a 135° (Anexo 6, Foto 19), a partir da qual parece delinear-se um corredor de lados paralelos, do qual são visíveis quatro esteios, um de maior dimensão (Anexo 6, Foto 18). A câmara situa-se no topo da colina completamente aplanada e o corredor acompanha o declive da vertente sudeste. No alinhamento do corredor, a menos de dois metros pode observar-se um amontoado de blocos de grauvaques, que provavelmente seriam constituintes da estrutura pétrea.

No interior da estrutura (semi)circular, frente à abertura, sensivelmente a 1,5m, acha-se parte de uma formação retangular (?), delineada por três lajes, duas paralelas e a

outra na perpendicular, fechando uma possível pequena estrutura tumular (?) de aproximadamente 0,50m de largo (Anexo 6, Foto 20).

CHOÇÕES 2

Monumento de xisto implantado num morro na Cerca do Pintado próximo da Malhada dos Choções com visibilidade para o Rio Ardila (Anexo 5, FIS N.º7).



FIGURA 22: Fotografia Choções 2. Vista noroeste.

A presença de um conjunto pedras, verticalmente erguidas e razoavelmente organizadas indicam a existência de uma estrutura, a qual não podemos claramente classificar devido ao seu estado de conservação. Encontra-se bastante destruída, consequência dos trabalhos agrícolas, mas também devido ao desenvolvimento das árvores que crescem sobre a área de implantação da estrutura. No quadrante noroeste existe uma azinheira com robusto sistema radicular que, decerto, provocou alterações na morfologia da estrutura.

Contudo, conseguimos individualizar, pelo menos, três segmentos: 1) no limite noroeste aflora um conjunto de ortóstatos dispostos em arco, conseguindo-se delinear uma circunferência com aproximadamente 5m de diâmetro (Anexo 6, Foto 22); 2) o conjunto de três lajes implantadas em cutelo, duas paralelas e a terceira na perpendicular, esboçando uma entrada à estrutura, orientada nordeste/leste, sensivelmente a 70° (Anexo 6, Foto 23); 3) no quadrante leste, fora do limite da circunferência de 5m de diâmetro, encontram-se dois ortóstatos justapostos, com alturas entre os 0,50m e os 0,60m (Anexo 6, Foto 24). Junto a estes ortóstatos estão depositados outros blocos pétreos, entre os quais, dois com mais de 1m de comprimento, possivelmente componentes da estrutura

(Anexo 6, Foto 25). Resumidamente e considerando o que nos é possível observar, provavelmente estamos perante duas estruturas, de algum modo interligadas. Por um lado, identificamos a estrutura aparentemente de planta circular, com abertura orientada a nordeste e por outro, teremos, provavelmente, dois ortóstatos justapostos e firmemente fixos.

ANTA DO CADAVAL

A Anta do Cadaval (CNS 28498) localiza-se na Herdade das Russianas, no sítio conhecido por Cadaval. Implanta-se numa quase impercetível elevação a uma cota de 194 m de altitude, num dos meandros do Ribeiro do Cadaval, próxima da confluência na Ribeira do Múrtega (Anexo 5, FIS N.º8).



FIGURA 23: Fotografia Anta do Cadaval. Vista nordeste.

Muito provavelmente, tratar-se-ia de uma anta de câmara retangular longitudinal com aproximadamente 2,3 m e corredor longo de 2,50 m (o comprimento é superior ao diâmetro longitudinal da câmara), orientado a leste-nordeste, aproximadamente 85°/90°. Da câmara conseguem-se identificar cinco ortóstatos, dos quais três *in situ*, dois completamente tombados, provavelmente devido à presença das árvores, ou consequência de violações. Observa-se de frente da abertura um vazio na câmara, e ainda que não seja evidente a sua existência, pensamos que seria o espaço do esteio de cabeceira

(Anexo 6, Foto 26). Dos três que consideramos *in situ*, os dois de maiores dimensões, com mais de um metro de altura, encontram-se na vertical, ou com uma ligeira inclinação para o interior da câmara ficando o último visivelmente inclinado para o interior.

No corredor de lados convergentes, de 2,5 m de comprimento, 0,90 m de largura inicial e 0,70 na parte terminal, distinguimos pelo menos quatro esteios que, visivelmente apresentam alturas inferiores à dos esteios da câmara, verificando-se, em alçado, uma clara diferenciação entre câmara e corredor (Anexo 6, Foto 27).

Quanto à mamoa, ainda se conservam vestígios da estrutura pétrea, sendo possível delimitar o anel de contensão com aproximadamente 8,0 m de diâmetro. Dos elementos pétreos dispersos à superfície notamos a clara inclusão de seixos rolados, o que não é estranho dada a abundância deste material nas envoltórias.

ALMENEIRO 1

A mamoa do Almeneiro 1 (CNS 28499) localiza-se na Herdade das Russianas, na parcela conhecida como *Almenêro*. Implanta-se num planalto de mediana altitude (200-250m), a meia encosta do Cuco, um dos cerros mais elevados da região com cotas a ultrapassar os 350 m de altitudes (Anexo 5, FIS N.º 9).



FIGURA 24: Fotografia Almeneiro 1. Vista sudeste.

Da estrutura, são visíveis inúmeros blocos de xisto e grauvaques da couraça pétrea que, exteriormente está delimitada por um anel pétreo de aproximadamente 16 m diâmetro. Ao centro, observa-se um ortóstato com pouco mais de 50 cm de alto e outros partidos pela sua parte superior. Também é visível outro provável esteio do monumento tombado sobre o montículo (Anexo 6, Foto 30). Sensivelmente, a partir do ortóstato implantado, no sentido nascente, observam-se dois alinhamentos sinuosos, mas paralelos de lajes de xisto apurados em cutelo, insinuando um corredor alongado e um possível átrio (Anexo 6, Foto 31).

BARRANCOS 1

O Casal Leisner mencionam uma nota manuscrita de Nery Delgado que refere a existência de uma sepultura em Barrancos (Leisner & Leisner, 1959, p. 246). Ainda na mesma obra, relatam a existência de dois monumentos megalíticos: Anta 1 de Barrancos (da Cantarinha) e Anta 2 de Barrancos. Destes dois monumentos indicam a sua localização aproximada e apresentam uma breve descrição. Também referem que a Anta 1 de Barrancos foi escavada por Nery Delgado em 1879, mas nada revelou até um metro de profundidade (Leisner & Leisner, 1959, p. 248).



FIGURA 25: Fotografia Barrancos 1. Vista leste.

Atualmente acreditamos ter relocado um destes monumentos que pela descrição pensamos tratar-se da Anta 1 de Barrancos (da Cantarinha). Situa-se numa meia encosta na zona da Cantarinha, onde, no vale, de leste para oeste corre sinuosamente a ribeira de Múrtega (Anexo 5, FIS N.º10).

O túmulo possui aproximadamente 10 m de diâmetro. No lado da encosta, no sentido noroeste/nordeste, denota-se um talude o qual parece apoiar-se num conjunto de pedras de grandes dimensões delineando um arco (Anexo 6, Foto 32 e Foto 33). Entre este e a câmara, à superfície, existem muitas pedras de pequeno calibre e a terra é de coloração avermelhada, como já referiu Nery Delgado, assim o traduziu o Casal Leisner, “zwischen diesen und der Kammer rote Erde und Steine” (Leisner & Leisner, 1959, p. 248). Ainda é visível um conjunto de três ortóstatos, dois alinhados com orientação Leste-Nordeste e o outro colocado na transversal, que possivelmente serão os restos de uma pequena câmara de interpretação incerta (Anexo 6, Foto 34). À superfície, também se acha uma pedra com mais de 1,20 m de alto que provavelmente seria um dos esteios (Anexo 6, Foto 35).

Aquando da visita e realocação do monumento verificamos que o solo foi desmatado e arado, o olival que existiu até há relativamente pouco tempo, foi substituído por uma plantação de figueiras da índia e procedeu-se à instalação de sistemas de rega gota-a-gota, abastecido por um furo de água extraída com ajuda de uma bomba de água, alimentada por energia solar. As placas solares e a “casa da bomba” foram instaladas a escassos metros, para nordeste, do sítio onde se implanta o monumento Barrancos 1. As diferentes intervenções agrárias alteraram a paisagem, mas também aceleraram a destruição do monumento, restando apenas poucos vestígios de Barrancos 1 e, certamente provocaram o desaparecimento do monumento Barrancos 2, também referenciado por Nery Delgado. A julgar pela referência da localização, “20 m von der vorigen entfernt in Richtung N 30° 0” (Leisner & Leisner, 1959, p. 248), este segundo monumento poderia encontrar-se no sítio onde se instalaram as placas solares.

4.1.3 | RESUMINDO MORFOLOGIAS

Em relação às tipologias arquitetônicas, atendendo o reduzido número de monumentos, nenhum escavado, o estado de conservação ou a visibilidade, consideramos prudente adotar nomenclaturas abrangentes e pouco particularizadas, contudo não deixaremos de apontar algumas ilações extraídas da análise da informação recolhida.

No caso do concelho de Barrancos, região de xisto, naturalmente os monumentos são erigidos nesta rocha de fácil fratura, que juntamente com as ações do Homem, chegam a nós mutilados e deformados e muitas vezes tão descaracterizados que se torna difícil uma classificação rigorosa. Porém, são isoláveis dois tipos arquitetónicos: antas (EC1, PL2 e ACV) e outros monumentos megalíticos (BA1, EC2, EC3, AL1, CH1, CH2 e PL1). Na segunda tipologia integramos a maioria dos monumentos, e são aqueles que, por diferentes razões não conseguimos atribuir uma classificação mais rigorosa. Todavia, entre os “outros”, cremos reconhecer monumentos de falsa cúpula ou tipo tholos (PL1 e CH1(?)).

À superfície, percebemos grandes diferenças entre os primeiros e os “outros”, essencialmente na monumentalidade, enquanto as antas EC1, PL2 e ACV apresentam-se mais monumentais em altura, os monumentos PL1 e CH1 surgem com maior número de elementos mas desenvolvem-se num plano mais horizontal, pois apenas se reconhecem à superfície, desenvolvendo-se no subsolo, pelo que L. Rocha os inclui nas designadas “*arquiteturas negativas*” (2020, p. 82). Quanto a elementos dos monumentos funerários megalíticos, V. Gonçalves aponta: “*As antas incluem (...) o tumulus ou mamoa (...) construída com terra e anéis de pedra (...); uma Câmara [compostas por] esteios [e] chapéu (...) Corredor (...) normalmente coberto por tampas monolíticas (...). [possível] pequeno átrio (...) Os tholoi, ou monumentos de falsa cúpula, integram quase todos os componentes essenciais das antas (...)*” com técnica particular de construção (1992, pp. 174-175) (1999, pp. 11-12).

Tendo por orientação os componentes citados, seguidamente apresenta-se a sucinta descrição do conjunto de monumentos identificado em Barrancos:

- i) No que diz respeito às mamoeiras, a cobertura dos monumentos ou a estrutura de proteção do sepulcro, encontramos evidências claras da sua existência em EC1, EC2, PL2, ACV, AL1 e provavelmente, remanescência no sítio de BA1. Pelo contrário,

não achamos vestígios superficiais em PL1, CH1 e CH2. Referente aos anéis, percecionamos a sua limitação nas mamoadas, aproximadamente compreendem-se entre 7m da EC1 e os 16m da EC2 e AL1.

ii) Em relação às câmaras dos monumentos, é possível reconhecer que são câmaras abertas, genericamente, orientadas a nascente. Considerando o estado de conservação e sem escavação arqueológica, é difícil perceber as morfologias, contudo distinguem-se: as subcirculares de PL1 e CH1, com 4 e 6m de diâmetro respetivamente, e possivelmente a CH2; a sub-retangular longitudinal da EC2 e ACV; talvez a poligonal de EC1, originalmente constituída por cinco ou sete esteios, dos quais apenas três se encontram visíveis; e quanto às outras não conseguimos propor uma classificação. Com base nos critérios estabelecidos inicialmente, as dimensões das câmaras variam entre pequena (ACV), Média (PL1, EC1 e EC2) e muito grande (CH1).

iii) Nos monumentos identificados, à superfície, não distinguimos nem encontramos evidência da existência de chapéus ou cobertura, excetuando PL2, que no caso, ponderamos tratar-se de tampas de corredor.

iv) No que se refere ao corredor, os identificamos em ACV, AL1, EC1, CH1 e PL1. Quanto à forma distinguem-se duas categorias, de acordo com a disposição dos esteios do corredor: paralelo (PL1, AL1 e CH1) e convergente (ACV e EC1). Relativamente à dimensão, com base nos critérios estabelecidos inicialmente, verificam-se corredores curtos (EC1 e PL1) e corredor longo (ACV). Ainda se distingue o corredor de AL1 que não avaliamos por falta de medidas. Contudo, percebemos que se poderá tratar dum corredor terminando num átrio.

Portanto e apesar de algumas coincidências, em relação às arquiteturas, a variabilidade também é um ponto comum, pois no nosso conjunto reduzido, registamos monumentos com variabilidades, especialmente a nível do corredor.

4.2 | MEGALITISMO FUNERÁRIO NA MESOPOTÂMIA DO ARDILA E MÚRTEGA: ARQUITECTURAS, ORIENTAÇÃO E SUPORTES

“A primeira questão é, pois, a de sabermos se se pode extrair algo de nada. Como é frequente, apesar de aparentemente absurdo, a resposta pode ser afirmativa, se o nada for, afinal, alguma coisa. Ainda assim, os custos são naturalmente elevados, a nível da fiabilidade das conclusões.” (Gonçalves V. S., 1989, p. 347)

Presentemente, descrever em pormenor as estruturas funerárias quanto à arquitetura torna-se complexo sobretudo devido ao seu estado de conservação. Como evidencia J. de Oliveira quando explica que sistematizar tipologicamente as sepulturas identificadas, quando não foram escavadas, nem suficientemente limpas, inviabiliza qualquer criteriosa classificação, porque por baixo dos estratos, as estruturas podem revelar-se completamente distintas àquelas que são percecionadas à superfície (1997, p. 230). Contudo, em Arqueologia, o estudo da arquitetura dos monumentos é um dos meios de que dispomos para nos aproximar às práticas funerárias das comunidades agro-pastoris e metalúrgicas da Pré-História. Neste sentido, tentar-se-á propor um primeiro ensaio ou aproximação ao megalitismo funerário da área em estudo, principalmente a partir dos elementos arquitetónicos visíveis e não tanto da planta do monumento que, maioritariamente é ignorada. Simultaneamente, num esforço de juntar conhecimento sobre estes monumentos, tentar-se-á encontrar possíveis paralelismos com outros, cujo estado de conhecimento se encontrem em fases mais desenvolvida.

4.2.1 | ARQUITETURA

Tendo como referência a sistematização apresentada por L. Rocha, em relação à arquitetura megalítica, no grupo em estudo percebemos que existem, pelo menos, duas tipologias e vacilamos quanto a uma terceira: i) as antas, com corredores de diferentes comprimentos e larguras, EC1, PL2 e ACV; ii) as estruturas de falsa cúpula PL1 e CH1 (?). Referente à terceira consideramos que EC2 pode-se integrar no tipo “*pequenas sepulturas em forma de ferradura, quadrangulares ou ovaladas, abertas ou fechadas, por vezes com pequenos esteios que esboçam um início de corredor*” (*ibidem*).



FIGURA 26: Monumentos funerários por tipo de corredor.

Aparentemente, em Barrancos, na mesopotâmia do Ardila e Múrtega encontramos uma pluralidade de soluções arquitetónicas: monumento sem corredor (EC2), monumento com corredor curto (EC1), monumento com corredor mediano/longo (ACV), monumentos de falsa cúpula ou *pseudo-tholos* (PL1) e outros que não conseguimos esclarecer, de que são exemplos AL1, EC 3, CH 1 e CH2.

Se achávamos curioso o facto dos monumentos megalíticos se encontrarem dispersos numa área concreta, ainda mais nos impressiona o hipotético polimorfismo de arquitetura e/ou tipologias num conjunto tão irrisoriamente pequeno. Não obstante, esta variabilidade morfológica decerto tem diferentes explicações e, a primeira que devemos apontar é a deficiente visibilidade. Esta dificuldade de interpretação poderemos encontrá-la em ACV e PL2, um e outro são antas, mas quanto ao desenvolvimento estrutural, permanecem todas as incertezas, nomeadamente as dimensões do corredor. Por outro

lado, as desigualdades morfológicas entre monumentos, teoricamente da mesma tipologia, vêm-se acrescidas pela utilização de blocos irregulares e não trabalhados (Gonçalves & Sousa, 2003, p. 209), (Rocha, 2010, p. 82). Em segundo, devemos evidenciar o estado de conservação estrutural, porque ainda sem se escavar, sabemos à partida que os monumentos foram provavelmente afetados ao longo de milénios. Dos monumentos em estudo, todos apresentam seguramente alterações estruturais, mas CH2 e EC3 são claramente dois exemplos onde observamos alguns monólitos completamente envolvidos pelas raízes e troncos das azinheiras que aí germinaram, dificultando uma leitura interpretativa das estruturas, ainda que superficial.

Mas outros fatores são possíveis para a variabilidade das arquiteturas, inclusivamente a destreza dos construtores (Gonçalves V. S., p. 124), que no caso tiveram de lidar com o xisto, rocha de fratura fácil, mas que dificulta a extração de megablocos, podendo, pois, justificar a não grandeza dos monumentos e por outro lado a quantidade de pequenos monólitos. Relativamente à dimensão dos monumentos, também devemos ponderar a capacidade de recursos humanos, pois a comunidade poderia não conseguir reunir esforços para a construção de grandes estruturas. (Andrade, 2009, p. 91). Das evidências existentes, com exceção a EC1 que apresenta menor número de esteios, mas de maiores dimensões, podemos depreender que, tanto na câmara como no corredor, os esteios são múltiplos, reforçados e geralmente encaixados entre si, como está evidente em EC2, ACV ou PL2.

À primeira vista, não identificamos a presença de chapéu nos monumentos, mas tal não significa que eles não tenham alguma vez existido, e permanecem ocultos ou dissimulados na envoltória ou foram extraídos posteriormente. Como expõe J. de Oliveira, em algumas ocasiões, a ausência das coberturas pode ser explicada pela sua reutilização em construções posteriores (2000, p. 138), o que admitimos ter acontecido no caso da ACV. Nas proximidades imediatas da anta observamos, a construção de estruturas de pedra seca para a sustentação do caminho e a escassos 20m encontra-se o vau empedrado do Ribeiro do Cadaval, construções que requereram muita pedra. Mas, também há a possibilidade que algumas das estruturas não terem tido a cobertura em pedra e por isso hoje já não existentes, a exemplo do que aponta P. Bueno Ramírez para alguns casos da Extremadura espanhola (1986, p. 46).

Dos monumentos identificados, somente PL2 evidencia indícios de possível cobertura na zona onde potencialmente se desenvolve o corredor. Este monumento

apresenta várias lajes de xisto dispostas na horizontal e contiguamente, na direção do nascente que seguramente serão coberturas de corredor ainda incluso na mamoa (Anexo 6, Foto 12). Como geralmente acontece em todas as arquiteturas funerárias megalíticas de xisto os corredores são sempre muito baixos e impossíveis de terem sido utilizados como passagens para a câmara. Assim, cremos que à semelhança dos monumentos de xisto da Bacia do Sever, o corredor não atingiria altura suficiente para que coberto permitisse efetivar a função de “*passagem*”, podendo, pois, ser elementos representativos ou simbólicos como propõe J. de Oliveira (1997, p. 232).

Num grupo megalítico como o de Barrancos, em que se dispõe de um tão reduzido número de monumentos megalíticos, para além de não escavados, tudo são incertezas. Contudo, notamos algum polimorfismo relativamente à arquitetura dos monumentos, que não só se justifica pelo estado de visibilidade e preservação ou pelos recursos disponíveis na região, embora este último, seja considerado fator determinante, como acontece noutras zonas de xisto, referido por J. de Oliveira sobre as (dis)paridades entre zona de xistos e zona de granito da Bacia do Sever (1997, p. 209).

Depois de apontar fatores naturais, humanos e pós-deposicionais como prováveis condições para o polimorfismo das estruturas funerárias identificadas na área da mesopotâmia do Ardila e Múrtega e atendendo à evidente diferença arquitetónica entre alguns dos monumentos, entre os quais salientamos o caso da necrópole Eira da Cortiça (EC1, EC2 e EC3) poderemos, contudo, propor um possível polimorfismo evolutivo.

Relativamente à arquitetura: a anta EC1 parece manter um modelo tradicional, de câmara provavelmente poligonal, formada por cinco ou sete esteios, organizados a partir do esteio de cabeceira claramente individualizado e corredor diferenciado, pelo menos, em alçado, de lados convergente na fórmula 1+1 (Anexo 5, FIS N.º 1 - croqui); quanto a EC2, trata-se de uma sepultura de câmara simples aberta, da qual são visíveis onze esteio organizados a partir do esteio de cabeceira (sob a fórmula 4+6), de câmara aberta orientada sensivelmente a nordeste, aqui distingue-se o esteio n.º 9 colocado em cutelo, demarcando a entrada (Anexo 5, FIS N.º 2 - croqui), morfologicamente comparável ou integrável na sistematização apresentada por J. Oliveira, na tipologia A2, ou seja, monumento de “*câmara simples aberta*” (1997, p. 230). O caso de EC3 tratar-se-á de uma possível sepultura simples, mas não conseguimos uma classificação mais concreta (Anexo 5, FIS N.º 3 - croqui).

No estudo do megalitismo da Bacia Hidrográfica do Rio Sever, em relação aos monumentos de xisto, J. de Oliveira, assinala os contextos geológicos e pedológicos, como fatores fundamentais responsáveis pela variabilidade morfológica, referindo que não só o influenciaram aquando da construção, mas também quanto à sua preservação, tornando “*difícil esgotar as variantes arquitectónicas*” (1997, p. 630) observadas na região na atualidade. Contudo, não exclui a “*possibilidade de uma natural evolução*” na arquitetura megalítica (1997, p. 615), e neste sentido, poderíamos ponderar o caso de uma evolução do “*simples para o complexo*”, um modelo que, desde o século passado, têm vindo a ser reconhecido, por diferentes investigadores, como Manuel Heleno (do pequeno para o grande monumento) ou V. e G. Leisner, e mais recentemente L. Rocha, como parte da explicação do polimorfismo arquitetónico do megalitismo funerário (Rocha, 2005).

Vários são os autores que admitem nas arquiteturas e no espólio votivo recuperado, diferenças cronológico-culturais entre os monumentos simples e os monumentos complexos. No nosso caso de estudo, em estado embrionário de conhecimentos, em que apenas apreciamos uma diferença arquitetónica entre monumentos dentro de um mesmo espaço, não devemos nem podemos, por insuficiência de dados e completa ignorância de contextos artefactuais, apontar qualquer teoria de evolução arquitetónica e muito menos inferir uma qualquer ordenação cronológica. Como L. Rocha assinala, a diferença arquitetónica pode derivar de “*alguma inércia perante a inovação*” (2005, p. 268) por parte dos construtores e não tanto do afastamento temporal, ou seja, pode acontecer que, ao tempo que já se erguem antas com corredor ainda se constroem monumentos de câmara simples.

No caso da necrópole Portela do Lobo, constituída, atualmente, apenas por dois monumentos, por PL2 (Anexo 6D) e PL1 (Anexo 5, FIS N.º 5 - croqui) geograficamente muito próximos entre si, a escassos 50m, mas aparentemente afastados cronoculturalmente: PL2, tipologicamente é considerado como anta e o PL1 como um provável monumento de falsa cúpula, tipo tholoi ou um “*pseudo-tholos*” usando a expressão de A.M. Soares (2008, p. 44) ao referir-se a Monte da Velha 1 (MV1), por não se achar evidências de um dos seus elementos característicos, a “falsa cúpula”. De PL1, apenas observamos os topos dos múltiplos esteios justapostos, obtidos em xisto, presumivelmente, implantados na vertical que, definem uma câmara circular de pequena dimensão. A estrutura lítica que define a câmara funerária apresenta-se interrompida na

face virada ligeiramente a sudeste, de onde arranca o corredor de lados paralelos, com sete esteios visíveis, sob a fórmula de 3+4, atingindo 3,8m de comprimento.

Em relação a tipologias, reconhece-se a antiguidade de antas face aos monumentos de falsa cúpula. No entanto, face ao estado atual dos nossos conhecimentos, é impossível estabelecer interpretações definitivas, difícil fazer sínteses e muito arriscado dar demasiada importância à diversidade da arquitetura, sobretudo quando se trata de estudar a evolução do megalitismo funerário (mesmo que numa escala micro-regional ou local), ou pôr em evidência uma sucessão temporal de formas de construção, mas aprecia-se uma variabilidade, ou diversidade quanto a arquitetura megalítica neste espaço.

Considerando o número reduzido de monumentos, o seu estado de conservação e reconhecendo-se que não dispomos de escavações em nenhuma estrutura, realmente torna-se muito difícil definir uma clara linha evolutiva atendendo aos elementos que na paisagem se evidenciam. Reconhecemos, que se projetarmos as formas mais ou menos evidentes nesta região na categorização genérica do megalitismo peninsular, poderemos aqui identificar arquiteturas simples, antas e estruturas de falsa cúpula. Desta forma estamos em condições de poder afirmar que desde, pelo menos o 4º milénio até ao 2º milénio antes de Cristo este território em estudo foi monumentalizado com estruturas funerárias.

4.2.2 | ORIENTAÇÃO

Relativamente à orientação dos monumentos, esta foi obtida com recurso a bússola de miradas tirada a partir do centro do esteio de cabeceira, passando pelo meio dos esteios que ladeiam a abertura. As medidas tomadas devem ser consideradas como relativas, considerando a possibilidade dos pontos de referência da estrutura poderem ter sofrido alterações ao longo dos tempos.

No diagrama expresso não estão presentes as orientações dos sítios Barrancos 1 e Almeneiro 1, por não ter sido possível a obtenção de ditos valores. No primeiro caso, justifica-se pelo estado de conservação do monumento e, no segundo, relaciona-se com questões de visibilidade aquando da visita ao sítio. Não obstante, no caso de Almeneiro 1, com certeza o monumento está virado a nascente, sensivelmente entre o intervalo 67,5º e os 112,5º.

No âmbito da interpretação da orientação dos monumentos megalíticos, M. Hoskin refere que *“The first question then to be asked of any group of dolmens is: Do the orientations fall into a pattern or are they random? (...)”* (Hoskin, 2009, p. 167).

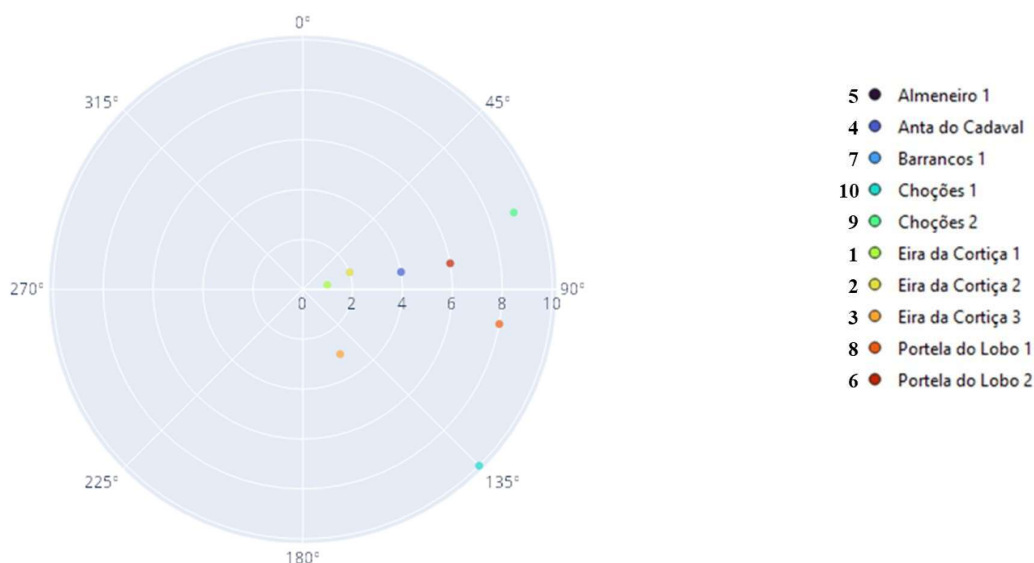


FIGURA 27: Diagrama exemplificativo da orientação dos monumentos em estudo em relação ao norte magnético.

Pela quantidade e qualidade dos dados recolhidos no diagrama (Figura 27) não formaremos grandes apreciações sobre a orientação das sepulturas megalíticas, mas parafraseando o Prof. V. Gonçalves a propósito das antas de Reguengos de Monsaraz, *“(...) certo é que nem para Poente nem para Norte foram elas orientadas, sobre isso a evidência é clara”* (1992, p. 41). Referente ao conjunto de Barrancos, através da observação do diagrama (figura 27), verificamos sem surpresa, a conformidade da orientação dos monumentos para nascente. Assim, e respondendo à pergunta de M. Hoskin, confirmamos que a orientação dos monumentos não é aleatória, mas que existe uma intencionalidade clara de os orientar para um determinado ponto.

Na verdade, uma das observações possíveis reside na similaridade em que a maior parte de estes monumentos foi orientado, pois notamos uma predominância entre os 67,5° e os 112,5°. Apenas dois monumentos, Choçães 1 e Eira da Cortiça 3, com 135°

e 150° respetivamente, estão fora do intervalo este-nordeste (ENE)/este-sudeste (ESE). E, numa análise mais atenta, verificamos que metade dos monumentos do nosso universo (5 em 10) inserem-se em padrões muito estritos, apresentando orientações entre os 70° e 90°.

Por outro lado, e se no global encontramos homogeneidade na orientação das aberturas das câmaras, com azimutes entre os 67,5° e os 112, 5°, o mesmo não notamos quando analisamos monumentos da mesma necrópole, denotando-se uma divergência significativa, como são os casos de Eira da Cortiça e Portela do Lobo. Em ambos os casos, a proximidade geográfica entre os monumentos possibilita a sua intervisibilidade, pelo que não podemos explicar a diferença do ângulo de orientação por fatores de invisibilidade, portanto dever-se-á a outra razão que, todavia, nos escapa. Neste quadro, importa evidenciar que, em ambos os casos, aparentemente as necrópoles são constituídas por monumentos de arquiteturas distintas.

Porém, se cruzamos o “tipo de monumento” com a orientação da abertura das câmaras, percebemos certa harmonização, ainda que estejamos a trabalhar com valores passíveis de correção. Não deixa de ser surpreendente a propensão das aberturas de EC1, PL2 e ACV se verificarem abaixo dos 90°, com tendência sobre os 80°, uma vez que são os três monumentos que classificamos com alguma segurança como antas. Com base neste aspeto percebe-se a intencionalidade de orientar o monumento em relação a um determinado ponto a que os construtores se sentiram impelidos a construir o monumento de forma que a sua orientação se ajustasse a esse padrão (Hoskin, 2009, p. 167).

Entretanto, considerando os estudos das orientações das antas de Reguengos de Monsaraz (Gonçalves V. S., 1992), dos monumentos da bacia do Sever (Oliveira J. d., 1997) ou os de Montemor-o-Novo (Oliveira, Rocha, & Silva, 2007) notamos algumas disparidades, o que pode ser consequência das nossas leituras menos corretas, por terem sido efetuadas em monumentos de arquiteturas imprecisas e não escavados, como é exemplo EC3, de tipologia/planta indeterminada que parece apresentar uma orientação anómala de 150°. A orientação dos monumentos identificados no concelho de Barrancos inserem-se no intervalo de 70° (EC2) e 150° (EC3), o que, no geral e numa leitura lata, se integram nos intervalos de amplitude apontados por aqueles autores: entre os 80° e os 160° no caso de Reguengos de Monsaraz e os 65° e os 135° para Évora (Gonçalves V. S., 1992, p. 155), entre os 81° e os 127° em Montemor-o-Novo (Oliveira, Rocha, &

Silva, 2007, pp. 61-64) e no caso dos monumentos da Bacia rio Sever percebemos a tendência para uma orientação igual ou maior que 90° (Oliveira J. d., 1997, p. 232;234).

Conquanto, o caso da necrópole Portela do Lobo, constituída pela anta PL2 e o *pseudo-tholos* PL1, com total intervisibilidade entre os monumentos, realizamos uma leitura 80° para PL2 e de 100° para PL1, o que nos parece uma diferença significativa dada a proximidade geográfica dos monumentos. Portanto, também pressupomos que a orientação da abertura para esses azimutes foi intencional. Se existe uma correlação entre o tipo de arquitetura e a orientação, é uma questão que, por todas as razões já mencionadas, mas especialmente por desconhecermos a posição exata dos esteios *ad inicio* não nos atrevemos a mais desenvolver este assunto.

No estudo das antas do concelho de Reguengos de Monsaraz percebemos uma inclinação para sul da abertura dos monumentos mais tardio. Tendo como exemplo aquele estudo e sem assumir qualquer resolução, se equacionamos sobre uma hipotética evolução relacionada com o desvio de orientação da entrada, não queremos deixar de anotar a situação de EC2 e EC1 e de PL2 e PL1, isto porque consideramos EC2 como sepultura de câmara simples com abertura orientada aos 70°; EC1 e PL2 como monumentos tipo anta com abertura orientada a 80° e PL1 como *pseudo-tholos* com corredor orientado a 100°, o que concorda com a teoria de evolução das arquiteturas “*do simples para o complexo*”, ou aceitação da anterioridade das antas em relação aos monumentos tipo tholoi.

Sabemos a direção para onde estão orientados mas, outra questão é: orientar em relação a quê? Assunto para o qual não reunimos contextos para apresentar.

4.2.3 | SUPORTES

A respeito do material utilizado na construção, parece que os recursos geológicos disponíveis ditaram a prática. Nesta região de formação xistenta, naturalmente, observa-se um grupo composto por monumentos erguidos com recurso ao xisto, porém, percebemos a integração de outras litologias nos componentes dos monumentos. Como já referido, algumas destas estruturas funerárias ainda conservam parte da couraça pétrea que recobre a mamoa, nas quais, podemos verificar a inclusão de lajes de xisto, blocos de quartzos e seixos rolados na sua composição. Para colocar dois exemplos, destacar o caso

de ACV, onde observamos o uso evidente de seixo rolado de calibragem diferente, mas predominantemente de tonalidades claras e o caso de EC2, na qual verifica-se o uso preponderante do quartzo branco.

A utilização de elementos pétreos para a proteção do *tumulus* é uma prática comum, não obstante, e quanto a preferência por tonalidades claras, esta pode ter uma função particular, podendo estar relacionada com a intensão de dar visibilidade ao monumento, assim como descreve P. Bueno “*la particularidad más notoria es el color de la piedra destaca a lo lejos en la superficie de la colina artificial ejerciendo en el paisaje una señal evidente de la localización*” (1986, p. 86).

A respeito da matéria-prima utilizada na construção do monumento voltaremos a falar no capítulo seguinte, mas na ótica da procedência.

“Solo falta preguntar ¿por qué los hombres del Neolítico eligieron esos lugares para levantar sus espacios funerarios, es decir, sus espacios sagrados?” (Oliveira J. d., 2018)

A escolha de um determinado lugar para edificação de uma construção pode derivar de contextos de distintas naturezas ou da conjugação dos mesmos, como as *“condições físicas (topografia, vegetação, geologia, água, etc.), a valorização que é feita dessas condições, os objectivos pretendidos e a tradição (constrangimentos sociais)”* (Valera A. C., 2018, p. 16). Neste sentido, torna-se essencial conhecer o espaço porque *“perceber o lugar”* é, também, compreender as razões da sua escolha, ou conseguir fundamentos que justifiquem a eleição de um determinado lugar em detrimento de outro, o que implica avaliar as suas características físicas e perceber se houve anteposição de uma condição ou primazia por um determinado contexto.

No estudo dos monumentos funerários e, particularmente da sua distribuição no território, o uso dos sistemas de informação geográfica (SIG) permite-nos avançar com exposições mais concretas sobre a posição dos mesmos face ao meio natural, onde se integram e certamente se relacionam. Os SIG possibilitam observar a sua disposição na paisagem e perceber padrões de implantação, facilitando elementos preferenciais das comunidades pretéritas e que, possivelmente, nos aproxima, mais um pouco, do raciocínio e das ideologias dos construtores megalíticos.

Para o estudo de implantação dos monumentos megalíticos, como ponto de partida, servimo-nos de uma das questões apresentadas por M. Andrade: *“de que modo a paisagem influi o monumento?”* (Andrade, 2009, p. 77) para no final tentar compreender de *“que modo o monumento influi na paisagem”* (*ibidem*), a outra questão colocada pelo autor. Tentaremos perceber se a paisagem e os recursos locais ditam o tipo de monumento ou se o monumento é construído adicional à paisagem (marcar/reconhecer). Isto é, erguem-se monumentos conforme o meio natural? Ou procura-se efetivamente cumprir preceitos, mesmo que implique o aumento do esforço a empregar?

Será com base nestas dúvidas que elaboramos as análises subsequentes.

4.3.1 | DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

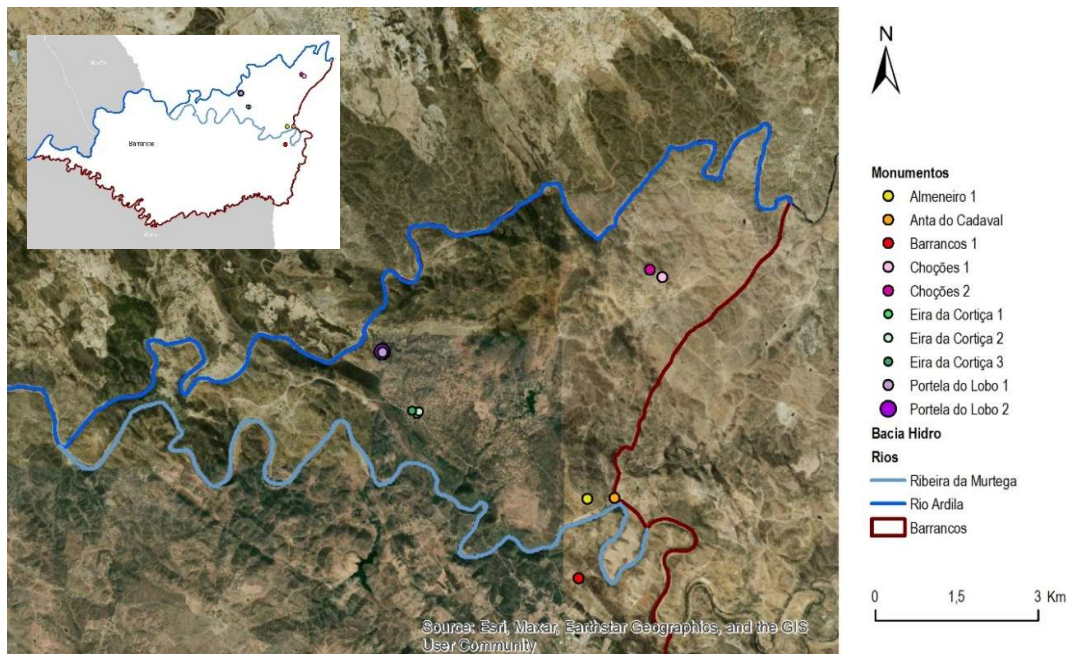


FIGURA 28: Distribuição espacial dos monumentos funerários.

Nos mais de 168 km² do concelho de Barrancos, o megalitismo até agora aqui identificado distribui-se numa área concreta demarcada pelas principais linhas de água da região, o que corresponde a aproximadamente 41 km² da área do concelho. Nesta região geomorfologicamente bem definida encontram-se estruturas funerárias megalíticas que, à primeira vista, variam quanto à tipologia e arquitetura, como anteriormente descrito. Em relação à sua disposição, através da observação do mapa (Figura 28), percebemos que estas acham-se aglomeradas em pequenos grupos dispersos pelo território contido nas bacias hidrográfica do Ardila e Múrtega.

O espaço é dinâmico: altera-se por eventos naturais, mas também é modificado pelo Homem. Essa transformação deverá encontrar-se “*cristalizada na Paisagem de uma época, podendo ser percebida através de padrões de implantação espacial, das estratégias de exploração de recursos, da zonação de actividades, comportamentos e construções (...)*” (Valera A. C., 2000, p. 119). Assim, no que respeita à implantação e posição dos monumentos funerários no espaço tentaremos, através de uma breve análise da paisagem, enquanto elemento aglutinador de eventos naturais e processos antrópicos,

reconhecer condições que possam ter desempenhado um papel relevante para a escolha do lugar de construção da casa dos seus mortos e a subsequente apropriação do espaço.

O estudo da localização dos megálitos na paisagem não só permite identificar prováveis condições que se consideram favoráveis para a sua implantação e construção, como também, possibilitam compreender o seu hipotético papel na apropriação e estruturação do território na Pré-História Recente.

4.3.2 | GEOLOGIA | LITOLOGIA

O contexto geológico em que estes monumentos se inserem é homogéneo. Como é evidente implantam-se sobre formações de rochas metamórficas, essencialmente rochas xistentas. Exteriormente, as estruturas funerárias, em análise, apresentam-se conformadas ou moldadas pelo contexto geológico onde se situam.

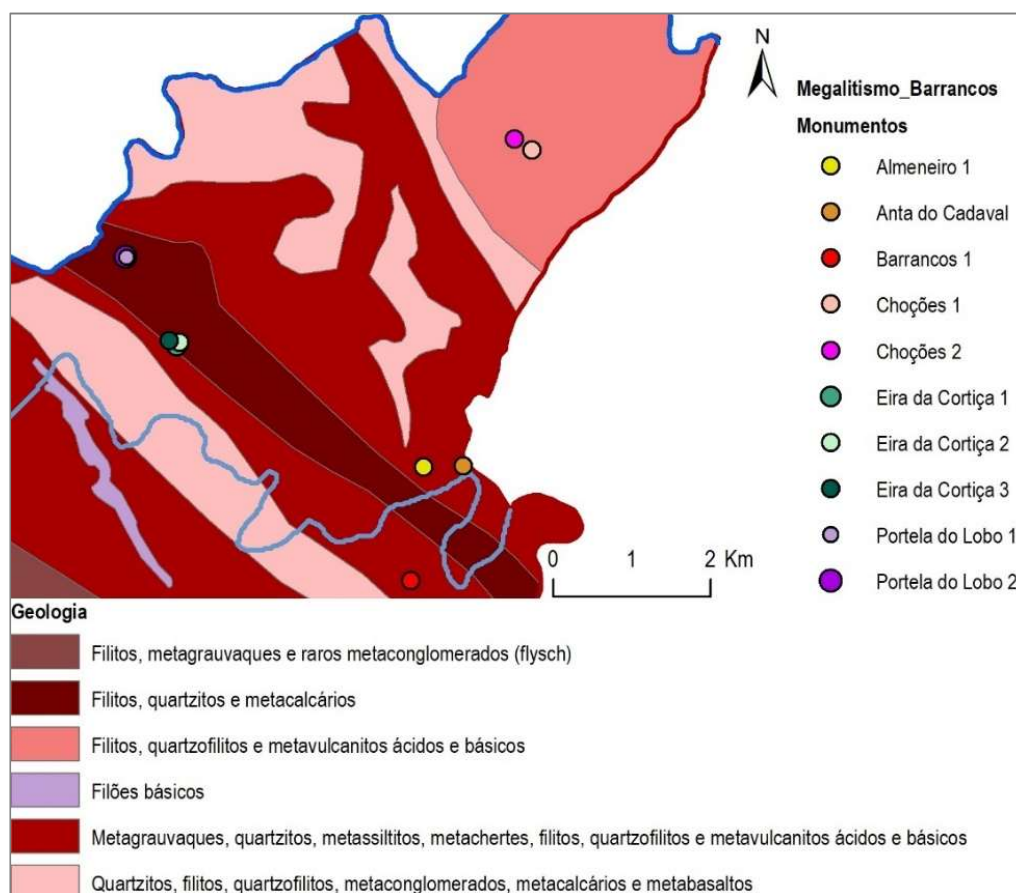


FIGURA 29: Mapa temático da geologia da área de estudo e implantação dos monumentos funerários.

Como já foi referido, o principal elemento empregue na construção das estruturas funerárias foi o xisto, mas outros, como o seixo rolado e o quartzo branco, foram incorporados nos monumentos, como podemos constatar *in situ* na ACV e AC2. Aparentemente, a diversidade do material utilizado parece relacionar-se com o contexto geológico/litológico em que se encontram implantados os monumentos.

No caso da ACV, erigida com recurso a blocos de xisto, identificamos, a nordeste e a menos de dez metros da sua implantação, um local de extração de pedra (Anexo 6, Foto 28). Trata-se de uma pedreira de pequenas dimensões, mas considerando que “*os construtores das antas de xisto procuraram formações rochosas com xistosidades vertical, provavelmente mais favorável à extração de lajes de maiores dimensões*” (Oliveira J. d., 1997, p. 210) desse local seria possível extrair os esteios do monumento. Em relação à integração de seixos rolados de rio, é um material abundante na envolvente, dada a implantação do monumento num meandro do ribeiro do Cadaval, a curta distância da sua confluência na da ribeira do Múrtega. Igualmente, reconhecemos a essa dinâmica de proximidade entre implantação de monumento e provável lugar de obtenção da matéria-prima nos monumentos da Portela do Lobo, onde a menos de 200 metros para sul afloram formações rochosas xistosas com inclinação quase vertical que, certamente facilitaria a extração de lajes para os esteios.

No caso da necrópole Eira da Cortiça, construída no sopé das Boticas (Anexo 7A), observamos que a utilização de quartzo é mais evidente, principalmente na mamoa da EC2. Conjuntamente é de assinalar que os esteios da anta EC1 são de grauvaque, mas apresentam veios quartzosos, característica litológica que podemos encontrar na formação das Boticas. Os esteios desta anta são de grande dimensão, em contrapartida é aquela que teria menor número de esteios e, até ao momento, em questão a volumetria, a EC1 seria a maior, não só da necrópole, mas também de todo o conjunto conhecido da mesopotâmia do Ardila e Múrtega. Considerando esta situação, ponderamos que as propriedades da matéria-prima utilizada foi fator determinante para a dimensão arquitetónica do monumento. Análoga a EC1, na EC3 verifica-se a predominância do grauvaque com veios quartzosos na construção da estrutura funerária, claramente visível *in situ*, mas esta de volumetria muito menor.

Relativamente a AL1, observamos afloramentos de dimensões considerável nas pendentes do Cuco. Igualmente acontece para BA1, onde são visíveis grandes afloramentos nas pendentes da Cantarinha, provavelmente, já à superfície no período temporal de construção dos monumentos, como consequência das lavagens do terreno, facilitadas pela própria geomorfologia declivosa da zona.

Ainda que não tenhamos efetuado o estudo petrológico, quanto à litologia construtiva, entendemos que os monumentos megalíticos da área em estudo encontram-se construídos com recurso à matéria-prima local. E, considerando o antes exposto, supomos que, maioritariamente, a matéria-prima provém das proximidades do lugar onde se ergue o monumento, não havendo a necessidade de percorrer grandes distâncias para a sua obtenção.

4.3.3 | REDE HIDROGRÁFICA

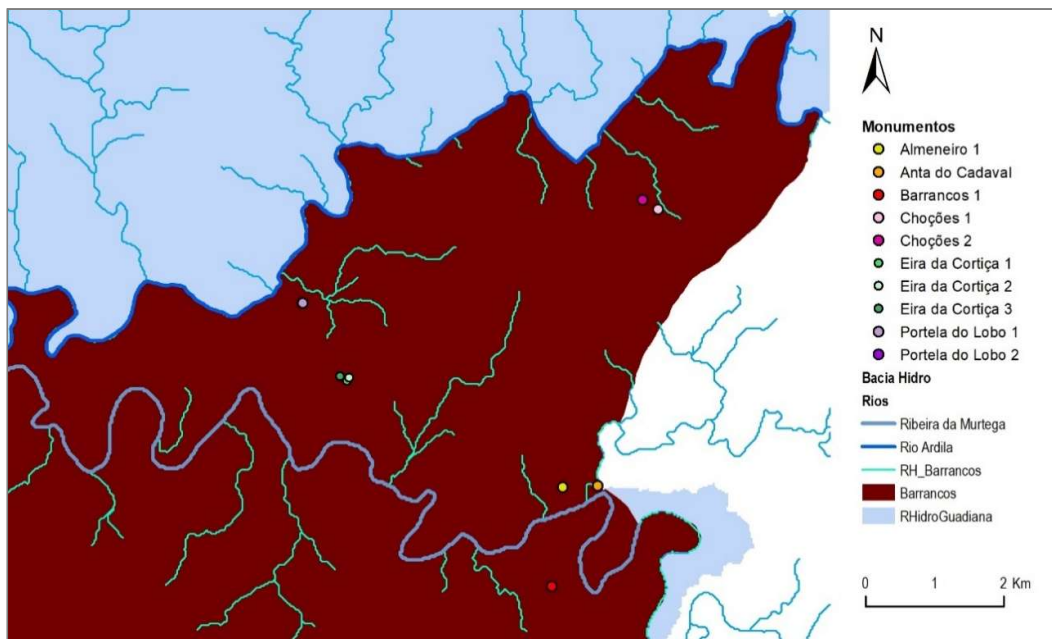


FIGURA 30: Mapa temático da rede hidrográfica da área de estudo e implantação dos monumentos funerários.

Como já foi referido, o concelho de Barrancos é limitado em grande parte da sua extensão, naturalmente por cursos de água e ainda é trespassado pela ribeira de Múrtega, uma das principais linhas de água da região. A localização dos sítios em estudo, permite-

nos constatar, que à exceção de um, todos os demais monumentos megalíticos estão situados na mesopotâmia do rio Ardila e ribeira do Murtega. À data, do conjunto em estudo, apenas Barrancos 1 (Anta 1 da Cantarinha) é o único monumento funerário megalítico identificado fora da área da mesopotâmia do Ardila e Múrtega, embora esta se localize a escassos 100 m da margem direita da Ribeira do Múrtega, de onde é visível o seu curso.

Considerando o reduzido número de sítios em estudo, não são possíveis conclusões definitivas, mas algumas observações poderão ser apontadas, como o facto que neste território o megalitismo aparenta organizar-se em conexão ao curso do Ardila, do seu afluente ribeira do Múrtega e de outros ribeiros subsidiários.

A dinâmica deste povoamento estreitamente relacionado com o rio Ardila é constatável não só na área de Barrancos, mas também para lá das atuais fronteiras administrativas nacionais e internacionais, como é exemplo o “dolmen de Piedras Pinchas”, localizado junto à margem direita do Ardila no município de Valencia del Mombuey (Badajoz, Espanha), e de onde se avista o Castelo de Noudar (Barrancos). No caso do vizinho concelho de Moura, verifica-se o mesmo padrão de localização dos megálitos na envoltura das linhas de água, especialmente próxima ao curso do Ardila, como podemos observar nos mapas temáticos seguintes.

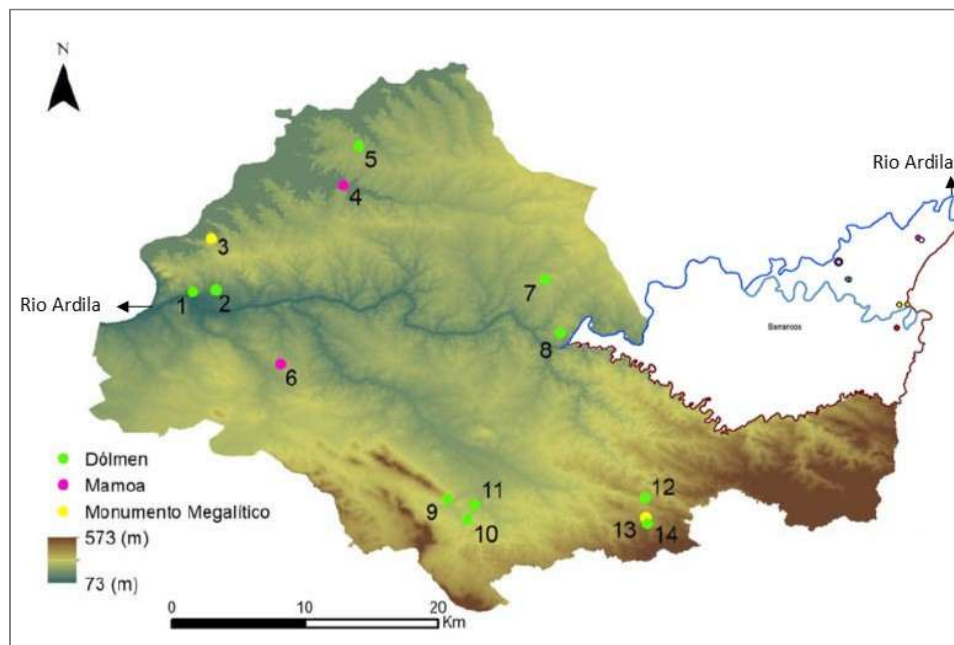


FIGURA 31: Localização dos monumentos megalíticos do concelho de Moura, adaptado de (Almeida, Serra, Reis, Costa, & Barreira, 2024, p. 166) e do concelho de Barrancos.

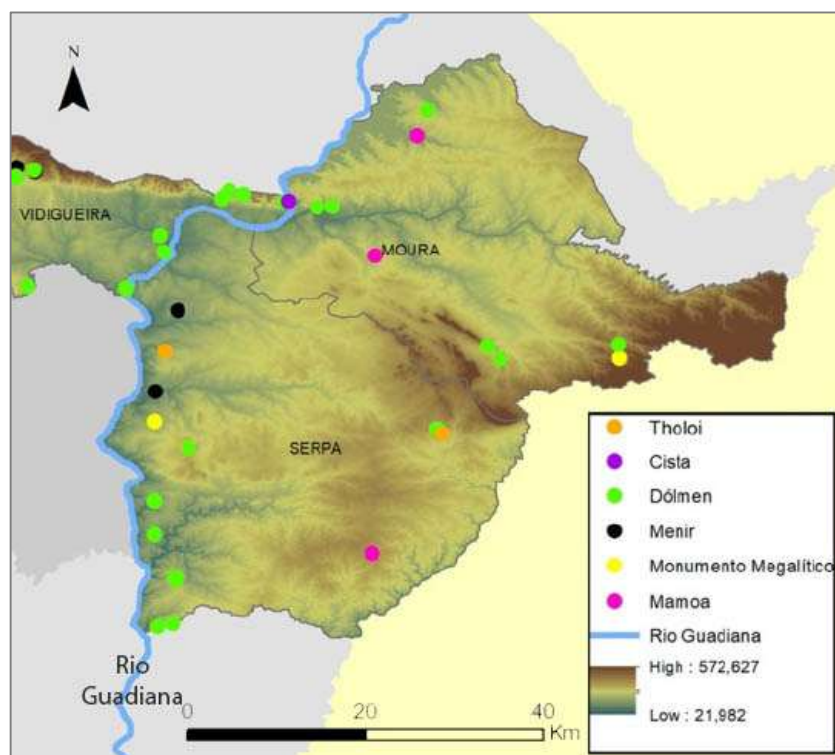


FIGURA 32: Localização dos monumentos megalíticos na margem esquerda do Guadiana (Beja), adaptado de (Almeida, Serra, Reis, Costa, & Barreira, 2024, p. 159).

Se observamos o mapa acima, e ainda que só represente informação para os concelhos de Moura, Serpa e Vidigueira, constatamos a contínua localização destes monumentos ao longo do rio Guadiana. Efetivamente, os rios e as suas margens parecem constituir-se como lugares prediletos para a fixação de comunidades que ergueram megálitos, o que muito terá a ver com as condições de aproveitamento dos recursos facilitados pelas linhas de água e proporcionadoras de fixação de comunidades que já ensaiavam a sedentarização, ainda que sazonal.

4.3.4 | SOLOS

Vários são os fatores para o estudo das comunidades da Pré-história, mas há que ter em conta a distância temporal que nos separa e no quanto esses fatores alteraram-se ao longo desse tempo, o que devemos considerar numa análise efetuada a partir dos solos, e em particular, em base da cartografia da capacidade do solo. Foi um pressuposto defendido pela geografa Suzanne Deveau, como podemos inferir da narrativa de V.

Gonçalves quando refere um dos seus debates a propósito do uso da cartografia diz: *“Longamente as discuti com Suzanne, que resistia à ideia de se apresentarem para a Pré-História mapas de capacidade de uso dos solos (...)”* (Gonçalves V. , 1997).

A formação do solo resulta da atuação integradora de um conjunto de fatores (clima, organismos, rocha-mãe, relevo e tempo), constituindo um sistema de natureza dinâmica e em evolução contínua, por conseguinte, os solos, tal como a paisagem em geral, vêem-se alterados com a passagem dos tempos.

Sabendo que os solos contemporâneos são o resultado de um processo evolutivo natural, mas também antrópico, como anota V. Gonçalves assentando que *“(...) a influencia dos caçadores-recolectores na paisagem seria, em muitos dos casos, inferior à dos castores, mas após a emergência das sociedades camponesas nada mais será o mesmo (...)”* (*ibidem*), ponderamos que os solos suportem alguma inteireza, considerando que alguns fatores determinantes no seu desenvolvimento são relativamente estáveis, como a rocha-mãe ou o relevo. No que se refere à atuação da topografia para o desenvolvimento dos solos, constata-se que os solos em zonas com desníveis acentuados e abruptos, são pouco espessos, derivado da escorrência superficial, o que leva à erosão e degradação e naturalmente são menos frutíferos, pelo contrário, em zonas mais planas tendem a ser mais espessos e consequentemente, mais prolíferos. Ora, o relevo do concelho de Barrancos não se descreve propriamente pela planura característica do Alentejo, mas pelo ondular da paisagem, com desníveis acentuado chegando a superar os 25% de declive (Figura 36), circunstância que influencia, em grande media a capacidade dos solos deste território.

Tendo presente o supramencionado dizer que os monumentos, quanto a tipologias de solos distribuem-se de acordo com o mapa seguinte (Figura 33) e é esclarecido na Tabela 4.

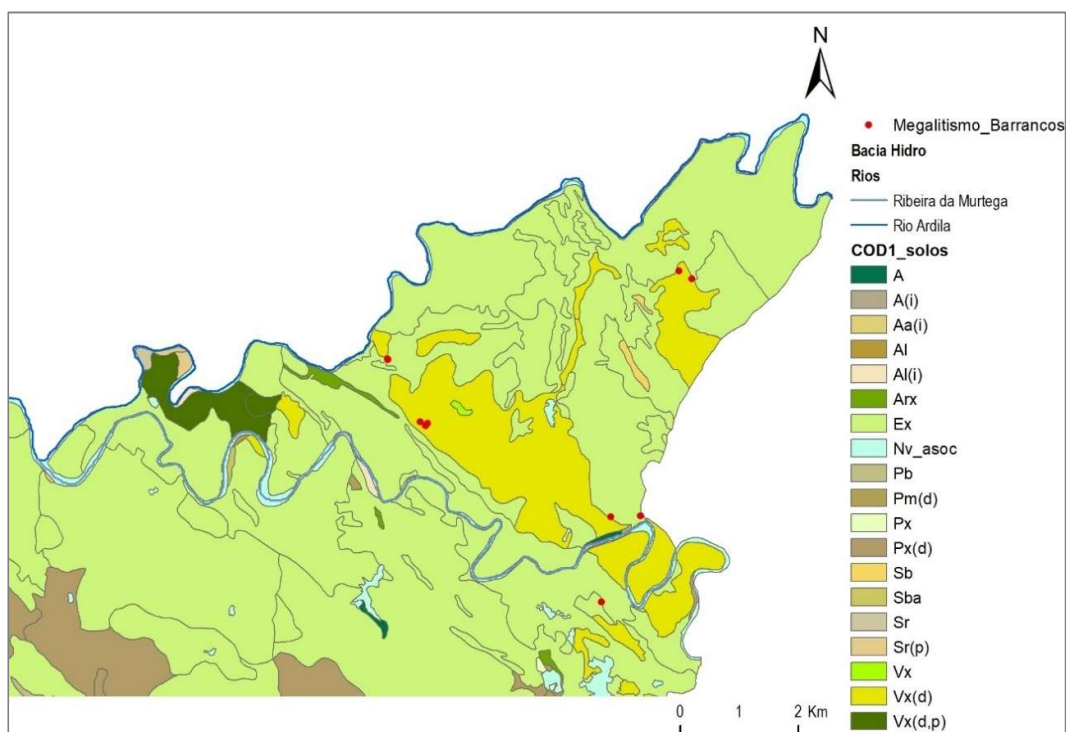


FIGURA 33: Mapa temático dos solos da área de estudo e implantação dos monumentos funerários.

Sítios	Solos	Descrição
Barrancos 1	Ex	<i>Solos Incipientes - Litossolos dos Climats de Regime Xérico, de xistos ou grauvaques</i>
Cadaval, Almeneiro 1, Portela do Lobo 1 e 2	Ex+Arx	<i>Solos Incipientes - Litossolos dos Climats de Regime Xérico, de xistos ou grauvaques+ Afloramento Rochoso de xistos ou grauvaques</i>
Choções 1 e 2 e Eira da Cortiça 1 e 2	Vx (f.d)	<i>Solos Argiluvitados Pouco Insaturados - Solos Mediterrâneos, Vermelhos ou Amarelos, de Materiais Não Calcários, Normais, de xistos ou grauvaques (fase delgada)</i>

TABELA 4: Quadro explicativo dos tipos de solos encontrados na área de estudo. Fonte: Classificação dos Solos DGADR.

Na análise de distribuição dos megálitos na cartografia dos solos percebemos um padrão: não se erguem em plenos solos Ex (solos incipientes - Litossolos dos Climats de Regime Xérico, de xistos ou grauvaques), como podemos observar no mapa (Figura 33). Em geral, localizam-se no limite dos solos Ex e Vx (solos argiluvitados pouco insaturados - solos mediterrâneos, vermelhos ou amarelos, de materiais não calcários, normais, de xistos ou grauvaques - fase delgada), como podemos entender na Tabela 4. Apenas um grupo se ergue sobre os solos argiluvitados e ainda assim em situação periférica. Estas observações levam-nos a aceitar a intencionalidade de não construir os monumentos funerários nem em plenos solos Incipientes (Ex) nem em solos Argiluvitados (Vx) mas

sim nos seus limites. Provavelmente, estará relacionado com a cercania aos solos mais férteis disponíveis, e neste caso são os solos argiluvitados. Se observamos com atenção, a realidade é que foram poupados os solos mais aptos ao desenvolvimento da atividade agrícola e se ergueu a casa dos mortos na sua envolvência. Se tomamos outros estudos de exemplo, como é o trabalho “Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever”, verificamos a mesma tendência, em que “*onde ocorrem solos com as melhores aptidões agrícolas (...) nenhum monumento megalítico foi identificado (...)*” (Oliveira J. d., 1997, p. 352).

4.3.5 | IMPLANTAÇÃO TOPOGRÁFICA

Como já foi referido, a orografia de Barrancos caracteriza-se pelo ondular da paisagem, o que certamente influenciou na implantação das sepulturas megalíticas.

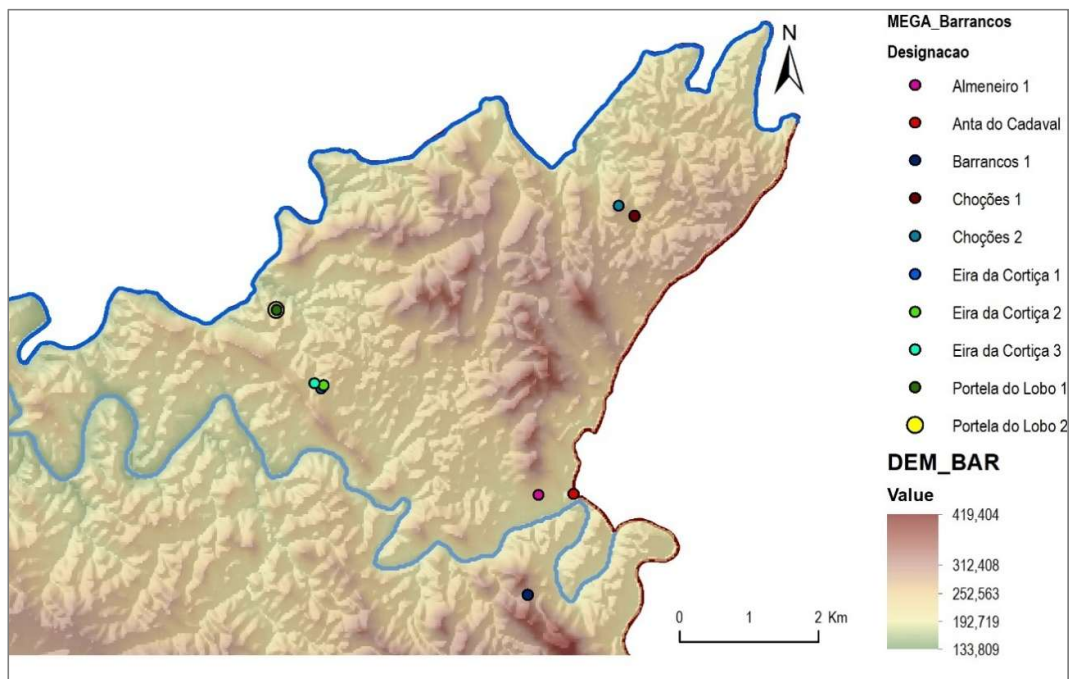


FIGURA 34: Mapa temático com a localização dos monumentos funerários sobre DEM.

Na observação do mapa temático (Figura 34) percebemos que, aparentemente, foram evitadas as cotas mais elevadas para a construção dos monumentos funerários. No caso em estudo, apenas Barrancos 1 se implanta a altitudes acima dos 300m que, curiosamente, é aquele que fica situado fora da mesopotâmia do Ardila e Múrtega.

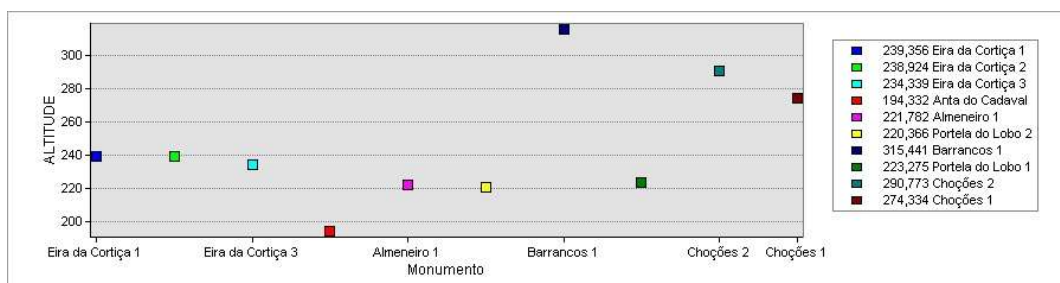


FIGURA 35 Diagrama indicativo das altitudes (m) dos monumentos megalíticos em estudo.

Ao analisar as cotas de implantação dos monumentos em estudo (Figura 35), e considerando as altitudes relativas verificadas no território, podemos considerar que existem três modelos: em baixa altitude (inferior a 200 m), caso isolado da Anta do Cadaval; medianas altitudes (entre os 200 e 250 m); em altas altitudes (superior a 250 m), o caso de Barrancos 1 que ultrapassa os 300 m. Nesta última categoria deve-se integrar: Barrancos 2, não relocizado, mas conforme o descrito por Nery Delgado, localizado a escassos metros de Barrancos 1; e ainda o monumento megalítico do Monte da Ordem, referenciado na Carta Geológica de Portugal (Anexo 7A). De acordo com esta categorização, constata-se diferentes soluções de implantação, que pode ser explicado pela adaptabilidade ao meio envolvente, mas mesmo assim, é bem perceptível a predominância em cotas entre os 220 e 240m (Figura 35 e Anexo 7B), isto é, constatamos que as altitudes médias são as preferidas para a implantação dos monumentos funerários.

Como já foi referido, os declives na área geográfica de Barrancos oscilam entre os 2% e os 25%, mas há uma predileção de implantação dos monumentos funerários entre os 5,9% e os 11%. São exceção, a ACV que se posiciona nos 1,9 %, e os monumentos BA1 e CH2 com declives acima dos 15%. No entanto, todos se implantam nas faldas de elevações de maiores declividades, mas sobranceiros a áreas de baixas declividades, como é constatável no mapa (Figura 36). Este facto deverá estar relacionado com a aptidão dos solos para a atividade agrícola, pois os solos com declive menor e menos lavados pelos escorrimentos são mais propícios para a agricultura, pelo que podem ter sido poupados para esse fim.

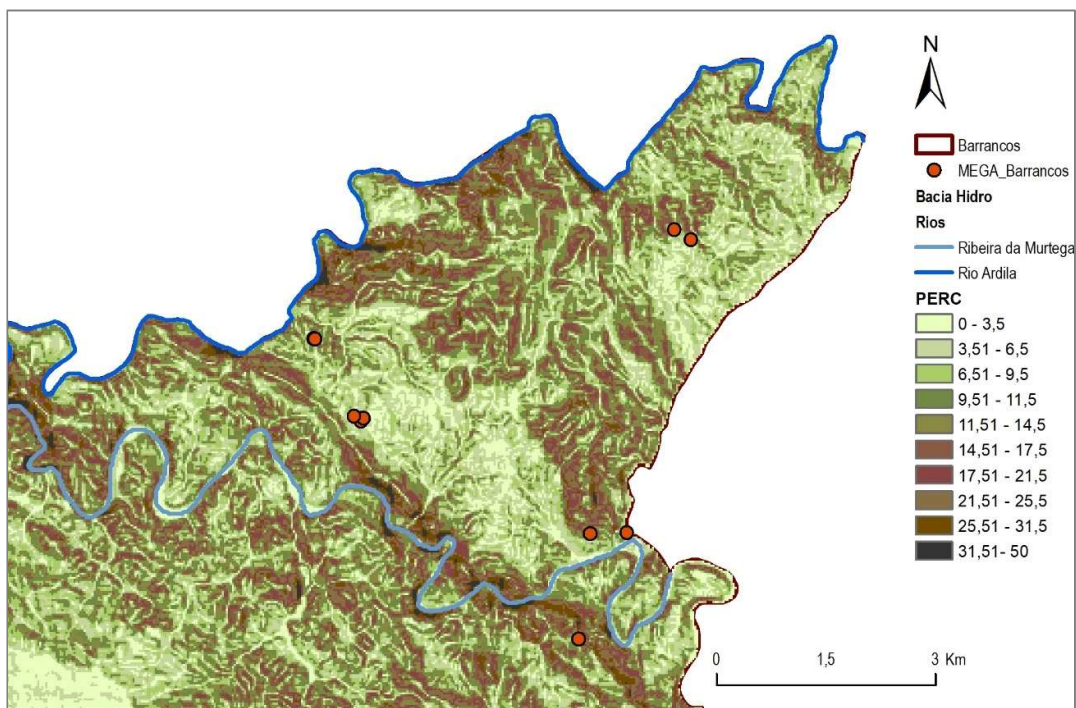


FIGURA 36: Mapa temático de declives e implantação dos monumentos funerários.

Como referido, os monumentos funerários localizam-se nas faldas de serras e cerros de maior altitude: i) EC1, EC2 e EC3 nas faldas das Boticas, que atinge os 310m de altitude; ii) PL1 e PL2 estão enquadrados pela serra do mesmo topónimo que ultrapassa os 320m; iii) CH1 e CH2 encontram-se envolvidos pelas elevações de Fatoquedo, que ultrapassam os 280m de altitude. São exceção a ACV, localizada em zona de talvegue, na margem do ribeiro do Cadaval, e BA1 que se encontra encaixada entre Serra Colorada que atinge os 393m e a Cantarinha com 350m de altitude. Mas pela análise dos perfis topográficos individuais sob os eixos sul/norte e oeste/leste (Anexo 5 - Fichas Individuais de sítio), percebemos que os mesmos, na maioria dos casos, se situam nas linhas de fecho, algumas vezes, quase ocupando as pequenas chãs onde se implantam.

4.4 | A PROPÓSITO DA DISTRIBUIÇÃO, IMPLANTAÇÃO E POSICIONAMENTO DOS MONUMENTOS PARA UMA APROXIMAÇÃO AO POVOAMENTO

“A paisagem moldada e moldando as pessoas que a habitam, torna-se um banco de memórias culturais, umas mais activas outras mais residuais” (Crang M. apud Valera A.C., 2000, p. 120)

Nos pontos anteriores estudámos a informação arqueológica disponível (arquitetura e tipologia dos monumentos) e analisámos a localização dos monumentos na paisagem numa ótica meramente descritiva considerando elementos geomorfológicos. Agora, e coincidindo com R. Chapman quando refere que a *“utilização de áreas formais de deposição dos mortos correlaciona-se normalmente com estratégias de utilização do espaço com fixação sazonal ou permanente”* (Chapman R. apud Senna-Martinez & Ventura, 2008, p. 324), propomo-nos a complementar as informações a partir de um discurso interpretativo dos dados até agora apreendidos, refletindo sobre a relação dos aspetos físicos da paisagem com as estratégias económicas, sociais e estratégicas/políticas que as comunidades desenvolvem, assumindo-se aqui a *“Paisagem”* como uma *“realidade englobante, resultado da interacção entre o todo social e o meio envolvente (...)”* (Valera A. C., 2000, p. 116).

Segundo P. Arias e M. A. Fano o facto da Península Ibérica ser um vasto território sobremaneira diversificado, com significativas diversidades ecológicas entre as diversas regiões que a constituem, naturalmente contribuiu para as diferenças regionais na evolução das sociedades pré-históricas que, evidentemente inclui os monumentos megalíticos (2003, p. 80). Com este raciocínio, não será despropositado considerar que as disparidades a nível cultural que se verificam sejam também motivadas pelas diferenças das condições naturais (hidrológicas, geomorfológicas, solos), tal como J. de Oliveira assinala acerca da bacia hidrográfica do rio Sever: *“dois ambientes, ainda que próximos, proporcionadores de recursos distintos, poderão ter justificado a emergência e desenvolvimentos de manifestações culturais diferentes.”* (Oliveira J. d., 1997, p. 629). Neste sentido, também podemos perceber as multivariadas soluções arquitetónicas adotadas pelas comunidades como forma de acomodação ou adaptação ao meio físico onde se incluem e desenvolvem. Sem pretender relativizar, porque exceções existem, podemos entender a razão pela qual verificamos a disseminação de monumentos

funerários megalíticos graníticos em zonas de granitos e monumentos de xistos em zonas dessa natureza geológica, ou o aproveitamento de cavidades naturais para os enterramentos ou a escavação de grutas artificiais em substratos geológicos que o consentem, como o caso das necrópoles de hipogeus identificadas no Baixo Alentejo ou o Litoral.

No concelho de Barrancos, ocorre o que, em geral, acontece em outras áreas megalíticas de geomorfologias xistosas, os monumentos aqui erguidos, naturalmente, são construídos com recurso à rocha xistosa local, ainda que demonstrem alguma variabilidade quanto à tipologia do material. Por outro lado, também se reconhece certa preferência para construir os monumentos nas proximidades de possíveis áreas de captação. Pela observação direta no terreno, constatamos que nas imediações de praticamente todos os monumentos identificamos afloramentos rochosos passíveis à extração de blocos para a sua construção, o que pode refletir a capacidade de recursos, principalmente, humanos da comunidade construtora. Tal como outros autores sugerem para outras regiões com realidades semelhantes, pode tratar-se de pequenas comunidades com recursos limitados, sem suficiente força humana disponível para obter a matéria-prima de lugares mais afastados (Bettencourt & Rebelo, 1988/89, p. 27). Esta dificuldade está relacionada com a carga de esforço necessária na execução das tarefas de cortar, extrair e transportar a matéria-prima para o lugar de implantação, que requereria a disponibilidade de um grupo de indivíduos para as executar. Além de mais, a construção de um monumento, independentemente da dimensão modesta ou megalítica, também *“implicava um esforço considerável e um importante dispêndio de tempo para uma dada comunidade”* (Gonçalves, V.).

Tal como percebemos certa dependência entre a arquitetura dos monumentos e o contexto geológico, de igual modo, entendemos que existiu uma ligação entre a atividade económica e as condições geográficas. Como já apontamos, no presente, na área em estudo predominam os solos de classe D e E, ou seja, solos com acentuadas limitações para a agricultura atualmente desenvolvida. No entanto, devemos considerar que a atividade agrícola hodierna não é comparável com a de outros tempos e muito menos daquele período em que começava a despontar, em que se praticava uma agricultura de roça e queimada com artefactos de pedra polida. Não obstante, a técnica e os artefactos, eram mais apropriados para o desenvolvimento da atividade agrícola em solos mais leves. A construção da casa dos mortos nas proximidades imediatas aos solos mais férteis da

zona, indicam-nos que as comunidades construtoras praticariam a agricultura, porém, e também atendendo às características geomorfológicas, muito provavelmente, seria complementada ou até secundarizada pela pastorícia, além da recolção, caça e pesca.

No concelho de Barrancos verifica-se a predominância de litossolos xistosos que, aliados aos declives acentuados restringem em grande medida a atividade agrícola, mas oferecem condições para o desenvolvimento da pastorícia, condições essas, aproveitadas pelas comunidades que se sedentarizavam sazonalmente no território. Conjuntamente sustentamos esta hipótese através de outras evidências, ou melhor, à falta delas, como são a parca identificação de povoados coetâneos e a pouca representação de utensílios cerâmicos, mais identificados com ambiente de povoados, de comunidades verdadeiramente sedentárias.

Relativamente à ligação dos monumentos funerários com a economia, Jorge de Oliveira aponta a volumetria como um indicador da atividade desenvolvida pelas comunidades construtoras. O autor conjuga o número de horas/homem com a dimensão dos monumentos, salientando que as comunidades sedentárias congregariam mais recursos (humanos e materiais) e tempo para a construção de maiores monumentos do que as semisedentárias ou nómadas, mais identificáveis com a atividade pastoril, conclui que os *“monumentos volumetricamente menores, obtidos em xisto, terão sido construídos por comunidades de pastores”* (Oliveira J. d., 2000, p. 144). Ainda no seguimento da sua explanação, incita a realizar o exercício de comparar monumentos megalíticos de xisto erguidos em regiões geomorfologicamente semelhantes, onde a pastorícia tenha sido uma atividade predominante:

“não deixará de ser interessante verificar como de alguma forma elas [a volumetria dos monumentos megalíticos] parecem ter expressão idêntica em ambientes onde, ainda hoje, a pastorícia assume uma importância acrescida na economia das comunidades. Exemplos desta situação poderemos encontrá-los nas margens do Guadiana, especificamente em solos de pouca aptidão agrícola, como seja o caso de parte dos concelhos de Mourão e Mértola”.
(Oliveira J. d., 2000, p. 144)

Face a proposta apresentada por Jorge de Oliveira, nós acrescentamos o concelho de Barrancos, que não só se integra na mesma região hidrográfica do Guadiana, como apresenta tantas similitudes com aqueles referidos, tanto nos aspetos geomorfológicos como também nos monumentos megalíticos.

A proximidade do povoamento megalítico aos cursos de águas, principais ou secundários, é um padrão que se traduz de norte a sul de Portugal. A estruturação da ocupação do território no 4º e 3º milénio em relação aos cursos de água é um facto comprovado noutras regiões, como em relação ao Rio Sever (Oliveira J. d., 1997) e à Ribeira da Seda no distrito de Portalegre, Alto Alentejo (Andrade, 2009), por mencionar dois exemplos amplamente estudados. No caso do Baixo Alentejo, aponta articular-se com o rio Guadiana, com os seus afluentes principais, como é o Ardila e outras ribeiras e ribeiros subsidiários.

O conhecimento do posicionamento dos monumentos funerários aproxima-nos à localização dos indissociáveis povoados, pois circunjacente aos espaços dos mortos encontrar-se-iam os espaços dos vivos, o que, no caso em estudo, aponta-nos para as áreas confinantes aos cursos do rio Ardila e Múrtega. A preferência por uma localização próxima ao rio é entendida pela importância que o recurso hídrico assume, não só como fonte de água, vital para a sobrevivência, como também como fonte de recursos biótipos (pesca), importante para a subsistência do grupo, e, os leitos dos rios oferecem essas condições favoráveis à fixação (ainda que temporária) das comunidades agro-pastoris do Neolítico e Calcolítico.

Capítulo 5

E OS VIVOS?

“Estaremos perante fenómenos, neolitização e megalitismo, profundamente interligados e que no tempo longo da Pré-História podem ser considerados revolucionários, fenómenos a partir dos quais emerge uma paisagem transformada, submetida a um plano arquitetónico que enquadra vivos e mortos.”

(Diniz, 2000, p. 115)

“A função funerária ocupará doravante espaços específicos, de elevada visibilidade, construídos para a eternidade, ao contrário dos estabelecimentos residenciais, de curta duração, com estruturas perecíveis que rapidamente se apagavam na paisagem, associados à prática de uma agricultura itinerante, de sacho e queimada”. (Soares & Silva, 1996, p. 117)

Dependentes dos resultados dos trabalhos até à data desenvolvidos, não queremos deixar de assinalar a reduzida identificação de povoados coetâneos com o megalitismo presente na área em estudo. Apenas queremos apontar que, tal como noutras zonas, registam-se em menor quantidade «espaço dos vivos» em relação ao «espaço dos mortos», verificando-se a velha dialética, bem expressa por Vitor Gonçalves *“Muitas antas, pouca gente?”*, situação que provavelmente sobrevém dos poucos trabalhos desenvolvidos que possibilitassem a identificação e não da inexistência dos mesmos, pois é *“irremediable considerar que la aparición del megalitismo, tanto funerário como no funerário, debe tener una clara vinculación a lugares de poblamiento”* (Cerrillo & Prada, 1996). Por outro lado, a localização de monumentos megalíticos, pela sua natureza pétrea e pelas suas próprias dimensões, que lhe atribui certa proeminência na paisagem, é mais perceptível que a identificação de povoados, cujas estruturas seriam levantadas com recurso a materiais perecíveis, deixando apenas marcas na ocupação do espaço, como por exemplo, buracos de postes ou lareiras que se encontram subterrados, cujas evidências não distinguimos à superfície ou não percebemos a sua existência facilmente, verificando-se, pois, *“(…) a clássica dicotomia: invisibilidade do espaço dos vivos/visibilidade (e monumentalidade) do espaço dos mortos.* (Gonçalves & Sousa, 2000, p. 19)

No que se refere a monumentos megalíticos notamos a completa ausência de monumentos não-funerários na área geográfica do concelho de Barrancos, como a presença de monólitos, facto que parece contrapor-se às realidades registadas noutras zonas da influência do rio Ardila. Na zona sul de Badajoz, dentro de uma franja de 1km a ambos os lados do Ardila ou dos seus afluentes encontra-se um núcleo menhírico (Domínguez, et al., 1996), constituído por seis monólitos: Menhir de la Palanca del Moro, Menhir del Rábano e Menhir del Lagarto no município de Valencia del Ventoso, Menhir

de la Pepina I e II, Menhir de los Tres Términos no município de Fregenal de la Sierra (Pacheco, Vázquez, & Domínguez, 2001). O mesmo acontece nos concelhos vizinhos portugueses, onde são identificados um total de doze menires distribuídos pelos concelhos de Alvito, Cuba, Vidigueira e Serpa (Almeida, Serra, Reis, Costa, & Barreira, 2024, p. 170).

A sistematização da informação disponíveis sobre os vestígios de povoamento pré-histórico da região permite considerar algumas hipóteses sobre a territorialidade. Estes dados, mesmo com as suas limitações, permitem uma reflexão acerca da ocupação da zona bem como da mobilidade e atividades socioeconómicas dos seus ocupantes.

5.1.1 | POVOADOS

Se a informação para os monumentos megalíticos do concelho de Barrancos é limitada, menor ainda é a do povoamento pré-histórico que lhe estaria associado.

O estado da investigação para esta área não permite leituras muito precisas, pois apoia-se em dados de prospeção não intensivas, reconhecendo-se apenas três sítios de povoados identificados que, eventualmente, possamos relacionar crono-culturalmente com os monumentos funerários aqui estudados: Boticas 1, Noudar e Torrita 1. A presença de cerâmica foi o elemento fundamental para os considerar como um sítio arqueológico ou lugar de povoamento.

BOTICAS



FIGURA 37: Fotografia Boticas 1, vista para sudeste. Área de dispersão de materiais.

A designação de “Boticas” advém da designação do marco geodésico que se situa a 310m de altitude, no ponto mais alto da serra que recebe o mesmo nome.

O sítio arqueológico Boticas 1 localiza-se na freguesia e concelho de Barrancos, distrito de Beja. Situa-se na Herdade da Coitadinha, hoje Parque de Natureza de Noudar, no lugar das Boticas.

A dispersão de fragmentos cerâmicos encontra-se na vertente leste do morro de maior altitude da serra. Esta posição altaneira confere-lhe amplo domínio visual para

todos os quadrantes, mas particularmente para a ribeira do Múrtega, que corre de leste para oeste no vale encaixado da vertente sul das Boticas. A noroeste, no sopé da serra, onde o relevo é residual, localiza-se a necrópole Eira da Cortiça, visível desde o sítio do presumível povoado.

Na vertente leste, onde o relevo se suaviza originando uma pequena plataforma, encontram-se dispersos pela área, fragmentos de cerâmicos, maioritariamente de reduzidas dimensões e de difícil interpretação. Também, dispersos pela superfície foram recuperados alguns artefactos líticos, entre os que destacamos um movente granitoide, um polidor sob quartzito, um peso de rede fraturado sob quartzito e uma esquirola (resto de talhe) de sílex. Ainda se identifica um possível esboço de machado, de faces ligeiramente convexas, polido nos flancos, com debitagem na extremidade distal e com sinais de percussão na extremidade proximal.

Do conjunto artefactual recuperado não distinguimos “fósseis diretor” que nos apontem a uma cronologia segura, apenas conseguimos enquadrá-los em contextos pré-históricos.

NOUDAR



FIGURA 38: Fotografia de Noudar, visto de Norte.

No concelho de Barrancos, o sítio arqueológico mais trabalhado e estudado, sem dúvida, é Noudar. Este é um caso, quase isolado, com registos arqueográficos que

possibilitam fazer uma leitura diacrónica do espaço, que permitem admitir uma continuidade ocupacional desde o Calcolítico ao século XIX (Rego M. , 1994). Uma simples análise à paisagem envolvente de Noudar ajuda a perceber a longa ocupação do lugar que, como se refere, se terá iniciado na Pré-História.

O sítio de Noudar oferece excelentes condições de defesa natural, impecavelmente criadas pelos fossos naturais do leito do Ardila e Múrtega e pela topografia desnivelada que o rodeia. Os solos férteis às margens dos rios possibilitariam a prática agrícola e os extensos terrenos mais declivosos e rochosos seria propício para a criação e apascentamento dos animais.

Dos materiais exumados no sítio de Noudar que, atestam a ocupação do lugar em períodos Pré-históricos, referir os artefactos líticos, entre os quais, se acham a enxó de fibrolite BAR0020 e o martelo de anfíbrito BAR0165 (Anexo 8). E de entre os materiais cerâmicos, cabe destacar um recipiente, fraturado, mas completo, o BAR 0392 do inventário do Museu Municipal de Arqueologia e Etnografia de Barrancos.



FIGURA 39: Recipiente BAR0392, encontrado em Noudar.

TORRITA 1

A designação de “torrita” advém da toponímia das proximidades, já que se situa na zona do baldio da Torrita, por onde corre, de leste para norte o barranco com o mesmo nome. O topónimo “Torrita” é conhecido pelos populares e não surge na cartografia.

O sítio arqueológico Torrita 1 localiza-se na freguesia e concelho de Barrancos, distrito de Beja. Situa-se na envolvência do lugar da Pipa, perto da confluência do barranco da Torrita com a ribeira do Múrtega, pela sua margem direita.



FIGURA 40: Fotografia de Torrita 1, visto de sudeste.

O povoado foi implantado num cabeço, com vertentes de declives acentuado para o Múrtega, (exceto por leste/sudeste) terminando em escarpa sobre o barranco da Torrita (sudoeste/norte). Embora o cerro não tenha destaque proeminente na paisagem envolvente, de topografia ondulante, a sua posição confere-lhe amplo domínio visual para noroeste e a sudoeste e obviamente para o controlo das linhas de água.

Mesmo no cimo do cabeço, identificamos o alinhamento e cunhal de uma estrutura em pedra, que não deve atingir os três metros de comprimento. A sua interpretação não é compreensível sem quaisquer trabalhos de escavação que possibilitem a sua contextualização. Ainda assim e apenas baseando-nos no topónimo do sítio, ponderamos poder tratar-se de uma pequena torre para controlo do território envolvente.

A identificação do sítio Torrita 1 como povoado é considerado a partir dos achados cerâmicos e artefactos líticos aí encontrados. O conjunto de utensílios são «achados de superfície», sem contexto estratigráfico o que não permite interpretações quer sobre a relação entre as áreas de uso e as áreas de deposição dos mesmos, quer com os níveis de ocupação do povoado. O conjunto é constituído por fragmentos de cerâmica, por um percutor de quartzo e outro percutor/bigorna sob quartzito fragmentado.

No conjunto não identificamos cerâmica decorada, o que pode corresponder a uma ampla diacronia, mas cabe destacar os fragmentos de formas abertas, principalmente os

bordos espessados, elementos tradicionalmente atribuíveis ao 3º milénio cal BC, permitindo-nos apontar, timidamente, para cronologias calcolíticas.

Em jeito de síntese

Como já referimos, os dados que dispomos não permitem uma definição clara da rede de povoamento em períodos pré-históricos. Não obstante, percebemos algumas similitudes no que diz respeito à localização de ditos povoados. Constatase, contudo, como noutras regiões orograficamente semelhantes acontece, que os locais de povoamento ocupam elevações com boa visibilidade e capacidade defensiva natural, não muito distantes de linhas de água, atualmente de curso permanente e envolvidas por solos com boa capacidade agrícola face às tecnologias agrárias da pré-história recente.



FIGURA 41: Localização dos povoados identificados.

5.1.2 | ACHADOS DE SUPERFÍCIE

O conjunto de materiais líticos, em análise neste trabalho, maioritariamente, foi recuperado nos trabalhos de prospeção e identificação do património arqueológico na década de 90 do século XX e outros foram achados fortuitos no desenvolvimento deste trabalho. Como referido, a totalidade do conjunto de utensílios/artefactos são «*achados de superfície*», sem contexto estratigráfico, o que não permite conclusões sobre a relação entre as áreas de uso e as áreas de deposição. No entanto, o conjunto recuperado ao longo dos anos, apesar de descontextualizado, poderá auxiliar a caracterizar os grupos ou comunidades e a sua dispersão no território e proporcionar informação útil para a reconstituição da rede de povoamento no Neolítico e Calcolítico. Por outro lado, também podem fornecer alguma informação quanto a balizas cronológicas de ocupação do espaço.

Os materiais líticos divididos em duas categorias, instrumentos de pedra polida e artefactos de pedra afeiçãoada, somam uma amostra de 31 registos individuais, classificado tecno/tipologicamente conforme o descrito na tabela seguinte.

Utensílios			
Pedra Polida		Pedra Afeiçãoada	
Enxó	5	Polidor/ Afiador	2
Machado	11	Movente	1
Martelo	3	Dormente	6
		Bigorna	1
		Percutor	1
		Indeterminado	1
Subtotal	19	12	
TOTAL	31		

TABELA 5: Lista da utensilagem lítica recuperada na área geográfica do concelho de Barrancos.

Em geral, os instrumentos destas categorias artefactuais estão relacionados com as práticas económicas desenvolvidas no contexto dos novos sistemas produtivos, introduzidos durante o processo de Neolitização. Face ao conjunto de pedra polida recolhido, percebemos uma suposta relevância das atividades de desflorestação e de eventuais práticas agrícolas, mas como V. Gonçalves e A. Sousa afirmam “a

reconstituição das funcionalidades artefactuais e das actividades económicas que estas denunciam devem incluir vários tipos de abordagens” (2000, p. 56) onde a informação de localização e contextual é de vital importância.

A ficha individual dos utensílios líticos inclui as informações de proveniência, matéria-prima utilizada e dimensões, assim como a caracterização morfológica, para a qual foram usados os critérios descritivos expressos por V. Gonçalves (1989), onde se compreende a descrição do estado da peça, extremidades proximal e distal, faces, secção, acabamento, o estado de conservação e matéria-prima.

Quanto à proveniência, pelos registos existentes, em alguns ou na maioria dos casos, não conseguimos apurar a proveniência exata, todavia existe indicação de zona, sabendo-se assim que procedem fundamentalmente da área da mesopotâmia do Ardila e Múrtega (Anexo 8A). Contudo, em parte dos achados é referenciado o lugar de recolha, pelo que distinguimos quatro situações de procedência:

- Recolha de superfície com associação direta (RS/AD) a um sítio/monumento, isto é, encontrado no monumento ou na proximidade imediata;
- Recolha de superfície com procedência duvidosa (RS/PD), ou seja, encontrado nas imediações de sítio/monumentos identificados, mas sem associação clara;
- Recolha de superfície sem associação (RS/SA) a sítio/monumento, ou seja, achado isolado onde não temos identificado monumentos nas proximidades;
- Procedência indeterminada ou desconhecida (RS/PI).

5.1.2.1 | ARTEFACTOS DE PEDRA POLIDA

O conjunto de artefactos de pedra polida em análise é composto por machados, enxós e martelos, num total de dezanove utensílios, que apontam para a adoção da atividade agro-pastoril, pelas comunidades deste território. Para a classificação tipológica dos artefactos baseámo-nos no perfil longitudinal do gume biselado, considerando machado aqueles que apresentam o perfil sensivelmente simétrico (biconvexo) e enxó com perfil dissimétrico biconvexo e plano-convexo (Soares, Fonseca, & Duarte, 2020, p. 201). De acordo com esta definição, distinguimos cinco enxós, onze machados e três possíveis martelos, ou reutilização dos outros.

Utensílio		TOTAL	Matéria-prima			
			Anfibolito	Diorito	Fibrolite (?)	Xisto
Pedra Polida	Enxó	5	3	0	1	1
	Machado	11	6	4	0	1
	Martelo	3	3	0	0	0
Subtotal		19	12	4	1	2

TABELA 6: Utensílios de pedra polida listados quanto à matéria-prima.

Com efeito trata-se de um reduzido conjunto (Anexo 8) que, aliado à procedência incerta e descontextualizada, não nos permite caracterizar efetivamente as comunidades pré-históricas que ocuparam este território, pelo que apenas nos debruçaremos sobre a descrição morfotipológica e a partir do seu estudo tentar-se-á recolher informações que permitam acrescentar conhecimento sobre as mesmas. Os artefactos de pedra polida foram descritos quanto:

- Faces: planas, convexas, côncavas, plano/convexa, plano/côncava;
- Secção: retangular, sub-retangular, circular, sub-circular, oval;
- Geometria do gume: retilíneo ou convexo;
- Perfil biselado do gume: simétrico/biconvexo ou dissimétrico/biconvexo ou plano-convexo;

- Estado do gume, traduzindo a eventual utilização do artefacto e o consequente desgaste do fio de corte: intacto, com ligeiros sinais de uso, com intensos sinais de uso e boleado;

- Talão: truncado, arredondado, pontiagudo, plano, convexo;

- Acabamento: polimento na superfície total, polimento na extremidade distal, polimento nas faces, polimento dos bordos, polimento no talão, picotado.

Como referido, a procedência do conjunto não é precisa, contudo, sabemos que estes elementos foram recuperados na área geográfica do concelho de Barrancos e provêm principalmente da área de influência do rio Ardila e da ribeira do Múrtega, zona onde também se identificam os monumentos funerários megalíticos, constituindo-se assim como mais uma evidência de povoamento do território. Numa apreciação geral, o conjunto apresentado não oferece excepional singularidade que proponha cronologias rigorosas, trata-se de artefactos habituais no contexto genérico do Neolítico e Calcolítico do sudoeste peninsular. Por outro lado, em termos de definição cronológica, as secções transversais destes artefactos, classificadas entre ovoide ou subcircular e retangular ou sub-retangular, também remetem para cronologia generalistas, onde as primeiras correspondem ao Neolítico e as segundas ao Calcolítico (Andrade, 2014).

Utensílio			Secção				
TOTAL			Crescente	Oval	Sub-Circular	Sub-Retangular	Retangular
Pedra Polida	Enxó	4	1	0	0	3	0
	Machado	12	0	6	0	4	1
	Martelo	3	0	0	1	2	0
SubTotal			1	6	1	9	1

TABELA 7: Utensílios de pedra polida classificados quanto à secção transversal.

Presentemente, e com toda a prudência que cabe nestas deduções, considerando o número irrisório de exemplares mas, baseados nas características morfológicas, verificando-se um número superior de exemplares de secção poligonais, o que “condiz

com o verificado noutros sítios calcolíticos, em que as secções rectangulares e sub-rectangulares são sempre maioritárias sobre as circulares (quase inexistentes) e as ovais” (Gonçalves V. S., 1989, p. 126), podemos ponderar um povoamento da área em estudo, para uma época de consolidação das antigas comunidades camponesas (Neolítico final/Calcolítico).

Ainda que muito limitada, a observação do estado de conservação do fio do gume deixou-nos perceber a existência de peças sem ou com pouca utilização, com uso intenso (gume romboide) e reutilizadas como martelos, o que nos permite conjecturar sobre a autêntica utilidade do objeto, ou seja, reconhecer entre instrumentos de trabalho ou objeto de entesouramento ou cerimoniais. No caso em estudo, tratando-se na maioria das vezes de achados isolados com mera indicação da proveniência, a avaliação dos sinais de uso é pertinente para a tentativa de recontextualizar estes elementos, onde associamos as peças intensamente usadas a campos de cultivo e povoados e as peças com escassos ou nenhuns sinais de uso a monumentos funerários como oferendas ou depósitos de entesouramento e/ou rituais (Soares, Fonseca, & Duarte, 2020, p. 197).

Utensílio		TOTAL	Estado do Gume				Estado conservação	
			Intacto	Ligeiros sinais de uso	Intensos sinais de uso	Boleado	Completo	Fraturado
Pedra Polida	Enxó	5	1	3	0	1	3	2
	Machado	11	0	3	6	1	7	4
	Martelo	3	0	1	2	0	3	0
Total		19	1	7	8	2	13	6

TABELA 8: Descrição do estado da extremidade distal quanto a sinais de uso.

Pela observação do estado do gume, descritor relativo ao aspeto morfológico do fio do gume, notamos que maioritariamente mostram sinais de uso, aparentemente funcional. Os indícios de uso são expressão de utilizações intensas, não só devido ao desgaste boleado no gume, mas sobretudo aos vestígios dos impactos violentos (lascados). No conjunto de onze machados, sete apresentam o gume desgastado, boleado e/ou lascado, características decorrentes do uso em contextos do desenvolvimento de atividades agrícolas e de desmatção. Desta forma, associamo-los a contextos de utilização prática/operante e não a uma função de ritual, pelo que o seu abandono pode dever-se à inoperância devido a fratura por exemplo, ou simplesmente a extravios.

Em contrapartida, os utensílios sem sinais de uso, com o fio do gume intacto é apenas um. Trata-se de uma enxó sobre xisto (BAR0030) encontrada na envoltória imediata da Anta da Portela do Lobo. O lugar do achado unido com a matéria-prima de pouca dureza remetem para uma função de natureza ritual. Quanto a instrumentos com ligeiros sinais de uso, consideramos sete exemplares, entre os quais, a única enxó com secção transversal crescente (BAR0344). Este utensílio ainda apresenta o gume cortante, mas está fragmentado na zona proximal, o que pode constituir a razão do seu abandono.

Considerando o estado de conservação – completo ou fraturados – verificamos que treze dos dezanove utensílios de pedra polida encontram-se inteiros e apenas seis com algum tipo de fratura, podendo-se corresponder ao motivo de abandono.

5.1.2.2 | UTENSÍLIOS DE PEDRA AFEIÇOADA

O conjunto artefactual constituído por elementos de pedra afeiçãoada e/ou com traços de utilização foram inventariados numa Ficha Descritiva própria que segue os critérios de análise desenvolvidos por Mariana Diniz (2007, pp. 230-231) .

Dentro da categoria de pedra afeiçãoada consideram-se todos os utensílios que apresentem estigmas de utilização, quer sejam pelo uso persistente e periódicas manutenção, como os elementos de mó, ou uso constante como os percutores, ou seja, são os “*artefactos resultantes da transformação da matéria-prima apenas pelo uso, instrumentos a posteriori*” (Soares, Fonseca, & Duarte, 2020, p. 209). Comumente, os artefactos de pedra afeiçãoada não exigem grande esforço para a sua fabricação. Na maior parte dos casos, apenas requerem uma seleção atenta da matéria-prima, dimensão e forma propícias à função a que se destinam e ao utilizador. Em relação à matéria-prima, geralmente verifica-se que é de obtenção local, facilmente conseguida nas proximidades.

Dentro do conjunto de artefactos de pedra afeiçãoada contam-se os elementos de mó (moventes e dormentes), bigornas de talhe e percutores sob rochas de elevada dureza como quartzito ou quartzo filoniano.

Elementos de moagem

Os elementos de mó, movente e dormentes, são peças destinadas a moer, ou triturar diferentes tipos de produtos, mas estão intrinsecamente ligados ao processo de farinação. Os surgimentos destas peças em sítios de povoado, em grande medida, são contextualizados no seu uso doméstico de transformação dos produtos, cereal ou não, em farinha. No entanto, é comum encontrar elementos de mó, fraturados ou não, em contextos funerários (Oliveira J. d., 1997), que poderão evidenciar algum ritual de desfuncionalização de elementos transformadores e colocados simbolicamente nos espaços funerários. Outra hipótese poderá ser considerada pela construção de estruturas funerárias nas imediações de sítios de antigos povoados que recorreram à utilização na mamoa de elementos pétreos recolhidos na envolvente.

Registamos elementos de mó, com associação direta, aos monumentos funerários do Almeneiro 1 (Anexo 9, Foto 41) e Anta do Cadaval (Anexo 9, Foto 40). Trata-se de dois exemplares de litologia granítica. Além destes dois exemplares estão registados mais alguns dos quais apenas sabemos que foram recolhidos na área das Russianas.

Bigorna

Genericamente, entendemos por bigorna o utensílio lítico que apresente vestígios de ter sido empregue como apoio, para que outras peças sejam sobre ele percutido, ou seja, que mostre traços de utilização. Nesta categoria identificámos um seixo de quartzito que, em ambas as superfícies, apresenta uma concavidade e o picotado resultante da sucessão de impactos num mesmo ponto (Anexo 9, Foto 39). Este tipo de artefacto está associado ao talhe por percussão direta, onde uma massa de matéria-prima é batida com percutor em um dos topos, enquanto a extremidade oposta está assente numa superfície sólida, a bigorna.

Esta bigorna sobre seixo rolado de quartzito foi recolhida na Cerca do Pintado, no caminho para Curralado de los Santos (CNS 28687), entre os sítios de Choções 1 e Choções 2. Ainda que encontrado numa proximidade relativa aos dois monumentos funerários pré-históricos, trata-se de um achado de superfície completamente descontextualizado, pois surge precisamente no caminho de terra batida, que decerto foi

inumeráveis vezes deslocado, razão pela qual suscita tantas dúvidas em associá-lo a um dos monumentos próximos.

Afiadores/Polidores

No nosso estudo, consideram-se afiador os utensílios líticos em que se observa pelo menos uma superfície polida, resultante do uso como amolador. De acordo a esta definição, apenas identificámos um exemplar. Referimo-nos a um seixo irregular em quartzito (seixo rolado) alongado, onde uma das superfícies apresenta-se ligeiramente côncava e polida, evidenciando sinais de utilização (Anexo 9, Foto 37)

Percutor

Trata-se de um seixo trapezoidal em quartzito, de superfícies planas com «polimento» hídrico, indicando que se trata do aproveitamento de um seixo de rio. Mas, conforme se denota nas marcas existentes em ambas faces, foi usado ocasionalmente como percutor.

5.4 | INDÚSTRIA DE PEDRA POLIDA E AFEIÇOADA: ALGUMAS APRECIACÕES

A informação agora reunida, além de escassa é mutilada pela falta de contextos, o que não permite a pormenorização do povoamento humano nas bacias hidrográficas do Ardila e Múrtega no concelho de Barrancos. O estado atual, muito embrionário em que se encontram os conhecimentos, pode gerar conceções distorcidas sobre o povoamento da Pré-História Recente neste território, pelo que é suscetível a ratificações.

Apesar da ausência de contextos seguros que permitam explicações plausíveis, algumas interpretações podem ser adiantadas, mas sem esquecer que se trata de uma visão parcial, baseada em dados descontextualizados. Principiar por salientar que grande parte do conjunto de utensílios provém da área onde se localizam os monumentos megalíticos e por lógica os espaços habitacionais correlativos, apesar de ainda não identificados.

Os elementos recuperados fundamentam a presença de comunidades produtoras e transformadoras, documentadas em horizontes da cultura megalítica. Mesmo que não viabilizam conjecturas imperativas acerca do modo de vida, o conjunto de utensílios é indicativo do “*tipo de economia que o justifica e sustenta*”. (Oliveira J. d., 2000, p. 144).

Ainda assim, com todas as limitações em que nos encontramos, questionamos: *Que atividades nos podem indicar a utensilagem recolhida?*

Quanto à matéria, constatamos que, comparativamente a achados líticos, os cerâmicos surgem em menor número, o que deve estar estreitamente relacionado com a ausência de trabalhos arqueológicos. Porém, se considerarmos a fraca representação de materiais cerâmicos, habitualmente recuperados em contextos de povoados, podemos pressupor que a atividade pastoril assumiria um papel relevante no meio de subsistência destas comunidades que, muito ainda dependeriam dos recursos silvestres conseguidos pela caça, pesca ou recolção. Relativamente aos utensílios líticos, quanto à tipologia, estes são, em grande medida, relacionáveis a contextos de preparação da terra para a prática agrícola e à função moageira, provavelmente de cereal. A respeito da proveniência incerta da maior parte dos achados, isolados sem associação a estruturas habitacional ou ritual, podemos supor que são instrumentos propositadamente abandonados quando disfuncionais, por exemplo deteriorados por fratura ou desgaste, ou extraviados durante a deslocações na prática da atividade.

A evidência artefactual é considerada como um indicador útil para a compreensão do meio de subsistência, mas evidentemente, atendendo ao limitado conjunto artefactual de que dispomos, não poderemos pressupor que a agricultura seria a atividade predominante, apenas podemos inferir que era praticada, mas sem determinar o peso relativo no seio da comunidade (Gonçalves & Sousa, 2000). Por outro lado, convém salientar que a pastorícia é uma atividade mais nómada e com necessidade de menos artefactos, e estes, provavelmente de natureza perecível, como peles, madeira ou fibra vegetais, por exemplo, a cestaria, para serem mais leves e idóneos nas deslocações, que também seriam menos resistentes à passagem do tempo, pelo que não é tão comum o seu achado. Se, paralelamente, tivermos em conta as características geomorfológicas da região, fortes pendentes, vales profundamente cavados, solos fracos e secos, inviabiliza uma economia sustentada exclusivamente na agricultura (Oliveira J. d., 2000), mas que a pastorícia pode ter sido uma das atividades preeminentes. A pastorícia, muito depende da utilização dos recursos naturais, obrigando a um contínuo nomadizar pelo território para

o apascentamento dos animais, o que condiz com um povoamento humano semi-sedentarizado, estacional ou sazonal, para o qual, os utensílios cerâmicos, pela sua fragilidade quebradiça, não são tão convenientes. No entanto, estes grupos *“teriam mantido a disposição para a mobilidade no interior de um território relativamente circunscrito, habitando diversos povoados durante períodos relativamente curtos”* (Bettencourt A. M., 2013, p. 49), o que não concorda efetivamente com a plena sedentarização.

Nos períodos históricos mais recentes neste território de Barrancos, no que respeita às atividades económicas, entre a agricultura e a pastorícia, prevalece uma predominância da segunda sobre a primeira, o que é claramente compreensível pelas características geomorfológicas do território. Como anteriormente referido, e de acordo com a atual classificação dos solos (SROA), neste território são predominantemente os de classe D e E, o que se traduz como pouco aptos para a prática agrícola e com moderada a severas limitações (Portugal, 1982).

No que concerne a cronologias, atendendo que tratamos de dados descontextualizados e que abordamos um conjunto artefactual lítico oriundo de diferentes sítios (ainda que da mesma zona), correspondente a uma ampla diacronia, trespassando toda a Pré-História das antigas sociedades camponesas, e considerando a parcimónia cerâmica encontrada, maioritariamente de fragmentos incaracterísticos, é inviável uma integração crono cultural precisa. Porém, com precaução, ousamos atribuir-lhe um posicionamento crono-cultural neolítico/calcolítico.

Capítulo 6

REFLEXÕES

“Aponta-se o arqueólogo como um dos principais responsáveis pela destruição da informação arqueológica original, mas recorda-se que para proteger é necessário estudar e compreender e para isso, a maioria das vezes, é necessário escavar”

(Oliveira J. d., 1997, p. 157).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que apresentamos teve como objeto principal de estudo os monumentos megalíticos que se acham na área geográfica do concelho de Barrancos. Procurou-se, a partir da inventariação, descrição e caracterização compreender de que forma estes monumentos se inscrevem no território e no *complexo fenómeno megalítico*, que ocorre no Centro e Sul de Portugal entre o 6º e o 3º milénio antes de Cristo.

Os dados mais recentes sobre o megalitismo na região do Baixo Alentejo procedem principalmente dos trabalhos de salvaguarda que se tem vindo a desenvolver nas últimas décadas. Em consequência, encontramos a informação, em grande medida, dispersa e fragmentada por publicações de artigos temáticos. Esta realidade contrapõe-se à encontrada para a região do Centro e Alto Alentejo, onde os sucessivos trabalhos de investigação e estudo têm contribuindo notavelmente para a compreensão desses territórios megalíticos. Quanto à informação disponível para Barrancos, não se conhecem estudos sistemáticos sobre a Pré-história Recente neste concelho, pelo que os dados arqueológicos existentes são, na maioria dos casos, resultantes de achados fortuitos. É neste âmbito que as exposições colocadas ao longo deste trabalho devem ser consideradas, como o resultado das primeiras interpretações e, evidentemente, tidas como provisórias.

Apesar dos constrangimentos sentidos, especialmente relacionados com a escassa informação disponível, mas, também com o facto de estudar um “*fenómeno*” a partir de um pequeno conjunto de estruturas funerárias nunca escavadas, o desenvolvimento deste estudo foi verdadeiramente desafiante mas, ainda assim, cremos ter conseguido apresentar uma primeira caracterização do megalitismo local e, em certa medida, a sua integração em contextos à escala regional.

Atualmente, na área geográfica do concelho de Barrancos, são identificados um total de doze monumentos megalíticos (dez relocalizados e dois por localizar que apenas foram referidos ao longo deste trabalho) e o seu estudo mostra-se pertinente não pela quantidade, nem pela clara tendência de se concentrarem numa região concreta, a mesopotâmia do Ardila e Múrtega, mas porque são integrantes da região do Alentejo e que o seu estudo e inventário presente pode contribuir para o enriquecimento do conhecimento do fenómeno megalítico uma escala mais ampla.

A nível de dimensão do conjunto, se comparado com as grandes manchas megalíticas de Reguengos de Monsaraz, ou as do rio Sever, por citar apenas dois exemplos, trata-se efetivamente de um grupo reduzido. Da observação superficial, porque é a que é possível sem se executar qualquer trabalho arqueológico intrusivo, denota-se uma curiosa heterogeneidade nas arquiteturas, distinguindo-se sepulturas simples, antas com corredor de cumprimentos variados e, possivelmente falsa cúpula. Esta diversidade morfológica sugere uma evolução arquitetural, mas, não dispomos dados suficientes para a relacionar com diferentes fases do neolítico e calcolítico. Também é de referir que os monumentos megalíticos de Barrancos, naturalmente, foram construídos com recurso à matéria-prima local, o xisto. E tal como acontece noutras áreas de megálitos em xisto, o número de esteios é variável e de dimensões tendencialmente limitadas, o que se reflete na volumetria e na planta dos monumentos, que se evidenciam pouco monumentais, principalmente em altura, e com plantas de difícil interpretação (Oliveira, J. d., 1994, 1997). Assim, o aparente polimorfismo pode derivar da natureza do material de construção e também de processos pós-deposicionais que, quer sejam naturais ou humanos, afetam o estado de conservação dos monumentos. A totalidade dos monumentos compreendidos neste estudo não se encontra na sua forma original. Ao longo dos milénios, inevitavelmente sofreram alterações em vários aspetos, sobretudo na própria arquitetura do edificado e do *tumulus*, o que inviabiliza uma rigorosa tipificação de arquiteturas.

As estruturas de características megalíticas identificadas no concelho de Barrancos são a principal fonte de informação para o desenvolvimento deste trabalho. Porém, foi a aplicação das ferramentas SIG que facilitaram o estudo geoespacial, analisando possíveis relações entre a posição dos monumentos identificados e os aspetos biofísicos do terreno que podemos construir várias leituras sobre a inscrição do megalitismo no território e por correspondência, a das comunidades construtoras.

Assim, quanto à distribuição espacial do megalitismo localizado na mesopotâmia do Ardila e Múrtega, identificamos várias coincidências que merecem atenção. Primeiramente, anotar que, como é expectável, a distribuição espacial dos monumentos está estreitamente relacionada com diversos fatores de ordem natural, nomeadamente com os recursos hídricos, contexto geológico, relevo e capacidade dos solos. Sobre a localização dos monumentos percebe-se a preferência por posicionamentos próximos aos cursos de água, implantações em linhas de fecho de medianas altitudes,

sobranceiros a solos leves favoráveis à prática agrícola e erguem-se relativamente perto da matéria-prima para a sua construção.

Esta distribuição compreende-se no âmbito da vida e não tanto da morte, porque aos espaços funerários indubitavelmente correlaciona-se o dos vivos, onde se desenvolvem diferentes atividades para a sobrevivência, que está profundamente dependente da diversidade que a natureza oferece. Portanto, os padrões de povoamento das comunidades megalíticas viram-se moldados pelos elementos naturais, tendo-se desenvolvido em estreita ligação com eles. Assim, entende-se que os monumentos funerários se localizem em área que oferecem condições excepcionais e favoráveis para o desenvolvimento da vida das comunidades pré-históricas, nomeadamente no que a agricultura e a pastorícia diz respeito. É plausível e natural que qualquer comunidade se aproveitasse das terras mais férteis e fáceis para sulcar, enquanto o terreno rochoso servia para a criação de animais.

Na questão da localização dos povoados revela-se difícil delinear um modelo de ocupação do território, porque as ocorrências de que temos conhecimento são apenas três – Noudar, Boticas1 e Torrita 1 – e, não dispomos de dados provenientes de contextos seguros, apenas alguns artefactos líticos e alguns fragmentos cerâmicos de recolha de superfície. No entanto, e considerando que os espaços funerários se localizam na envoltura dos cursos do Ardila e do Múrtega, ou nas imediações dos seus afluentes, depreendemos que o povoamento pré-histórico local se organize em função da rede hidrográfica. Por outro lado, tendo em conta a evidente aglomeração dos monumentos funerários, constituindo pequenas necrópoles, dispersas pelo território podemos conjecturar tratar-se de um povoamento disseminado, o que também pode justificar a recolha de artefactos líticos em diferentes áreas deste território.

A localização da casa dos mortos e dos associáveis povoados em terrenos favoráveis à prática pastoril, mas também com áreas propícias para a agricultura de “sacho e queimada”, juntamente com a recolha de artefactos, como enxós e elementos de mós, sugere-nos que estamos perante comunidades de economias mistas. Mas apontar qual delas seria a atividade predominante, sem a execução de trabalhos arqueológicos sistemáticos seria meramente especulação.

Porque reconhecemos que o megalitismo é expresso de distintas formas, e não só nos *mega monumentos líticos*, sabemos que só um estudo integrado e unificado pode

aproximar-nos à compreensão do fenómeno. Foi neste sentido que, paralelamente ao estudo dos monumentos megalíticos funerários, carreeu-se para esta dissertação a informação arqueológica disponível em que se inscrevem os monumentos, tais como, o inventário dos artefactos líticos ou a referência dos povoados presumivelmente relacionáveis crono-culturalmente a eles.

O estudo da componente artefactual, permite algumas ilações, ainda que simplistas derivado à inexatidão de procedência ou a falta de contextos. No caso, os artefactos recuperados, primeiramente, permitem-nos comprovar que existem contactos, troca de materiais ou de matérias-primas entre comunidades de diferentes regiões. É por esta via que compreendemos a recolha de artefactos de matérias-primas exógenas, como é exemplo, a pequena enxó de fibrolite BAR0020 (Anexo 7B). Por outro lado, estes artefactos que, pela sua tipologia, marcas de uso e proveniência não correlacionada a monumentos megalíticos, sugerem uma função prática e não ritual ou votiva. Neste caso, artefactos de desbravamento de solos, como machados e enxós, permitem-nos descrever estas comunidades como agrícolas, ainda que de forma rudimentar e possivelmente complementar, mas, garantidamente já trabalham os solos para apoiar a sua subsistência.

Não sabemos quando se dá início à monumentalização desta paisagem, porém as evidências arqueológicas apontam para o 4º / 3º milénio a.C., o que de facto, é um intervalo de tempo verdadeiramente amplo sem grande precisão, mas ainda assim, ajuda-nos a posicionar, cronologicamente as comunidades construtoras neste território. Assim, entre o 4º e o 3º milénio a.C., neste território que hoje denominamos Barrancos e, particularmente, na mesopotâmia do Ardila e Múrtega, as comunidades neolíticas desenvolvem a domesticação da terra e dos animais o que requereu maior fixação ao lugar. *“A sedentarização sazonal inicial dará lugar a uma maior apropriação da terra na qual a monumentalização dos espaços da morte terão papel fundamental, assumindo-se, igualmente, como factores determinantes da coesão e estruturação sociais”* (Oliveira, Oliveira, & Moitas, 2011, p. 415).

Desde o início do trabalho que nos questionamos acerca da concentração dos monumentos funerários numa área geomorfologicamente bem definida, como o é a mesopotâmia do Ardila e Múrtega (Barrancos): é o resultado accidental dos parques trabalhos de investigação até agora desenvolvido ou fruto de qualquer sistema da estruturação do território em tempos pré-históricos? Verdadeiramente, não alcançamos

uma resposta incontestável, porque não podemos garantir que não existem monumentos megalíticos em outras latitudes do concelho. Contudo, conseguimos tecer algumas conclusões e pontos de reflexão sobre possíveis tendências de implantação da casa dos mortos e, por correlação, também à dos vivos, a partir da análise do que sabemos existir.

Agora, quanto às supostas disparidades de povoamento que encontramos no interior deste território, não fica inteiramente claro porque na área geográfica do concelho de Barrancos, somente encontramos monumentos megalíticos na zona nordeste, particularmente na mesopotâmia do Ardila e Múrtega, o que equivale a aproximadamente a 25% da área total do concelho. Claramente, esta realidade relaciona-se com a rede hidrográfica e, em particular, como o Ardila e o Múrtega. No entanto, outras linhas de água secundárias coincidem no concelho, como o Murtigão, afluente do Ardila e, no presente, não registamos evidências do megalitismo nas suas margens. Assim, supomos que, além da rede hidrográfica, outras razões estarão subjacentes ao facto de não encontramos monumentos megalíticos em outras latitudes do concelho, como pode ser a geomorfologia do terreno e a sua influência no desenvolvimento das atividades agro-pastoris.

Na observação do mapa da orografia do concelho de Barrancos (Anexo 4C, Imagem 8) verificamos que, entre o Múrtega e o Murtigão, existe um aumento de altitudes, um acidente geográfico que marca a paisagem e, que também pode ter influído nas formas de povoamento e subsequente exploração do território.

Como já referimos, os terrenos com relevos mais acentuados identificam-se mais com a atividade pastoril, enquanto os mais suaves são mais propícios à prática agrícola. Será possível estarmos perante um território com realidades económicas distintas derivada da geomorfologia do terreno? Em que notamos a presença de comunidades que desenvolvem a atividade agrícola complementada com a pastorícia e uma outra essencialmente pastoril? Esta hipótese apenas é colocada com base nos vestígios de povoamento na zona norte do concelho, onde se identificam os monumentos funerários, se reconhecem sítios de povoamento e se recolhem artefactos, em oposição à zona sul, onde não surgem evidências, nem das mais visíveis, como monumentos ortostáticos, funerários ou não. E só o desenvolvimento de trabalhos sistemáticos e integrado poderá arrojar dados suficientes para continuar a reconstituir a paisagem megalítica que se inscreve no território, hoje denominado por Barrancos.

No estado atual dos conhecimentos, consideramos ter um número infra valorizado de monumentos funerários megalíticos, porque se até ao momento consideramos dez monumentos relocados, cremos que o desenvolvimento de trabalhos sistemáticos de prospeção conduza à identificação de novas evidências que, até à data e pelas diferentes razões, tenham passado despercebidas. Apropriando-nos das palavras de J. d. Oliveira referindo-se aos monumentos megalíticos de Cedillo, mas que podem ser aplicadas na íntegra aos monumentos do concelho de Barrancos *“hay que recordar que los monumentos de pizarra de esta región se confunden facilmente com afloramientos naturales, sendo por tanto difícil reconocer e identificar vestígios arqueológicos com las características de estas sepulturas”* (Oliveira J. d., 1994, p. 11).

Sabendo das grandes disparidades quanto ao estado de conhecimentos do megalitismo dentro da grande região do Alentejo, achamos pertinente o estudo do pequeno grupo megalítico do concelho de Barrancos no sentido que, a informação que nos fornecem ajudam a conhecer o *“fenómeno megalítico”* de um território mais vasto como o Baixo Alentejo, onde o rio Guadiana e os seus principais afluentes são elementos fundamentais para a estruturação do território. Com esta perspetiva, espera-se desta forma liliputiana ter colaborado no estudo e conhecimento do megalitismo na região, particularmente da margem esquerda do Guadiana e concretamente na bacia hidrográfica do Ardila. Ao mesmo tempo, deseja-se ter contribuído para uma melhor definição das antigas comunidades camponesas dos 4º e 3º milénios numa região integrante no sudoeste peninsular.

Chegados aqui, sabemos que não se conclui o trabalho, antes pelo contrário, reconhecemos, que apenas constituímos uma Introdução ao Estudo das Sepulturas Megalíticas na Bacia Hidrográfica do Ardila, título que deveria adotar este estudo.

“Em uma palavra, esta notícia é apenas um fraco começo de trabalhos, que continuados por aquelles, que tiverem oportunidade para os executar, queiram emprehendel-os, e muito felizes nos consideraremos se com o nosso exemplo conseguirmos ver ampliado o conhecimento d'estes monumentos (...)” (Pereira da Costa, 1868, p. VIII)

BIBLIOGRAFIA

- (DGADR), D.-G. d. (s.d.). Nota Explicativa da Carta dos Solos de Portugal e da Carta de Capacidade de Uso do Solo. Obtido de <https://www.dgadr.gov.pt/nota-explicativa>
- Afonso Marrero, J., Cámara Serrano, J., Haro Navarro, M., Molina González, F., MontufoMartín, A., Sánchez Jiménez, I., & Spanedda, L. (2006). Organización territorial en el valle del Río Gor en la Prehistoria, Simbolismo, Arte e Espaços Sagrados na Pré-história da Península Ibérica. Em N. F. Bicho (Ed.), *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 14 a 19 de setembro de 2004)* (pp. 39-52). Faro: Promontoria Monográfica 05, Universidade do Algarve. Obtido de <http://hdl.handle.net/10481/67462>
- Agência Portuguesa do Ambiente. (2016). Plano de Gestão de Região Hidrográfica. Parte 2 - Caracterização e Diagnóstico. Região Hidrográfica do Guadiana (RH7). Obtido de <https://dados.gov.pt/pt/datasets/r/5b20f3d5-cdc6-49cf-8e22-8b78c87b538f>
- Agosto, F. O. (2022). *O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa) no 3º milénio a.n.e.: materialidades e problemáticas de uma especificidade cultural no extremo Sul do Sudoeste ibérico*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras, Lisboa. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/51795>
- Alarcão, J. d., & BARROCA, M. (2012). *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*. Porto: Figueirinhas.
- Almeida, N. J., Serra, M., Reis, J., Costa, L., & Barreira, J. (2024). Passado, presente e futuro do Megalitismo no Baixo Alentejo: os Municípios de Vidigueira, Cuba, Alvito, Moura e Serpa (Distrito de Beja). (C. FABIÃO, M. DINIZ, A. F. CARVALHO, F. P. SILVA, & A. C. VALERA, Edits.) *De Gibraltar aos Pirenéus – Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular Arqueologia, Património e Turismo. , estudos & memórias*; 25, pp. 157-1173. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.5/95883>
- Alvim, P. (2015). De Nascente para Poente: reflexões sobre a sintaxe da arquitectura megalítica no Alentejo. Em G. Branco, L. Rocha, C. Duarte, J. Oliveira, & P. Bueno (Ed.), *Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário. Actas do II Congresso Internacional Sobre Arqueologia de Transição* (pp. 1-6). Évora: CHAIA. Obtido de <https://www.chaia.uevora.pt/uploads/pdfs>
- Andrade, M. A. (2009). *Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo) - definição e caracterização do fenómeno de «megalitização» da paisagem na área austral do Norte alentejano*. doi:10.13140/RG.2.1.3588.5521
- Andrade, M. A. (2014). Sobre os Conjuntos de Artefactos de Pedra Polida das Áreas de Benavila e Ervedal (Avis, Portugal). *Al-Madan Online, IIª Série*. 19, 92-104.
- ArcGis, P. (s.d.). Termos essenciais do analista espacial. Obtido de <https://pro.arcgis.com/en/pro-app/latest/help/analysis/spatial-analyst/basics/essential-spatial-analyst-terms.htm>
- Arias, P., & Cubas, M. (2018). Muerte y ritual en el Neolítico del noroeste ibérico: El megalitismo y otras manifestaciones del comportamiento funerario de las sociedades

- de los milenios V y IV a.C. en la región cantábrica y Galicia. Em J. C. Senna-Martínez, M. Diniz, & A. F. Carvalho (Ed.), *De Gibraltar aos Pirenéus - Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular* (pp. 133-154). Nelas: Fundação Lapa do Lobo / UNIARQ - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / CEAACP - Universidade do Algarve. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/36413>
- Armendariz, A. (1992). La idea de la muerte y los rituales funerarios durante la Prehistoria del País Vasco. *MUNIBE (Antropologia - Arkeologia)*(Supl. N.º 8), pp. 13-32. Obtido de <https://www.aranzadi.eus/fileadmin/docs/Munibe/1992013032.pdf>
- Barata, B. C. (2015). *Barragem do Alqueva - Plano de Minimização de Impactos no Património Arqueológico*. Obtido em 2024, de Academia.edu: https://www.academia.edu/22300989/Barragem_do_Alqueva_PLANO_DE_MINIMIZA%C3%87%C3%83O_DE_IMPACTES_NO_PATRIM%C3%93NIO_ARQUEOL%C3%93GICO
- Bettencourt, A. M. (2010). O rio da memória: arqueologia no território do Leça. Em J. Varela, & C. Pires, *Comunidades pré-históricas da bacia do Leça* (pp. 33-88). Matosinhos: Câmara Municipal. Obtido de https://www.academia.edu/2456157/BETTENCOURT_A_M_S_2010_Comunidades_pr%C3%A9_hist%C3%B3ricas_da_bacia_do_Le%C3%A7a_In_J_Varela_and_C_Pires_coords_O_rio_da_mem%C3%B3ria_arqueologia_no_territ%C3%B3rio_do_Le%C3%A7a_Matosinhos_C%C3%A2mara_Municipal_33_88
- Bettencourt, A. M. (2013). Vila do Conde na pré-história recente. Em *Vila do Conde. Tempo e Território*. (pp. 46-59). Câmara Municipal de Vila do Conde. Obtido de <https://hdl.handle.net/1822/45885>
- Bettencourt, A. M., & Boas, L. V. (2021). O Património - Pré-História, Megalítico e Arte Rupestre. *Viagem no Tempo - História e Património Cultural do Alto Minho*, pp. 35-44. Obtido de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/80592/1/>
- Bettencourt, A. M., & Rebelo, T. M. (1988/89). Monumentos megalíticos da Serra do Arestal (Sever do Vouga-Vale de Cambra). Inventário preliminar. *Portugália, IX-X*, pp. 7-32. Obtido de <https://hdl.handle.net/1822/45356>
- Boaventura, R. (2009). *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras, Departamento de História, Lisboa. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/587>
- Bueno Ramírez, P. (1986). Megalitos en Extremadura. Em A. E. Arqueología (Ed.), *Actas de la Mesa Redonda sobre Megalitismo Peninsular*, (pp. 45-75).
- Calado, M. (2004). Menires do Alentejo Central: génese e evolução da paisagem megalítica regional. I. Obtido de academia.edu: https://www.academia.edu/11772665/Menires_do_Alentejo_Central_Vol_1_
- Cámara Serrano, J. A. (2001). *El ritual funerario en la Prehistoria Reciente del sur de la Península Ibérica*. Oxford: British Archaeological Reports. doi:10.30861/9781841711669
- Câmara, A. (2017). *A fotointerpretação como recurso de prospeção arqueológica. Chaves para a identificação e interpretação de monumentos megalíticos no Alentejo: aplicação nos*

- concelhos de Mora e Arraiolos*. Tese de Mestrado, Universidade de Évora, Évora. Obtido de <http://hdl.handle.net/10174/22054>
- Cardoso, J. L. (2002). Correspondência anotada de Abel Viana a O. da Veiga Ferreira. *Estudo Arqueológicos de Oeiras*, 10, pp. 415-608. Obtido de <https://eao.oeiras.pt/index.php/DOC/article/view/94>
- Cardoso, J. L. (2008). Correspondência seleccionada enviada a O. da Veiga Ferreira: cinquenta anos de actividade arqueológica (1946-1995). (J. L. Cardoso, Ed.) *Estudos Arqueológicos de Oeiras. Octávio da Veiga Ferreira. Homenagem ao Homem, ao Arqueólogo e ao Professor*, 16, pp. 383-751. Obtido de <https://www.researchgate.net/publication/272063035>
- Cardoso, J. L. (2008). Joaquim Felipe Nery Delgado, arqueólogo. Em *Nery Delgado (1835-1908) [Em linha] : geólogo do reino* (pp. 65-81). Lisboa: Museu Geológico. Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação. Centro de História e Filosofia da Ciência - FCTUNL. Obtido em dezembro de 2023, de <http://hdl.handle.net/10400.2/3276>
- Cerrillo, E., & Prada, A. (1996). Megalitismo y poblamiento neolítico en el suroeste de Badajoz: una lectura complementaria. (S. d. Universidad de Extremadura, Ed.) *Norba. Revista de Historia*(16), 47-74. Obtido de <http://hdl.handle.net/10662/9400>
- Chapman, R. (1981). The emergence of formal disposal areas and the 'problem' of megalithic tombs in prehistoric Europe. Em R. Chapman, I. Kinnes, & K. Randsborg (Eds.), *The archaeology of the earth* (pp. 71-81). Cambridge: Cambridge University Press.
- Corga, M. P. (2022). *Os Vivos depois da Morte uma abordagem à gestão mortuária dos Tholoi 1 e 2 da Horta do João da Moura 1 (Ferreira do Alentejo) durante o 3º milénio AC*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. Obtido de <https://hdl.handle.net/10216/145030>
- Costa, F. A. (1868). *Noções sobre o estado prehistorico da terra e do homem seguidas da descripção de alguns dolmens ou antas de Portugal*. Lisboa: Typ. da Academia. Obtido de https://www.google.pt/books/edition/No%C3%A7%C3%B5es_sobre_o_estado_prehistorico_da/risXAAAAYAAJ?hl=pt-PT&gbpv=1&pg=PR3&printsec=frontcover
- Criado Boado, F., & Vaquero Lastres, J. (1993). Monumentos, nudos en el pañuelo. Megalitos, nudos en el espacio: Análisis del emplazamiento de los monumentos tumulares gallegos. *Espacio, Tiempo y Forma*, 6, pp. 205-248. doi:10.5944/etfi.6.1993.4585
- Criado-Boado, F. (1984-85). El tercer factor o la lógica oculta del emplazamiento de los túmulos megalíticos gallegos. *Cuadernos de Estudios Gallegos*, XXXV-100, pp. 7-25.
- Criado-Boado, F., Fábregas Valcarcel, R., & Vaquero Lastres, J. (1990-91). Concentraciones de túmulos y vías naturales de acceso al interior de Galicia. *Portugália*, XI e XII, pp. 27-38. Obtido de <http://hdl.handle.net/10261/74725>
- Diniz, M. (2000). Neolitização e megalitismo: arquitecturas do tempo no espaço. Em V. Gonçalves, A. C. Sousa, & A. M. Faria (Ed.), *Muitas antas, pouca gente?: Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo* (pp. 105-116). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

- Diniz, M. (2007). O Sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal. *Trabalhos de Arqueologia*, 48. Obtido de https://www.academia.edu/1467748/O_s%C3%ADtio_do_Neol%C3%ADtico_antigo_da_Valada_do_Mato_Portugal_
- Domínguez, J. d., Peral, D., Barragán, I., Fortea, M., Guillén, M., & Fuente, J. M. (1996). Una contribución al megalitismo en Extremadura. Dos nuevos menhires en la cuenca del Ardila. *Revista de estudios extremeños*, 52(2), 401-410. Obtido de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=260018>
- Escobar, G. Á. (2005). *Estudio lingüístico y glosario de los términos especializados de la Arqueología*. Tesis Doctoral, Universidad de Granada, Granada. Obtido de <http://hdl.handle.net/10481/563>
- Fabião, C. (Outubro de 1999). Um século de arqueologia em Portugal - I. (C. d. Almada, Ed.) *al-Madan*, pp. 104-126. Obtido de <https://www.researchgate.net/publication/271073372>
- Feio, M. (1952). A evolução do relevo do Baixo Alentejo e Algarve. Obtido de https://docbase.Ineg.pt/docs/Comunicacoes/communicacoes32_algarve.pdf
- Ferrari, M. (2014). As noções de fronteira em geografia. *Perspectiva Geográfica*, 9(10). Obtido de <https://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/10161/7550>
- Figueiredo, A. (2021). *As Primeiras Arquiteturas no Centro de Portugal - O Caso do Complexo Megalítico de Rego da Murta* (1ª ed.). MMA, IPT, UAL.
- García Sanjuán, L. (2000). Grandes piedras, paisajes sagrados. *Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico*, 31, pp. 171-178. doi:<https://doi.org/10.33349/2000.31.1010>
- Gonçalves, V. (1979). O megalitismo e os inícios da metalurgia do cobre no alto Algarve Oriental, notas a uma exposição. (MAEDS, Ed.)
- Gonçalves, V. (1997). Suzanne Daveau e a Arqueologia: tempo e espaço. *Finisterra*, 32(63), 71-80. doi:<https://doi.org/10.18055/Finis1785>
- Gonçalves, V. S. (1978). Para um Programa de Estudo do Neolítico em Portugal. *Zephyrus*, pp. 147-162. Obtido de <https://www.researchgate.net/publication/283633900>
- Gonçalves, V. S. (1989). *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma integração integrada* (UNIARQ ed., Vol. I). Lisboa. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/15872>
- Gonçalves, V. S. (1992). *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz* (Vol. 2). (UNIARQ, Ed.) Lisboa.
- Gonçalves, V. S. (1999). *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa.
- Gonçalves, V. S. (2003). *Sítios, «Horizontes» e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas (Estudos sobre o 3.º milénio no Centro e Sul de Portugal)*. (2ª ed.). Câmara Municipal de Cascais. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/44236>
- Gonçalves, V. S., & Sousa, A. C. (2000). O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente Peninsular (espaços de vida, espaços da morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz). *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo* (pp. 11-104). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/15777>

- Gonçalves, V. S., & Sousa, A. C. (2003). Novos dados sobre o grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: o limite oriental. (V. S. Gonçalves, Ed.) *Muita Gente, Poucas Antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, pp. 198-226. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/40123>
- Gonçalves, V. S., & Sousa, A. C. (2003). Novos dados sobre o grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz : o limite oriental. Em V. S. Gonçalves (Ed.), *Muita Gente, Poucas Antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. (pp. 198-226). Lisboa: Ministério da Cultura / Instituto Português de Arqueologia. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/40123>
- Henriques, F. J., Soares, A. M., António, T. F., Curate, F., Valério, P., & Rosa, S. P. (2014). O Tholos Centirã 2 (Brinches, Serpa) - construtores e utilizadores; práticas funerárias e cronologias. *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, (pp. 319-355). Obtido de https://www.researchgate.net/publication/283684255_O_Tholos_Centira_2_Brinches_Serpa_-_construtores_e_utilizadores_praticas_funerarias_e_cronologias/references
- Hoskin, M. (2009). Orientations of dolmens of Western Europe. *Complutum*, 20(2), 165-175.
- Inocência, J. R. (2013). *Contextos e Práticas Funerárias Calcolíticas no Baixo Alentejo Interior (Sudeste Alentejano)*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho - Instituto de Ciências Sociais. Obtido de <https://hdl.handle.net/1822/29297>
- Jorge, V. O. (2002). Arqueologia dos monumentos da Pré-história Recente - algumas sugestões interpretativas. *Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Património*, 1, 13-26. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.26/25242>
- Jorge, V. O., & Jorge, S. O. (2000). A monumentalização da paisagem durante a Pré-história. *Era Arqueologia*, pp. 101-111. Obtido de <https://www.academia.edu/6204541/>
- Leisner, G., & Leisner, V. (1951). *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz - estudos e memórias* (2.ª ed., Vol. 1). (V. Gonçalves, Ed.) Lisboa: UNIARCH.
- Leisner, V., & Leisner, G. (1959). *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen. 2. Lieferung*. Deutsches Archäologisches Institut. doi:<https://doi.org/10.34780/0fwf-eec5>
- Leisner, V., & Leisner, G. (1959). *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen. 2. Lieferung*. Deutsches Archäologisches Institut. doi:<https://doi.org/10.34780/0fwf-eec5>
- Lima, J. F. (1981). *Elementos Historicos e Arqueologicos do concelho de Moura* (2ª ed.). Moura: Biblioteca Municipiapl.
- Lima, J. F. (1988). *Monografia Arqueológica do Concelho de Moura* (Câmara Municipal de Moura ed.). Moura: Câmara Municipal de Moura.
- Linares Catela, J. A. (2018). Megalitismos del área de Huelva. Investigación y puesta en valor. Em J. C. Senna-Martinez, M. Diniz, & A. F. Carvalho (Ed.), *De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular* (pp. 519-538). Nelas: Fundação Lapa do Lobo / UNIARQ - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / CEAACP - Universidade do Algarve. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/35835>
- Lopes, M. d., Carvalho, P. C., & Gomes, S. M. (1997). *Arqueologia do Concelho de Serpa*. (C. M. Serpa, Ed.) Serpa.

- Mataloto, R. (2007). Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, X(1), 123-140. Obtido de <https://www.researchgate.net/publication/28206798>
- Moita, I. (1965). A Carta Arqueológica da Margem Esquerda do Guadiana e o Museu de Serpa (Projecto). *Separata. Actas do III Colóquio Portuense de Arqueologia*, IV.
- Moita, P. (2007). *Granitoides no SW da Zona de Ossa-Morena (Montemor-o-Novo-Evora): Petrogénese e processos geodinâmicos*. Tese de Doutoramento, Universidade de Évora, Évora.
- Neves, C., & Diniz, M. (2018). À procura da terra dos vivos: os lugares de povoamento das primeiras fases do Megalitismo Funerário no Centro e Sul de Portugal. *De Gibraltar aos Pirinéus - Megalitismo. Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular* (pp. 321-339). Fundação Lapa do Lobo / UNIARQ - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / CEAACP - Universidade do Algarve. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/36424>
- Oliveira, C., Rocha, L., & Silva, C. M. (2007). Megalitismo funerário no Alentejo Central — arquitectura e orientações: o estado da questão em Montemor-o-Novo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10(2), 35-74.
- Oliveira, J. d. (1994). *Sepulturas Megalíticas del termino municipal de Cedillo - Provincia de de Cáceres*. Cáceres: Ayuntamiento de Cedillo (Cáceres).
- Oliveira, J. d. (1994). *Sepulturas Megalíticas del termino municipal de Cedillo - Provincia de de Cáceres*. Cáceres: Ayuntamiento de Cedillo (Cáceres).
- Oliveira, J. d. (1997). *Monumentos Megalíticos da Bacia do Rio Sever* (Ibn Maruan - Revista Cultural do Concelho de Marvão ed.). Marvão: Colibri.
- Oliveira, J. d. (1997). *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever* (Bilingue ed., Vol. I). Ibn Maruan - Revista Cultural do Concelho de Marvão.
- Oliveira, J. d. (2000). O megalitismo de xisto da Bacia do Sever(Montalvão – Cedillo). *Muitas antas, pouca gente? : Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, (pp. 135-158). Reguengos de Monsaraz. Obtido em 2023, de <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2323/1/megalitismo%20de%20xisto.pdf>
- Oliveira, J. d. (2015). O "eterno descanso" no Neolítico do Alentejo Norte. Em G. Branco, L. Rocha, C. Duarte, J. d. Oliveira, & P. Bueno Ramirez (Ed.), *Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário - Actas do II Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição (29 de abril a 1 de maio de 2013)* (pp. 97-106). Évora: CHAIA. Obtido de <http://hdl.handle.net/10174/16580>
- Oliveira, J. d. (2016). Exemplos de reabilitação de monumentos megalíticos no Norte do Alentejo - Portugal. Em I. C. Antropología (Ed.), *XIII Conferencia Internacional - Antropología 2016* (pp. 103-120). Cuba: Editorial Filosofia@.cu. Obtido em 2024, de <http://hdl.handle.net/10174/19386>
- Oliveira, J. d. (2018). La cristianización de monumentos megalíticos funerarios en Portugal. Em I. C. Antropologia (Ed.), *Antropología. Memorias*, (pp. 236-251). La Habana. doi:NR367598-2018

- Oliveira, J. d. (2019). *MegaNisa - Megalitismo de Nisa*. (M. d. Azul, Ed.) Município de Nisa/Veludo Azul. Obtido de <http://hdl.handle.net/10174/25768>
- Oliveira, J. d., Oliveira, C., & Moitas, E. (2011). Monumentos megalíticos do concelho de Arronches. Em Edições Colibri/C. M. Fronteira (Ed.), *Arqueologia do Norte Alentejano – Comunicações das 3.as Jornadas* (pp. 415-424). Lisboa: Edições Colibri. Obtido de <http://hdl.handle.net/10174/2961>
- Ooterbeek, L. (2003). Problems of Megalithic Chronology in Portugal, in *Megalithic Chronologies*. 83-86.
- Pacheco, D. P., Vázquez, F. P., & Domínguez, A. C. (2001). Aproximación al Megalitismo en la Cuenca del Ardila (Badajoz). *Actas del I Congreso de la Memoria Colectiva de Tentudía* (pp. 237-255). Tentudía: Centro de Desarrollo Comarcal de Tentudía. Obtido de <https://tentudia.com/que-hacemos/publicaciones/colecciones-mesto/actas-del-i-congreso/>
- Paniego, P. (2020). La conquista e implantación romana en la cuenca del Ardila. Em C. Gaspar, H. P. Gimeno, H. R. Vicent, & F. G. Centro de Estudos Clássicos (FLUL) (Ed.), *Ambiente epigráficos y territorio: el Guadiana entre Bética y Lusitania* (pp. 31-61). Lisboa. Obtido de <http://hdl.handle.net/10017/41944>
- Paniego, P. (2021). *Entre Celtas y Romanos. El poblamiento de la cuenca del río Ardila (s. III a.C.-I d.C.)*. Mérida: Deputación de Badajoz.
- Parreira, R. (1983). O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*, 1, pp. 149-168. Obtido de https://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/arqueologoportugues/o_arqueologo_portugues/serie_4/volume_1/cerro.pdf
- Perdigão, J., Oliveira, J. T., & Ribeiro, A. (1982). *Carta Geológica de Portugal - Notícia explicativa da folha 44-B - Barrancos*. (S. G. Portugal, Ed.) Lisboa. Obtido em 2024, de https://geoportal.ineg.pt/pt/dados_abertos/cartografia_geologica/cgp50k/44-B
- Pereira da Costa, F. A. (1868). *Monumentos Prehistoricos - Dolmens ou Antas de Portugal. Noções sobre o estado prehistorico da Terra e do Homem seguidas da descrição de alguns dolmens ou antas de Portugal*. Lisboa. Obtido de <http://books.google.com>
- Péres Macías, J. A. (2018). Notas sobre arqueología y toponimia en el Bajo Guadiana. (P. C. Jara, Ed.) *Arqueología y territorio en la provincia de Huelva - veinte años de las jornadas de Aljaraque (1998-2017)*, pp. 283-314. Obtido de https://www.academia.edu/36948504/Notas_sobre_Arqueolog%C3%ADa_y_toponimia_en_el_Bajo_Guadiana
- Pérez Macías, J. A. (2018). Notas sobre arqueología y toponimia en el Bajo Guadiana. (P. C. Jara, Ed.) *Arqueología y territorio en la provincia de Huelva - veinte años de las jornadas de Aljaraque (1998-2017)*, pp. 283-314. Obtido de <https://www.academia.edu/36948504>
- Piçarra, J. M. (2000). *Estudo Estratigráfico do Sector de Estremoz-Barrancos, Zona de Ossa Morena, Portugal*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Évora, Departamento de Geociências. Obtido de <http://hdl.handle.net/10174/11076>

- Piçarra, J. M., Oliveira, V., Silveira, A. B., & Barbosa, B. (2007). *Notícia explicativa da Folha 44-A Amareleja*. (T. e. Instituto Nacional de Engenharia, Ed.) Lisboa. Obtido em 2024, de <https://geoportal.ineg.pt/download/maps/50k/news/44-A.pdf>
- Piçarra, J., Pereira, Z., Oliveira, V., & Oliveira, J. (2001). *Breves apontamentos sobre a geologia da região de Barrancos*. (C. M. Barrancos, Ed.)
- Portugal, C. N. (1982). Carta de capacidade de uso do solo. Lisboa. Obtido em 2024, de <https://hdl.handle.net/10316.2/43608>
- Rego, L. M. (2001). *Noudar (Barrancos): do Calcolítico à Vila Medieval*. Universidad de Huelva. Huelva: Policopiado.
- Rego, L. M. (2001). *Noudar (Barrancos): do Calcolítico à Vila Medieval [Trabajo de Investigación de Tercer Ciclo não publicado]*. Huelva: Universidad de Huelva.
- Rego, M. (1994). Investigações arqueológicas no Castelo de Noudar. *Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*, (pp. 37-53). Huelva.
- Renfrew, C., & Bahn, P. (1993). ¿Cómo era el entorno? Arqueología Ambiental. Em C. Renfrew, & P. Bahn, *Arqueología. Teorías, métodos y práctica* (pp. 203-242). Obtido de https://escolaeuropeadhumanitats.com/wp-content/uploads/2019/04/Renfrew-Bahn_Capitulo6.pdf
- Robles Henriques, F. J., Soares, A. M., António, T. F., Curate, F., Valério, P., & Rosa, S. P. (2013). O Tholos Centirã 2 (Brinches, Serpa) – construtores e utilizadores; práticas funerárias e cronologias. Em J. J. Ávila, M. Bustamante, & M. G. Cabezas (Ed.), *VI ENCUESTRO DE ARQUEOLOGÍA DEL SUROESTE PENINSULAR* (pp. 319-355). Villa Franca de Los Barros: Ayuntamiento de Villafranca de los Barros (Badajoz). Obtido de <https://www.researchgate.net/publication/283684255>
- Rocha, L. (1999). Aspectos do megalitismo da area de Pavia, Mora (Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2(1), pp. 71-94.
- Rocha, L. (1999). *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-História Regional*. Mora: Câmara Municipal de Mora. Obtido de <http://hdl.handle.net/10174/2236>
- Rocha, L. (2005). *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa. Obtido de <http://hdl.handle.net/10174/2237>
- Rocha, L. (2010). As origens do megalitismo funerário alentejano. Revisitando Manuel Heleno. *Promontoria*(7/8), 45-98. Obtido de <http://hdl.handle.net/10174/2612>
- Rocha, L. (Novembro de 2012). Entre a vida e a morte: a perenidade dos espaços na Pré-História Recente no Alentejo (Portugal). *CHAIA - Comunicações - Em Congressos Científicos Internacionais*, pp. 184-198. Obtido em Dezembro de 2023, de <http://hdl.handle.net/10174/7512>
- Rocha, L. (2012). Entre a vida e a morte: a perenidade dos espaços na Pré-História Recente no Alentejo (Portugal). *CHAIA - Comunicações - Em Congressos Científicos Internacionais*, pp. 184-198. Obtido em Dezembro de 2023, de <http://hdl.handle.net/10174/7512>

- Rocha, L. (2015). O Neolítico no Alentejo: novas reflexões. *Monografias AAP - O Neolítico em Portugal do Horizonte 2020: perspectivas em debate* (ISBN 978-972-9451-59-1), pp. 109-118.
- Rocha, L. (2016). As dinâmicas dos territórios no contexto da Pré e Proto-História do Alentejo (Portugal). *O PELOURINHO - Boletín de Relaciones Transfronterizas*(20), pp. 129-144. Obtido de <http://hdl.handle.net/10174/18636>
- Rocha, L. (2020). Datações absolutas para contextos funerários do Sul de Portugal: algumas reflexões em torno das arquiteturas e dos espólios. *Scientia Antiquitatis*, 4(2), pp. 81-104. Obtido de <https://www.scientiaantiquitatis.uevora.pt/index.php/SA/article/view/277/259>
- Rocha, L. (2022). Megalitismo, destruições e classificações: perspetivas e problemáticas sobre o estado da questão no Alentejo. *IV Jornada de Arqueologia do Norte Alentejano*, (pp. 9-44). Obtido em Dezembro de 2023, de <https://www.scientiaantiquitatis.uevora.pt/index.php/SA/article/view/328/295>
- Russo, R. E. (2020). *Escavações antigas nos tholoi do Baixo Alentejo Interior : práticas funerárias do 3º milénio a.n.e.* Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/43696>
- Santos, I. d. (2018). *Um atlas digital para o megalitismo: uma infraestrutura de dados espaciais (sudeste da Península Ibérica)*. Tese de Mestrado, Universidade de Évora, Évora. Obtido de <http://hdl.handle.net/10174/24266>
- Santos, M. F., & Ferreira, O. d. (1969). O Monumento Eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português, III*, pp. 37-62. doi:<https://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=12077>
- Scarre, C., Arias, P., Burenhult, G., Fano, M., Oosterbeek, L., Schulting, R., . . . Whittle, A. (2003). Megalithic Chronologies. pp. 65-112. Obtido de <https://www.academia.edu/1187564/>
- Schubart, H. (1965). As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimões*, 75, pp. 195-204.
- Senna-Martinez, J. C., & Ventura, J. M. (2008). Do mundo das sombras ao mundo dos vivos: Octávio da Veiga Ferreira e o megalitismo da Beira Alta, meio século depois. (J. L. Cardoso, Ed.) *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 16, pp. 317-350.
- Senna-Martinez, J. C., Diniz, M., & Carvalho, A. F. (2018). Em J. C. SENNA-MARTINEZ, M. DINIZ, & A. F. CARVALHO (Ed.), *De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo / UNIARQ - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / CEAACP - Universidade do Algarve. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/35835>
- Serra, M., Almeida, N. J., Reis, J., Costa, L., & Barreira, J. (2024). O Megalitismo no Concelho de Moura: contributos para uma síntese. *Lacant - Revista de História, Arqueologia e Património*, pp. 7-19.

- Serra, M., Alves, C., Costeira, C., Estrela, S., & Porfírio, E. (2012). Torre Velha 3 (Serpa): dados preliminares. *Al-madan (online)*(17), pp. 31-38. Obtido de https://www.academia.edu/3783827/Torre_Velha_3_Serpa_dados_preliminares
- Silva, C. T. (2008). Octávio da Veiga Ferreira e o estudo do Megalitismo da Serra de Monchique e do Baixo Alentejo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 16, 301-315. Obtido em 2024, de <https://eao.oeiras.pt/index.php/DOC/article/view/145>
- Soares, A. M. (2008). O monumento megalítico Monte da Velha 1 (MV1) (Vila Verde de Ficalho, Serpa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11(1), pp. 33-51. Obtido de https://www.academia.edu/5946709/O_monumento_megal%C3%ADtico_Monte_da_Velha_1_MV1_Vila_Verde_de_Ficalho_Serpa_
- Soares, J. (1996). Para uma reconstrução do processo de neolitização em Portugal. *Ophiussa. Revista do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa*, pp. 39-50.
- Soares, J., & Silva, C. T. (1996). Protomegalitismo no Sul de Portugal: inauguração das paisagens megalíticas. Em V. S. GONÇALVES (Ed.), *Muitas antas, pouca gente?*, (p. 119). Reguengos de Monsaraz.
- Soares, J., Fonseca, P., & Duarte, S. (2020). As primeiras sociedades camponesas e os instrumentos de pedra polida e bujardada do território de Alvalade. Em C. T. Silva, & J. Soares (Edits.), *O sítio arqueológico da Gaspeia e a neolitização do território de Alvalade - Sado* (Vol. Setúbal Arqueológica 19). MAEDS / AMRS. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/47388>
- Sousa, A. C. (2016). Megalitismo e Metalurgia. Os Tholoi do Centro e Sul de Portugal. Em A. SOUSA, A. CARVALHO, & C. VIEGAS, *Água e Terra, Colher Sementes, Invocar a Deusa. Livro em Homenagem a Victor S. Gonçalves. Estudos & memórias* 9 (pp. 209-242). Lisboa: Uniarq / FL-UL.
- Sousa, M. G. (2013). *O fenómeno tumular e megalítico da região galaico-portuguesa do Minho*. Tese de Mestrado, Universidade de Santiago de Compostela. Obtido de <http://hdl.handle.net/10347/7510>
- Vagueiro, C. S. (2016). *A gruta artificial das Lapas (Torres Novas) : contributo para o conhecimento das práticas funerárias dos 4º e 3º milénio a.n.e. na Estremadura Portuguesa*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/26013>
- Valera, A. C. (2000). Em torno de alguns fundamentos e potencialidades da arqueologia da paisagem. *Era Arqueologia*, 112-121.
- Valera, A. C. (2013). *A necrópole de hipogeus da Sobreira Cima (Vidigueira, Beja)*. (N. d. -NIA, Ed.) Lisboa. Obtido de https://www.academia.edu/5313181/Sobreira_de_Cima_Necr%C3%B3pole_de_hipogeus_do_Neol%C3%ADtico?rhid=28462772051&swp=rr-rw-wc-5246247
- Valera, A. C. (2018). *Os Perdígões Neolíticos. Génese e desenvolvimento (de meados do 4º aos inícios do 3º milénio a.C.)* (Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA). ERA Arqueologia, S.A. ed., Vol. 1). (A. C. Valera, Ed.) Lisboa. Obtido de <https://www.researchgate.net/publication/329428773>

- Valera, A. C., Figueiredo, M., Lourenço, M., Evangelista, L. S., Basílio, A. C., & Wood, R. (2019). O Tholos de Cardim 6. Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (Beja). (N. d. NIA, Ed.) *Era Monográfica*. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/333701262_O_Tholos_de_Cardim_6_Porto_Torrao_Ferreira_do_Alentejo_Beja
- Valera, A., Godinho, R. M., & Filipe, V. (2010). Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa). *Actas do 4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O Plano de Rega (2002-2010)*. Obtido de <https://www.researchgate.net/publication/286094283>
- Vasconcellos, J. L. (1897). *Religiões da Lusitania na parte que principalmente se refere a Portugal* (Vol. I). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Vasconcelos, J. L. (1955). *Filologia Barranquenha - apontamentos para o seu estudo* (Fac-símile ed.).
- Viana, A. (1961). Nossa Senhora da Cola. Em *Notas Históricas Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo 1955 a 61*. Beja: Minerva Comercial.
- Viana, A., Ferreira, O. d., & Andrade, R. F. (1961). Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique. *Revista de Guimarães*, 71, pp. 5-12. Obtido de <https://www.csarmento.uminho.pt/site/s/rgmr/item/57171#?c=0&m=0&s=0&cv=0>
- Vilaça, R. (1997). Das primeiras comunidades humanas à chegada dos romanos. Em M. C. Lopes, P. C. Carvalho, & S. M. Gomes, *Arqueologia do Concelho de Serpa* (Câmara Municipal de Serpa ed., pp. 127-133). Serpa.
- Zbyszewski, G., & Ferreira, O. d. (1967). Acerca duma "tholos" encontrada em Castro Marim. *O Arqueólogo Português*, I, pp. 11-17. doi:<https://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=12077>

CARTOGRAFIA

- Bacias dos troços de linha de água GeoCodificadas
Sistema Nacional de Informação de Ambiente (SNIAmb)
<https://sniambgeoportal.apambiente.pt/geoportal/catalog/search/resource/details.page?uuid={B5F3DBD7-E47B-42C7-8388-200981B9D66B}>
- CAOP 2022
Direção-Geral do Território (dgTerritório)
<https://www.dgterritorio.gov.pt/cartografia/cartografia-tematica/caop>
https://geo2.dgterritorio.gov.pt/caop/CAOP_Continente_2022-shp.zip
- COS 2018: "Informação geográfica cedida pela Direção-Geral do Território"
<https://geo2.dgterritorio.gov.pt/cos/COS2018/COS2018v2-shp.zip>

- Carta de Capacidade de Uso dos Solos
Autor Comissão Nacional do Ambiente. Serviço de Reconhecimento e Ordenamento Agrário (cartógrafo). Portugal. Instituto Hidrográfico (impressor). [Lisboa] : [Comissão Nacional do Ambiente], imp. 1982 (Instituto Hidrográfico). Série Atlas do ambiente; III.3.
<https://am.uc.pt/item/44871>
- Carta Geológica
https://geoportal.lneg.pt/pt/dados_abertos/cartografia_geologica/cgp50k/44-A
https://geoportal.lneg.pt/pt/dados_abertos/cartografia_geologica/cgp50k/44-B
- Carta Geológica de Portugal
Geoportal Energia e Geologia
https://geoportal.lneg.pt/pt/dados_abertos/cartografia_geologica/cgp1m/cgp1m/
<https://geoportal.lneg.pt/umbraco/Surface/DownloadSurface/RequestDownload?nodeid=1738&code=1%3A1%20000%20000%7CContinent%7C&filename=Shapefile%20-%20Continent%20%28ZIP%29.zip&language=pt>
- Carta Hipsométrica
Sistema Nacional de Informação de Ambiente (SNIAmb)
<https://sniambgeoportal.apambiente.pt/geoportal/catalog/search/resource/details.page?uuid=%7B5761254E-D113-4176-BB09-EDBCC43F9982%7D>
- Carta Litológica de Portugal
<https://almamater.uc.pt/item/44940>
- Carta Rede Hidrográfica
Sistema Nacional de Informação de Ambiente (SNIAmb)
<https://sniambgeoportal.apambiente.pt/geoportal/catalog/search/resource/details.page?uuid=%7B904F4CBA-26C4-43C5-9E66-8045F6F3C771%7D>
- Carta de solos
Sistema Nacional de Informação de Ambiente (SNIAmb)
<https://sniambgeoportal.apambiente.pt/geoportal/catalog/search/resource/details.page?uuid=%7B1846D260-9F13-4C42-B853-85B533048DEA%7D>
- *Carta de Solos de Portugal*
Sistema Nacional de Informação de Ambiente (SNIAmb)
<https://snig.dgterritorio.gov.pt/rndg/srv/por/catalog.search#/metadata/b7c7fb26-91fb-4718-96ca-ef8db836c1e7>
http://geoservices.dgadr.pt:8080/geoserver/Carta_Solos/wms?service=wms&version=1.3.0&request=GetCapabilities
- IGME-LNEG - Mapa Geológico da Península Ibérica, Baleares, Canárias, Madeira e Açores a escala 1M
https://mapas.igme.es/gis/rest/services/Cartografia_Geologica/IGME_EP_Geologico_1M_2018/MapServer
- Modelo Digital de Terreno com 30 metros de resolução para Portugal Continental em WGS84
<https://www.arcgis.com/home/item.html?id=bb3980c47f55492db1d1273b2dba798b>
<https://atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/342>

- Rede Hidrográfica

<https://inspire-geoportal.ec.europa.eu/srv/api/records/D49E859C-E430-4B0E-896C-1D75536B339E>

LEGISLAÇÃO

- Decreto-Lei n.º 73/2009, Regime Jurídico da Reserva Agrícola Nacional (2009), Diário da República n.º 63, Série I de 2009-03-31,

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/73-2009-603209>

- Decreto Regulamentar n.º 16/2001, Plano de Bacia Hidrográfica do Guadiana, Diário da República n.º 281 Série I Parte B de 2001-12-05,

http://bdjur.almedina.net/item.php?field=node_id&value=219687

ANEXOS

Anexo 1 Documentos.....	140
Anexo 2 Monumentos Megalíticos do Baixo Alentejo	143
Anexo 3 Mapeamento dos monumentos de falsas cúpulas no Sul de Portugal.....	153
Anexo 4 Barrancos: o meio físico.....	156
Anexo 5 Fichas Individuais de Sítio	162
Anexo 6 Fotografias	202
Anexo 7 Análise espacial	213
Anexo 8 Utensilagem pedra polida e/ou bujardada.....	216
Anexo 9 Utensilagem pedra afeiçãoada e/ou com traços de utilização	238

1A “Inquirições que se tirou a respeito da aldeia de Barrancos (...)”	141
1B “Inquirições que se tirou a respeito da aldeia de Barrancos (...)”	142

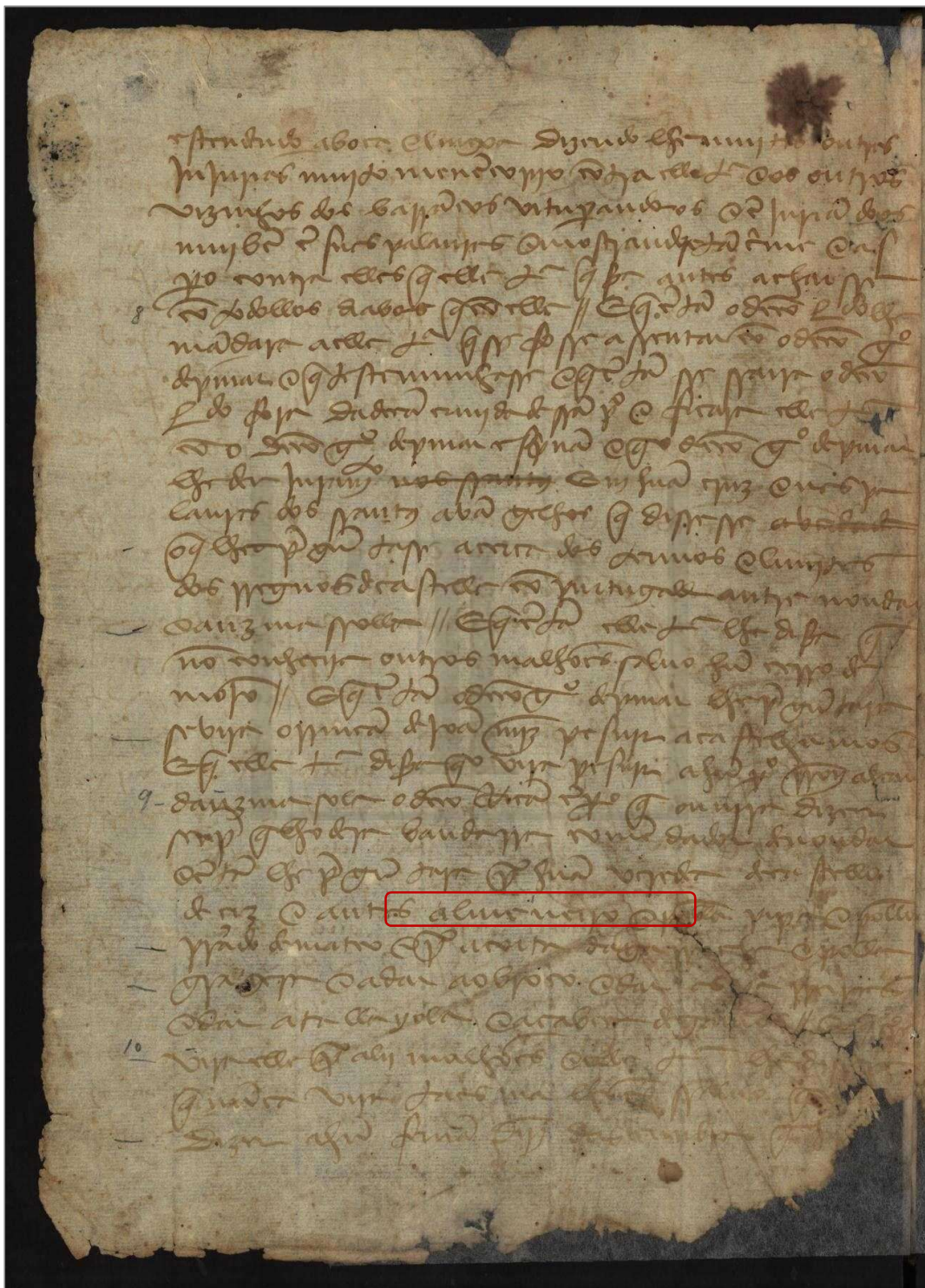


Imagem 1 | “Inquirições que se tirou a respeito da aldeia de Barrancos que Castela dizia ser sua, mas que era pertença de Portugal.” (1493). ANTT, Gavetas GAV 14,mç. 5, n.º2, fol 1v.

ANEXO 2 | MONUMENTOS MEGALÍTICOS DO BAIXO ALENTEJO

2A: Relação dos monumentos megalíticos de arquiteturas tipo antas/dólmen, mamoa e falsa cúpula tipo tholos do Baixo Alentejo

Concelho	Sítio	CNS	Tipo	Período	OBS.
Aljustrel	Outeirões	40153	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	Ref
Aljustrel	Aljustrel	40152	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Aljustrel	Anta do Cerro Calvo	12311	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Aljustrel	Anta do Monte do Cascalho	12307	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Aljustrel	Anta do Poço de Milhousos	12308	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Aljustrel	Anta do Farrobo	12309	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Aljustrel	Anta do Monte Grande	12310	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Aljustrel	Messejana (Tholos da)	3202	Tholos	Neo-Calcolítico	RL
Aljustrel	Monte do Outeiro	4092	Tholos	Calcolítico e Idade do Ferro	RL
Almodôvar	Antas de Baixo	6921	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Almodôvar	Cerro das Pedras	24050	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Almodôvar	Monte Abaixo / Anta da Boavista	24253	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Almodôvar	Monte Branco 1	24054	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Almodôvar	Monte das Antas do Meio	1066	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Almodôvar	Serro da Anta 1 / Cerro de Anta 1	10891	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Almodôvar	Mestras / Monte das Mestras	22052	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	Destruido
Almodôvar	Portela do Vale	33749	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Almodôvar	Pereiro / Monte do Pereiro	40469	Monumento Megalítico		NR
Almodôvar	Canafixal 2	10902	Tholos	Idade do Ferro	RL
Almodôvar	Canafixal 3	10903	Tholos	Idade do Ferro	RL
Almodôvar	Canafixal 5	24382	Tholos	Indeterminado	RL
Almodôvar	Canafixal 6	24383	Tholos	Indeterminado	RL

Alvito	Alvito 6	22067	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	Destruído
Alvito	Monte dos Luzios 1	23427	Monumento Megalítico	Indeterminado	RL
Alvito	Herdade de Santa Águeda	6591	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	Submerso
Alvito	Valongo	22136	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	Destruído
Barrancos	Almeneiro 1	28499	Mamoa	Neo-Calcolítico	RL
Barrancos	Anta do Cadaval	28498	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Barrancos	Barrancos 1	39786	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Barrancos	Barrancos 2	39787	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Barrancos	Eira da Cortiça 1	28496	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Barrancos	Eira da Cortiça 2	28497	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Barrancos	Monte da Ordem / Portela da Loba 2	28501	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Barrancos	Barrancos 3 / Monte da Ordem / Portela da Loba 1	4405	Tholos	Neo-Calcolítico	RL
Beja	Monte da Corte Ripais 6	28725	Anta/Dólmen	Indeterminado	RL
Beja	Monte Sapo 1/ Herdade da Calçada de Baixo 1	33893	Mamoa	Neo-Calcolítico	RL
Beja	Monte Sapo 2/Herdade da Calçada de Baixo 2	33894	Mamoa	Neo-Calcolítico	RL
Beja	Monte do Marquês 19 / Monte do Marquês 17	42504	Monumento Megalítico		Ref
Beja	Monte das Pereiras / Monte das Pereiras 1 / Monte das Pereiras 2	3545	Tholos	Calcolítico, Idade do Ferro e Romano	RL
Castro Verde	Monte das Oliveiras 2	42134	Monumento Megalítico	Neolítico	RL
Castro Verde	Cerro da Fonte Santa	10755	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	RL
Castro Verde	Vale de Mértola Novo	38463	Monumento Megalítico	Indeterminado	RL
Cuba	Anta da Formiga / Formiga 1	2526	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Cuba	Anta de Cima	2516	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Cuba	Fareloa	2524	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Cuba	Monte da Ribeira 1	2087	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	Destruído

Cuba	Monte da Ribeira 6	40500	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Cuba	Malhada dos Passarinhos 1	23441	Mamoa	Romano e Indeterminado	RL
Cuba	Aroeira 4	40501	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	NR
Cuba	Monte da Ribeira 3	40503	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	NR
Cuba	Monte da Ribeira 4	40504	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	NR
Ferreira do Alentejo	Monte do Pombal 4	32651	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Ferreira do Alentejo	Quinta de São Vicente 2	40079	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	Submerso
Ferreira do Alentejo	Sepulcro da Ribeira de Odivelas	40139	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	NR
Ferreira do Alentejo	Folha de Amendoeira	4046	Tholos	Calcolítico	NR
Ferreira do Alentejo	Horta do João da Moura 1	31813	Tholos	Calcolítico	RL
Ferreira do Alentejo	Monte do Cardim 6	31433	Tholos	Calcolítico	RL
Ferreira do Alentejo	Monte do Pombal 1 / Quinta de São Vicente	21951	Tholos	Calcolítico	RL
Ferreira do Alentejo	Monte do Pombal 5	32652	Tholos	Neo-Calcolítico	NR
Mértola	Anta das Pias	21690	Anta/Dólmen	Calcolítico	RL
Mértola	Anta de Fernanmarques / Venda dos Salgueiros	21703	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Mértola	Anta de Vale das Antas	21696	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Mértola	Anta dos Cachopos	15241	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Mértola	Cerro de Antas	36621	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	Ref
Mértola	Sobralinho 1	36614	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Mértola	Vale de Morgado	36622	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	Destruído
Mértola	Brites Gomes	37081	Monumento Megalítico	Indeterminado	RL
Mértola	Herdade do Cerro Alto 9	19124	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	NR
Mértola	Herdade dos Cachopos 12	40120	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	RL
Mértola	Herdade dos Cachopos 9	15243	Monumento Megalítico	Indeterminado	RL

Mértola	Salgueiros 3	37088	Monumento Megalítico		RL
Moura	Amareleja / Antas - Amareleja	40062	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	Ref
Moura	Anta do Monte dos Bravos	40063	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Moura	Anta do Vale de Vinagre	40071	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	Ref
Moura	Antas 2 / Herdade das Antas	40480	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Moura	Antas 3 / Herdade das Antas	40481	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Moura	Antas 4 / Herdade das Antas	40482	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Moura	Antas 5 / Herdade das Antas	40483	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Moura	Antas 6 / Herdade das Antas	40484	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Moura	Antas 7 / Herdade das Antas	40485	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Moura	Antas 8 / Herdade das Antas	40486	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Moura	Antas 9 / Herdade das Antas	40487	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Moura	Antas 10 / Herdade das Antas	40488	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Moura	Antas 11 / Póvoa de São Miguel / Herdade das Antas	6620	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Moura	Antas 12 / Herdade das Antas	40489	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Moura	Garrochais	6335	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Moura	Herdade do Álamo	6596	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Moura	Malhada da Defesa 1	21533	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Moura	Monte Novo das Antas 3 / Herdade das Antas / Pedra das Antas	21191	Anta/Dólmen	Neolítico Final	RL
Moura	Negrita 2	40478	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico e Indeterminado	NR
Moura	Negrita 3 / Pedras Tanchadas	40479	Anta/Dólmen		NR
Moura	Palhares	40065	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Moura	Parreira	6413	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Moura	Pedras Tanchadas 2	6315	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL

Moura	Preguiça	40073	Anta/Dólmen		Destruído
Moura	São Bernardo	40067	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Moura	Touril / Touril 1	6301	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Moura	Touril 2	40068	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Moura	Monte da Coutada	31944	Mamoa	Neo-Calcolítico	RL
Moura	Monte do Judeu 4	22244	Mamoa	Indeterminado	RL
Moura	Mamoa das Abroteiras/Abutreiras	0	Mamoa		
Moura	Cid Almeida	40064	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	Destruído
Moura	Dona Catarina	40477	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico e Indeterminado	Ref
Moura	Herdade da Negrita 1	1241	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico, Romano e Medieval Cristão	RL
Moura	Monte da Defesa 1	21185	Monumento Megalítico	Neolítico Final	RL
Moura	Serra Brava	40074	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	Ref
Moura	Touril 3 / Outeiro dos Bentinhos	6524	Monumento Megalítico	Calcolítico	NR
Moura	Touril 4	40069	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	NR
Moura	Touril 5	40070	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	A-dos-Tassos 3	34984	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Arzil 10 / Anta 3 de Garvão	15897	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Arzil 9 / Anta 2 de Garvão	15934	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Brejo	1651	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Castelão / Cerro da Horta da Velha 1	1068	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	Ref
Ourique	Castelão / Cerro da Horta da Velha 2	34033	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico e Indeterminado	RL
Ourique	Cerco das Antas / Cerro das Antas / Montes Altos	4376	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico e Idade do Ferro	RL
Ourique	Cerro das Pias / Serro das Pias	34028	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Cerro do Faval 1	34037	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico e Indeterminado	Ref

Ourique	Cerro do Ourinho	1067	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Cerro do Seixo 1	34029	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	Destruído
Ourique	Cerro do Seixo 2	34030	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	Destruído
Ourique	Chada	18758	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	Submerso
Ourique	Cotovio 1	34040	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Cotovio 2	34041	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Estevangil 2	34996	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Estevão Gil / Estevangil 1	991	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Fábrica / Anta 1 de Garvão	15932	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Herdade do Montenegro / Cadeira do Pastor	4262	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico e Indeterminado	RL
Ourique	Laborela / Pedras Empinadas	34024	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Marchica	35011	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Monte Machado	35019	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Monte Prior 1	1070	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Monte Prior 2	34924	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Monte Prior 3	34925	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Monte Prior 4	34926	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Monte Queimado 1	994	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Monte Queimado 2	10745	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Monte Ruivo / Fonte Santa	26190	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Monte Velho 2	34034	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Monte Velho 3	34035	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico e Indeterminado	NR
Ourique	Monte da Mata 1	34922	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Monte da Mata 2	34923	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR

Ourique	Pedra Furada 1	1069	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Pedra Furada 2	34920	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Pedra Furada 3	34921	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Pedra d'Anta 1	1073	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Pedra d'Anta 2	34025	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Rosmoneira 1	10796	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Quinta Nova 1	34026	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Arzil 11	15899	Mamoa	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Arzil 15	26134	Mamoa	Neolítico e Calcolítico	RL
Ourique	Arzil 16	26136	Mamoa	Neolítico e Calcolítico	RL
Ourique	Cerro do Gatão 2	34031	Mamoa	Indeterminado	RL
Ourique	Cerro do Gatão 3	34032	Mamoa	Indeterminado	RL
Ourique	Cubeiros / Rosmoneira 2	34001	Mamoa	Indeterminado	RL
Ourique	Monte Velho 4	34036	Mamoa	Indeterminado	NR
Ourique	A-dos-Tassos 2	34038	Monumento Megalítico	Indeterminado	RL
Ourique	Abelhinha	26140	Monumento Megalítico	Neolítico e Calcolítico	RL
Ourique	Arzil 6	15928	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Bezaranha	15895	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Bigeiram de Cima	23303	Monumento Megalítico	Calcolítico	RL
Ourique	Cerro do Castelejo	1003	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Favela 1	40660	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Favela 2	40661	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Favela 3	40662	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	NR
Ourique	Fernão Vaz 1	10731	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	RL

Ourique	Fernão Vaz 2	10730	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	RL
Ourique	Mosquitos	37435	Monumento Megalítico	Indeterminado	RL
Ourique	Álamos	40659	Monumento Megalítico		NR
Ourique	A-dos-Tassos 1 / Álamo	4028	Tholos	Calcolítico	RL
Ourique	Arrife	34987	Tholos	Calcolítico	NR
Ourique	Brejinho	22909	Tholos	Indeterminado	RL
Ourique	Cerro do Gatão 1	4124	Tholos	Calcolítico e Idade do Ferro	RL
Ourique	Herdade do Malha Ferro	3093	Tholos	Calcolítico	NR
Ourique	Monte Velho / Monte Velho 1	1065	Tholos	Calcolítico	NR
Ourique	Nora Velha 1	3894	Tholos	Calcolítico e Idade do Bronze	RL
Serpa	Arcins / Arcins 1	13296	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Serpa	Monte dos Muros	21691	Anta/Dólmen	Calcolítico e Indeterminado	NR
Serpa	Sepulturas do Sobreirinho	40095	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	NR
Serpa	Araújo	12995	Mamoa	Neolítico	RL
Serpa	Arcins 2	42513	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico e Indeterminado	RL
Serpa	Arcins 3	42514	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico e Indeterminado	RL
Serpa	Arcins 4	42515	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico e Indeterminado	RL
Serpa	Boa Vista	13286	Monumento Megalítico	Neolítico, Neo-Calcolítico e Indeterminado	RL
Serpa	Lagarinho 2	13334	Monumento Megalítico	Neolítico, Neo-Calcolítico e Indeterminado	RL
Serpa	Monte Catalão	13070	Monumento Megalítico	Neolítico, Neo-Calcolítico e Indeterminado	NR
Serpa	Monte da Velha 2	195	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	RL
Serpa	Pedra Longa / Nossa Senhora da Guadalupe	6272	Monumento Megalítico	Neolítico, Neo-Calcolítico e Indeterminado Neolítico Médio, Neolítico Final e Neo-Calcolítico	Destruido
Serpa	Sobralinho 2	13370	Anta/Dólmen		RL
Serpa	Centirã 2	28756	Tholos	Calcolítico e Idade do Bronze - Final	RL

Serpa	Monte da Velha 1	12176	Tholos	Calcolítico e Idade do Bronze - Inicial	RL
Vidigueira	Anta 1 do Monte da Sobreira de Cima	21418	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Vidigueira	Anta 2 do Monte da Sobreira de Cima	21421	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Vidigueira	Anta Grande de Corte Serrão	982	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Vidigueira	Anta Pequena de Corte Serrão	16156	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Vidigueira	Anta da Ribeira das Figueiras	40653	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Vidigueira	Anta da Vinha da Mangancha	37042	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	Destruido
Vidigueira	Anta do Alto da Mangancha	37041	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico e Romano	RL
Vidigueira	Anta do Monte de Dona Maria / Quinta de Dona Maria 2	36229	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Vidigueira	Anta do Zambujal	5267	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Vidigueira	Insuínha 6	23116	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Vidigueira	Outeiro das Sepulturas	40124	Anta/Dólmen	Neo-Calcolítico	RL
Vidigueira	Anta da Sobreira de Baixo	40128	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	NR
Vidigueira	Anta das Navalhas	40121	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	RL
Vidigueira	Corte Serrão 3	40126	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	NR
Vidigueira	Corte Serrão 4	40464	Monumento Megalítico		NR
Vidigueira	Monte Grande	40465	Monumento Megalítico		NR
Vidigueira	Quinta de Dona Maria 1	40125	Monumento Megalítico	Neo-Calcolítico	NR

Quadro 1 | Relação dos monumentos megalíticos de arquiteturas tipo antas/dólmen, mamoa e falsa cúpula tipo tholos do Baixo Alentejo, considerados no estudo. Fonte: Endovélico – Sistema de Informação e Gestão Arqueológica

3A Mapa do Sul de Portugal com indicação dos monumentos de falsa cúpula descobertos (1967).....	154
3B Os tholoi do Centro e Sul de Portugal (2016).....	155

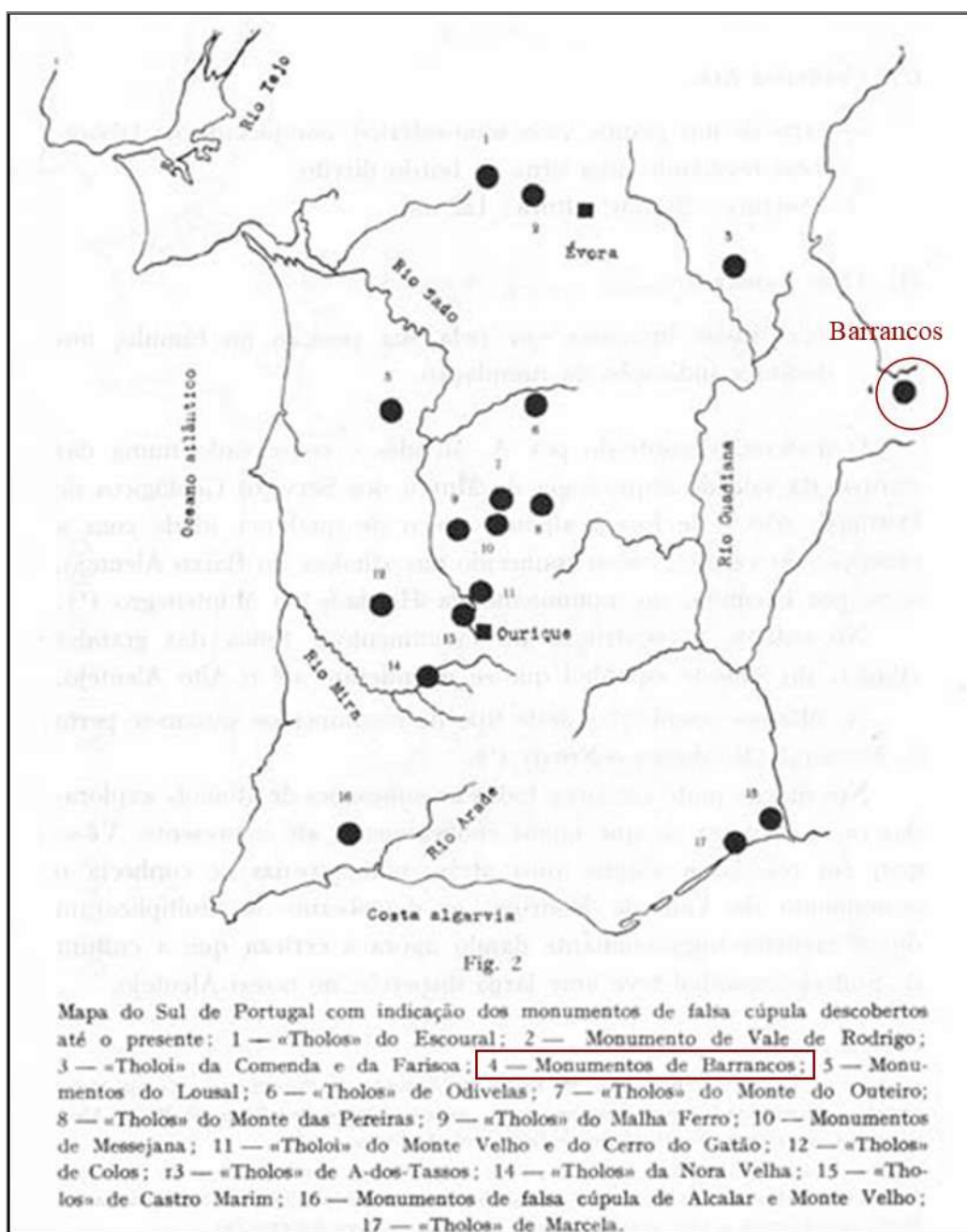


Imagem 3 | Mapa do Sul de Portugal com indicação dos monumentos de falsa cúpula descobertos (1967), onde se identifica o concelho de Barrancos. (Adaptado de (Zbyszewski & Ferreira, 1967).

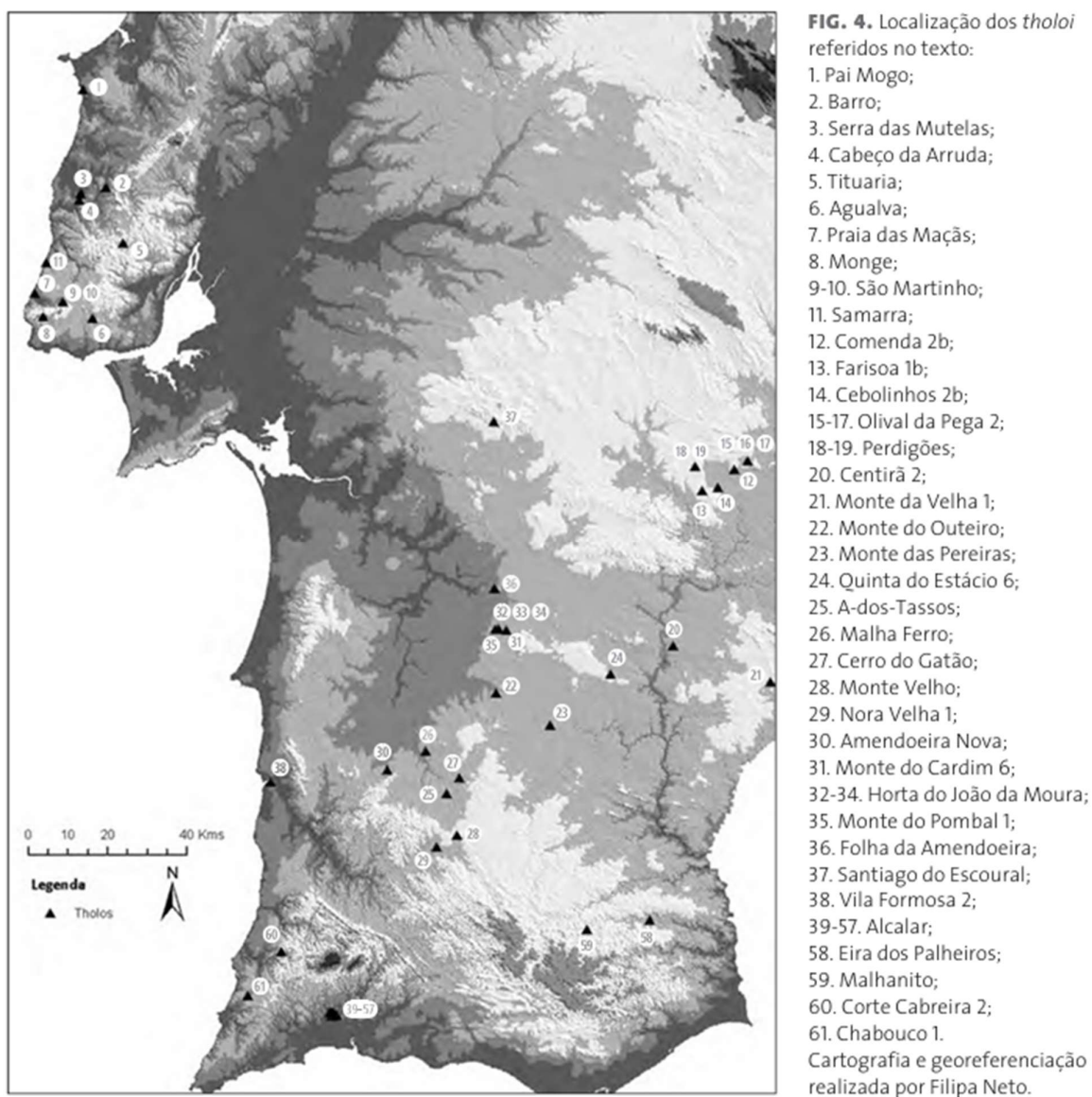


Imagem 4 | Mapa do Centro e Sul de Portugal com indicação dos monumentos de falsa cúpula. (Adaptado de SOUSA, A C. 2016).

4A Geologia.....	157
4B Carta Hipsométrica.....	158
4C Relevo.....	159
4D Hidrografia.....	160
4E Solos.....	161

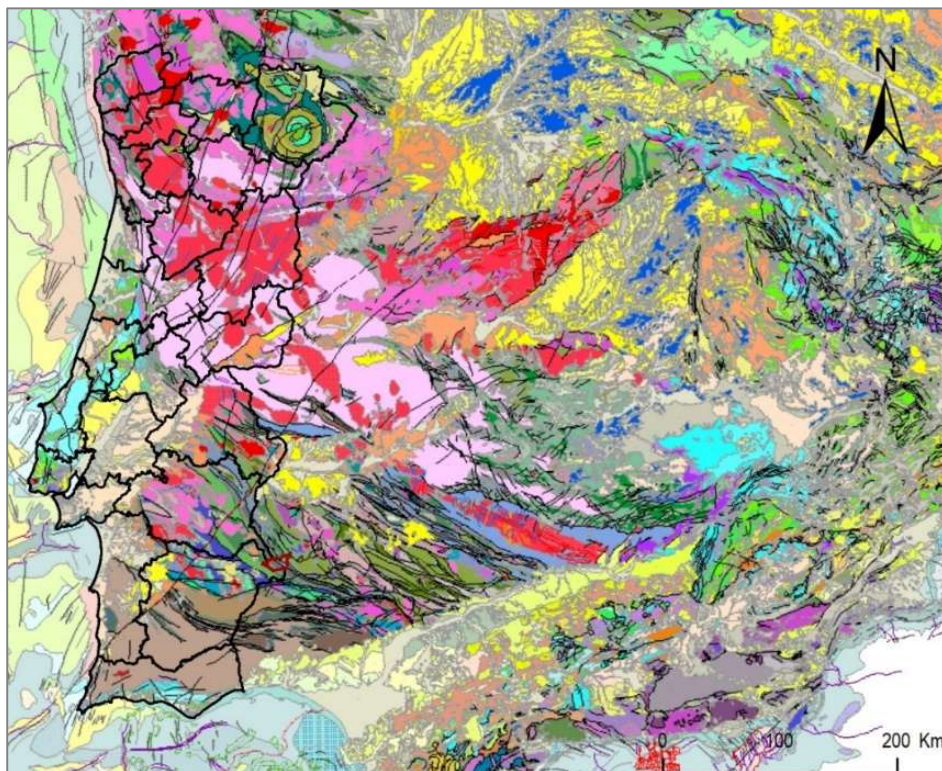


Imagem 5 | Mapa geológico de Espanha y Portugal a escala 1:1.000.000 (2015) com destaque do concelho de Barrancos.

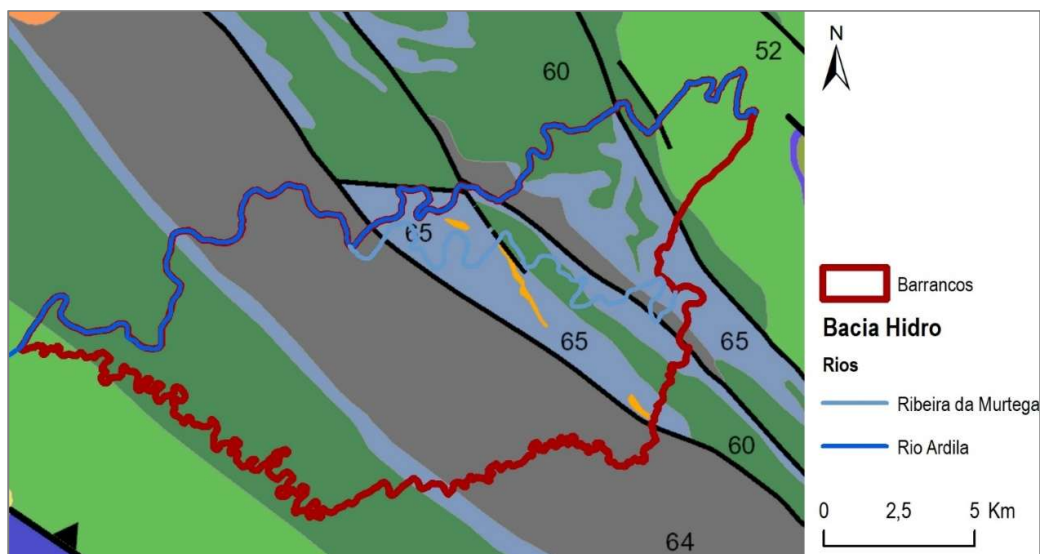


Imagem 6 | Unidades geológicas :52 Esquistos, areniscas, basaltos y riolitas. Fms. Fatuquedo, Ossa y otras | 60 Pizarras, areniscas con cantos, cuarcitas, calizas y vulcanitas básicas | 64 Pizarras, grauwacas y calizas. Fm. Terena, Sobrado y otras | 65 Esquistos negros, liditas, cuarcitas y calizas.

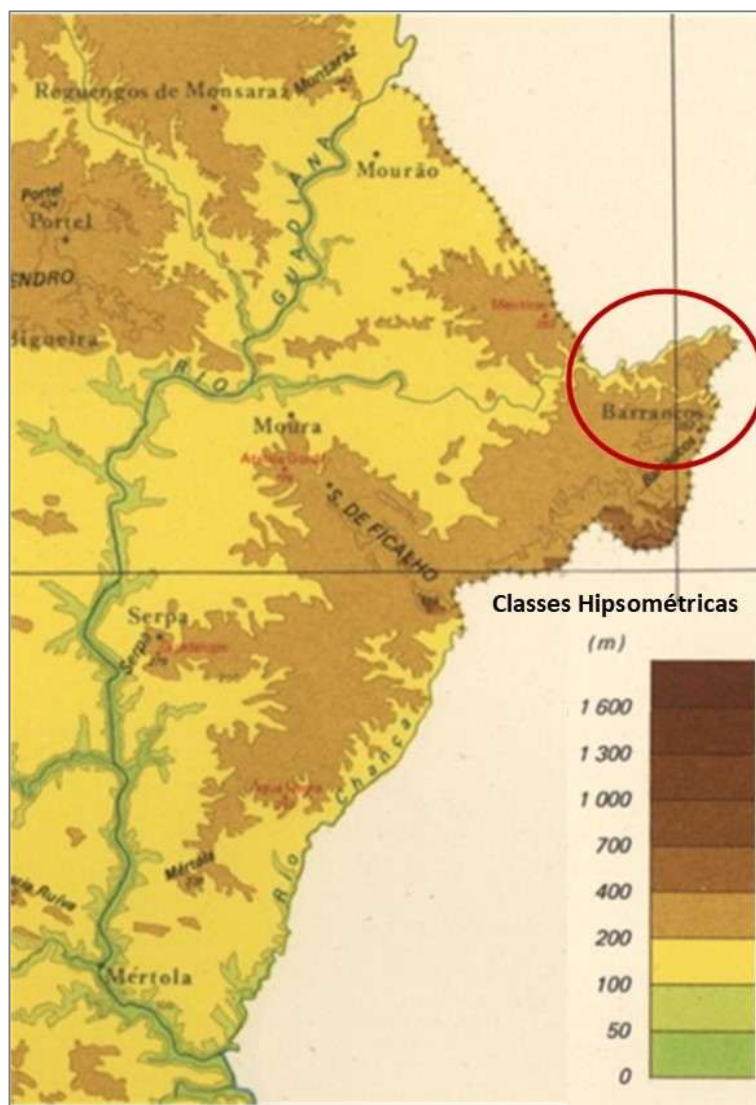


IMAGEM 7: Excerto da Carta Hipsométrica (Portugal, Atlas do Ambiente, 1982), com indicação da área de estudo.

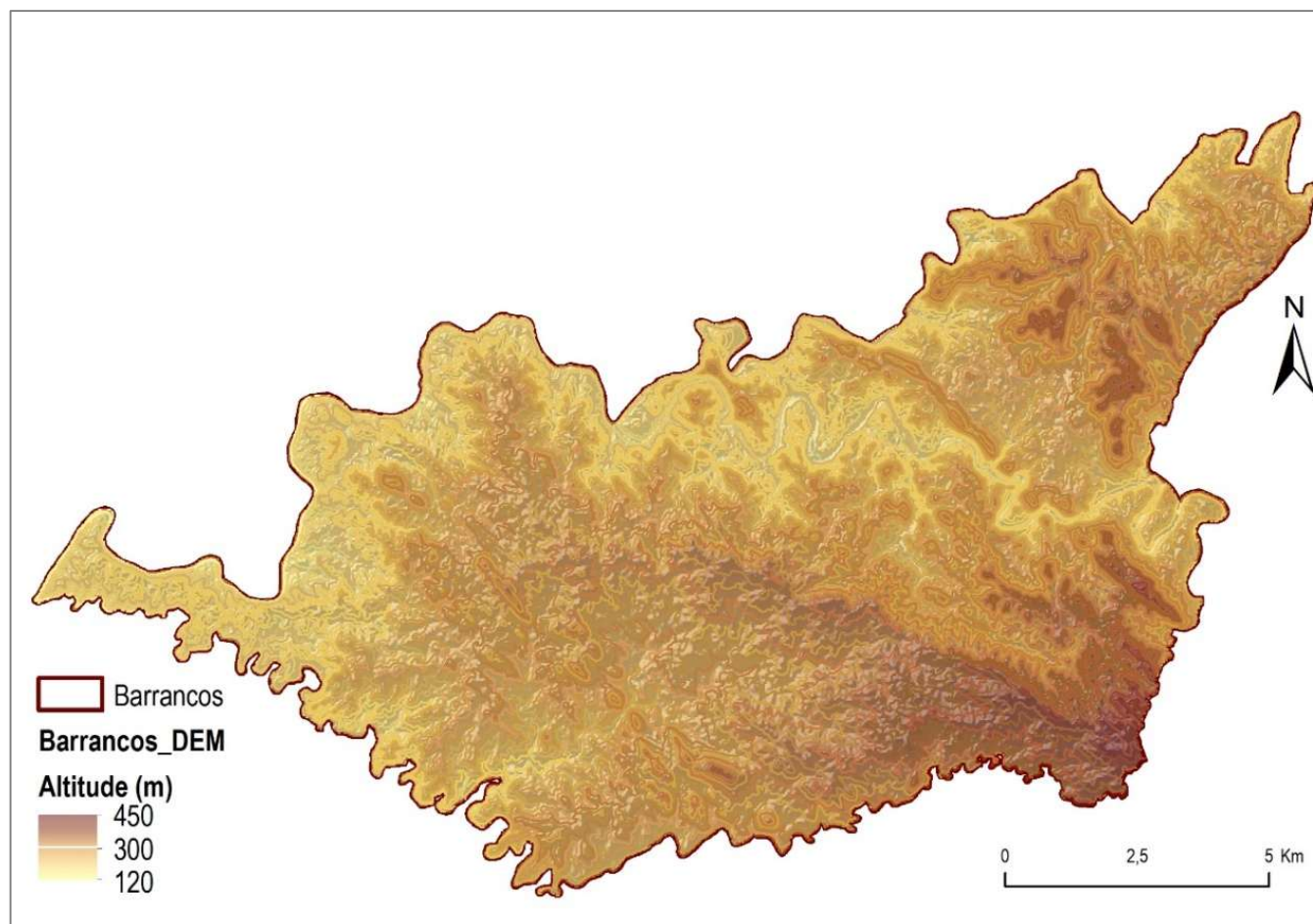


Imagem 8: Mapa temático da orografia do concelho de Barrancos.

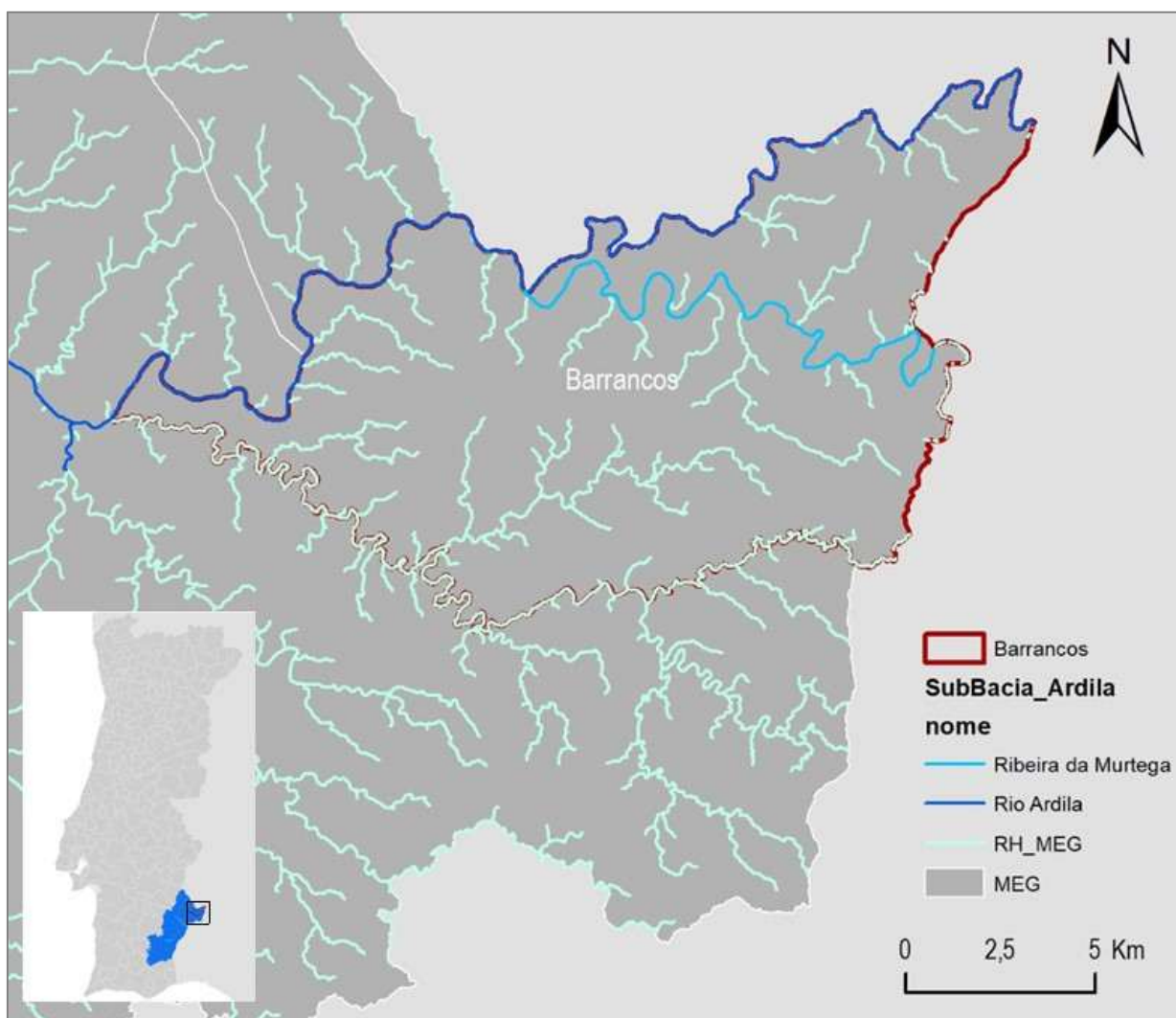


Imagem 9: Mapa temático da rede hidrográfica do concelho de Barrancos.

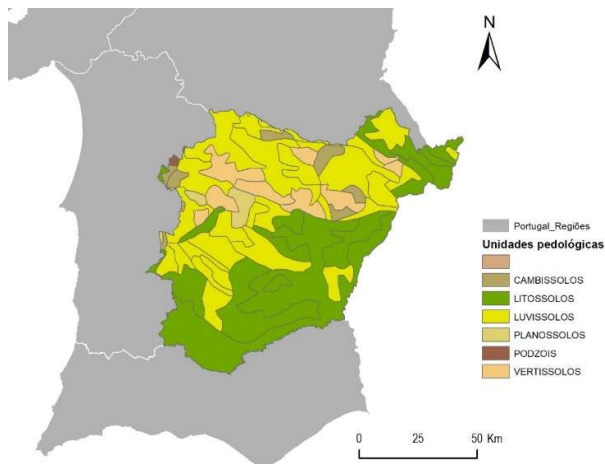


Imagem 10: Baixo Alentejo – Sub-ordem Solos

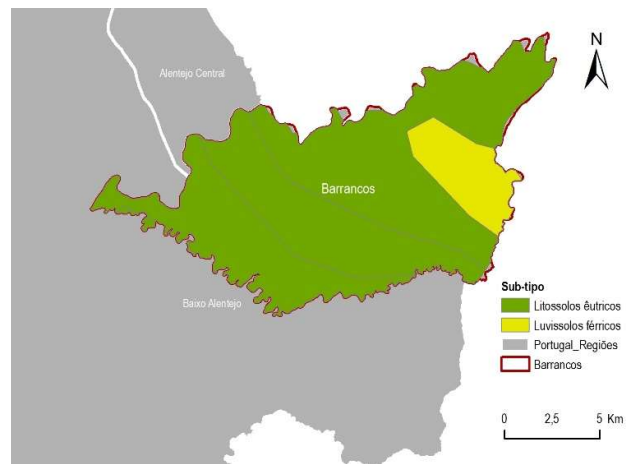


Imagem 11: Barrancos: sub-ordem de solos

(Atlas do Ambiente Projected Coordinate System: Lisboa_Hayford_Gauss_IGeoE | Projection: Transverse_Mercator)

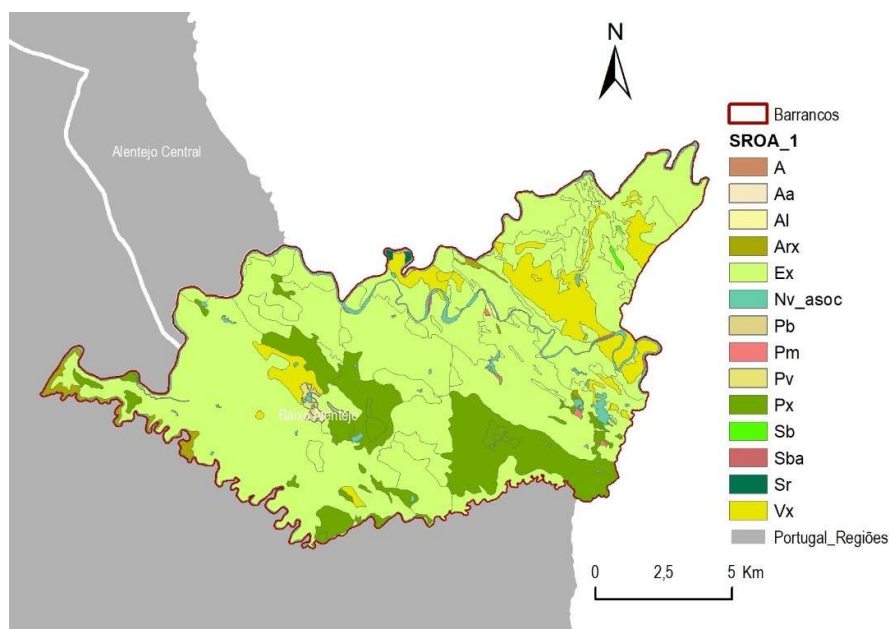


Imagem 12: Barrancos - Capacidade de solos (SROA)

Projected Coordinate System: ETRS_1989_Portugal_TM06 | Projection: Transverse_Mercator

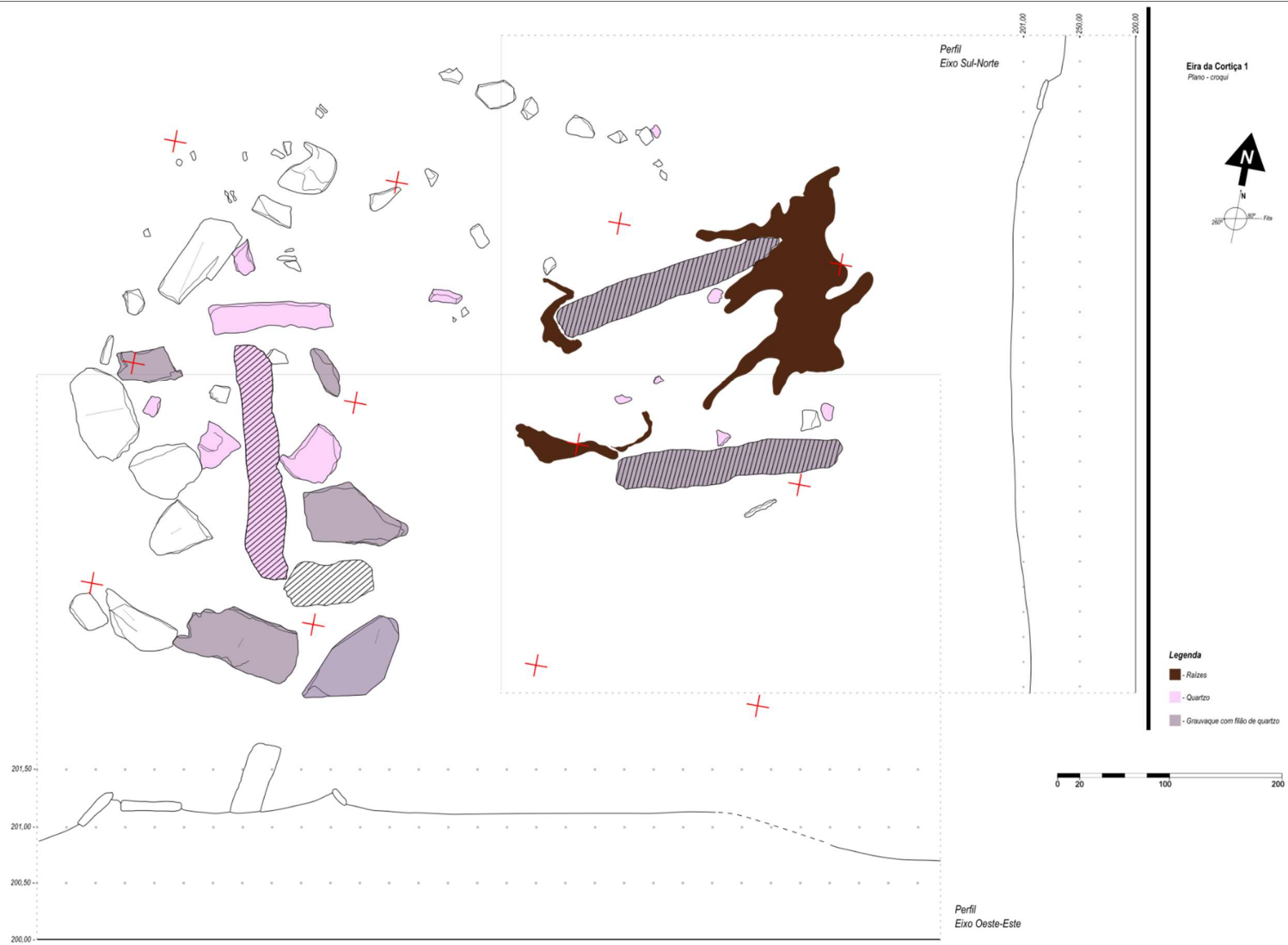
ANEXO 5 | FICHAS INDIVIDUAIS DE SÍTIO

Ficha Individual de Sítio N.º 1 Eira da Cortiça 1	163
Ficha Individual de Sítio N.º 2 Eira da Cortiça 2.....	167
Ficha Individual de Sítio N.º 3 Eira da Cortiça 3.....	171
Ficha Individual de Sítio N.º 4 Portela do Lobo 2.....	174
Ficha Individual de Sítio N.º 5 Portela do Lobo 1.....	178
Ficha Individual de Sítio N.º 6 Choções 1.....	182
Ficha Individual de Sítio N.º 7 Choções 2.....	187
Ficha Individual de Sítio N.º 8 Anta do Cadaval.....	191
Ficha Individual de Sítio N.º 9 Almeneiro 1.....	195
Ficha Individual de Sítio N.º 10 Barrancos 1	199

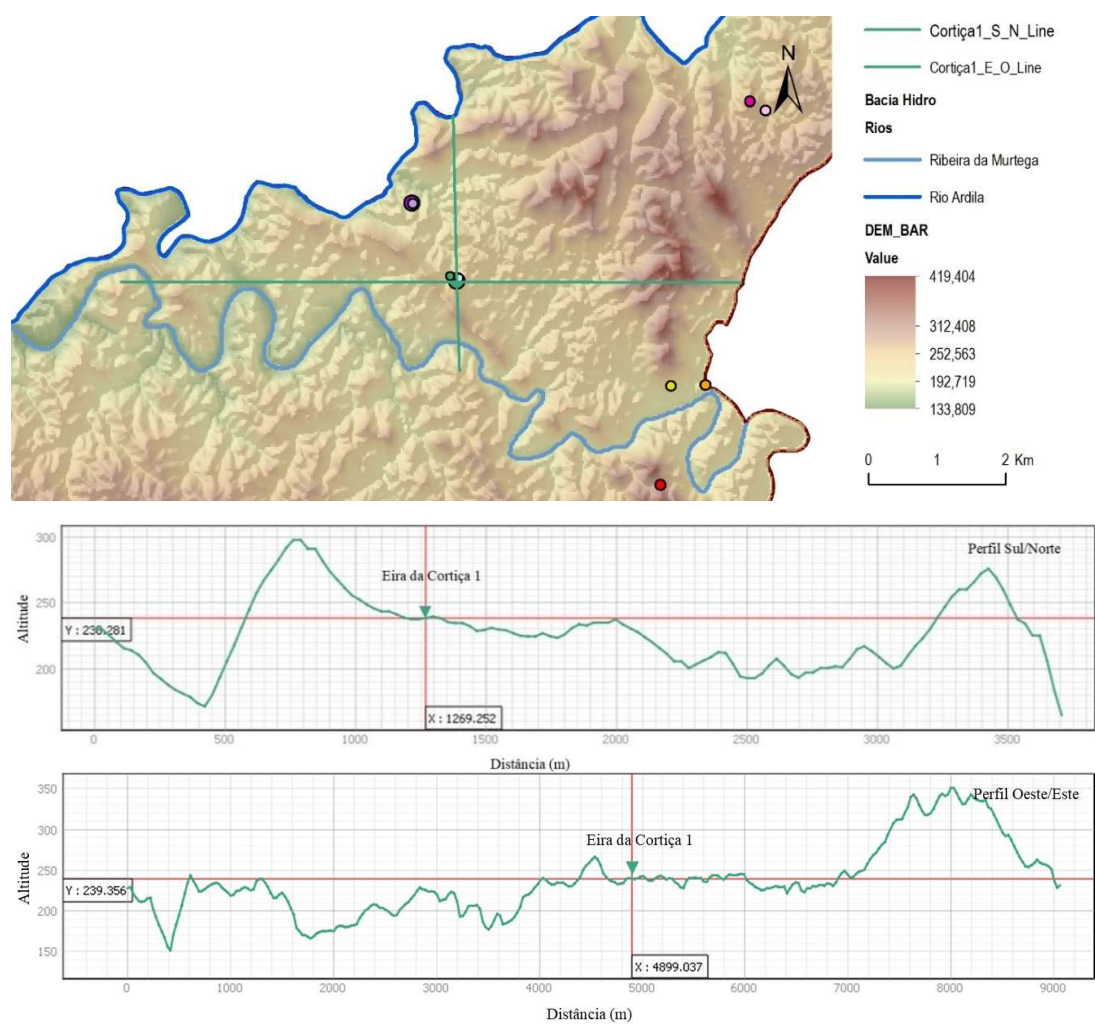
Ficha Individual de Sítio N.º 1

Topónimo	Eira da Cortiça 1				CNS.: 28496
Tipo	Monumento Megalítico - Anta				
Localização Administrativa	Beja	Barrancos	Herdade da Coitadinha (PNN). Situa-se junto à estrada do Castelo de Noudar		
Localização Geográfica	Sist.Coor. WGS_1984	Log (X) 38,173950	Lat (Y) -7,010511	Alt. (m) (Z) 239	CMP n.º 504 1:25000
Descrição	Tratar-se-ia, muito provavelmente, de uma anta de câmara poligonal com corredor orientada sensivelmente a 80° ENE (lés-nordeste). Dois esteios delimitam um corredor de lado afuselados, onde a largura inicial é de 1,10 m e a largura terminal de 1,70m. Perceciona-se a existência da mamoa com aproximadamente 7m de diâmetro				
Conservação	Regular/Mau (presença de azinheira na secção final corredor); sem qualquer proteção. Integrada no Processo de Classificação do Megalitismo Alentejano.				
Implantação	Localiza-se numa área de médias altitudes (200-250 m) de orografia suave; implanta-se na linha de cumeeada, na vertente orientada a Sudeste.				
Meio Envolvente	Zona de montado de azinho e vegetação rasteira. Terreno para pastoreio. Situa-se a Sudoeste da anta da Eira da Cortiça 2 e a Este da Eira da Cortiça 3, a menos de 100 m de ambas.				
Espólio Associado					
Bibliografia	(Perdigão, Oliveira, & Ribeiro, 1982, p. 50) (Rego L. M., Noudar (Barrancos): do Calcolítico à Vila Medieval, 2001)				
Fotografia					
OBS.:	A circundar o esteio de cabeceira e prolongando-se pelo quadrante oeste/norte encontra-se um conjunto de blocos pétreos de grande dimensão, provavelmente parte da mamoa e de fixação e estabilização do esteio de cabeceira. No interior da câmara estão presentes blocos pétreos de médio e grande porte que, terão pertencido ao monumento.				

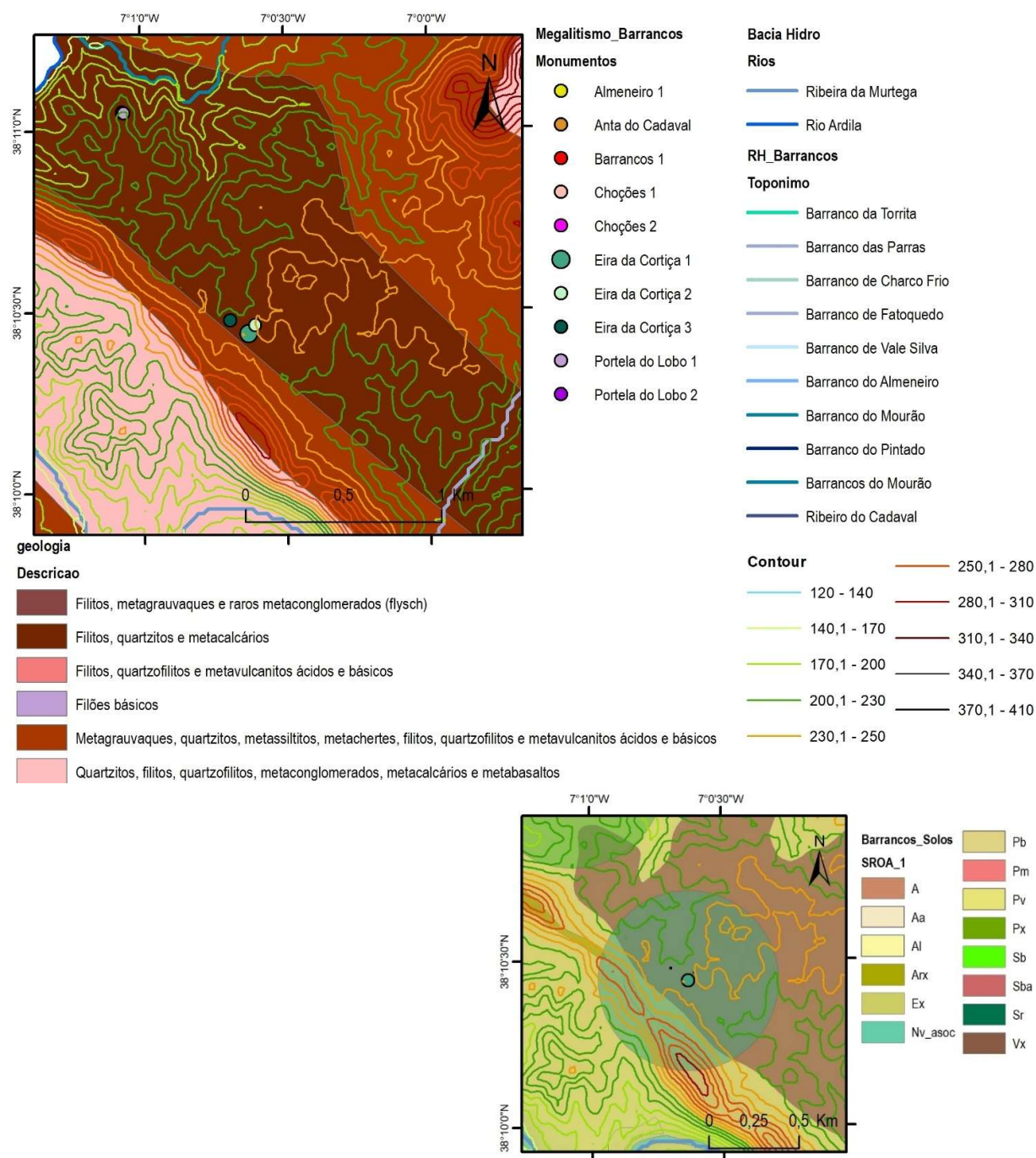
Plano/Croqui



Perfil Topográfico – Implantação



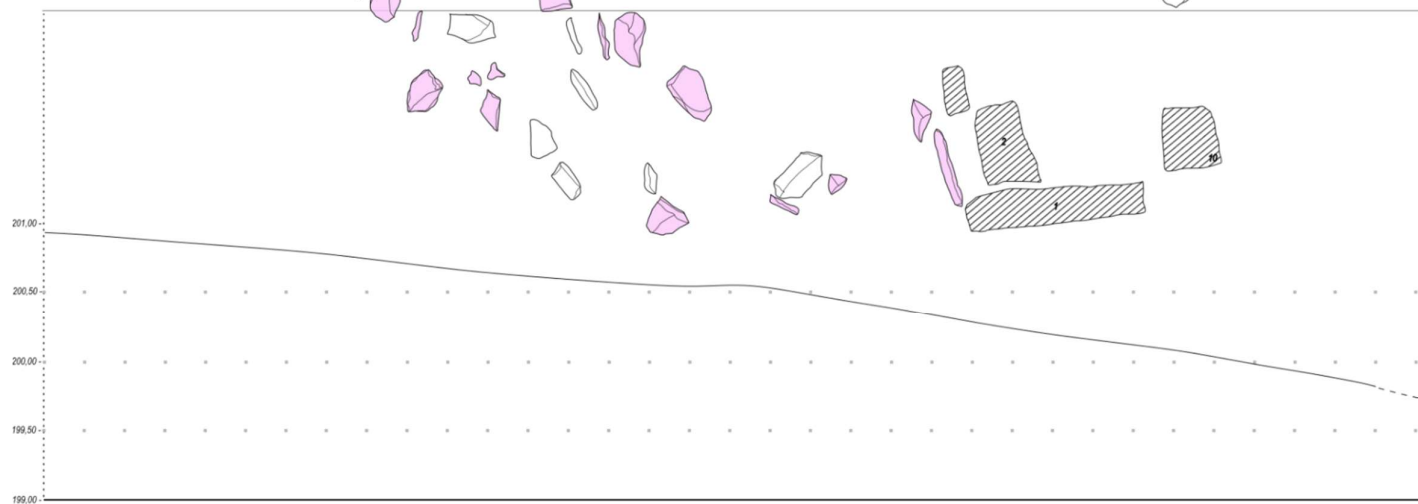
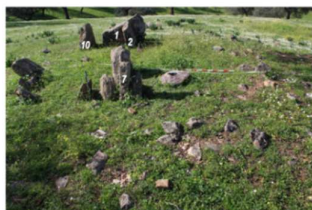
Meio Envolve



Localiza-se numa área de suave orografia com altitudes médias 230-250 m, limitada a Sul pela serra de Boticas e a Este pela serra das Colebras e Cuco. Situa-se sob substratos geológicos de “filitos, quartzitos e metacalcários”; em relação à litologia, zona de xistos e grauwaques; quanto aos solos são luvisolos férricos.

Topónimo	Eira da Cortiça 2				CNS.: 28497
Tipo	Monumento Megalítico				
Localização Administrativa	Beja	Barrancos	Russianas. Vale de Santa Maria. junto ao caminho de acesso ao Monte da Ordem		
Localização Geográfica	Sist.Coor. WGS_1984	Log (X) 38,174332	Lat (Y) -7,010129	Alt. (m) (z) 236	CMP n.º 504 1:25000
Descrição	Monumento de xisto de câmara e corredor indiferenciado em planta. A câmara é definida por 11 esteios e apresenta morfologia retangular com 3,50 m no eixo longitudinal e 1, 20 m de largura. Apresenta abertura orientada sensivelmente a 70º ENE (lés-nordeste). Da mamoa, ainda que com muitas lacunas é bem perceptível a existência de um anel com aproximadamente 16 m de diâmetro.				
Conservação	Regular/Mau. Presença de uma azinheira no quadrante Norte/Este. Sem proteção. Terreno de montanha, gado/porcos. Integrada no Processo de Classificação do Megalitismo Alentejano.				
Implantação	Localiza-se numa área de médias altitudes (200-250 m) de orografia suave; implanta-se na linha de cumeeada, na vertente orientada a Oeste/Sudoeste.				
Meio Envolvente	Zona de montado de azinho e vegetação rasteiras. Terreno de pastoreio e montanha. Localiza-se a menos de 100 metros da anta da Eira da Cortiça 1 (Nordeste) e a menos de 200 m da Eira da Cortiça 3.				
Espólio Associado	Percutor em quartzito amarelo de contorno trapezoidal.				
Bibliografia	(Perdigão, Oliveira, & Ribeiro, 1982, p. 50) (Rego L. M., Noudar (Barrancos): do Calcolítico à Vila Medieval, 2001)				
Fotografia					
Observações	No quadrante Oeste/Norte, onde a couraça pétrea melhor se conserva denota-se uma suave sobrelevação.				

Plano/ Croqui



Perfil
Exo Norte-Sul

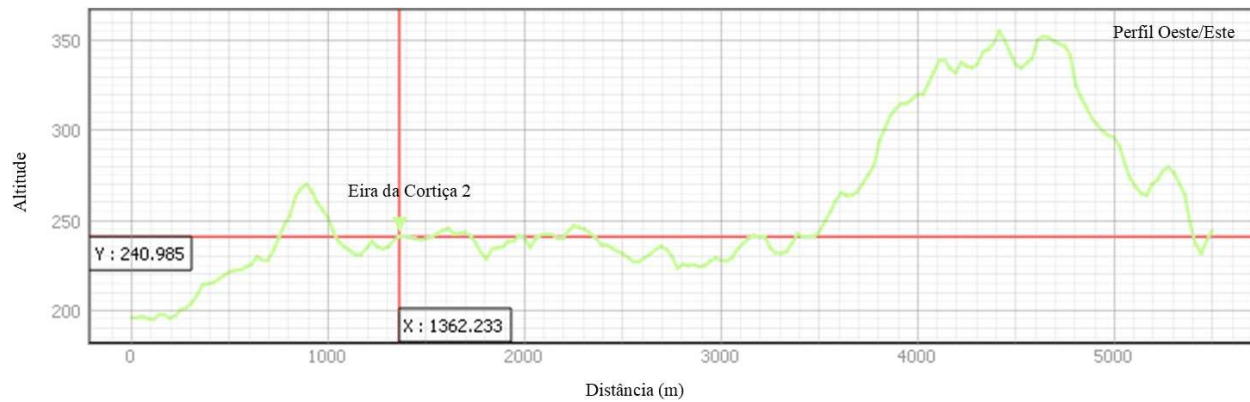
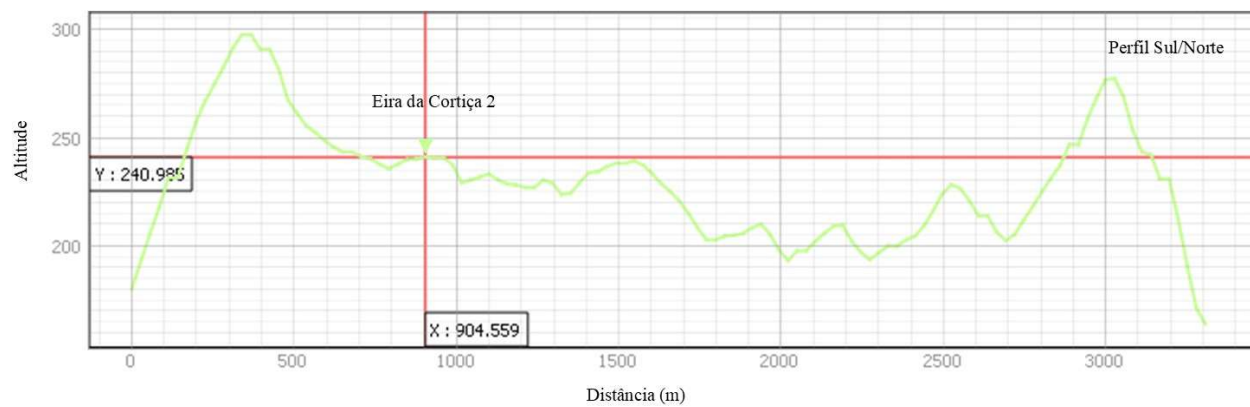
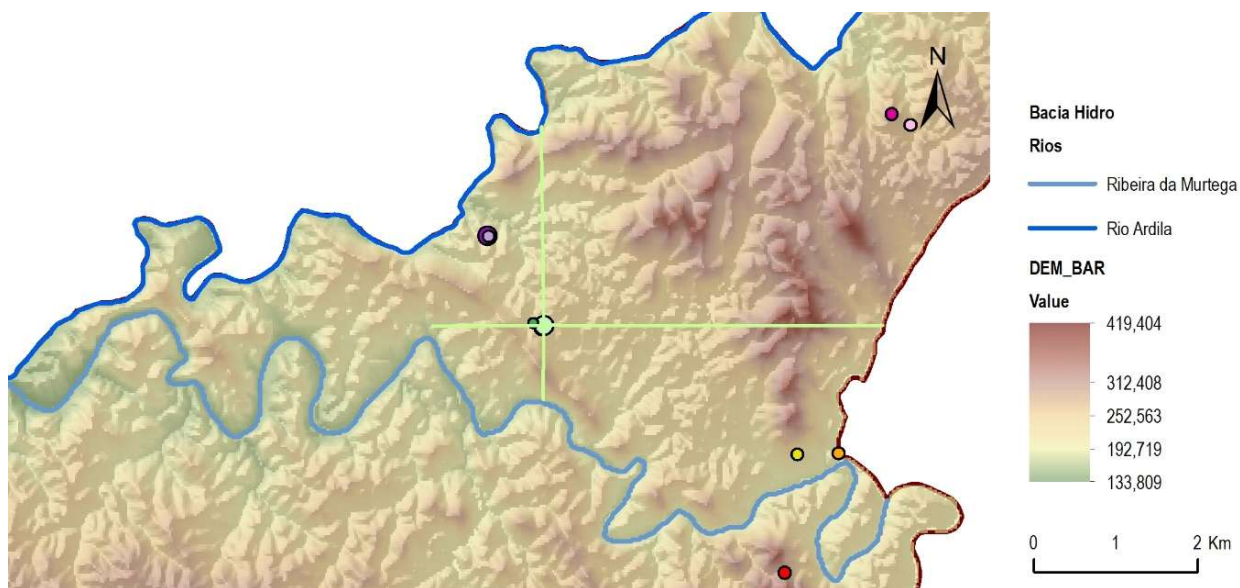
0 20 100 200 cm

Eira da Cortiça 2
Plano - croqui

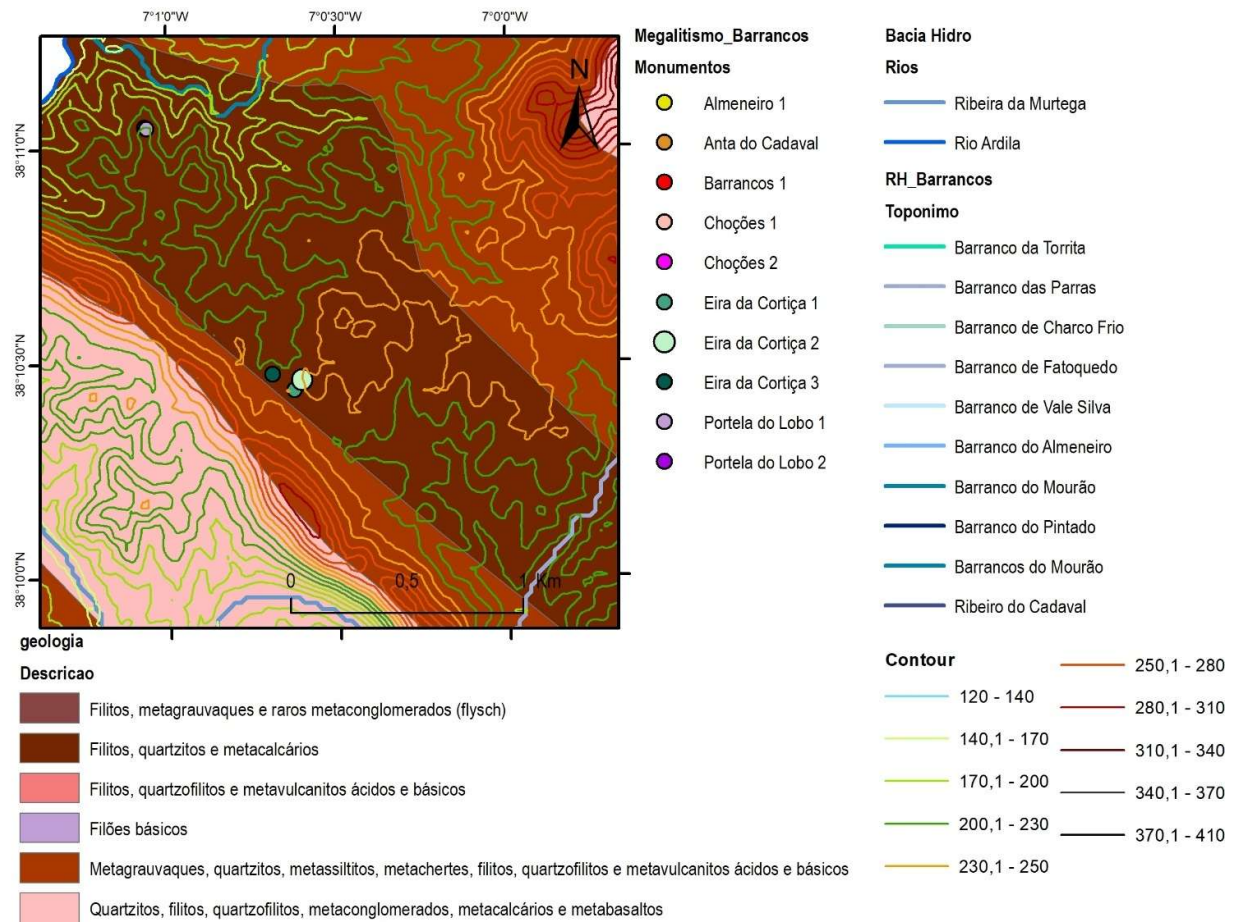


Legenda
- Raízes
- Quartz

Implantação Perfil Topográfico

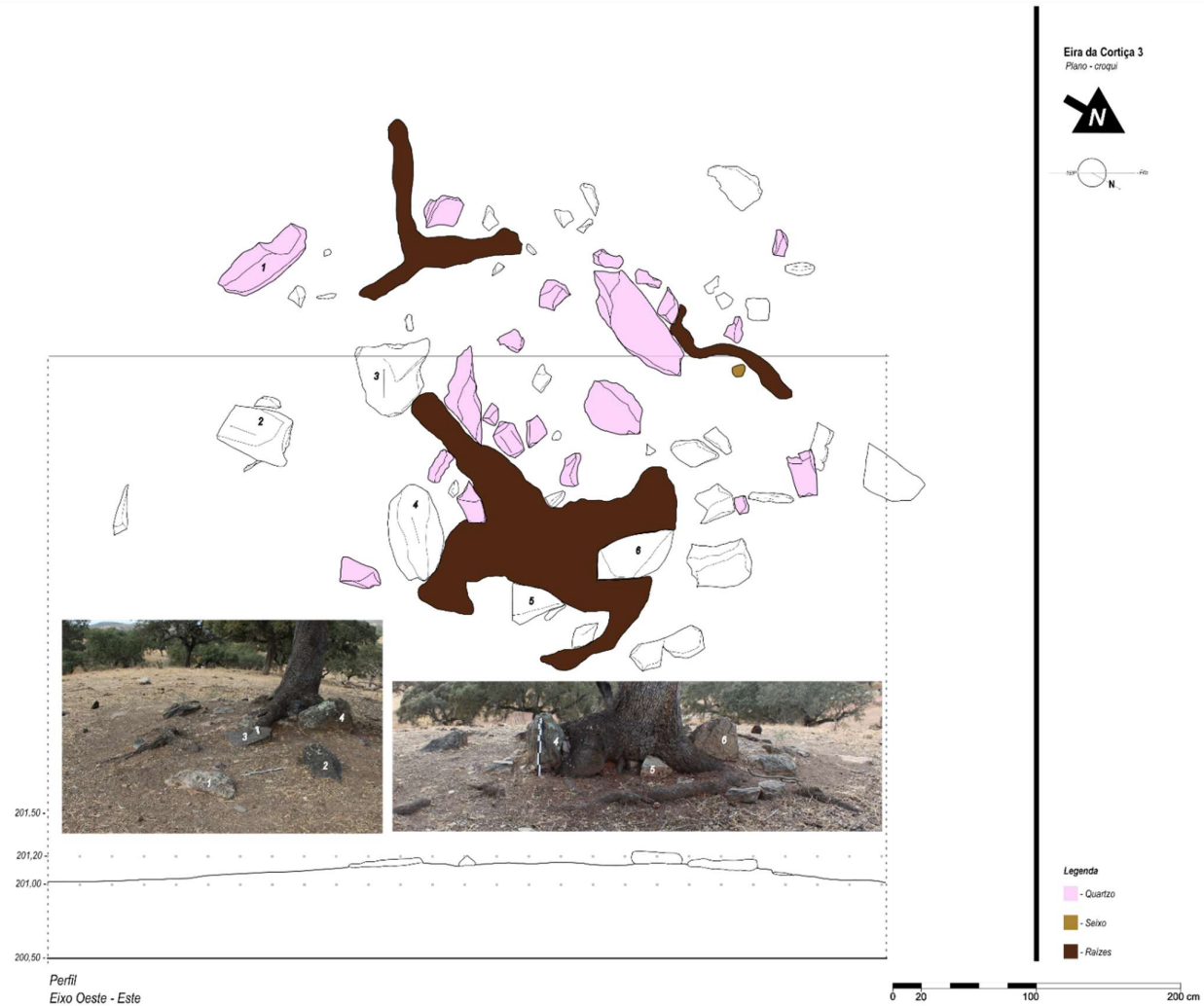


Meio Envolvente

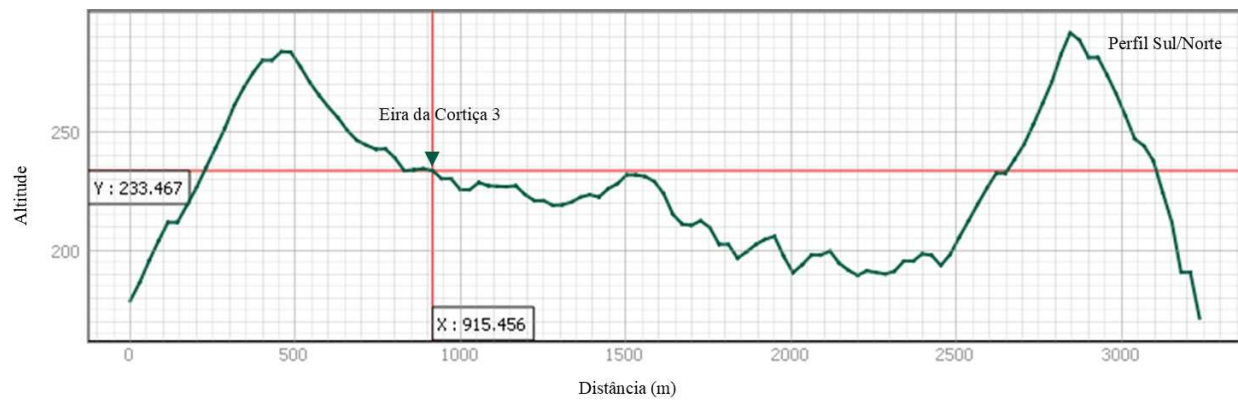
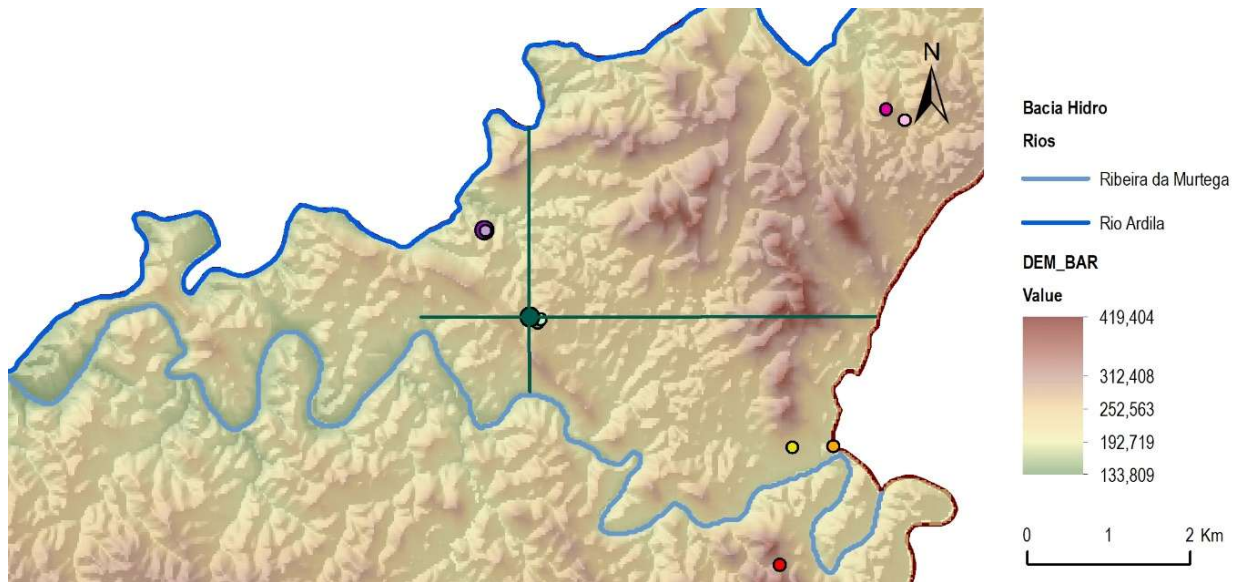


Topónimo	Eira da Cortiça 3				CNS.:
Tipo	Monumento Megalítico				
Localização Administrativa	Beja	Barrancos	Herdade da Coitadinha – PNN. Cerca da Britadeira.		
Localização Geográfica	Sist.Coor. WGS_1984	Log (X) -7,01161	Lat (Y) 38,174565	Alt. (m) (Z) 235,5	CMP n.º 504 1:25000
Descrição	Estrutura pétrea – grauvaque e quartzo. Identifica-se certa disposição dos elementos pétreos, reconhecendo-se o que aparenta ser uma abertura ladeada por dois blocos pétreos orientada a Sudeste (150°). No quadrante Este denota-se uma delineação circular dos elementos. Vários dos blocos estão cingidos pelas raízes da azinheira.				
Conservação	Regular/Mau. Presença de uma azinheira sobre a estrutura. Sem proteção.				
Implantação	Localiza-se numa área de médias altitudes (200-250 m) de orografia suave; implanta-se na linha de cumeada, na vertente orientada a Oeste.				
Meio Envolverte	Zona de montado de azinho e vegetação rasteiras. Terreno de pastoreio. Situa-se a menos de 100 m para Oeste da Eira da Cortiça 1.				
Espólio Associado	Achados de superfície: fragmentos cerâmicos indeterminados. Polidor sob quartzito de contorno discoide.				
Bibliografia					
Fotografia					
Observações	No cabeço a sudoeste distingue-se uma estrutura pétrea de contexto indeterminado. No vale que separa os dois sítios encontrou-se o polidor. Poderíamos considerar os três monumentos Eira da Cortiça como necrópole (?). Estamos na presença de um espaço sacralizado (?).				

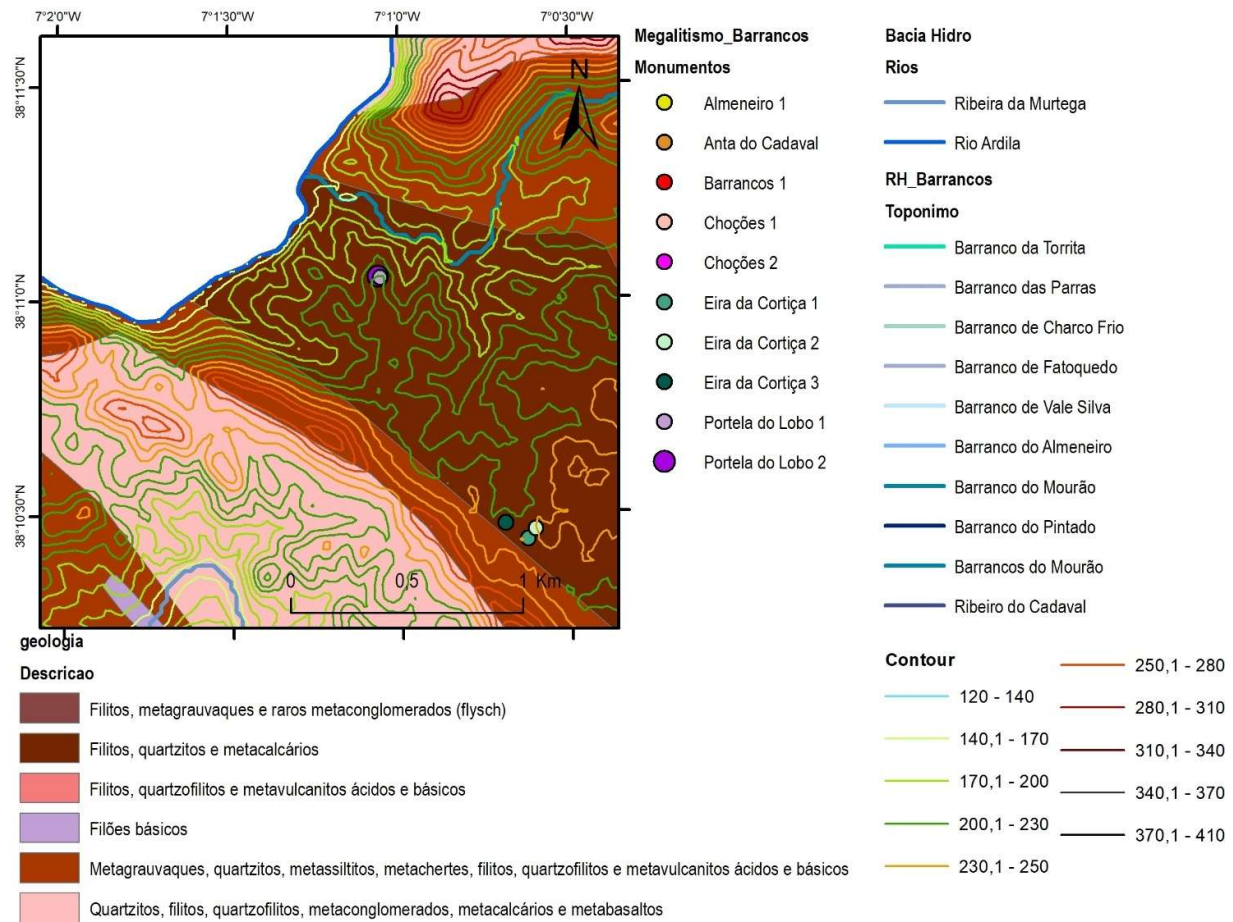
Plano/ Croqui



Implantação Perfil Topográfico

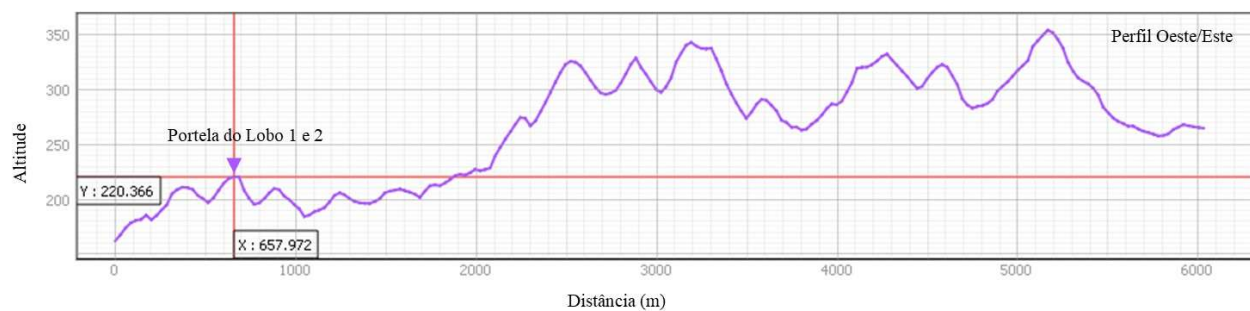
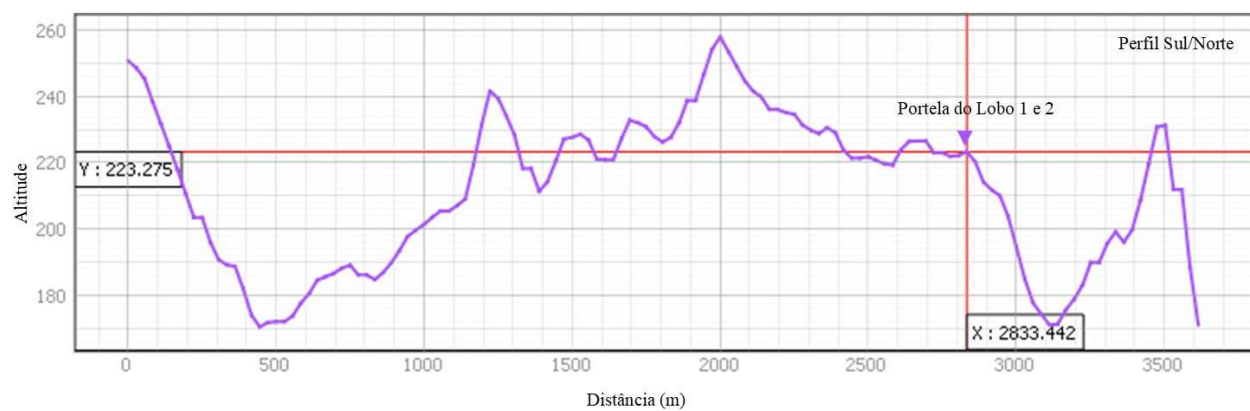
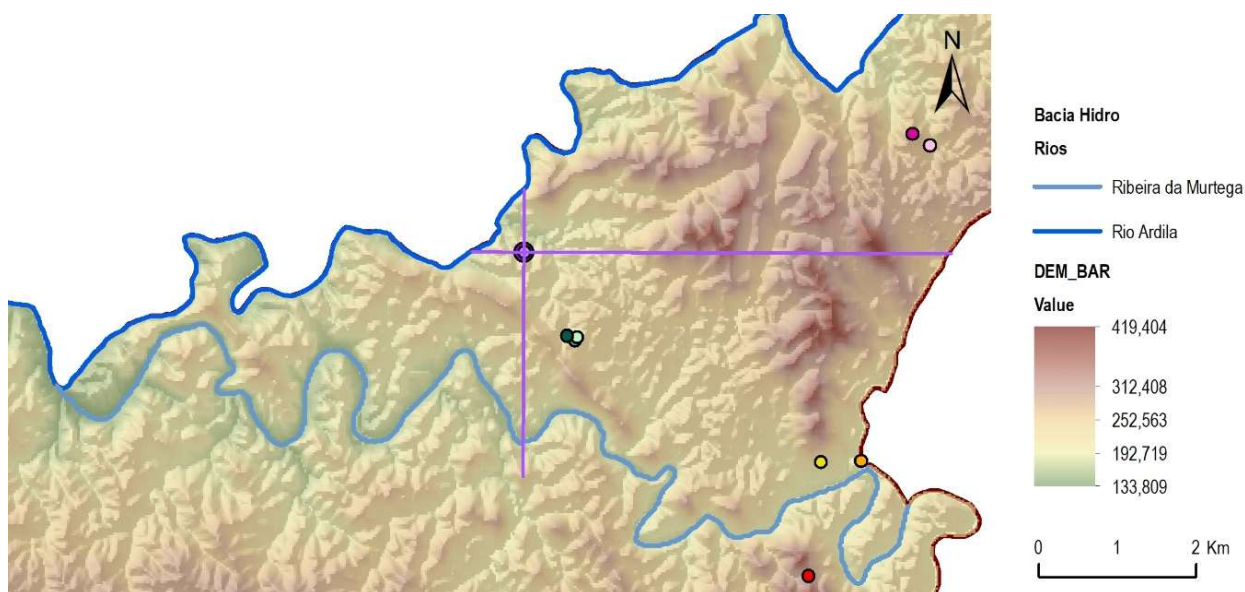


Meio Envolve

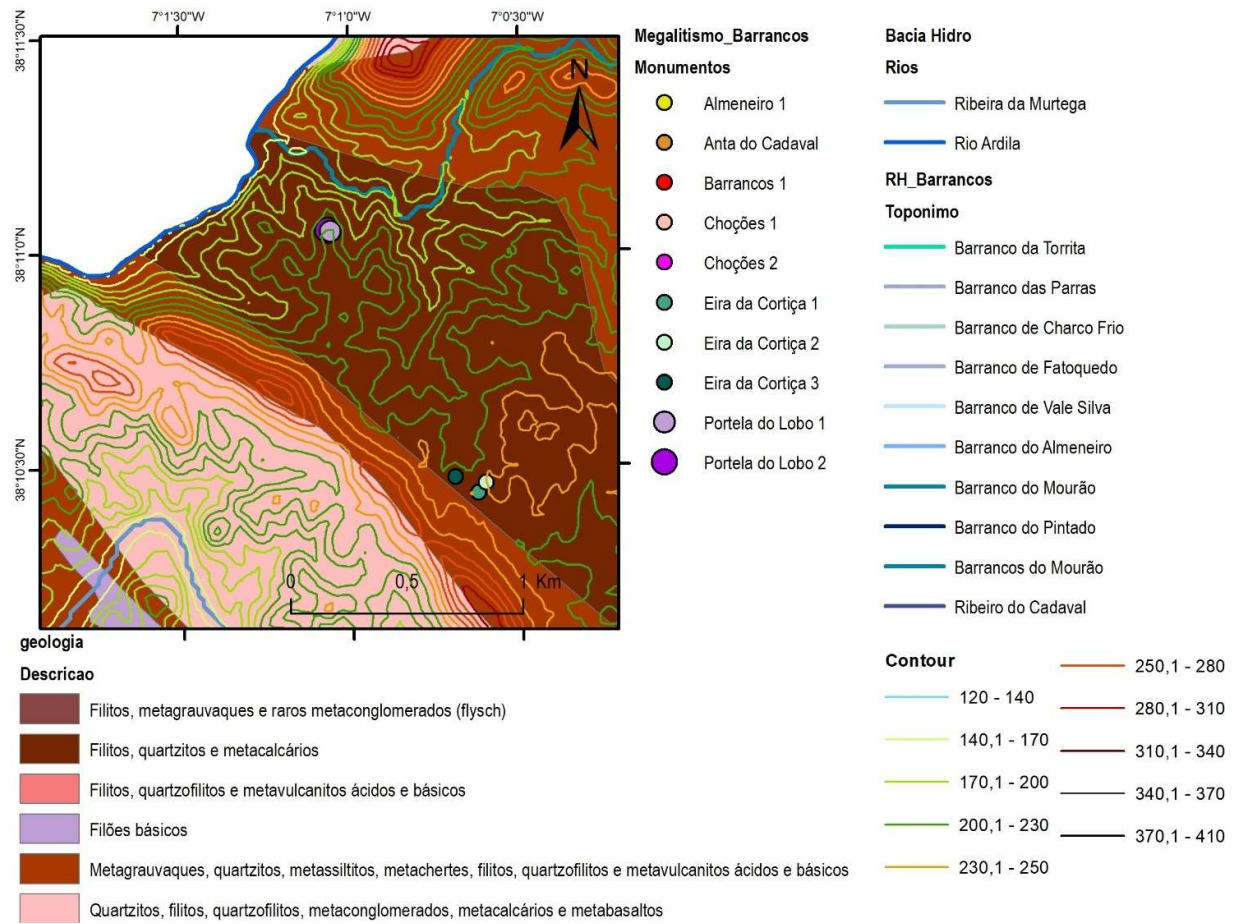


Topónimo	Portela do Lobo 2				CNS.: 28501
Tipo	Monumento Megalítico – Anta				
Localização Administrativa	Beja	Barrancos	Russianas. Portela do Lobo		
Localização Geográfica	Sist.Coor. WGS_1984	Log (X) 38,184184	Lat (Y) -7,017756	Alt. (m) (z) 220	CMP n.º 504 1:25000
Descrição	Conservam seis esteios fincados com dimensões de cerca de um metro de altura máxima e fragmentos de outros tombados. A orientação do monumento, medida com referência ao seu eixo em toda a extensão, aponta para Este, 80°. O túmulos encontra-se circundado pela mamoa com uma extensão aproximada a 12 m de diâmetro. Referenciar que, no lado Sul o anel de contensão é construído por estrutura de pedra, algumas de grandes dimensões, que chegam a atingir o 1,30m de comprimento.				
Conservação	Regular/Mau. Sem proteção. Presença de vegetação de médio porte. Terreno de pastoreio.				
Implantação	Implanta-se no topo de um cabeço de mediana altitude com a vertente orientada a Norte. No sopé, de Este para Noroeste corre o Barranco do Mourão até a sua confluência na margem esquerda do rio Ardila. A pouco mais de 50 metros, a sudeste localiza-o monumento Portela do Lobo 1.				
Meio Envolverte	Zona de montado salpicado com vegetação de mediano porte, essencialmente estevas, com grande incidência no sítio onde se organiza o monumento.				
Espólio Associado	Achados de superfície. Machado parcialmente polido e enxó votiva, ponto de seta sobre quartzo leitoso (?).				
Bibliografia	(REGO, 2001)				
Fotografia					
Observações	Nas proximidades do monumento, na direção do corredor, encontra-se um amontoado de pedras, que provavelmente pertenceriam à estrutura pétrea, mas desconhecemos verdadeiramente o seu sentido.				

Implantação Perfil Topográfico



Meio Envolvente

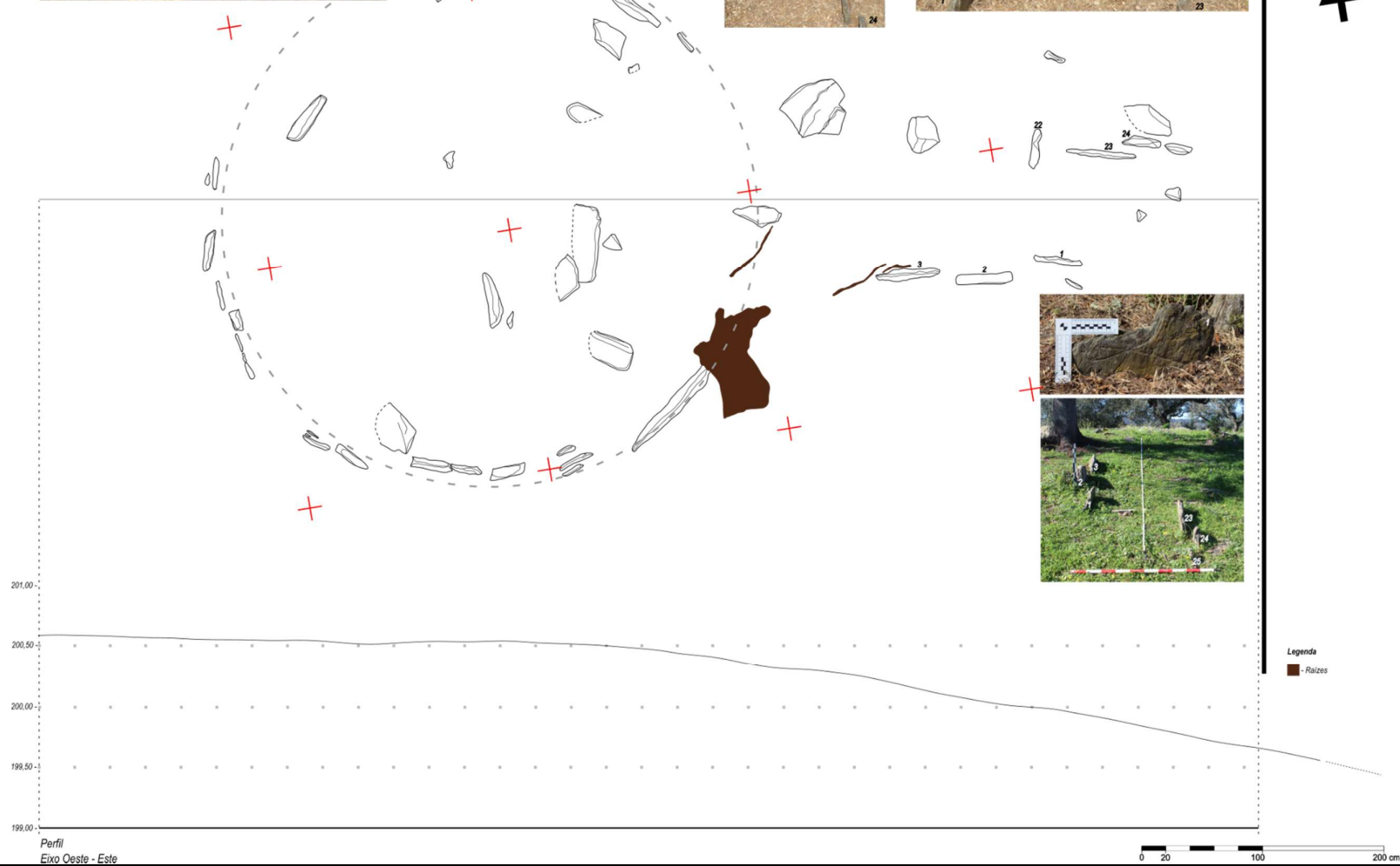


Topónimo	Portela do Lobo 1				CNS.: 42172
Tipo	Monumento megalítico – Tholos (?)				
Localização Administrativa	Beja	Barrancos	Russianas. Portela do Lobo		
Localização Geográfica	Sist.Coor. WGS_1984	Log (X) 38,184184	Lat (Y) -7,017756	Alt. (m) (z) 220	CMP n.º 504 1:25000
Descrição	Estrutura circular com 4 m de diâmetro definida com xistos e grauvaques implantados na vertical. Corredor diferenciado, orientado sensivelmente a 100º medida de acordo com o seu eixo em toda a extensão. Do corredor conservam-se 7 esteios (3+4). Possivelmente seria um corredor de lados paralelos com aproximadamente 3,80 metros de comprimento e 0,80 de largo.				
Conservação	Regular, conserva a delimitação. Sem proteção. Terreno de pastoreio. Presença de uma azinheira no perímetro da estrutura e alguma raízes e vegetação de pequeno/médio porte.				
Implantação	Integra-se numa paisagem acidentada com barrancos encaixados. Implanta-se no topo de um cabeço de mediana altitude. com a vertente orientada a Norte. No sopé, de Este para Noroeste corre o Barranco do Mourão até a sua confluência na margem esquerda do Rio Ardila. A pouco mais de 50 m, a Nordeste localiza-se a Anta Portela do Lobo 2.				
Meio Envolvente	Zona de montado salpicado com vegetação de mediano porte. Zona de pastagens de gado bovino.				
Espólio Associado					
Bibliografia					
Fotografia					
Observações	Um dos ortostatos do corredor apresenta incisão, provavelmente marcas de arado.				
					

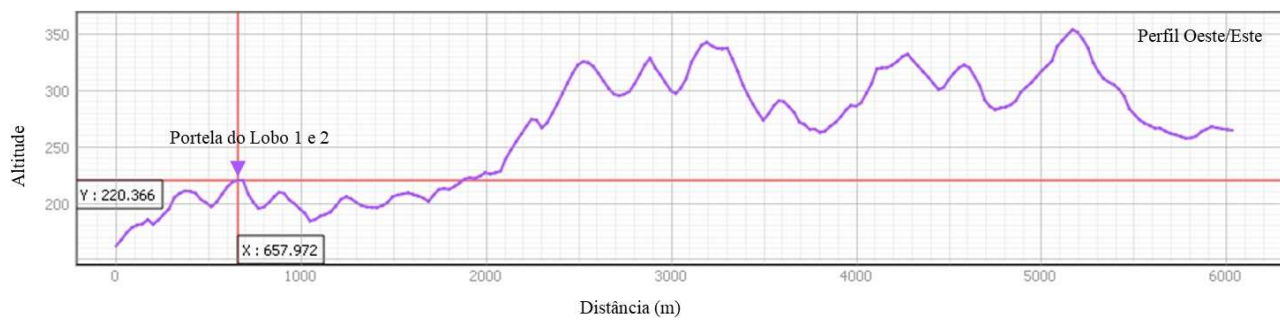
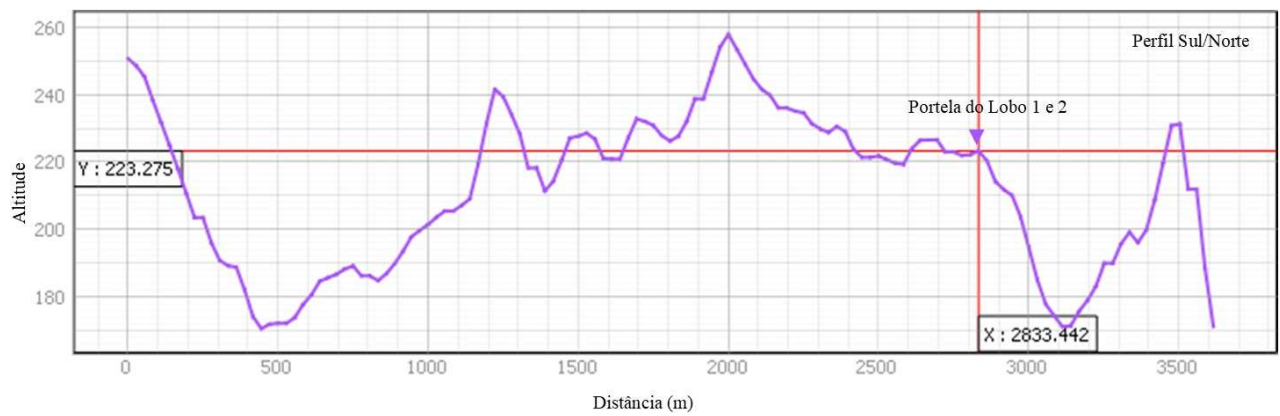
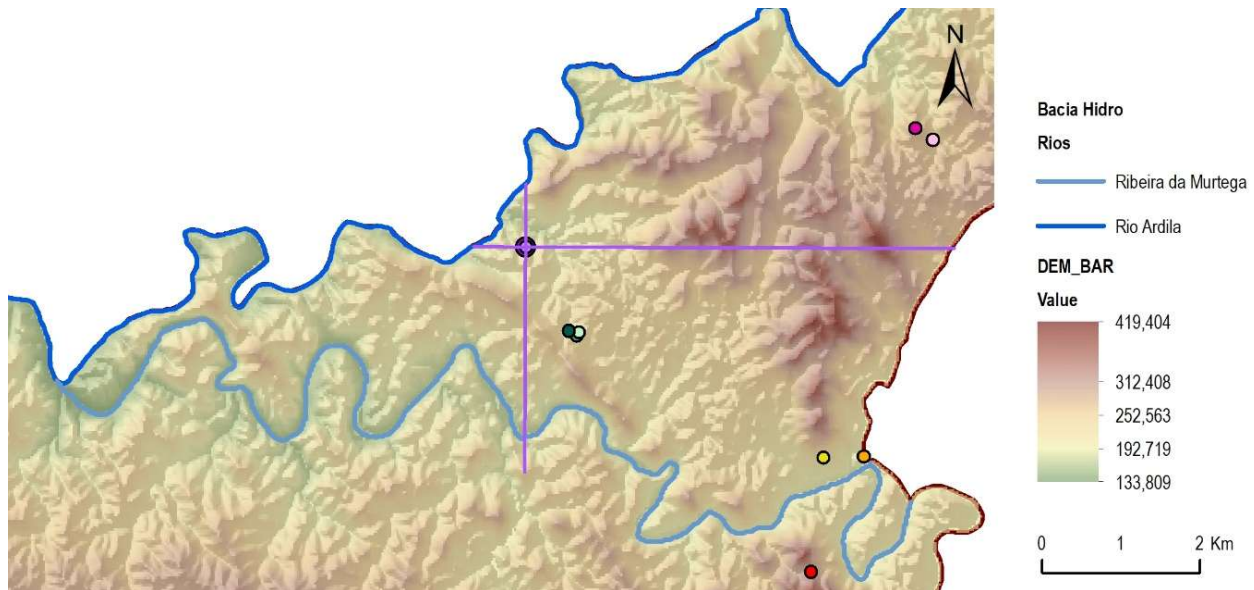
Plano/ Croqui



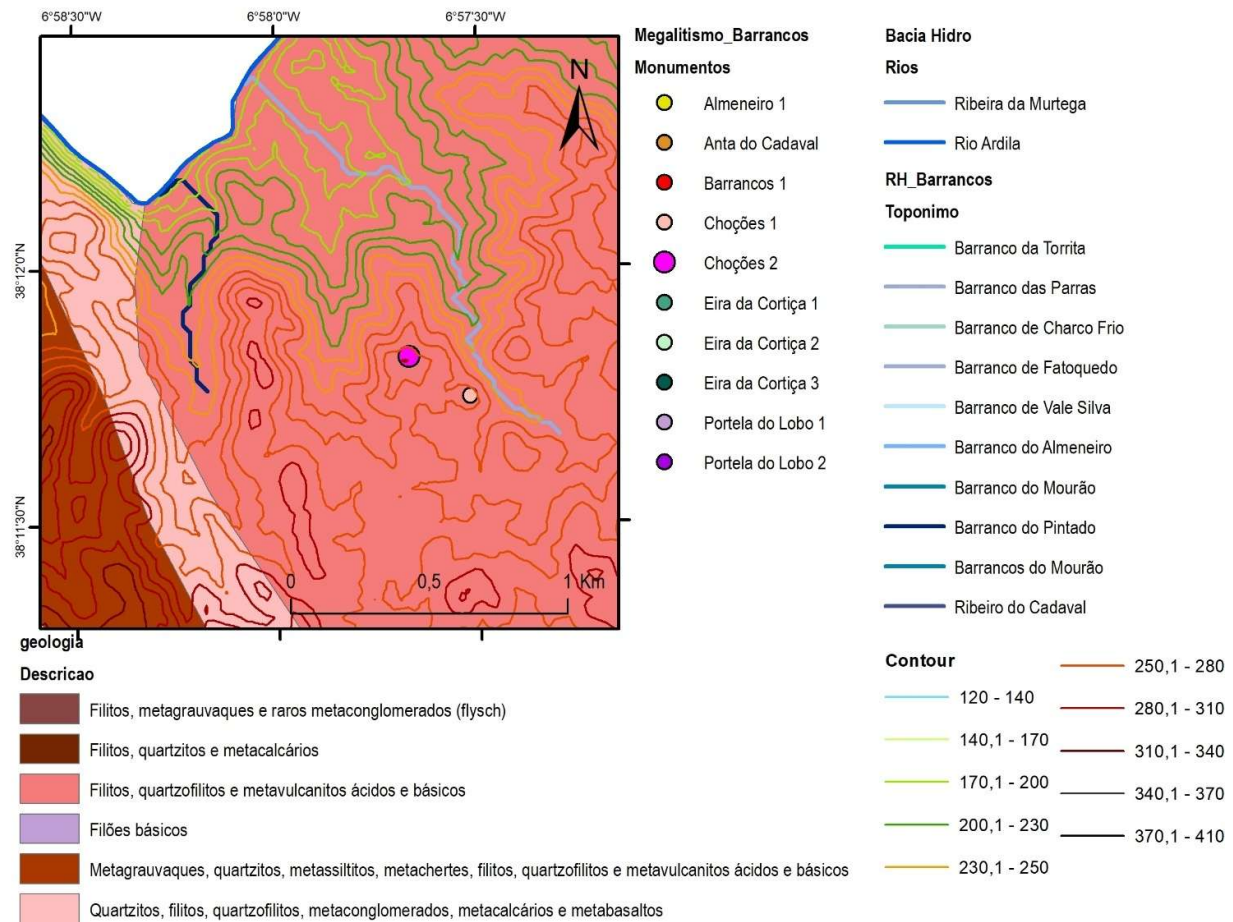
Portela do Lobo 1
Plano - croqui



Implantação Perfil Topográfico



Meio Envolvente



Topónimo	Choções 1				CNS.:
Tipo	Monumento Megalítico				
Localização Administrativa	Beja	Barrancos	Cerca do Pintado, na envolvência da Malhada do Choções.		
Localização Geográfica	Sist.Coor. WGS_1984	Log (X) 38,195797	Lat (Y) -6,958717	Alt. (m) (Z) 258,69	CMP n.º 504 1:25000
Descrição	Estrutura pétrea; provavelmente trata-se de um monumento de planta circular, da qual é observável apenas meia circunferência delineada por múltiplos esteios justaposto, de pequena dimensão, obtidos em xisto e grauvaque; A estrutura lítica apresenta-se interrompida na face virada a Sudeste a partir da qual parece delinear-se um corredor, do qual é visível um esteio (orientado a Sudeste. aproximadamente 135º). A câmara situa-se no topo aplanado e o corredor acompanha o declive da vertente; no interior do limite circular é visível um conjunto de três elementos pétreos, dois paralelos e o outro colocado na transversal, que possivelmente serão os restos de uma pequena câmara de interpretação incerta.				
Conservação	Mau Sem proteção. Terreno de pastoreio. Presença de raízes e vegetação de pequeno/médio porte e árvores na envolvência.				
Implantação	Integra-se numa paisagem acidentada de vales encaixados. Implanta-se no topo de um cabeço de alta/média altitude. No sopé, de Este para Noroeste corre o Barranco de Fatoquedo até a sua confluência na margem esquerda do Rio Ardila.				
Meio Envoltente	Zona de montado e orografia acentuada, barrancos encaixados. Zona de pastagens de gado bovino. A Noroeste localiza-se o monumento Choções 2.				
Espólio Associado					
Bibliografia					
Fotografia					

Observações

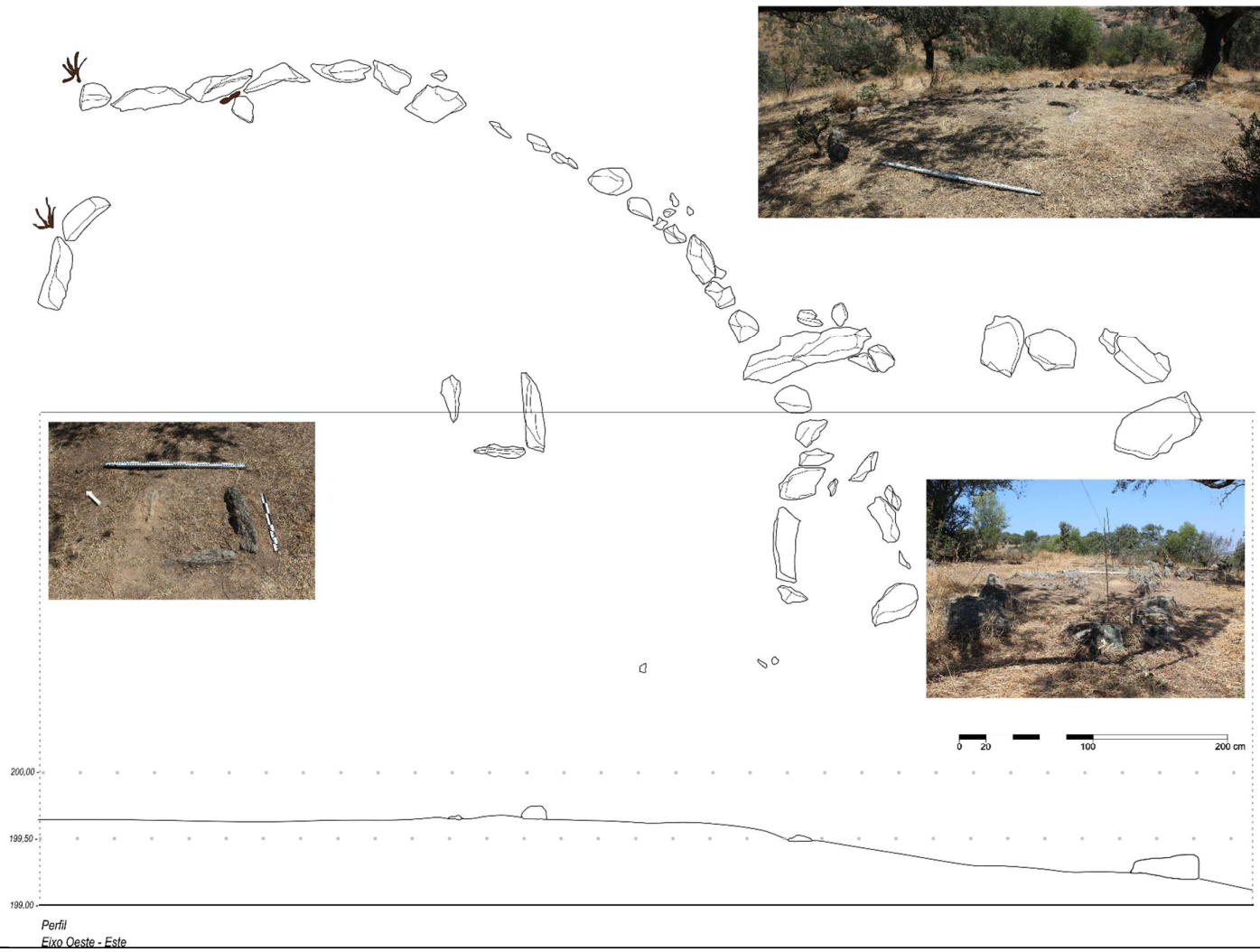
No interior do limite circular é visível um conjunto de três elementos pétreos



No alinhamento do corredor, a menos de dois metros pode observar-se um amontoado de blocos de grauvaques, que provavelmente seriam constituintes da estrutura.



Plano/ Croqui

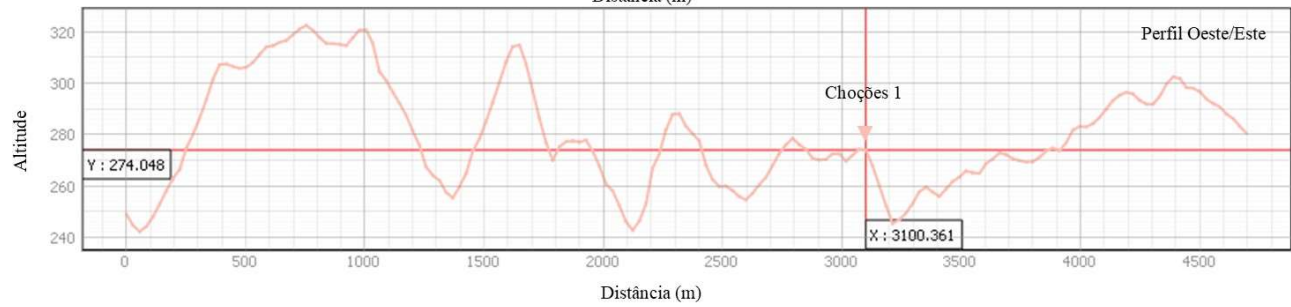
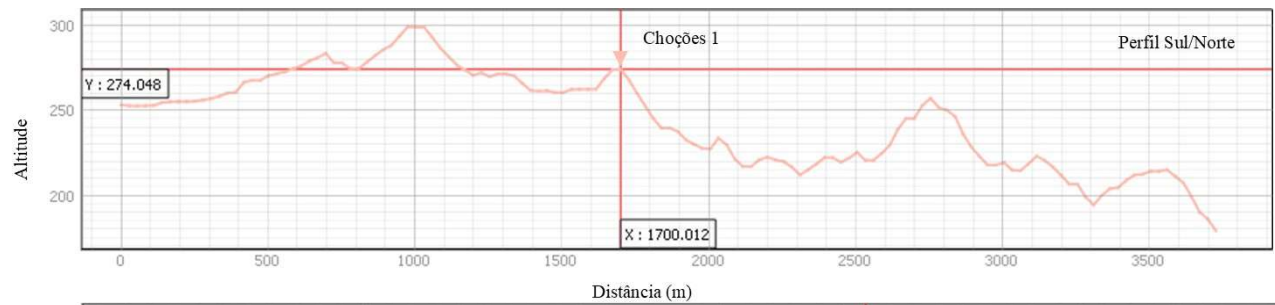


Choções 1
Plano - croqui

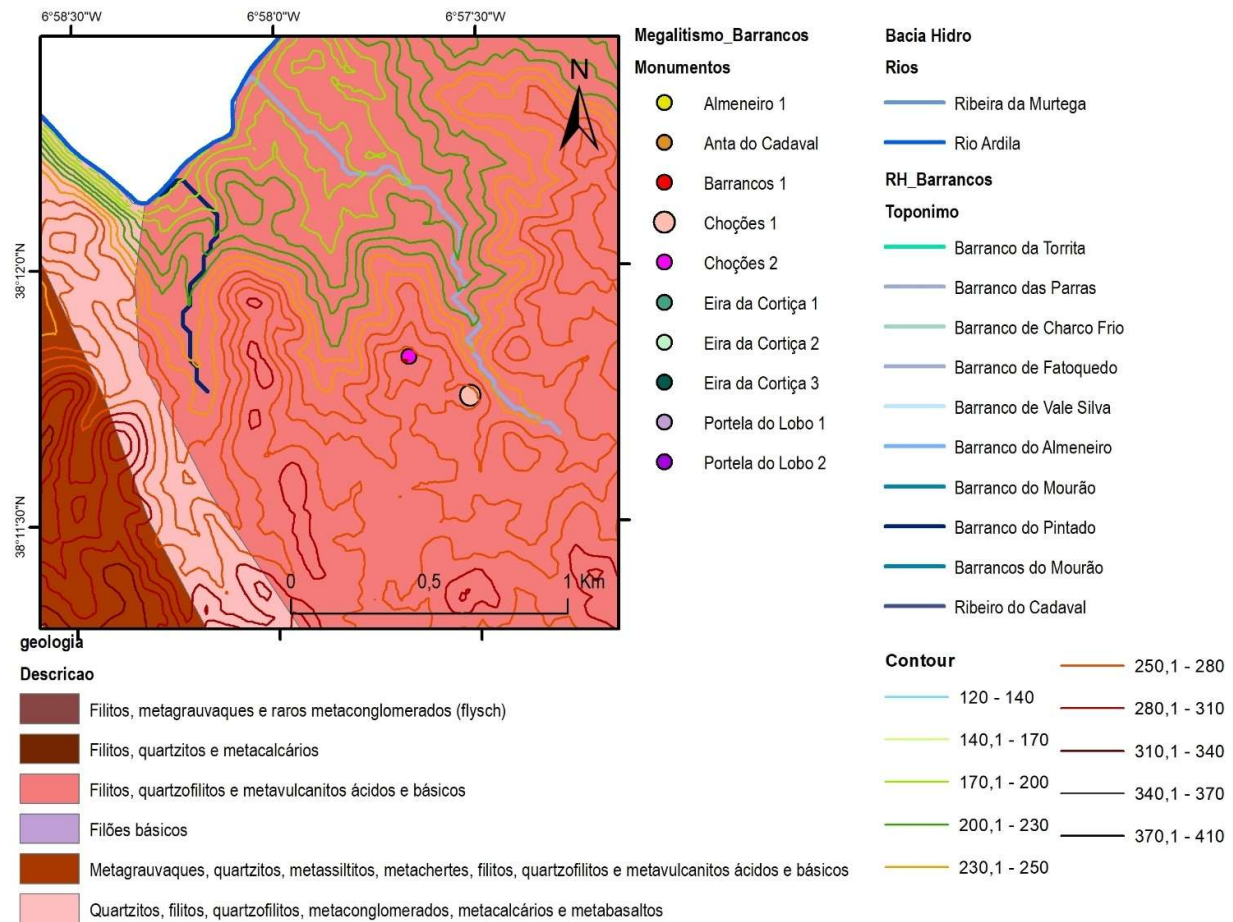


Legenda
■ - Raízes

Implantação Perfil Topográfico



Meio Envolvente

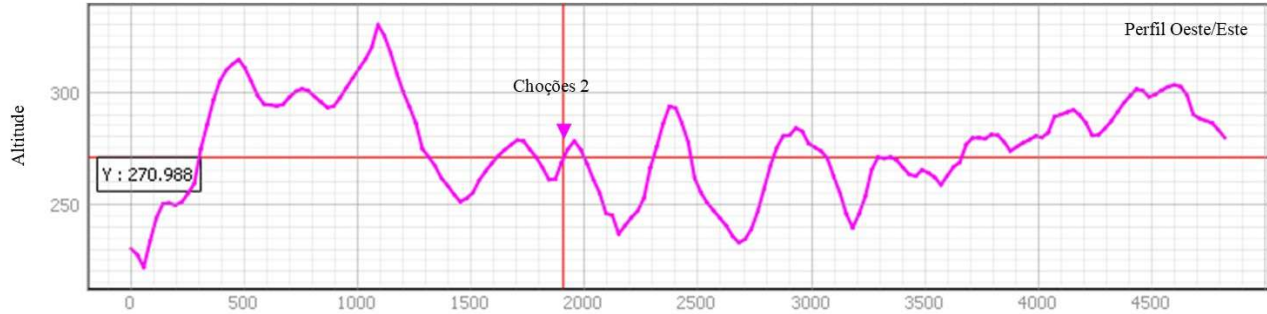
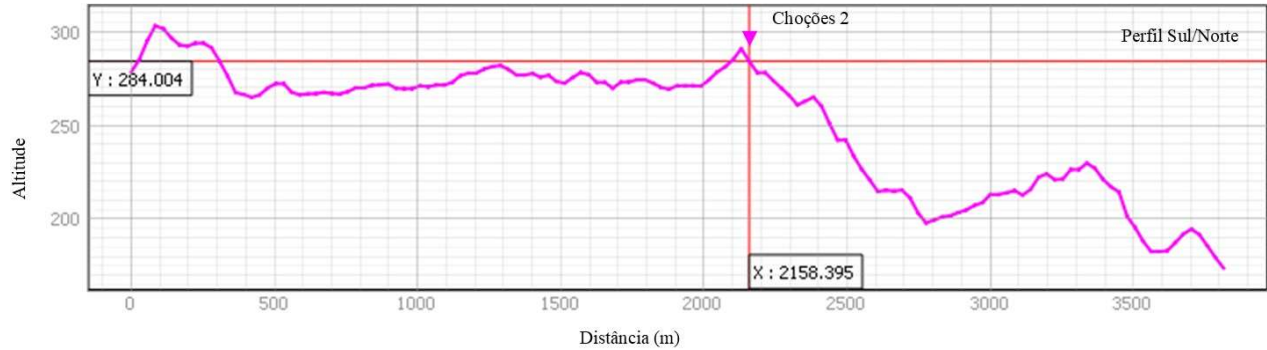
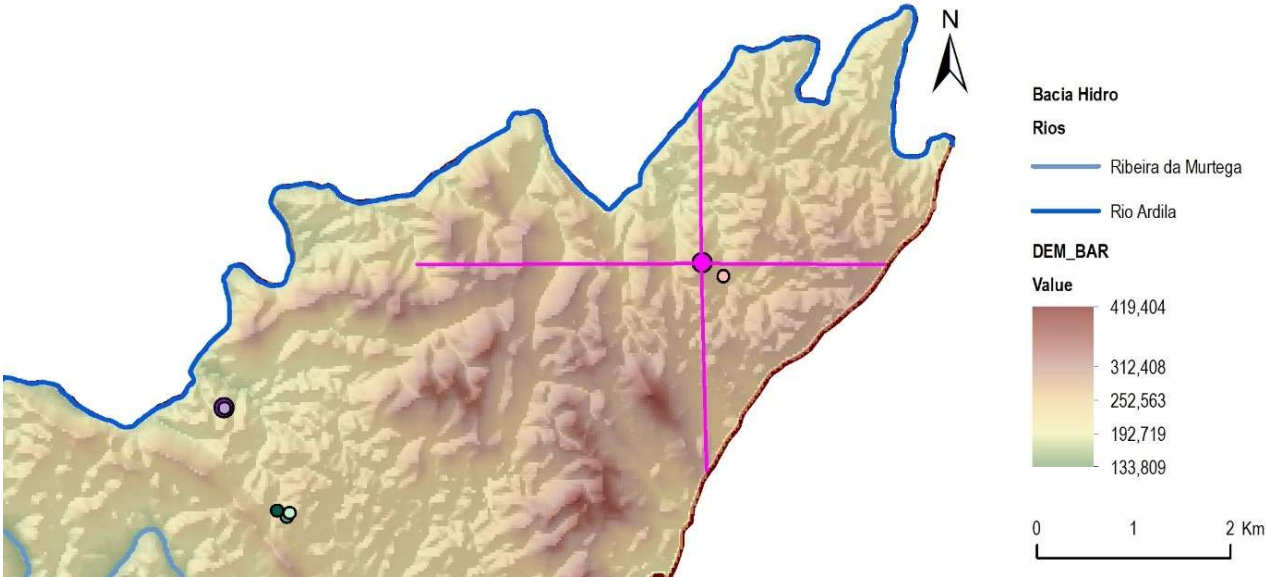


Topónimo	Choções 2			CNS.:	
Tipo	Monumento megalítico				
Localização Administrativa	Beja	Barrancos	Cerca do Pintado, próximo da Malhada do Choções.		
Localização Geográfica	Sist.Coor. WGS_1984	Log (X) 38,197085	Lat (Y) -6,961245	Alt. (m) (Z) 290	CMP n.º 504 1:25000
Descrição	Conjunto de elementos pétreos organizados, delineando uma circunferência de aproximadamente 3m de diâmetro. Percebemos o conjunto de três lajes organizadas com abertura para Este (sensivelmente a 70°)				
Conservação	Mau. Sem proteção. Presença de azinheira e zambujeiro e outros arbustos de médio/grande porte.				
Implantação	Implanta-se no topo de um cabeço com vertente para Norte/Noreste com visibilidade para o Rio Ardila.				
Meio Envolve	Integra-se numa paisagem acidentada, vales encaixados. Zona de montado e terreno de pastagens de gado bovino. A Sudeste localiza-se o monumento Choções 1.				
Espólio Associado					
Bibliografia					
Fotografia					
Observações	Amontoado de grandes blocos pétreos no sector Este e outros ortostato fincados na vertical justapostos. 				

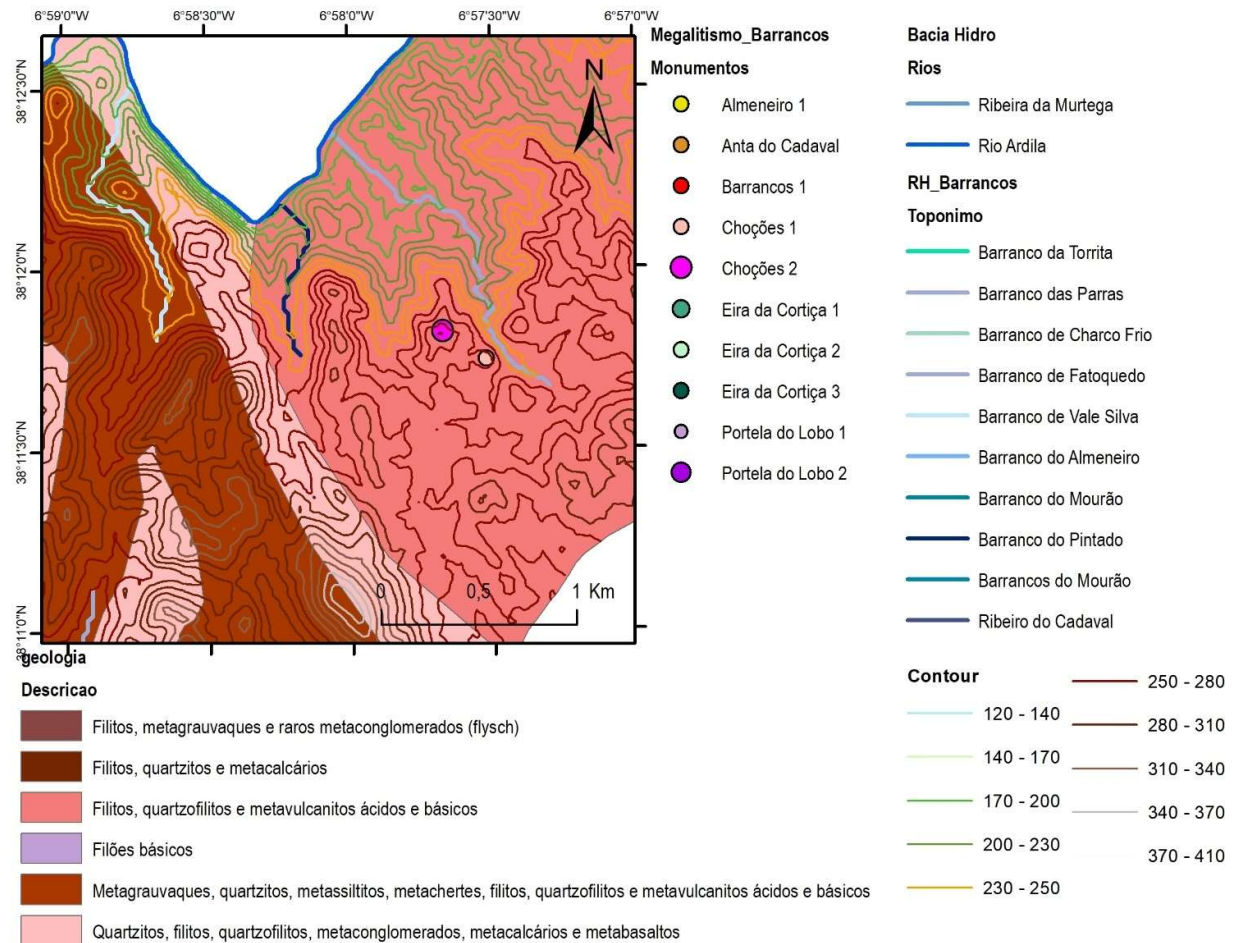
Plano/ Croqui



Implantação
Perfil Topográfico



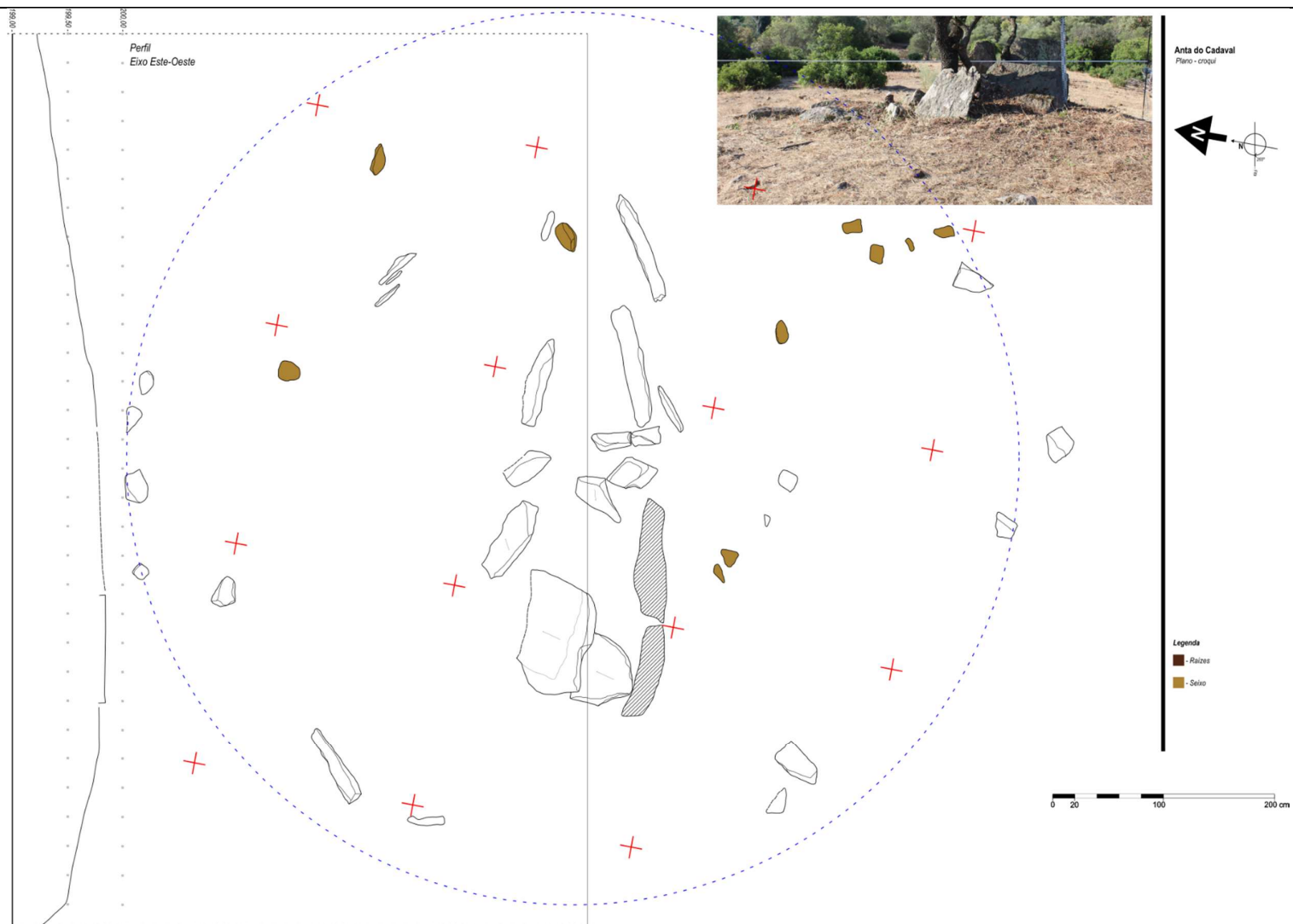
Meio Envolvente



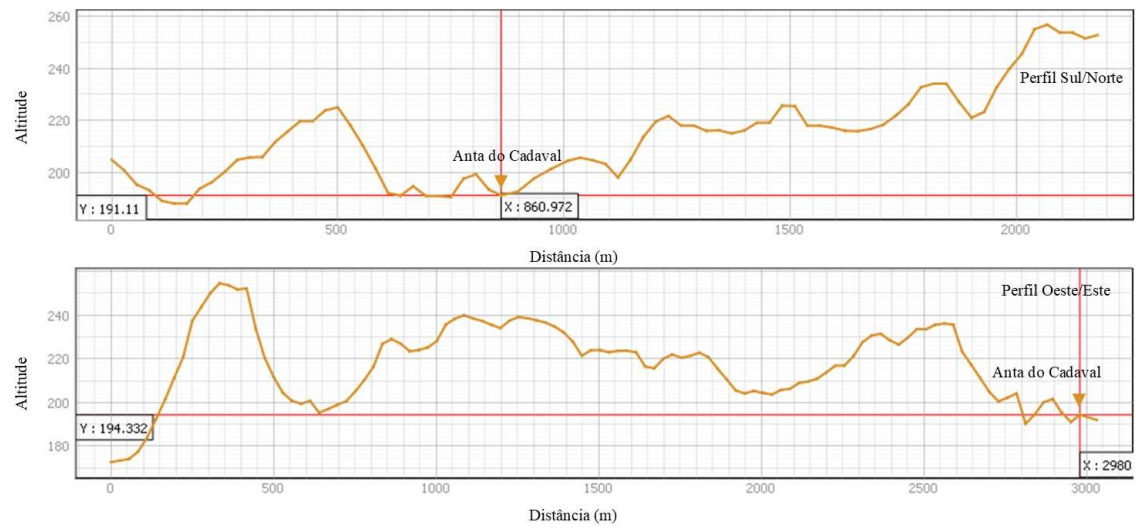
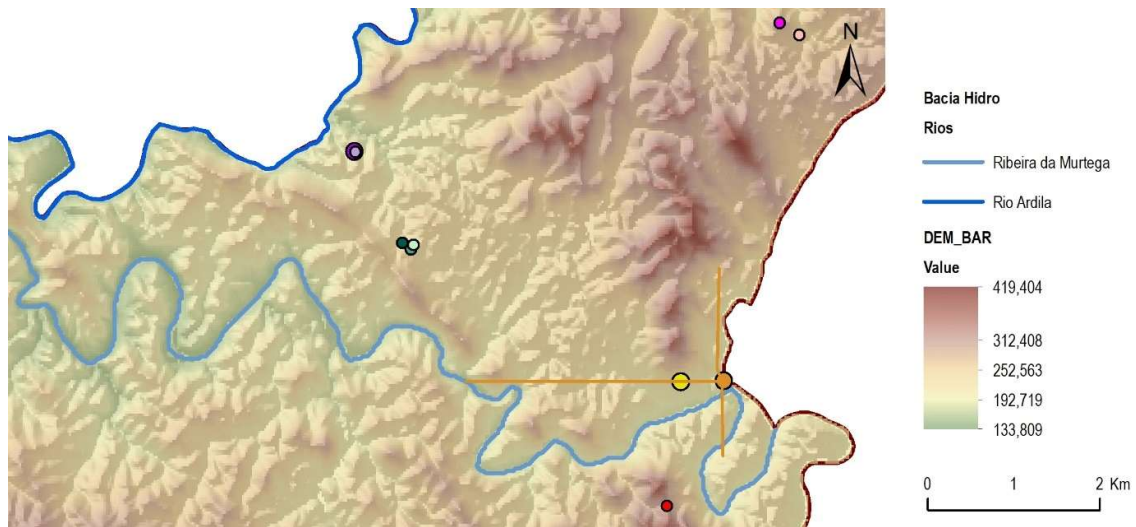
Ficha Individual de Sítio N.º 8

Topónimo	Anta do Cadaval				CNS.: 28498
Tipo	Monumento Megalítico – Anta				
Localização Administrativa	Beja	Barrancos	Cadaval, junto à linha de fronteira (marco A977).		
Localização Geográfica	Sist.Coor. WGS_1984	Log (X) -6,96929	Lat (Y) 38,159817	Alt. (m) (z) 194	CMP n.º 504 1:25000
Descrição	Anta construída em xisto. Tratar-se-ia, muito provavelmente, de uma anta de câmara aberta, retangular longitudinal com aproximadamente 2,3 m; e corredor longo diferenciado com abertura orientada 85°/90° (leste-nordeste/este). Da câmara conseguem-se identificar cinco ortóstatos, dos quais três <i>in situ</i> e os outros quase tombados (devido à presença de um chaparro e arbusto). Do corredor são visíveis 4 esteios, onde a largura inicial (0,90m) é maior que a terminal (0,70 m), corredor afuselado. A sua extensão atinge os 2,50 m. Quanto a mamoa, ainda se conservam vestígios da estrutura pétrea, sendo possível delimitar o anel de contensão com aproximadamente 8,0 m de diâmetro.				
Conservação	Regular/Mau. Sem proteção. Vegetação arbórea no interior da câmara.				
Implantação	Localiza-se numa zona baixa, numa pequena elevação do meandro do Ribeiro do Cadaval, próxima da confluência na Ribeira do Múrtega.				
Meio Envolvente	Terreno de pastoreio de gado bovino.				
Espólio Associado	Achados de superfície: percutor (seixo de rio)				
Bibliografia	(Rego L. M., Noudar (Barrancos): do Calcolítico à Vila Medieval, 2001)				
Fotografia					
Observações	A menos de 10 m de distância para NE encontra-se um local com claras evidências de extração de pedra.				

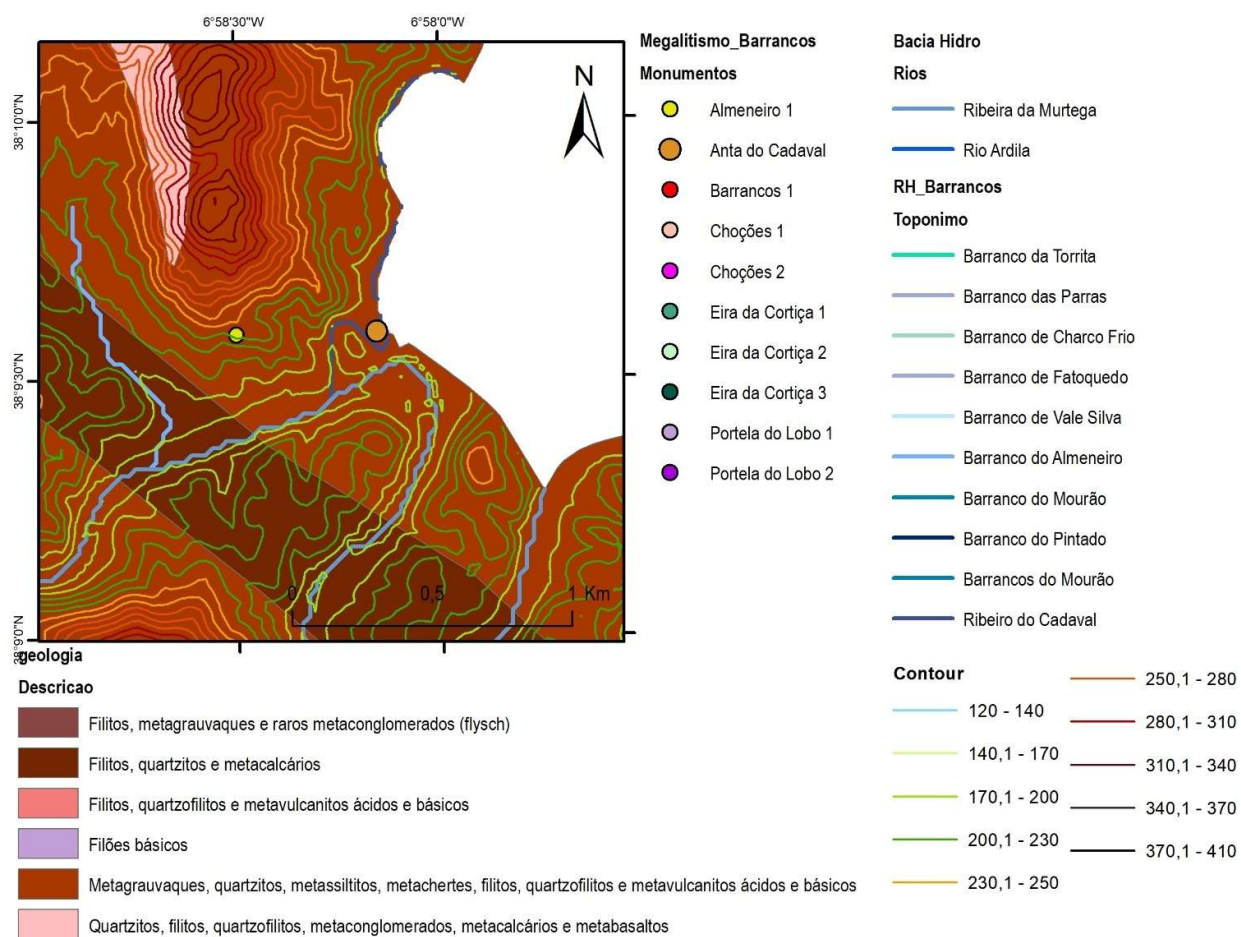
Plano/ Croqui



Implantação Perfil Topográfico



Meio Envolve



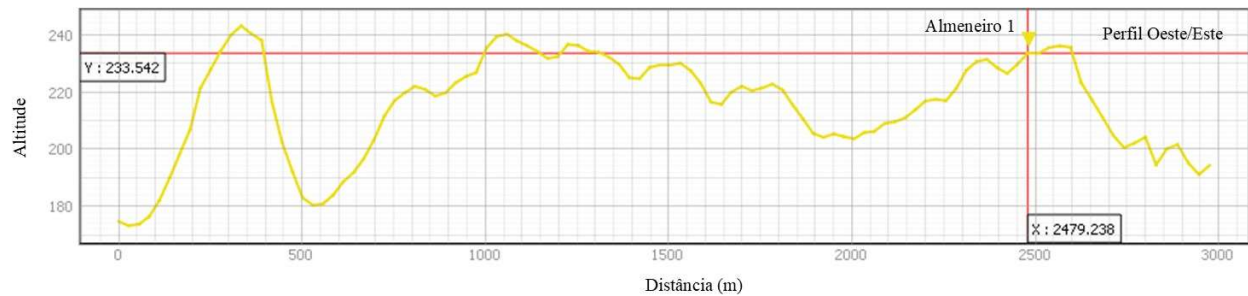
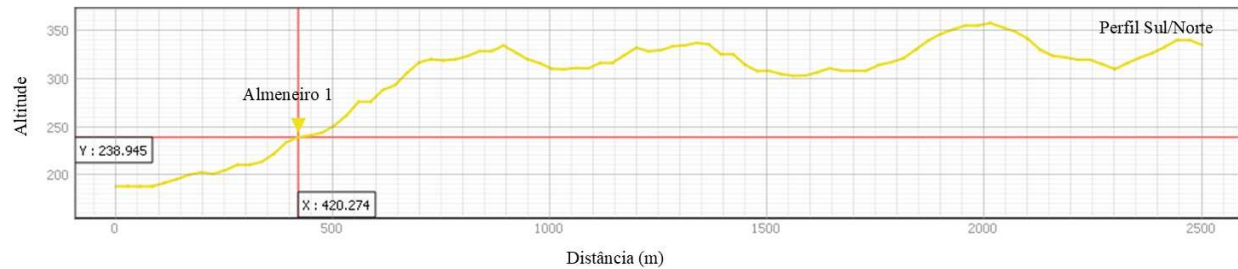
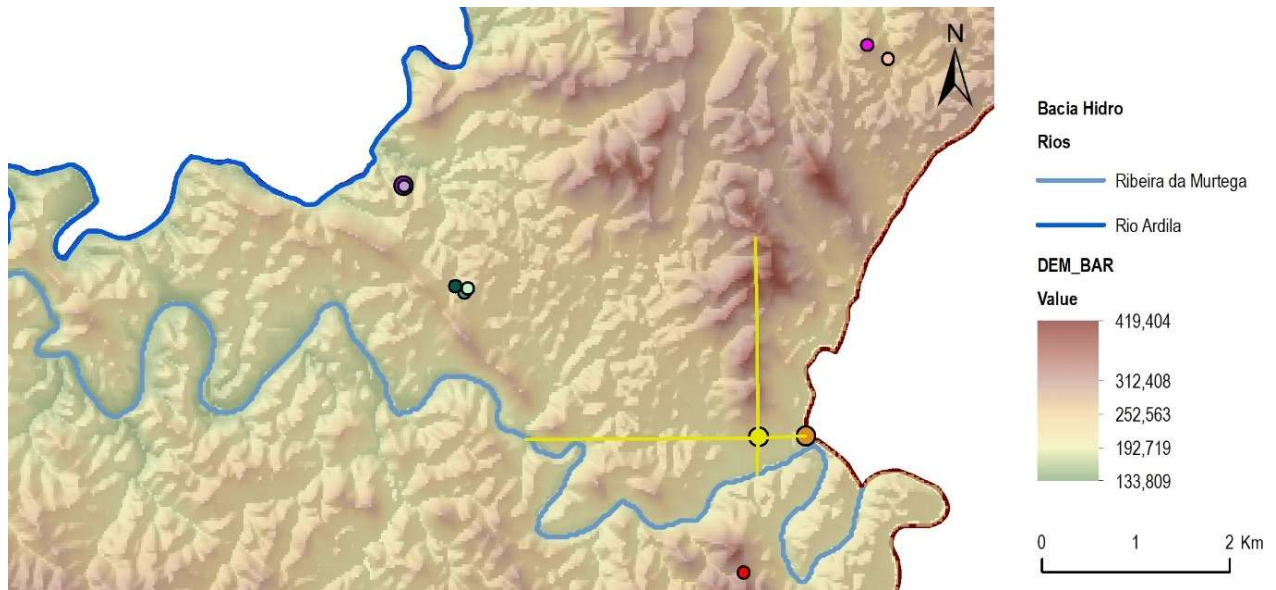
Topónimo	Almeneiro 1 Mamoa do Almeneiro				CNS.:28499
Tipo	Monumento Megalítico -mamoia				
Localização Administrativa	Beja	Barrancos	Russianas, no lugar do Almenêro		
Localização Geográfica	Sist.Coor. WGS_1984	Log (X) -6,975023	Lat (Y) 38,159746	Alt. (m) (Z) 221	CMP n.º 504 1:25000
Descrição	É um monumento com aproximadamente 16,0 m de diâmetro, pouco proeminente na paisagem. São visíveis muitos blocos de xisto da couraça pétrea do monumento e um ortóstato com pouco mais de 70 cm de alto ainda fincado verticalmente e outros partidos na sua parte superior. Ainda é visível outro possível esteio do monumento tombado sobre o montículo.				
Conservação	Regular/Mau. Sem proteção. Vegetação de médio porte, principalmente estevas, em toda a extensão do monumento. Integrada no Processo de Classificação do Megalitismo Alentejano.				
Implantação	Integra-se numa paisagem acidentada, vales encaixados. Implanta-se a meia encosta do Cuco, num planalto de medianas altitudes com visibilidade para a Ribeira do Múrtega e do Ribeiro do Cadaval.				
Meio Envolvente	Zona de montado e terreno de pastagens de gado bovino. A Nordeste localiza-se a Anta do Cadaval.				
Espólio Associado	Elemento de mó				
Bibliografia					
Fotografia					

Observações

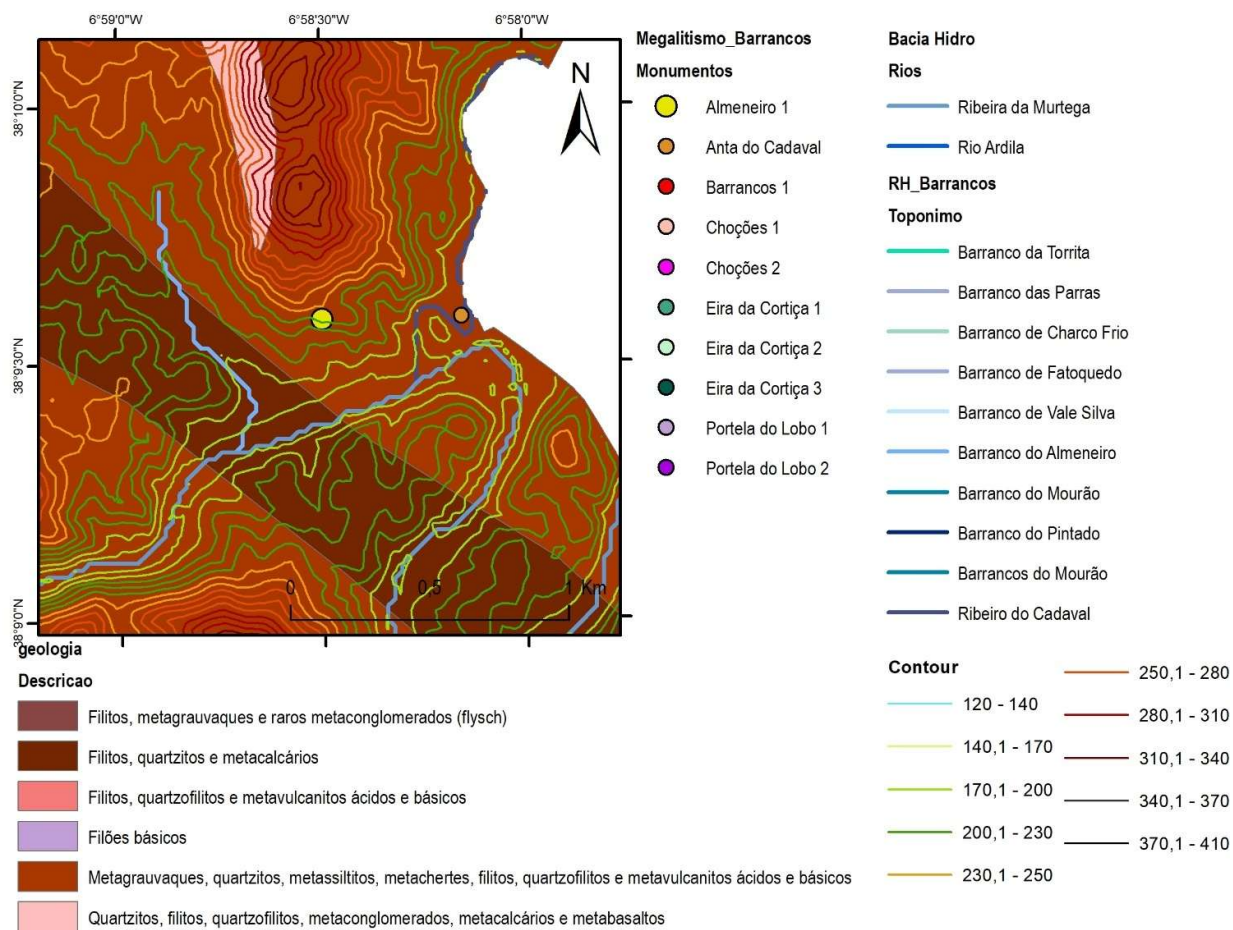
Quanto a orientação do monumento, não foi possível fazer a medida, não obstante, com certeza a entrada da câmara está orientada a nascente, sensivelmente entre o intervalo $67,5^\circ$ e os 90° .



Implantação Perfil Topográfico



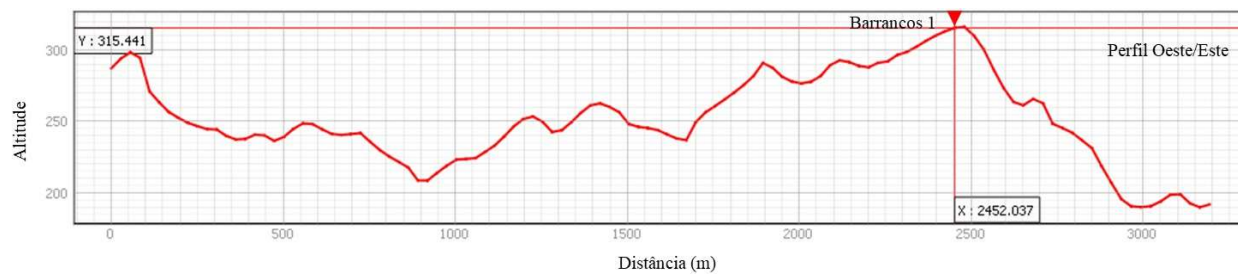
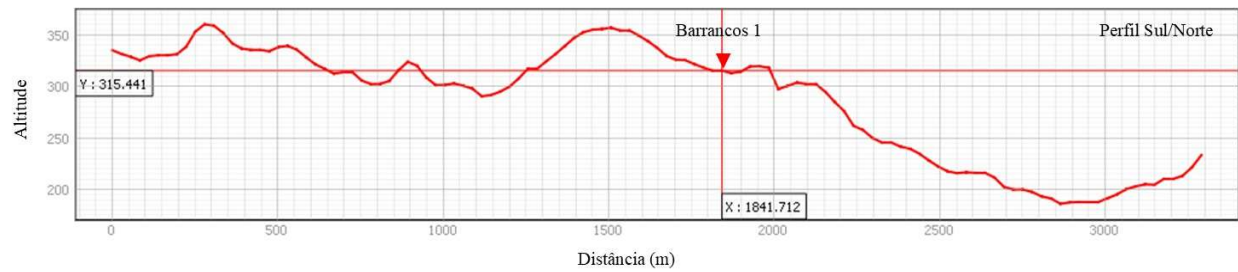
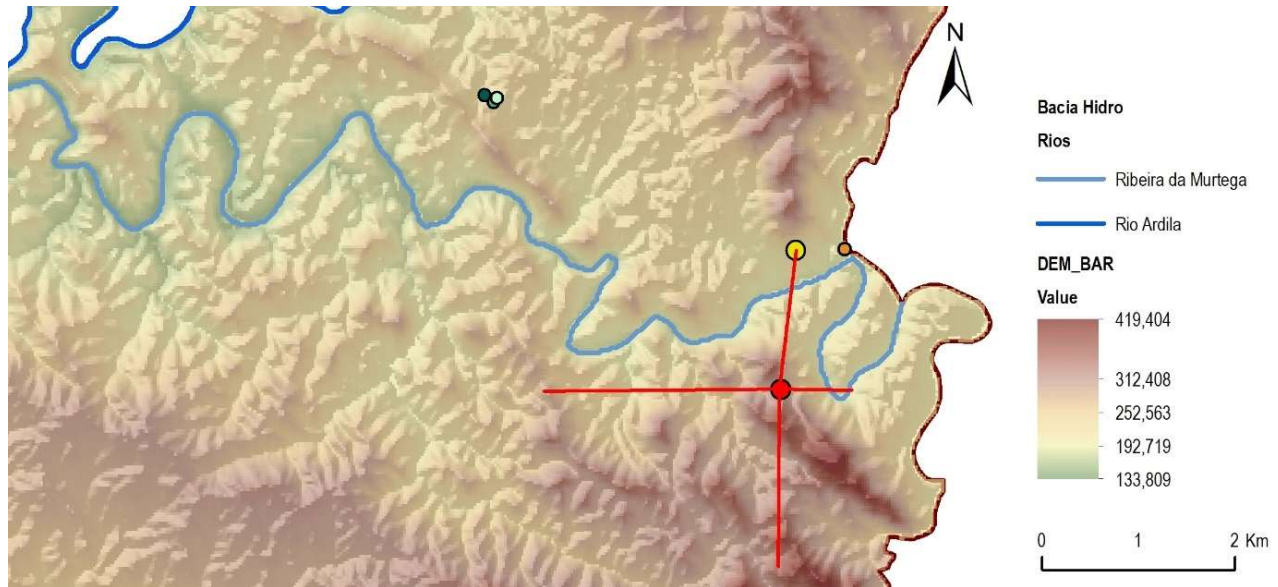
Meio Envolve



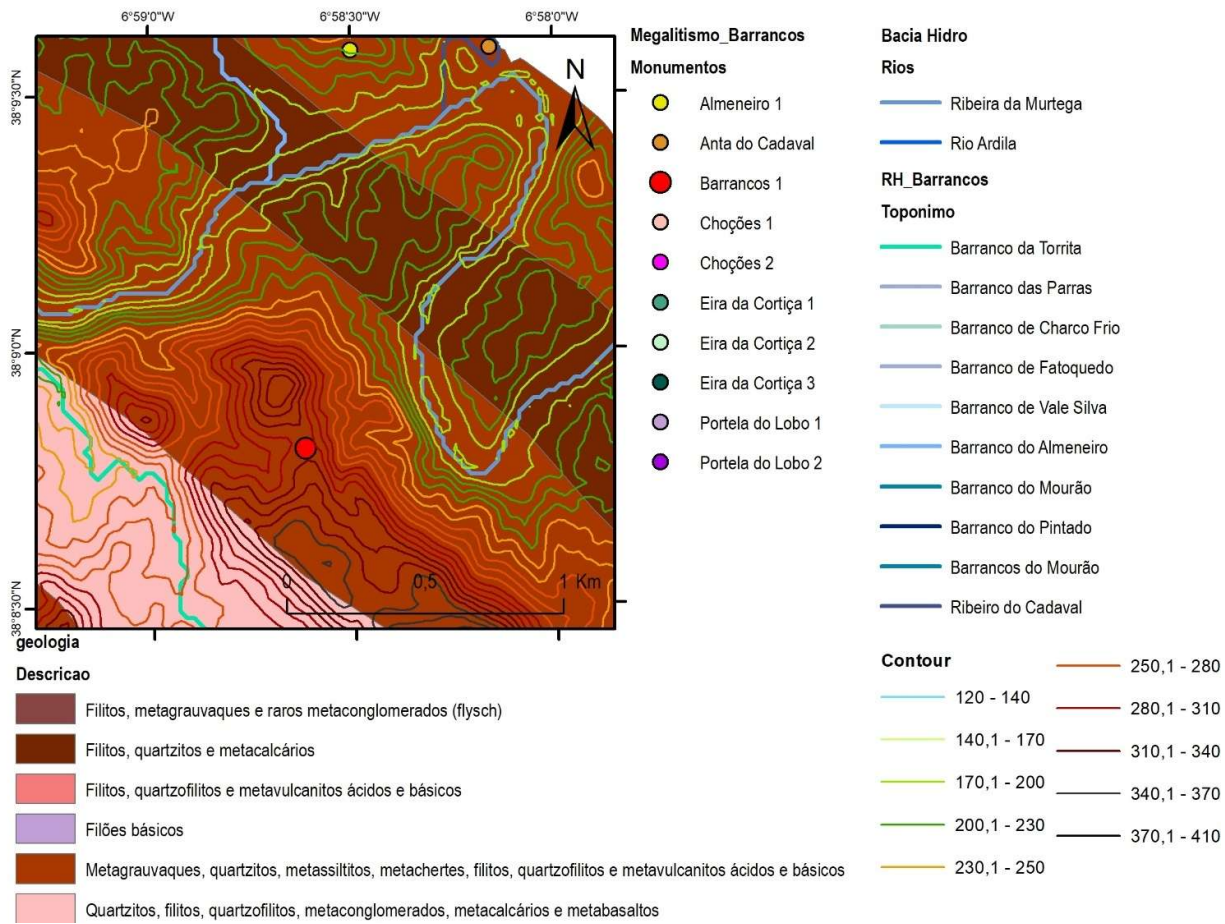
Ficha Individual de Sítio N.º 10

Topónimo	Barrancos 1 (Cantarinha)				CNS.:39786
Tipo	Monumento Megalítico				
Localização Administrativa	Beja	Barrancos	Serra Colorada - Cantarinha		
Localização Geográfica	Sist.Coor. WGS_1984	Log (X) -6,977027	Lat (Y) 38,1468	Alt. (m) (Z) 315	CMP n.º 504 1:25000
Descrição	Túmulo com aproximadamente 10 m de diâmetro. É visível um conjunto de três ortóstatos, dois alinhados com orientação Leste-Nordeste e o outro colocado na transversal, que possivelmente serão os restos de uma pequena câmara de interpretação incerta. No lado da encosta, a Noroeste/Nordeste, um conjunto de pedras de grandes dimensões delineando um arco.				
Conservação	Mau. Sem proteção. Vegetação de médio porte (essencialmente estevas) sobre o monumento.				
Implantação	Integra-se numa paisagem acidentada, vales encaixados. Implanta-se a meia encosta da serra Colorada, na vertente Norte. Com visibilidade para a Ribeira do Múrtega				
Meio Envolvente	Plantação de figueira da índia.				
Espólio Associado					
Bibliografia					
Fotografia					
Observações					

Implantação Perfil Topográfico



Meio Envolve



6A Eira da Cortiça 1.....	203
6B Eira da Cortiça 2.....	204
6C Eira da Cortiça 3.....	205
6D Portela do Lobo 2.....	206
6E Portela do Lobo 1	207
6F Choções 1.....	208
6G Choções 2.....	209
6H Anta do Cadaval.....	210
6I Almeneiro 1.....	211
6J Barrancos 1.....	212



FOTO 1

Eira da Cortiça
1, vista de
sudoeste.



FOTO 2

Segmento final
do corredor,
vista de este.



FOTO 3

Limite do anel
pétreo, vista de
norte.



FOTO 4

Câmara, vista
de leste.



FOTO 5

Monumento,
vista de norte.



FOTO 6

Mamoá. Vista
de noroeste.



FOTO 7

Possível abertura
virada a sudeste

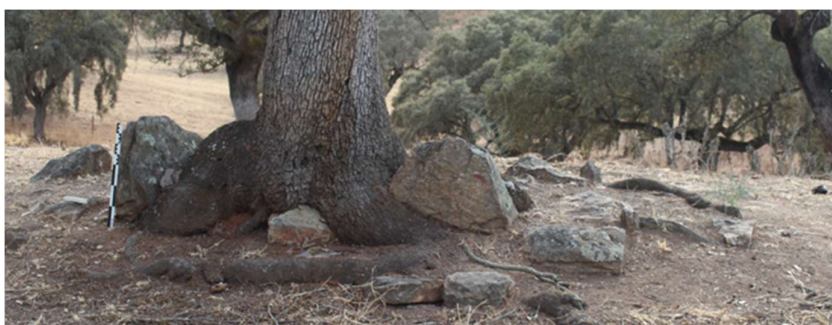


FOTO 8

Vista de norte.



FOTO 9

Câmara. Vista
de noroeste.



FOTO 10

Monumento
vista norte



FOTO 11

Monumento
vista de
noreste.
Possíveis
coberturas do
corredor (?).



FOTO 12

Possíveis
coberturas do
corredor (?).



FOTO 13

Limite da
mamoá, vista
sudeste.
Possível
esteio.



FOTO 14

Câmara, vista
de oeste.



FOTO 15

Câmara e
corredor, vista
de nordeste.

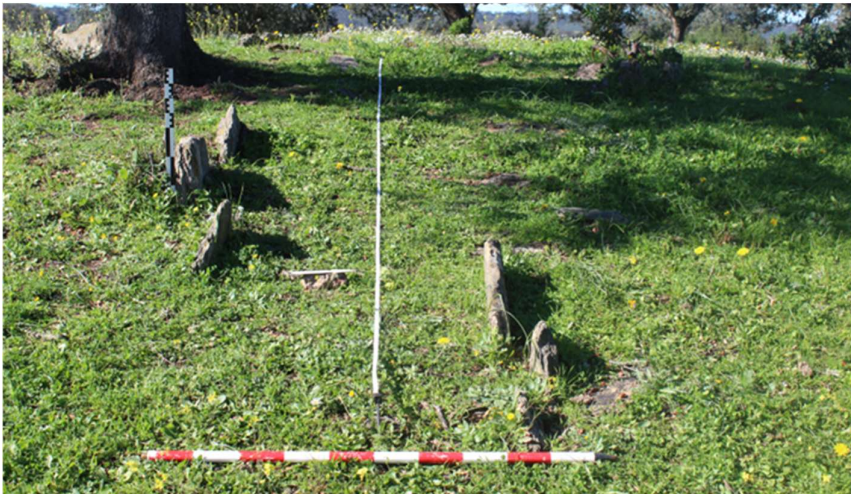


FOTO 16

Corredor, vista
de leste.



FOTO 17

Pormenor do
corredor.
Esteio com
incisão de
arado (?).



FOTO 18

Estrutura (corredor),
vista de sudeste.



FOTO 19

Estrutura vista de
sul.



FOTO 20

Estrutura vista de
sudoeste.



FOTO 21

Estrutura vista de
norte.



FOTO 22

Vista de noroeste.

Ortóstatos dispostos
em arco.



FOTO 23

Possível abertura
virada a sudeste.



FOTO 24

Quadrante leste.

Ortóstatos justapostos.



FOTO 25

Conjunto de blocos
pétreos, depositados
junto aos ortóstatos
justapostos.



FOTO 26

Câmara, vista de oeste.



FOTO 27

Corredor, vista de este.



FOTO 28

Possível local de
extração de matéria-
prima da Anta do
Cadaval.



FOTO 29

Vista de sudoeste.



FOTO 30

Ortóstatos *in situ* e outro possível esteio (com mais de 0,90 m de comprimento) tombado sobre o montículo



FOTO 31

Corredor, vista de este.



FOTO 32

Vista nordeste.
Aprecia-se o
artificialismo da
geomorfologia



FOTO 33

Vista nordeste
(pormenor). Aprecia-se
o talude.



FOTO 34

Pormenor da estrutura.



FOTO 35

Possível esteio do
monumento.

7A | Geologia

7B | Curvas de nível

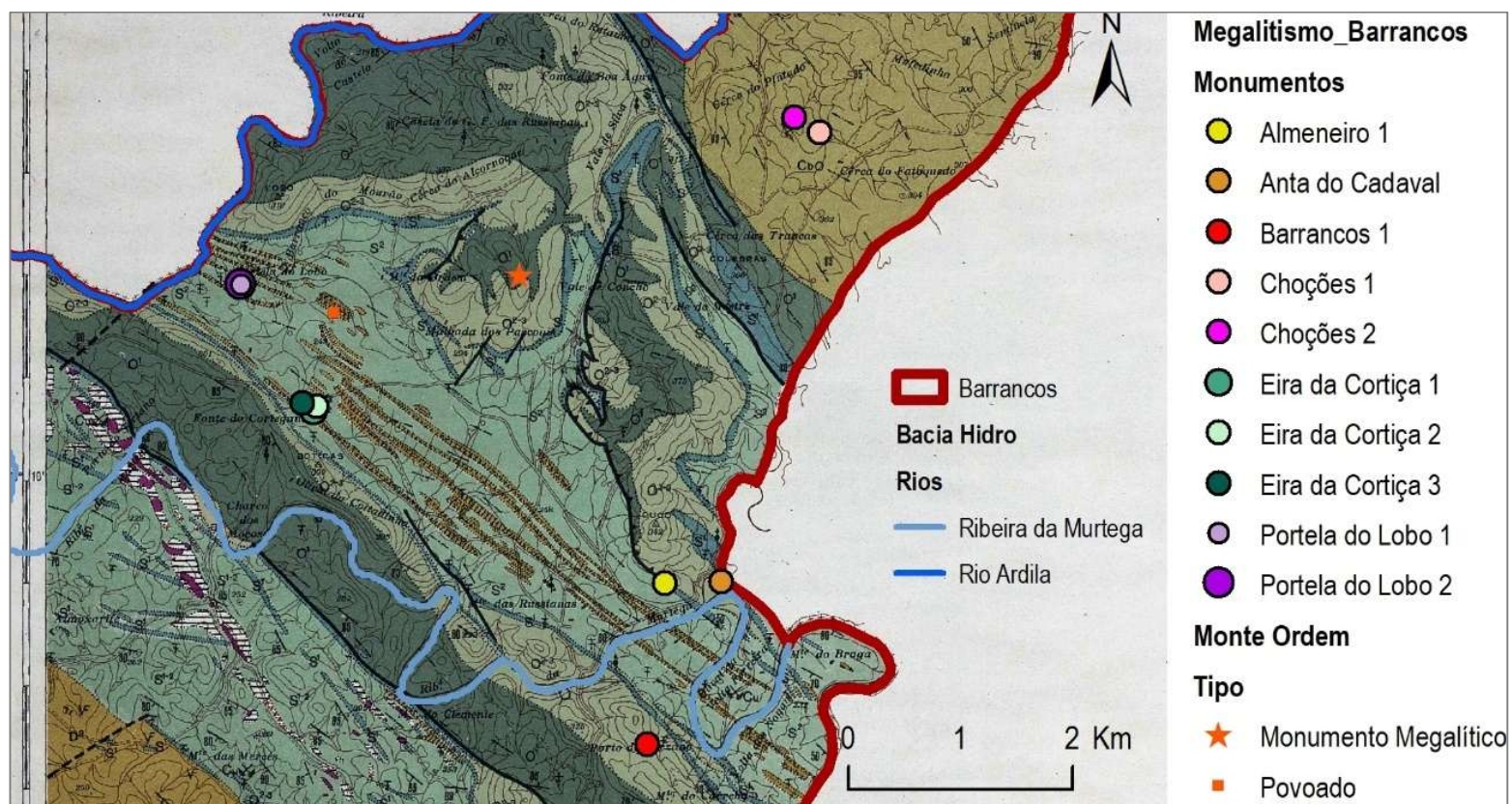


Imagem 13 | Excerto da Carta Geológica de Portugal (Folha 44 B) com indicação dos monumentos megalíticos identificados no concelho de Barrancos.

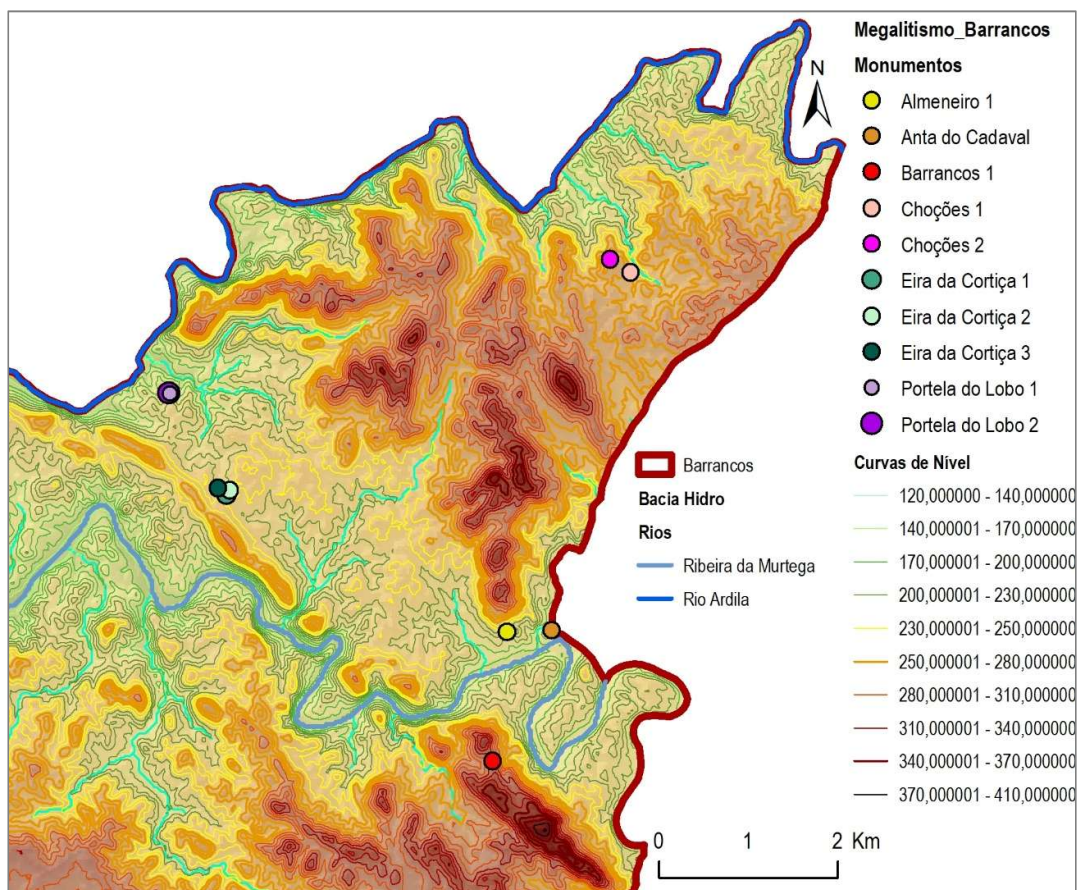


Imagem 14 | Localização dos monumentos megalíticos sobre mapa temático de curvas de nível.

ANEXO 8 | UTENSILAGEM PEDRA POLIDA E/OU BUJARDADA

8A Inventário da utensilagem de pedra polida.....	217
8B Ficha Individual de Material.....	219

8A | Inventário da utensilagem de pedra polida

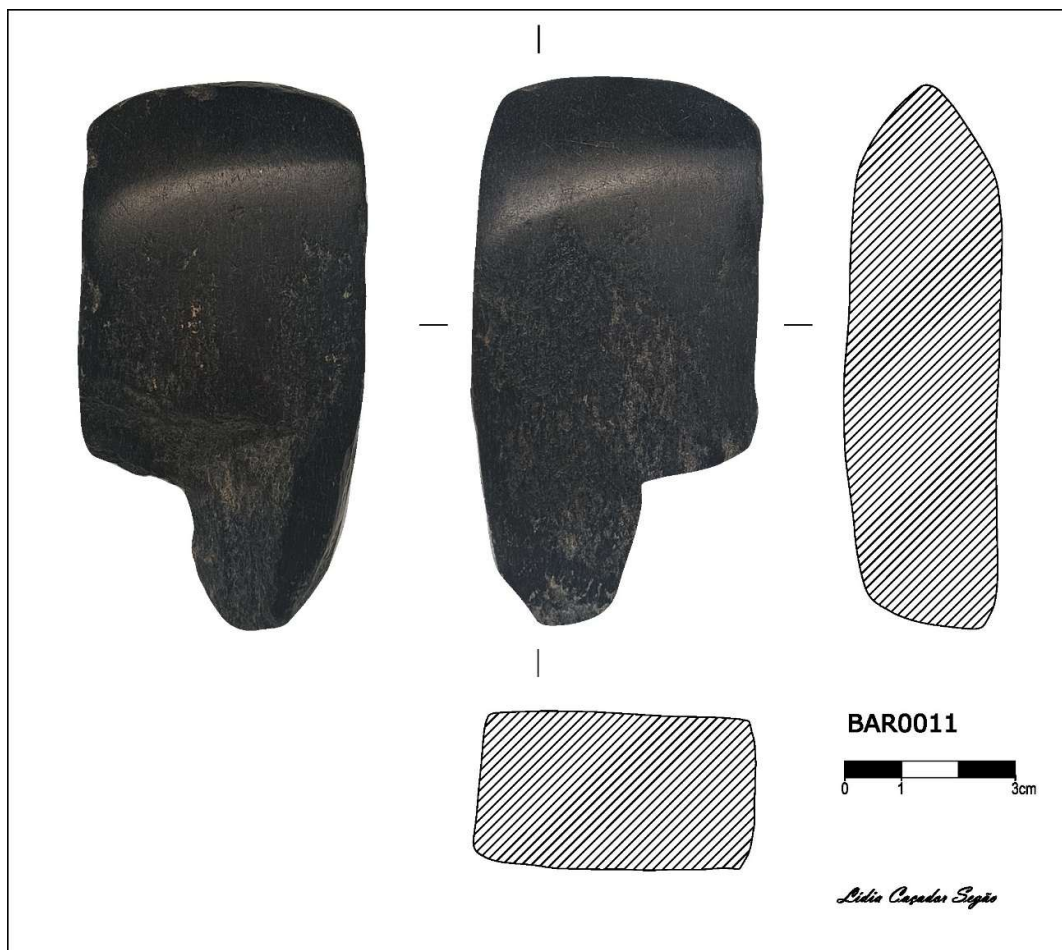
N.ºINV	Utensílio	Matéria-Prima	Proveniência	Procedência	Morfologia	Secção Transversal	Gume prox distal	Perfil do Gume	Estado do Gume	Estado	Acabamento	OBS.
BAR0030	Enxó	Xisto	Anta da Portela do Lobo	RS/AD	Triangular	Sub-Retangular	Convexo	Assimétrico/Plano-convexo	Intacto	Fraturado	Polimento na superfície total	Peq. Fratura na zona proximal
BAR0341	Enxó	Anfibolito		RS/SA	Trapezoidal	Sub-Retangular	Convexo	Assimétrico/Bico-nvexo	Boleado	Completo	Polimento na extremidade distal	
BAR0344	Enxó	Anfibolito			Ovoide	Crescente	Convexo	Assimétrico/Plano-convexo	Ligeiros sinais de uso	Fraturado	Polimento na extremidade distal	Fratura do talão
BAR0378	Enxó	Anfibolito			Trapezoidal	Sub-Retangular	Convexo	Assimétrico/Plano-convexo	Ligeiros sinais de uso	Completo	Polimento na extremidade distal	
BAR0011	Machado	Anfibolito		RS/PI	Trapezoidal	Retangular	Convexo	Simétrico/Biconvexo	Boleado	Fraturado	Polimento nas faces	Fratura zona proximal
BAR0020	Enxó	Fibrolite	Noudar	RS/SA	Triangular	Elipsoidal	Convexo	Assimétrico/Plano-convexo	Ligeiros sinais de uso	Completo	Polimento na superfície total	Miniatura
BAR0042	Machado	Diorito		RS/PI	Triangular	Oval	Convexo	Simétrico/Biconvexo	Intensos sinais de uso	Fraturado	Picotado	Fraturado num flanco em zona proximal e mesial
BAR0055	Machado	Anfibolito	Vale las Santas	RS/SA	Fusiforme	Oval	Convexo	Simétrico/Biconvexo	Ligeiros sinais de uso	Completo	Picotado	
BAR0133	Martelo	Anfibolito		RS/SA	Trapezoidal	Sub-Retangular	Convexo	Simétrico/Biconvexo	Intensos sinais de uso	Completo	Polimento nas faces	Reutil (?) Martelo
BAR0165	Martelo	Anfibolito	Noudar (exterior)	RS/SA	Ovoide	Sub-Circular	Convexo	N/A	Intensos sinais de uso	Completo	Polimento mesial/distal	Fratura na zona distal
BAR0345	Machado	Anfibolito			Indeterminada	Sub-Retangular	Convexo	Simétrico/Biconvexo	Intensos sinais de uso	Completo	Polimento na extremidade distal	Fragmentado por acidente qdo colocação vitrina
BAR0349	Martelo	Anfibolito		RS/SA	Trapezoidal	Sub-Retangular	Rectilíneo	N/A	Ligeiros sinais de uso	Completo	Indeterminado	Esboço de machado ?
BAR0372	Machado	Diorito	Cerca das Armas	RS/SA	Fusiforme	Oval	Convexo	Simétrico/Biconvexo	Intensos sinais de uso	Completo	Picotado	
BAR0375	Machado	Anfibolito			Trapezoidal	Sub-Retangular	Convexo	Simétrico/Biconvexo	Intensos sinais de uso	Fraturado	Polimento nas faces	Fraturado longitudinalmente

BAR0376	Machado	Anfibolito			Trapezoidal	Sub-Retangular	Convexo	Assimétrico/Biconvexo	Intensos sinais de uso	Fraturado	Polimento nas faces	Fratura extremidade proximal
BAR0377	Machado	Diorito			Sub-triangular	Oval	Convexo	Simétrico/Biconvexo	Intensos sinais de uso	Completo	Polimento na extremidade distal	
BAR0400	Machado	Diorito			Fusiforme	Oval	Convexo	Simétrico/Biconvexo	Ligeiros sinais de uso	Completo	Picotado	
BAR0651	Machado	Anfibolito			Trapezoidal	Sub-Retangular	Convexo	Simétrico/Biconvexo	Ligeiros sinais de uso	Completo	Polimento mesial/distal	
S/INV1	Machado	Xisto	Anta da Portela do Lobo	RS/AD		Oval	Convexo	Indeterminado	Indeterminados	Completo	Indeterminado	Esboço de machado ?

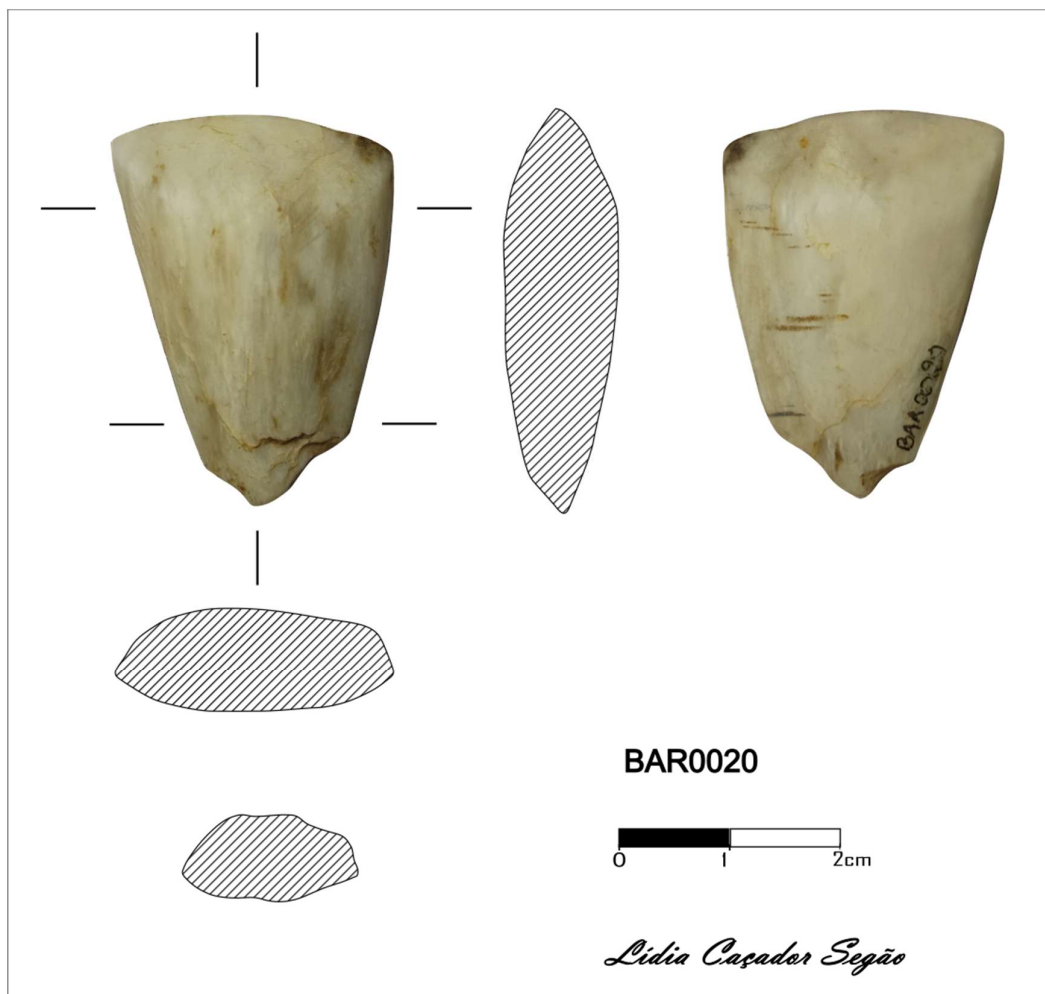
Quadro 2 | Resumo da utensilagem de pedra polida.

BAR0011 Machado.....	220
BAR0020 Machado.....	221
BAR0030 Enxó votiva.....	222
BAR0042 Machado.....	223
BAR0055 Machado.....	224
BAR0133 Martelo.....	225
BAR0165 Martelo.....	226
BAR0341 Enxó.....	227
BAR0344 Enxó.....	228
BAR0345 Machado.....	229
BAR0349 Martelo.....	230
BAR0372 Machado.....	231
BAR0375 Machado.....	232
BAR0376 Machado.....	233
BAR0377 Machado.....	234
BAR0378 Enxó.....	235
BAR0400 Machado.....	236
BAR0651 Machado.....	237

Categoria: Machado. **Grupo tipológico:** pedra polida. **Matéria-prima:** anfibólito. **Dimensões:** C máx.: 96 mm; L máx.: 50 mm; E máx.: 27 mm. **Peso:** 252 g. **Contorno peça:** trapezoidal/espátuliforme (?). **Faces:** planas. **Flancos:** convergentes/ retilíneos. **Secção longitudinal:** pentagonal. **Secção transversal:** retangular. **Bisel (perfil):** simétrico/biconvexo. **Gume (conservação):** Sinais de uso, boleado. **Talão (contorno):** indeterminado. **Conservação:** Fratura extremidade proximal. **Técnica:** picotado com vestígios de polimento (flancos e extremidade proximal); polimento fino (gume). **Proveniência:** Barrancos. **Procedência:** indeterminada.

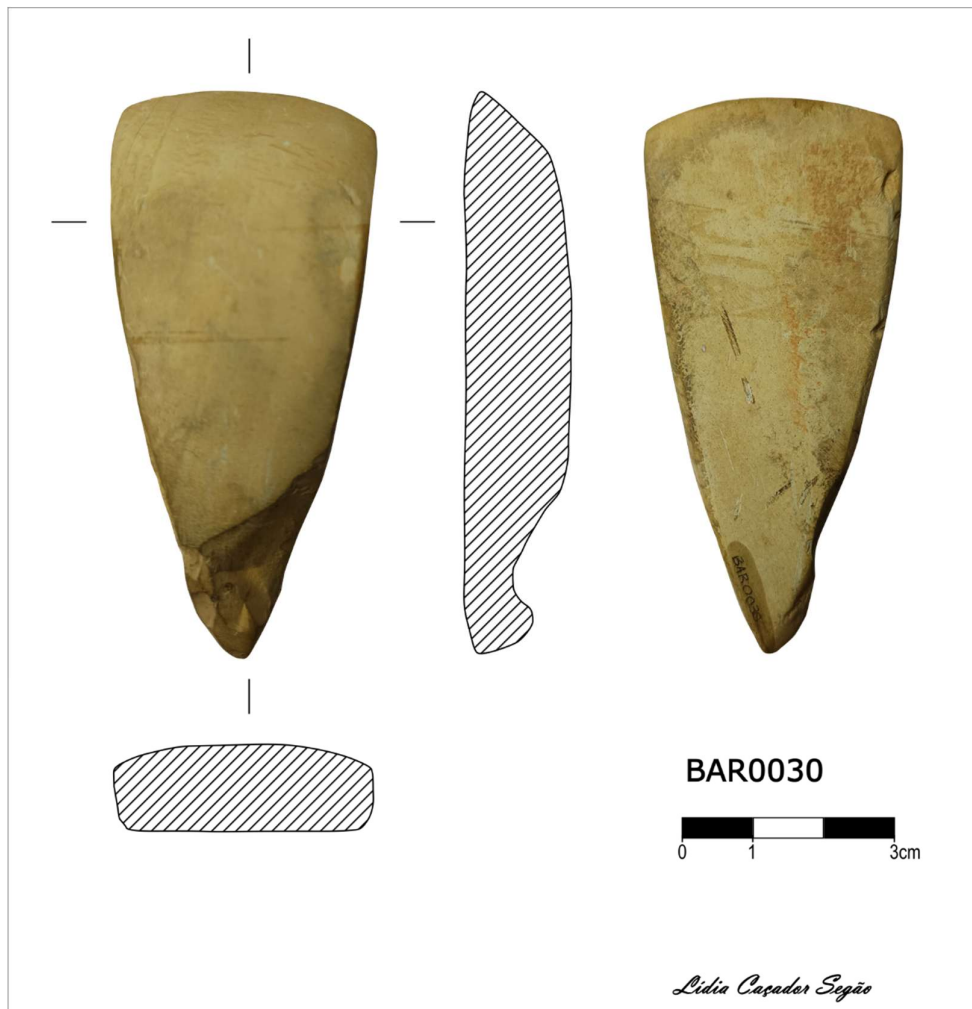


Categoria: Machado miniaturizado. **Grupo tipológico:** pedra polida. **Matéria-prima:** fibrolite leitosa¹⁴. **Dimensões:** C máx.: 36 mm; L máx.: 26 mm; E máx.: 8 mm. Peso: 10 g. **Contorno peça:** sub-triangular/espátuliforme (?). **Faces:** convexas. **Flancos:** convergentes/ retilíneos. **Secção longitudinal:** simétrica/biconvexa. **Secção transversal:** elipsoidal. **Bisel (perfil):** assimétrico/plano-convexo. **Gume (conservação):** ligeiros sinais de uso, cortante. **Talão (contorno):** pontiagudo. **Conservação:** completo, pequena fratura na extremidade proximal. **Técnica:** totalmente polido. **Proveniência:** Barrancos. **Procedência:** Noudar, recolha de superfície.



¹⁴ Agradecer ao Dr. João Luís Cardoso que gentilmente ajudou na definição petrográfica.

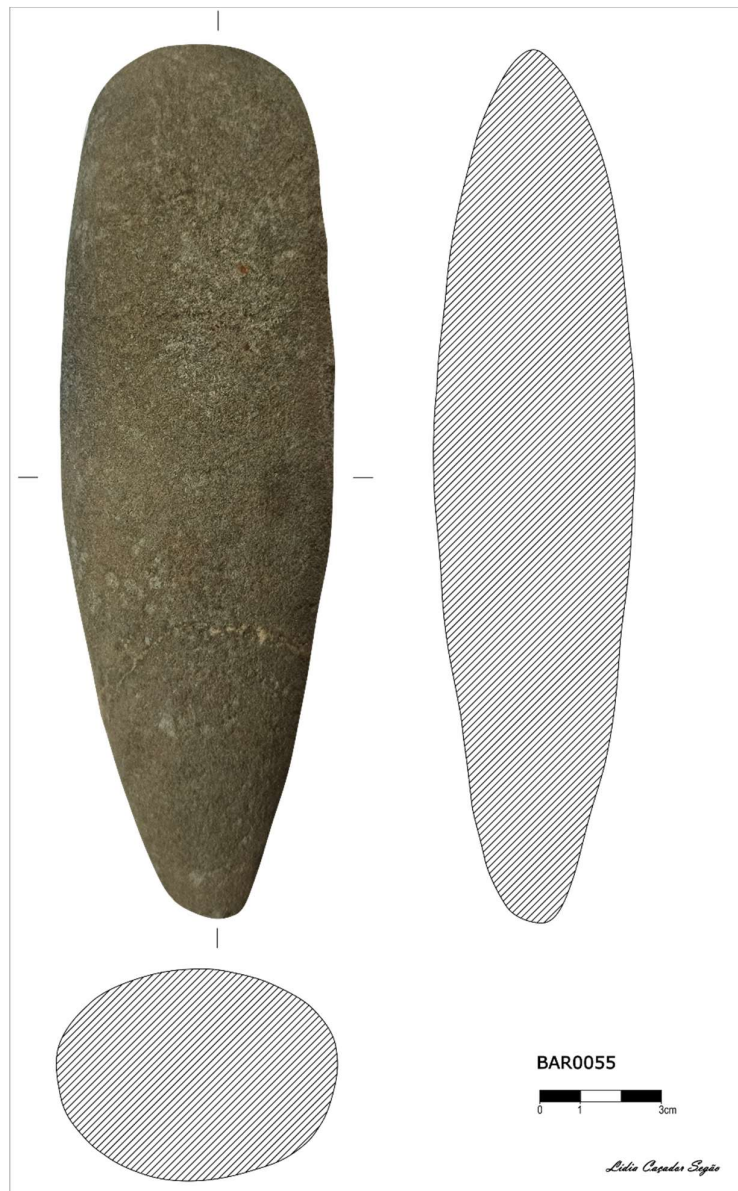
Categoria: Enxó. **Grupo tipológico:** pedra polida. **Matéria-prima:** xisto. **Dimensões:** C máx.: 90 mm; L máx.: 43 mm; E máx.: 14 mm. **Peso:** 80g. **Conservação:** completo. **Contorno peça:** triangular/espátuliforme. **Faces:** plano-convexa. **Flancos:** convergente/retilíneos. **Secção longitudinal:** assimétrica plano-convexa. **Secção transversal:** sub-retangular. **Bisel (perfil):** assimétrico/plano-convexo. **Gume (conservação):** intacto. **Talão (contorno):** pontiagudo. **Técnica:** totalmente polido. **Proveniência:** Barrancos. **Procedência:** Anta da Portela do Lobo.



Categoria: Machado. **Grupo tipológico:** pedra polida/bujardada. **Matéria-prima:** diorito. **Dimensões:** C máx.: 103 mm; L máx.: 55 mm; E máx.: 41 mm. **Peso:** 323 g. **Contorno peça:** sub-triangular. **Faces:** convexas. **Flancos:** convergentes?/convexos. **Secção longitudinal:** ? **Secção transversal:** ovalada. **Bisel (perfil):** simétrico/biconvexo. **Gume (conservação):** intensos sinais de uso, boleado. Sinais de reutilização **Talão (contorno):** indeterminado. **Conservação:** fratura extremidade proximal e mesial na zona do bordo. **Técnica:** picotado. **Proveniência:** Barrancos. **Procedência:** Indeterminada.



Categoria: Machado. **Grupo tipológico:** pedra polida/bujardada. **Matéria-prima:** anfibolito. **Dimensões:** C máx.: 215 mm; L máx.: 70 mm; E máx.: 51 mm. **Peso:** 1133 g. **Contorno peça:** fusiforme. **Faces:** convexas. **Flancos:** convergentes/ convexas. **Secção longitudinal:** simétrica biconvexa. **Secção transversal:** oval. **Bisel (perfil):** simétrico/biconvexo. **Gume (conservação):** ligeiros sinais de uso **Talão (contorno):** pontiagudo. **Conservação:** completo. **Técnica:** picotado. **Proveniência:** Barrancos. **Procedência:** Vale las Santas (entrada da Pipa).



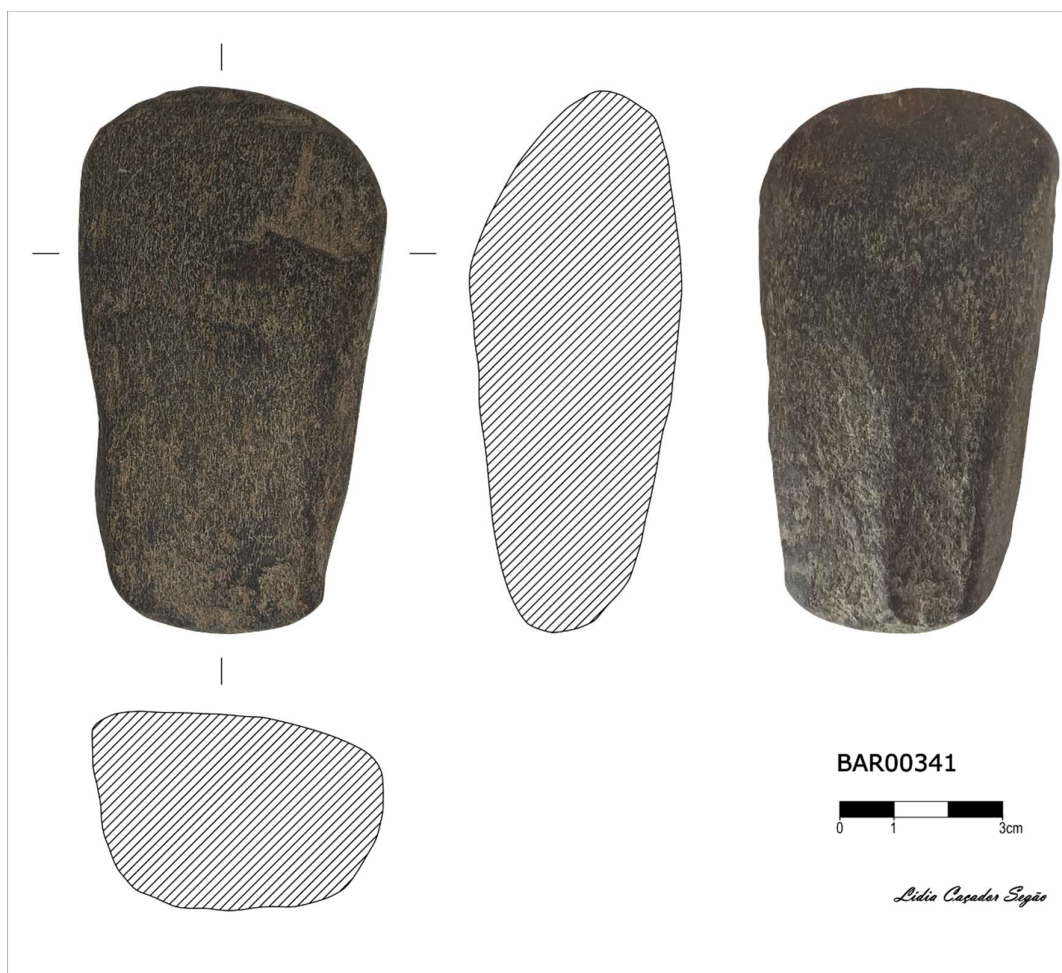
Categoria: Martelo. **Grupo tipológico:** pedra polida. **Matéria-prima:** anfíbolito. **Dimensões:** C máx.: 100 mm; L máx.: 57 mm; E máx.: 42 mm. **Peso:** 426g. **Conservação:** completo. **Contorno da peça:** sub-oval. **Faces:** plano-convexa. **Flancos:** convergentes/retilíneos com sulcos de encabamento (?). **Secção longitudinal:** ovalada. **Secção transversal:** sub-retangular. **Bisel (perfil):** simétrico/biconvexo desgastado. **Gume (conservação):** intensos sinais de uso, completamente boleado e fratura. **Talão (contorno):** arredondado, com sinais de reutilização. **Técnica:** polido nas faces, bujardado nos bordos. **Proveniência:** Barrancos. **Procedência:** indeterminada.



Categoria: Martelo. **Grupo tipológico:** pedra polida. **Matéria-prima:** anfibolito. **Dimensões:** C máx.: 101 mm; L máx.: 64 mm; E máx.: 46 mm. **Peso:** 510g. **Conservação:** completo. **Contorno da peça:** sub-oval. **Faces:** convexa. **Flancos:** convergentes/convexos. **Secção longitudinal:** ovalada. **Secção transversal:** sub-circular. **Extremidade distal (conservação):** intensos sinais de uso, completamente boleado e fratura. **Talão (contorno):** arredondado, com sinais de utilização. **Técnica:** polido nas faces nas extremidades distal e proximal, bujardado nos bordos. **Proveniência:** Barrancos, Noudar (exterior). **Procedência:** indeterminada.



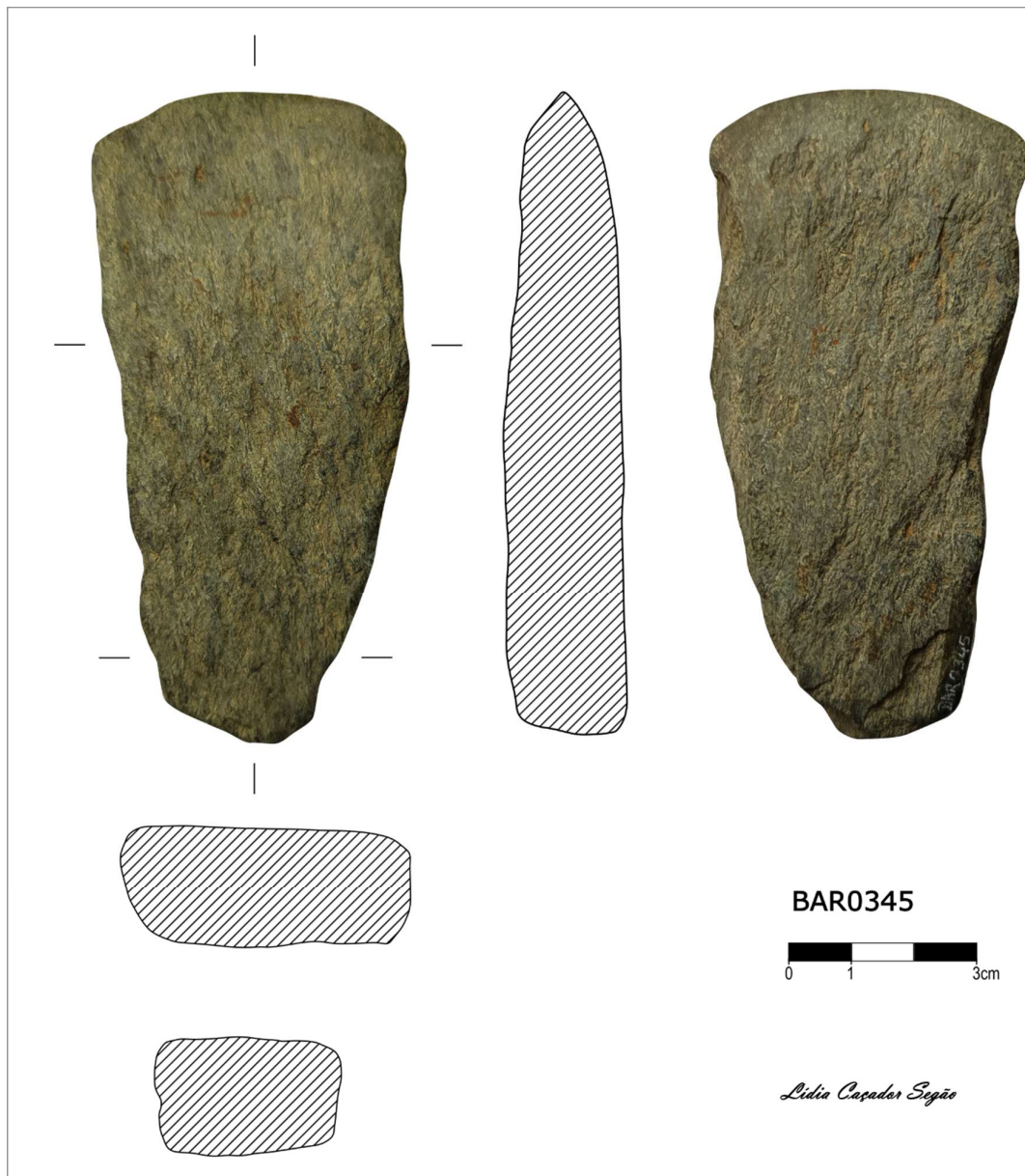
Categoria: Enxó. **Grupo tipológico:** pedra polida. **Matéria-prima:** anfibolito. **Dimensões:** C máx.: 100 mm; L máx.: 55 mm; E máx.: 36 mm. **Peso:** 366g. **Conservação:** completo. **Contorno peça:** sub-oval. **Faces:** convexas, numa das faces nas zonas proximal e mesial, apresenta dois sulcos paralelos pouco pronunciados. **Flancos:** convergentes/ tectilíneos. **Secção longitudinal:** simétrica biconvexa. **Secção transversal:** sub-retangular. **Bisel (perfil):** assimétrico biconvexo. **Gume (conservação):** sinais de uso, ligeiramente boleado. **Talão (contorno):** redondo. **Técnica:** polido na zona distal, bujardado no corpo. **Proveniência:** Barrancos. **Procedência:** indeterminada.



Categoria: Enxó. **Grupo tipológico:** pedra polida. **Matéria-prima:** anfibólito. **Dimensões:** C máx.: 125 mm; L máx.: 65 mm; E máx.: 38 mm. **Peso:** 481 g. **Conservação:** fraturado zona proximal. **Contorno peça:** sub-oval. **Faces:** plano-convexa. **Flancos:** divergentes/?. **Secção longitudinal:** crescente. **Secção transversal:** crescente. **Bisel (perfil):** assimétrico plano-convexo. **Gume (conservação):** ligeiros sinais de uso. **Talão (contorno):** indeterminado. **Técnica:** polido nas faces na zona distal, bujardado no corpo. **Proveniência:** Barrancos. **Procedência:** indeterminada.



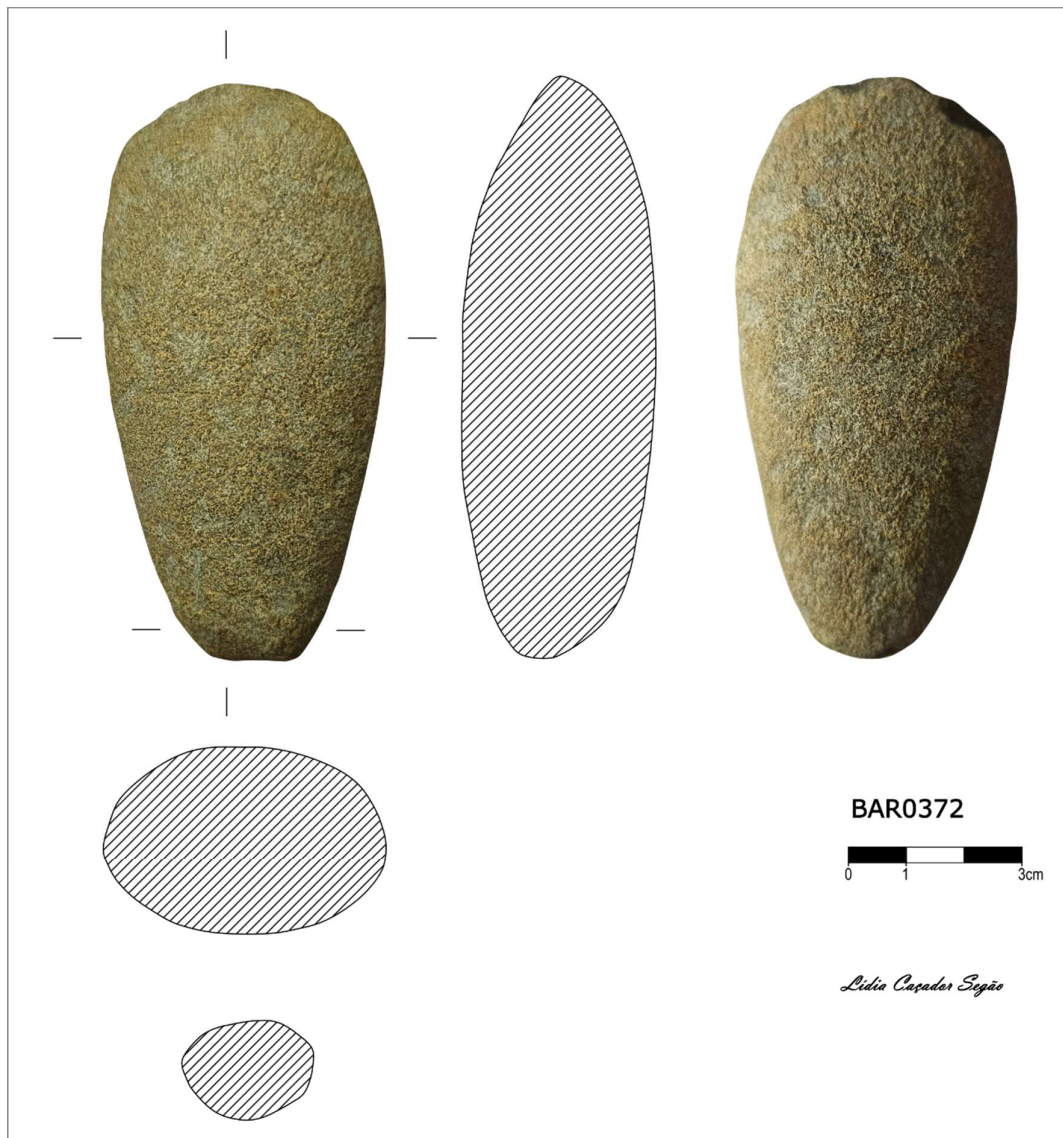
Categoria: Machado. **Grupo tipológico:** pedra polida. **Matéria-prima:** anfibolito. **Dimensões:** C máx.: 103 mm; L máx.: 47 mm; esp. máx.: 18 mm. **Peso:** 176 g. **Contorno peça:** trapezoidal/espátuliforme. **Faces:** planas. **Flancos:** divergentes/ côncavo-convexos. **Secção longitudinal:** sub-triangular. **Secção transversal:** sub-retangular. **Bisel (perfil):** assimétrico/biconvexo. **Gume (conservação):** Sinais de uso, ligeiramente boleado. **Talão (contorno):** retilíneo. **Conservação:** completa. **Técnica:** lascagem (flancos e corpo); polimento (gume) - tosco. **Proveniência:** Barrancos.



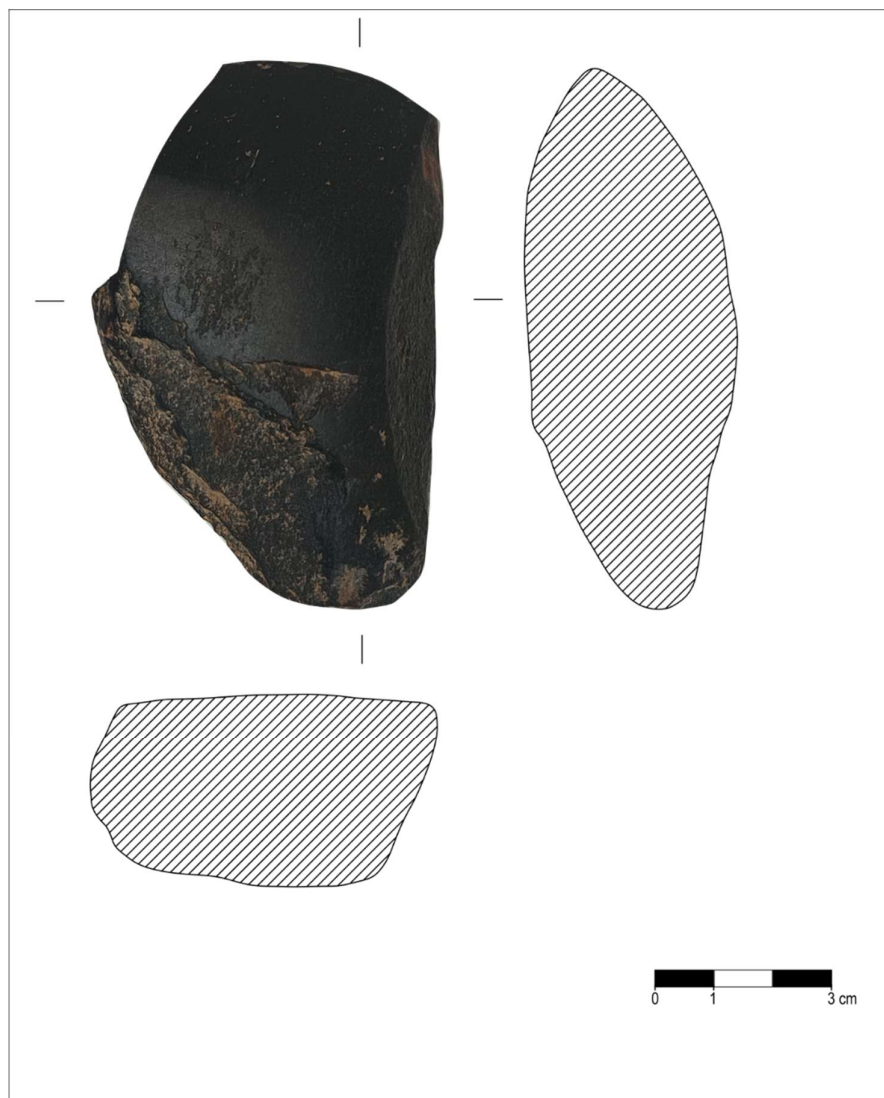
Categoria: Martelo. **Grupo tipológico:** pedra polida. **Matéria-prima:** anfibolito. **Dimensões:** C máx.: 137 mm; L máx.: 58 mm; E máx.: 43 mm. **Peso:** 582g. **Conservação:** completo. **Contorno da peça:** trapezoidal. **Faces:** plano-convexa. **Flancos:** divergentes/côncavo-convexos. **Secção longitudinal:** assimétrica/plano-convexa. **Secção transversal:** sub-retangular. **Extremidade distal** (conservação): retilínea com sinais de uso. **Talão** (contorno): arredondado/pontiagudo, com sinais de utilização. **Técnica:** bujardado. **Proveniência:** Barrancos. **Procedência:** indeterminada.



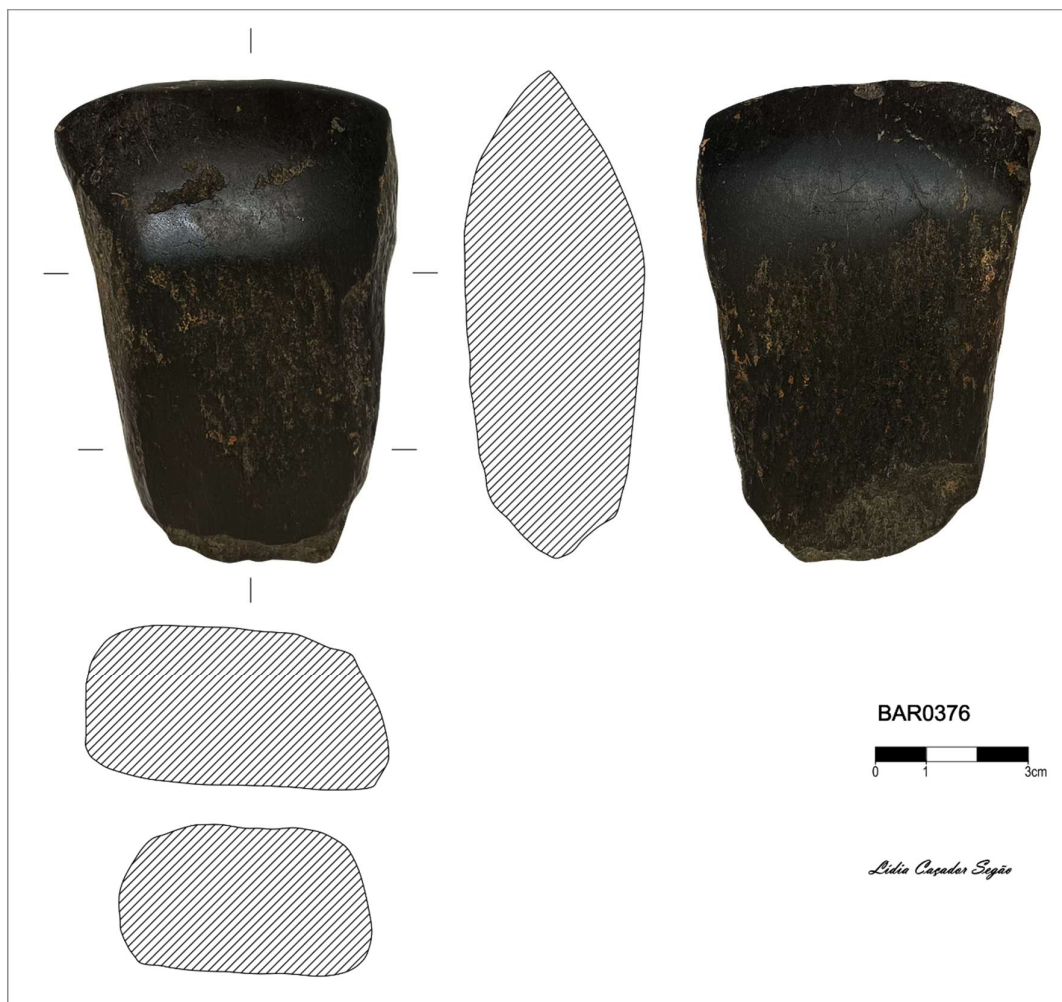
Categoria: Machado. **Grupo tipológico:** pedra polida. **Matéria-prima:** diorito. **Dimensões:** C máx.: 100 mm; L máx.: 48 mm; E máx.: 32 mm. **Peso:** 237g. **Conservação:** completo. **Contorno peça:** fusiforme. **Faces:** convexas. **Flancos:** convergentes/convexos. **Secção longitudinal:** simétrica biconvexa. **Secção transversal:** oval. **Bisel (perfil):** simétrico biconvexo. **Gume (conservação):** intensos sinais de uso. **Talão (contorno):** pontiagudo, com sinais de reutilização. **Técnica:** acabamento bujardado. **Proveniência:** Barrancos. **Procedência:** Cerca das Armas.



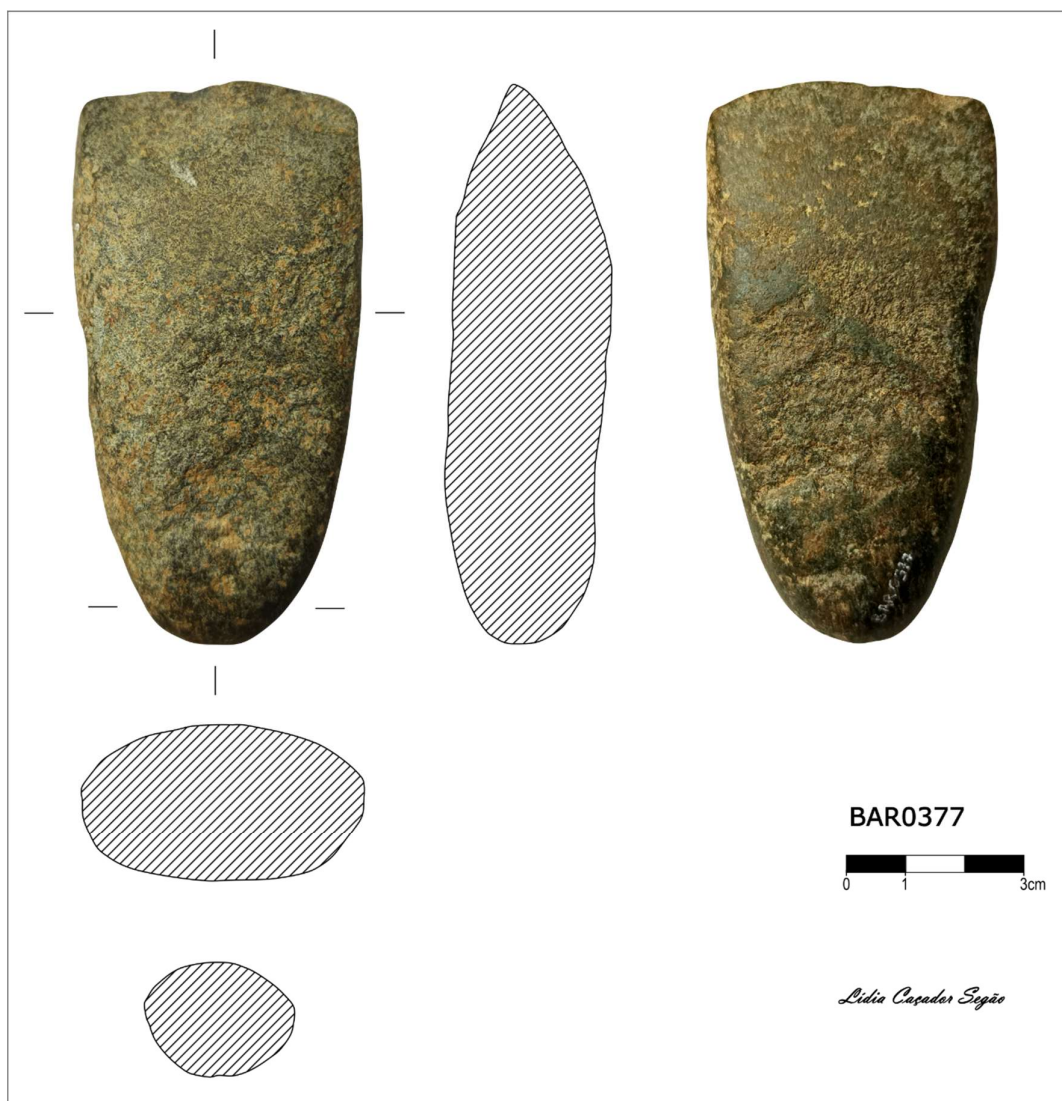
Categoria: Machado. **Grupo tipológico:** pedra polida. **Matéria-prima:** anfibólito. **Dimensões:** C máx.: 93 mm; L máx.: 59 mm; E máx.: 32 mm. **Peso:** 275 g. **Conservação:** fraturado longitudinalmente nas zonas distal, mesial e proximal. **Contorno peça:** ?. **Faces:** plano-convexa. **Flancos:** divergentes (?) / ligeiramente concavo. **Secção longitudinal:** sub-oval. **Secção transversal:** sub-retangular. **Bisel (perfil):** simétrico/biconvexo. **Gume (conservação):** sinais de uso, ligeiramente boleado. **Talão (contorno):** indeterminado. **Técnica:** polido nas faces (zona distal e proximal) bujardado no bordo. **Proveniência:** Barrancos. **Procedência:** Castelo de Noudar.



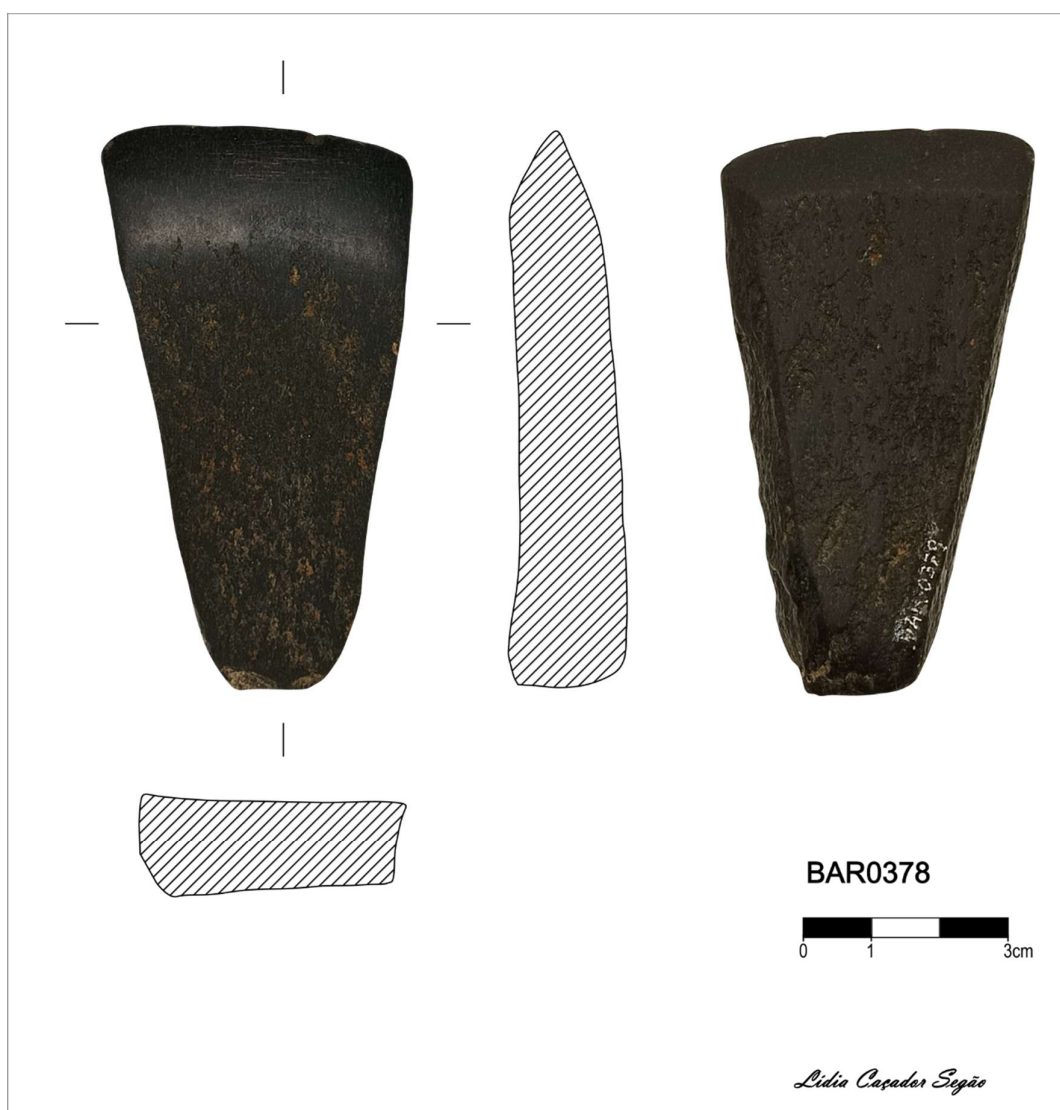
Categoria: Machado. **Grupo tipológico:** pedra polida. **Matéria-prima:** anfibólito. **Dimensões:** C máx.: 96 mm; L máx.: 68 mm; E máx.: 35 mm. **Peso:** 360g. **Conservação:** fraturado na zona proximal. **Contorno peça:** trapezoidal/espátuliforme. **Faces:** planas. **Flancos:** divergentes / ligeiramente côncavo. **Secção longitudinal:** simétrica biconvexa. **Secção transversal:** sub-retangular. **Bisel (perfil):** simétrico/biconvexo. **Gume (conservação):** sinais de uso. **Talão (contorno):** indeterminado. **Técnica:** polido na zona distal e parcialmente na zona mesial de uma das faces, bujardado na outra face e nos flancos. **Proveniência:** Barrancos. **Procedência:** indeterminada.



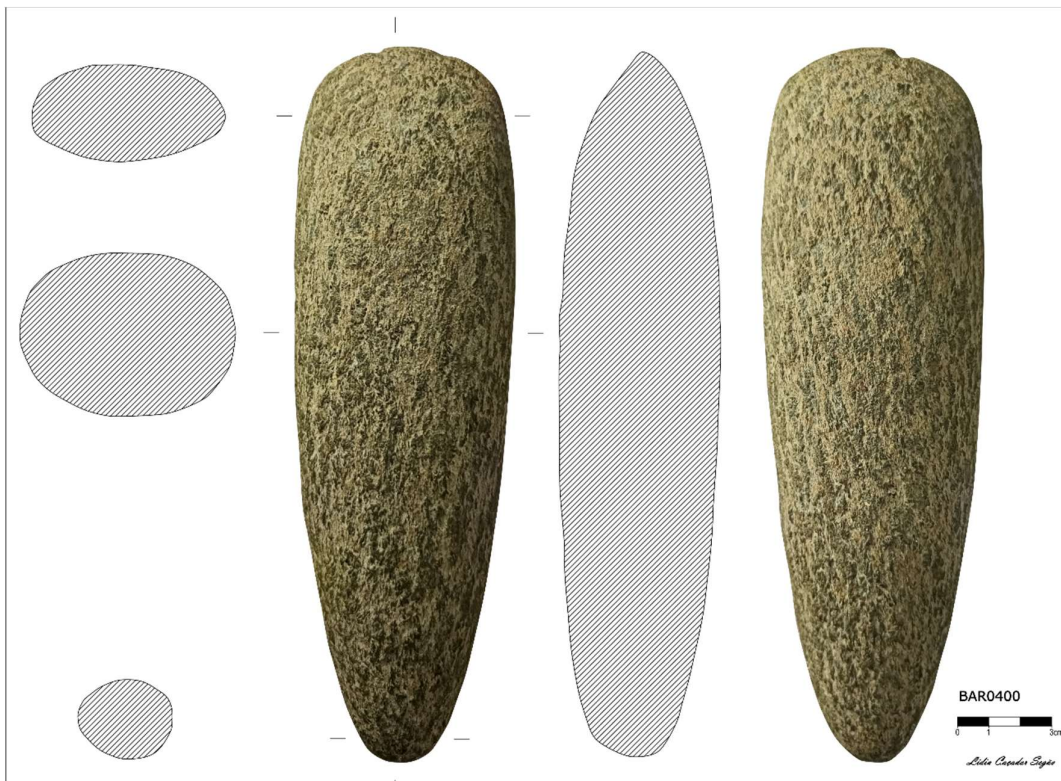
Categoria: Machado. **Grupo tipológico:** pedra polida. **Matéria-prima:** diorito. **Dimensões:** C máx.: 95 mm; L máx.: 49 mm; E máx.: 24 mm. **Peso:** 203g. **Conservação:** completo. **Contorno peça:** sub-triangular/espátuliforme. **Faces:** planas, ligeiramente convexa). **Flancos:** convergente/ligeiramente convexo. **Secção longitudinal:** assimétrica plano-convexa. **Secção transversal:** oval. **Bisel (perfil):** simétrico/biconvexo. **Gume (conservação):** intensos sinais de uso. **Talão (contorno):** redondo, com ligeiros sinais de reutilização. **Técnica:** polido na zona distal e parcialmente na zona proximal, essencialmente bujardado na zona mesial e nos flancos. **Proveniência:** Barrancos. **Procedência:** indeterminada.



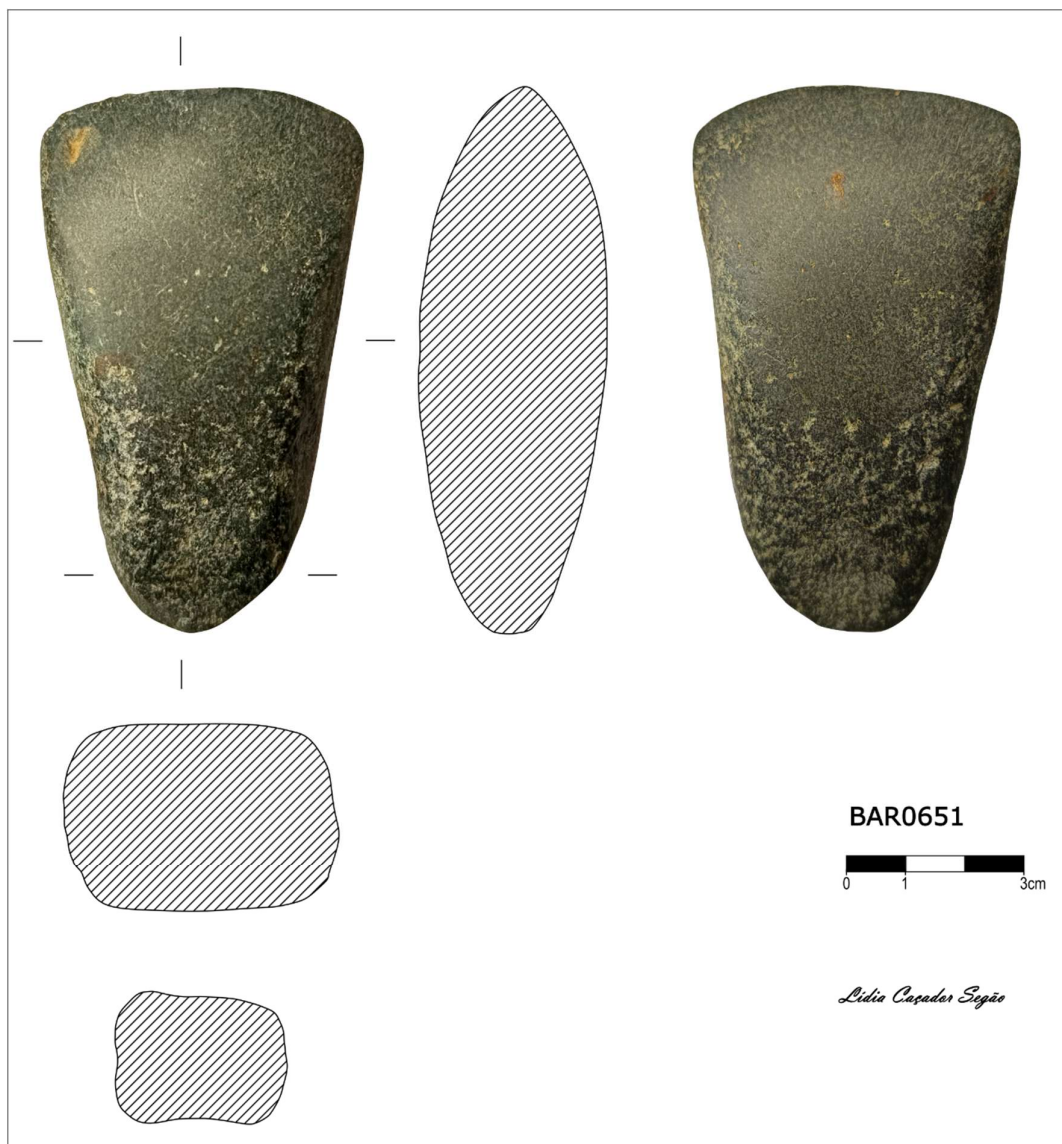
Categoria: Enxó. **Grupo tipológico:** pedra polida. **Matéria-prima:** anfíbolito. **Dimensões:** C máx.: 84 mm; L máx.: 46 mm; E máx.: 18 mm. **Peso:** 113g. **Conservação:** completo. **Contorno peça:** sub-triangular/espátuliforme. **Faces:** plana-convexa. **Flancos:** convergente/retilíneos. **Secção longitudinal:** assimétrica côncava-convexa. **Secção transversal:** sub-retangular. **Bisel (perfil):** assimétrico/plano-convexo. **Gume (conservação):** sinais de uso. **Talão (contorno):** retilíneo. **Técnica:** polido na zona distal, essencialmente bujardado na zona mesial, proximal e nos flancos. **Proveniência:** Barrancos. **Procedência:** indeterminada.



Categoria: Machado. **Grupo tipológico:** pedra polida. **Matéria-prima:** diorito. **Dimensões:** C máx.: 230 mm; L máx.: 71 mm; E máx.: 50 mm. **Peso:** 1378g. **Conservação:** completo. **Contorno peça:** fusiforme. **Faces:** convexas. **Flancos:** convergentes/convexos. **Secção longitudinal:** simétrica biconvexa. **Secção transversal:** oval. **Bisel (perfil):** simétrico biconvexo. **Gume (conservação):** ligeiros sinais de uso. **Talão (contorno):** pontiagudo. **Técnica:** acabamento bujardado. **Proveniência:** Barrancos. **Procedência:** indeterminada.



Categoria: Machado. **Grupo tipológico:** pedra polida. **Matéria-prima:** anfibolito. **Dimensões:** C máx.: 94 mm; L máx.: 55 mm; E máx.: 31 mm. **Peso:** 253g. **Conservação:** completo. **Contorno peça:** trapezoidal/espátuliforme. **Faces:** convexas. **Flancos:** convergentes/retilíneos. **Secção longitudinal:** simétrica biconvexa. **Secção transversal:** sub-retangular. **Bisel (perfil):** simétrico/biconvexo. **Gume (conservação):** sinais de uso. **Talão (contorno):** redondo. **Técnica:** acabamento polido na zona distal e proximal, bujardado na zona proximal e flancos. **Proveniência:** Barrancos. **Procedência:** Vale Largo.



ANEXO 9 | UTENSILAGEM PEDRA AFEIÇOADA E/OU COM TRAÇOS DE UTILIZAÇÃO

Polidor.....	239
Afiador.....	240
Tampa.....	241
Bigorna.....	242
Bigorna.....	243
Dormente.....	244

POLIDOR

Categoria: Polidor. **Grupo tipológico:** pedra afeiçãoada. **Matéria-prima:** quartzito. **Dimensões:** C máx.: 82 mm; L máx.: 68 mm; E máx.: 34 mm. **Peso:** 290 g. **Contorno peça:** discoidal. **Faces:** plano-convexa. **N.º de superfícies ativas:** 1. **Disposições das superfícies ativas:**. **Estado das superfícies ativas:** polido. **Estigmas de percussão:** **Estado dos bordos:** afeiçãoados. **Estado das superfícies não ativas:** em bruto. **Secção longitudinal:** sub-retangular. **Secção transversal:** sub-retangular. **Proveniência:** Barrancos, cerca da Britadeira. **Procedência:** recolha de superfície, na envolvência do sítio Eira da Cortiça 3. **OBS:** Achado de superfície, encontrado no vale entre o possível sítio da Britadeira e Eira da Cortiça 3.



FOTO 36

Categoria: Afiador. **Grupo tipológico:** pedra afeiçoada. **Matéria-prima:** quartzito. **Dimensões:** C máx.: 122 mm; L máx.: 40 mm; E máx.: 27 mm. **Peso:** 196 g. **Contorno peça:** sub-retangular. **Faces:** convexo-côncava. **N.º de superfícies ativas:** 1. **Disposições das superfícies ativas:** Ø. **Estado das superfícies ativas:** polido. **Estigmas de percussão:** Ø. **Estado dos bordos:** em bruto. **Estado das superfícies não ativas:** em bruto. **Secção longitudinal:** fusiforme. **Secção transversal:** convexo-côncava. **Sulco de polimento (orientação):** paralelo. **Sulco de polimento (extensão):** média. **Sulco de polimento (perfil):** “U”. **Proveniência:** Barrancos, Anta do Cadaval. **Procedência:** recolha de superfície, na envoltória imediata do monumento.



FOTO 37

Categoria: indeterminada/tampa (?). **Grupo tipológico:** pedra afeiçãoada. **Matéria-prima:** quartzito. **Dimensões:** C máx.: 122 mm; L máx.: 115 mm; E máx.: 32 mm. **Peso:** 630 g. **Contorno peça:** discoide. **Faces:** convexas. **N.º de superfícies ativas:** ?. **Disposições das superfícies ativas:** ?. **Estado das superfícies ativas:** ?. **Estigmas de percussão:** dispersos. **Estado dos bordos:** percutidos. **Estado das superfícies não ativas:** em bruto. **Secção longitudinal:** ovoide. **Secção transversal:** ovoide. **Proveniência:** Barrancos, Anta do Cadaval. **Procedência:** recolha de superfície, na envolvência imediata do monumento. **OBS:** elemento pétreo discoide, afeiçãoado por percussão, apresentado ao longo do perímetro/diâmetro sinais de talhe (levantamento de lascas).



FOTO 38

Categoria: Bigorna. **Grupo tipológico:** pedra com traço de utilização. **Matéria-prima:** quartzito. **Dimensões:** C máx.: 105 mm; L máx.: 96 mm; E máx.: 56 mm. **Peso:** 921 g. **Contorno peça:** ovoide. **Faces:** côncavas. **N.º de superfícies ativas:** 2. **Disposições das superfícies ativas:** opostas. **Estado das superfícies ativas:** percutido. **Estigmas de percussão:** concentrados. **Estado dos bordos:** afeiçoados. **Estado das superfícies não ativas:** afeiçoadas. **Secção longitudinal:** côncavas. **Secção transversal:** côncavas. **Sulco de polimento (orientação):** central. **Sulco de polimento (extensão):** média. **Sulco de polimento (perfil):** “U”. **Proveniência:** Barrancos, cerca do Pintado, no caminho para o sítio Curralado de los Santos (CNS 28687). **Procedência:** recolha de superfície, nas imediações dos sítios Choções 1 e 2. **OBS:** Seixo de quartzito que, em ambas as superfícies, apresenta uma concavidade e o picotado resultante da sucessão de impactos num mesmo ponto. Também apresenta sinais de percussão numa das extremidades a outra está fraturada, aparentando ter sido levantada uma lasca, provavelmente pelo impacto.



FOTO 39

Categoria: bigorna/dormente. **Grupo tipológico:** pedra com traço de utilização. **Matéria-prima:** gabro (?). **Dimensões:** C máx.: 138 mm; L máx.: 101 mm; E máx.: 55 mm. **Peso:** 1046 g. **Contorno peça:** irregular/amorfa. **Faces:** convexo-côncava. **N.º de superfícies ativas:** 1. **Disposições das superfícies ativas:** Ø. **Estado das superfícies ativas:** polido. **Estigmas de percussão:** concentrados. **Estado dos bordos:** em bruto. **Estado das superfícies não ativas:** afeiçãoada. **Secção longitudinal:** convexo-côncava. **Secção transversal:** convexo-côncava. **Sulco de polimento (orientação):** central. **Sulco de polimento (extensão):** média. **Sulco de polimento (perfil):** “U”. **Proveniência:** Barrancos, Anta do Cadaval. **Procedência:** recolha de superfície, na envolvência imediata do monumento. **OBS:** fragmento pétreo (gabro?) com depressão numa das superfícies.



FOTO 40

Categoria: elemento de mó - dormente. **Grupo tipológico:** pedra com traço de utilização. **Matéria-prima:** rocha ígnea esverdeada (gabro?). **Dimensões:** C máx.: 152 mm; L máx.: 121 mm; E máx.: 68 mm. **Peso:** 2095 g. **Contorno peça:** trapezoidal. **Faces:** plano-convexa. **N.º de superfícies ativas:** 1. **Disposições das superfícies ativas:** Ø. **Estado das superfícies ativas:** polido. **Estigmas de percussão:** Ø. **Estado dos bordos:** afeiçoados. **Estado das superfícies não ativas:** afeiçoadas. **Secção longitudinal:** sub-retangular. **Secção transversal:** retangular. **Proveniência:** Barrancos, Mamoa do Almeneiro. **Procedência:** recolha de superfície, dentro do diâmetro do anel pétreo. **OBS:** A superfície ativa, polida, é arqueada e apresenta uma coloração alaranjada.

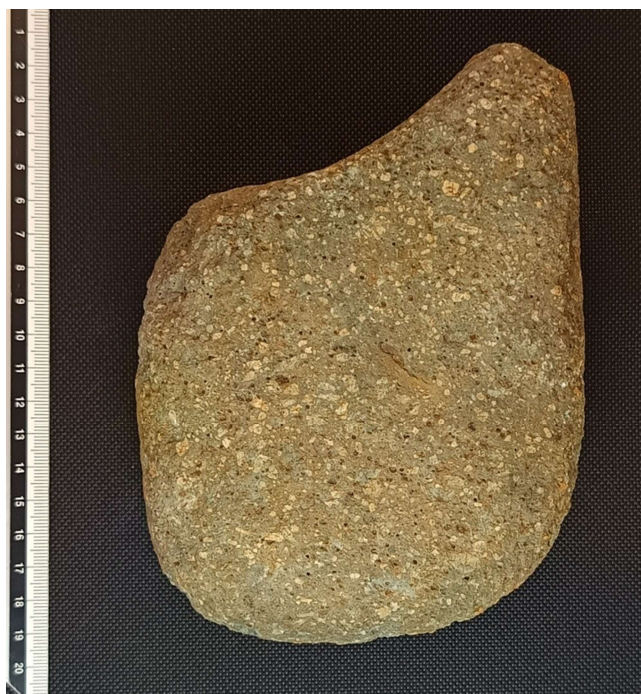


FOTO 41

